



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

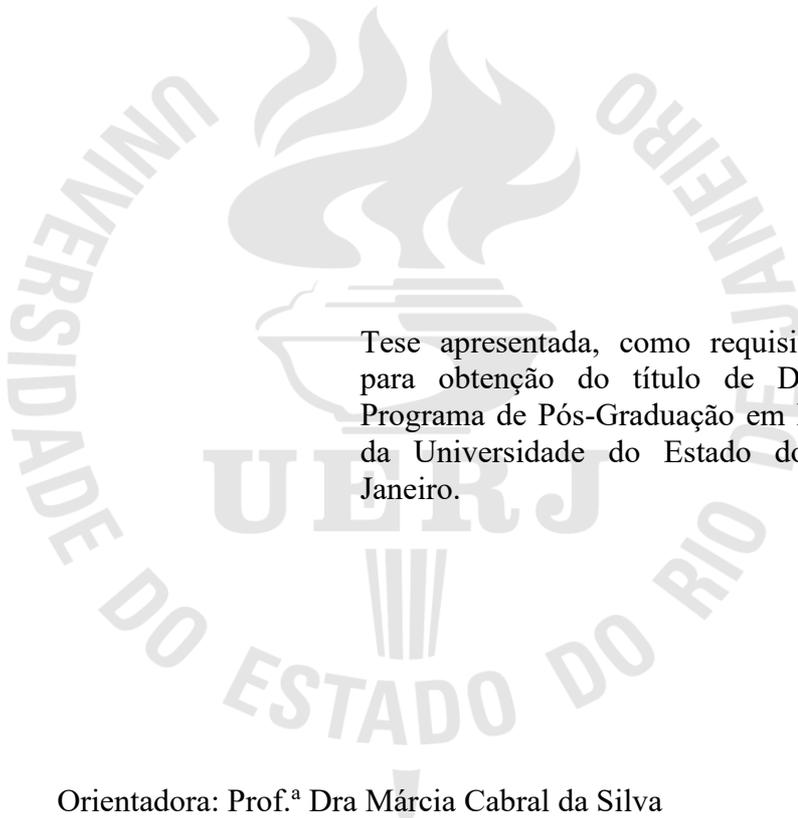
**“A juventude brasileira” em foco:
sujeitos e representações na revista Vida Juvenil (1949-1959)**

Rio de Janeiro

2025

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

**“A juventude brasileira” em foco:
sujeitos e representações na revista Vida Juvenil (1949-1959)**



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof.^a Dra Márcia Cabral da Silva

Rio de Janeiro

2025

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S729 Souza, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de.
“A juventude brasileira” em foco: sujeitos e representações na revista Vida
Juvenil (1949-1959) / Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza. – 2025.
264 f.

Orientadora: Márcia Cabral da Silva.
Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Periódicos – Rio de Janeiro – Teses. 3. Juventude
– Teses. I. Silva, Márcia Cabral da. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação. III. Título.

br

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Mariana Elena Pinheiro dos Santos de Souza

**“A juventude brasileira” em foco:
sujeitos e representações na revista Vida Juvenil (1949-1959)**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 06 de fevereiro de 2025.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Márcia Cabral da Silva (Orientadora)

Faculdade de Educação - UERJ

Prof.^a Dr.^a. Ana Maria de Oliveira Galvão

Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a. Libânia Nacif Xavier

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Patrícia Coelho da Costa

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Paula Leonardi

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Nailda Marinho da Costa

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a. Evelyn de Almeida Orlando

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2025

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Sandra (*in memoriam*),
de quem sinto imensa saudade.
À minha avó materna, Helena (*in memoriam*).
À minha “mãedrinha”, Elza.
Ao meu marido, Diego.
Ao meu irmão, Mauro.

AGRADECIMENTOS

Escrever esta tese foi um desafio e um prazer. Foi um desafio, pois, além das demandas de leitura e de escrita, ao longo desses 4 anos, ela exigiu que eu escrevesse, reescrevesse, escutasse o próximo, de modo a revisitar minhas próprias certezas, em um processo de construção e desconstrução constante. Mas, ao mesmo tempo, foi um prazer produzir a tese que agora sai à luz. Foi um prazer, pois pude criar alguns laços, fortalecer outros e o mais importante: pude reestabelecer laços comigo mesma. Laços que, às vezes, a academia faz enfraquecer.

Pude me descobrir ainda mais forte, pois, como é normal a todo sujeito, a vida dá uma cambalhota ao longo de 4 anos. Mesmo após enfrentar uma pandemia, a perda do meu pai, o esgarçamento de alguns laços, mas a criação de outros, ao me casar com meu companheiro de longa data, por exemplo, pude escrever as páginas que se seguem. Não de maneira individual. Escrever uma tese é ter a certeza de que é impossível escrever sozinho.

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado a força e a sabedoria necessárias para chegar até aqui. Ainda no plano espiritual, agradeço à minha mãe, Sandra Maria Pinheiro dos Santos de Souza, que me trouxe à vida e me deu a base para estar aqui hoje. Também agradeço à minha vozinha, Helena Pinheiro dos Santos, cujo amor me move até os dias atuais. Que elas vejam a minha trajetória lá de cima e tenham a certeza de que foi graças e por elas!

No plano terrestre, agradeço à minha tia e madrinha (*mãedrinha*), Elza Elena Pinheiro dos Santos, por tanto zelo e amor, mesmo quando eu não facilitava o suscitamento desses sentimentos. Também agradeço pelos chás que me levava ao quarto quando eu ficava horas envolvida com as leituras e as escritas. Não posso me esquecer da companhia durante meu doutorado-sanduíche em Alcalá de Henares. Gratidão!

Agradeço ao meu esposo, Diego Francisco da Silva, que sempre me lembrou do meu potencial. Ele é meu fã número 1 e é incrível ter alguém assim ao seu lado! Não posso deixar de agradecê-lo por ter sido minha principal companhia, ainda que virtualmente, quando do doutorado-sanduíche. Te amo!

Agradeço ao meu irmão, Mauro Sergio Pinheiro dos Santos de Souza, que, apesar das divergências, nunca deixou de me querer ao seu lado. Meu irmão, minha inspiração, desde criança. Agradeço ao meu tio e padrinho, João Carlos Pinheiro dos Santos, que, do

seu jeitinho, demonstra amor e apreciação. Obrigada por ter me conduzido ao altar, na posição de alguém que eu nunca tive.

Agradeço à minha orientadora, professora doutora Márcia Cabral da Silva, com quem tenho caminhado há quase 15 anos, entre Iniciação Científica, Mestrado e Doutorado. Eu não poderia ter escolhido orientadora melhor. Sua prática pedagógica, baseada na confiança, no carinho e no rigor, foi fundamental para minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

Agradeço às professoras doutoras Ana Maria de Oliveira Galvão e Libânia Nacif Xavier por terem aceitado compor a banca de qualificação da pesquisa, assim como a banca de defesa de tese. Também agradeço às professoras doutoras Patrícia Coelho, Paula Leonardi, Nailda Marinho e Evelyn Orlando por terem composto a banca de defesa desta tese.

Agradeço ao Vinicius Pontes Martins, servidor da Fundação Biblioteca Nacional, responsável pela Infraestrutura, Programas e Preservação Digital da BNDigital e coordenador da Rede da Memória Virtual Brasileira, quem, muito gentilmente, intercedeu por mim junto à Coordenação de Publicações Seriadas para verificar o status da digitalização das revistas *Vida Infantil* e *Vida Juvenil*, fonte privilegiada de análise da tese. Após o seu pedido, os periódicos passaram a compor o acervo da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, o que viabilizou a realização da pesquisa em tela.

Agradeço ao GRUPEEL, grupo de pesquisa do qual faço parte desde 2011, cuja rede aí formada baseia-se no respeito e na amizade. Nesse sentido, não posso deixar de destacar os sujeitos mais próximos da minha rede de sociabilidade e com quem tive trocas muito ricas: Gabrielle Mondêgo, Aline Costa, Michele Carvalho, Liana Santos, Victor Rosa, Cláudia Fernandes, Francisco Sidney, Luiz Soares, Soyane Santos e Lorena Bolsanello.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ), em especial, à professora doutora Ana Chrystina Venâncio Mignot pela coordenação do Programa Capes Print, que facultou a minha aprovação na seleção para a realização do doutorado-sanduíche junto à Universidad de Alcalá (UAH), em Alcalá de Henares, Espanha, de setembro de 2023 a fevereiro de 2024. Nesse sentido, agradeço à rede que teci nesse processo.

Agradeço ao professor doutor Antonio Castillo Gómez, que me recebeu e me orientou durante o referido período de estudos na Universidad de Alcalá. Agradeço ao professor doutor Agustín Escolano Benito por ter me recebido no Centro Internacional de

Cultura Escolar (CEINCE) e ter me apresentado à sua querida Berlanga de Duero (Soria, Espanha). Agradeço, ainda, à professora doutora Veronica Sierra Blás pelas trocas durante as aulas assistidas. Agradeço, por fim, à amiga que fiz no processo, orientanda de doutoramento do professor Castillo Gómez, Lucía Navarro Martín.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida ao longo do curso de doutoramento e, ainda, para a realização do doutorado-sanduíche. Ter podido estudar por 6 meses em uma universidade no exterior foi extremamente proveitoso para a minha formação na condição de pesquisadora e professora, ainda que no campo pessoal tenha sido desafiador. Ter me afastado de tudo e todos que faziam parte do meu lugar-comum foi, sem dúvidas, muito difícil. Foram meses de solidão, a despeito dos momentos de excitação. Nesse sentido, agradeço à minha tia Elza por ter passado os últimos meses comigo e à Daise Silva dos Santos, à época doutoranda do mesmo Programa, pelas trocas, desabafos e aventuras vividas a partir de dezembro de 2023, quando de sua chegada. Sua companhia foi fundamental para que boas memórias do intercâmbio suplantassem os problemas e elas se consolidassem em minha memória. Agradeço, também, por ter me convencido a escrever um diário de viagem. Assim, evitei cair na “areia movediça” da memória.

Agradeço ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Cap/UFRJ), espaço onde me realizo como professora, e que me possibilitou períodos de afastamento para me dedicar ao doutorado e poder, ainda, realizar a pesquisa fora do país. A despeito dos desafios que fazem parte do ofício docente, as relações tecidas no cotidiano são a razão que nos movem e nos fazem crescer. A esse respeito, agradeço à Josiane Soares, Alessandra Moraes, Fernanda Lahtermaher, André Regis, Graça Reis, Miriam Kaiuca, Cassandra Pontes, Thais Seabra, Thais Motta, Thayná Marracho, Flávia Gomes, Miriam Levy, Renata Vignoli e Rafaela Mendes.

Por fim, agradeço aos amigos e às amigas que, talvez, não tenham noção da importância que tiveram ao longo do processo de escrita da tese, mas que, sem eles, a caminhada teria sido mais difícil: Camila Caetano, Clarissa de Sá, Marcel Vasconcellos, Mariana Bastos, Luciene Albernaz, Rafaela Barros e Cristiana Oliveira. Não posso finalizar sem destacar a presença da minha querida amiga neste processo, Ana Maria Morgado Marques, que, desde 2014, abrilhanta a minha vida e me faz acreditar no meu potencial. Este trabalho também é para você!

Debes brindar amor para después pedir
Hay que perdonar para poder seguir
Recuerda que tenemos solo un viaje de ida
Y hay que darle gracias siempre
A la vida

(...)

Caer es permitido y levantarse es obligado
No tires piedras al vecino si de cristal es tu tejado
Perro que ladra, no te asustes, nunca te morderá
Que con la bendición de tus ancestros llegarás

(...)

Oye, abre tus ojos, mira hacia arriba
Disfruta las cosas buenas que tiene la vida

Madre Tierra – Chayanne

RESUMO

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. “*A juventude brasileira*” em foco: sujeitos e representações na revista *Vida Juvenil* (1949-1959). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

A tese tem como escopo observar aspectos constitutivos associados à juventude, no Brasil, em meados do século XX. Para tanto, tomou-se como objeto e fonte a revista *Vida Juvenil*, que circulou de 1949 a 1959, em território nacional. A revista foi editada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica, sediada no Rio de Janeiro, Distrito Federal à época, e responsável por outros impressos periódicos: *Vida Doméstica* (1920-1962); *Vida Infantil* (1947-1960); e *Coletânea* (1951-1960). *Vida Juvenil* consistiu em potente observatório de juventudes vislumbradas por seu corpo editorial, de modo a apresentar conteúdo híbrido composto por seções de cunho de entretenimento, educativo/moralizante, instrutivo/ escolar e de aconselhamento e preparo para o mundo do trabalho. Desse modo, compreenderam-se, a partir dos conteúdos veiculados no periódico, a quais juventudes os discursos na revista se direcionavam e quais eram preteridas. Foram observados modos de ser jovem em seu período de circulação, com especial ênfase nas décadas de 1940 e 1950, período de intensas inflexões políticas, econômicas e sociais, inclusive no que concernia à própria constituição do ideário de juventude – fruto da modernidade e consolidada, no Brasil, na década de 1950. Analisaram-se as trajetórias dos intelectuais que colaboraram com o impresso, compreendendo-os como forças centrípetas na construção e manutenção dos discursos e dos valores apregoados no periódico. Observaram-se, outrossim, representações veiculadas nas páginas da revista, com ênfase nas categorias de análise *estudo, trabalho e modulação do caráter*. A tese se localiza no campo da História da Educação e dos estudos acerca da juventude e a metodologia consistiu na consulta a fontes e acervos documentais. O acesso à fonte privilegiada da pesquisa se deu através da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, responsável pela guarda de quase todos os números de *Vida Juvenil*, assim como dos outros periódicos pesquisados. O arcabouço teórico se ancorou nos estudos advindos da História Cultural, com especial ênfase nas discussões de Roger Chartier (2011), por um lado. Por outro, privilegiaram-se os trabalhos de Bloch (2001), Burke (1997), Certeau (1982) e Le Goff (2003) em relação à prática do historiador após a guinada da História, em especial, com o surgimento do Movimento da Escola dos Annales, em 1929. Foram enfatizados, ainda, estudos advindos da Sociologia e da História Social, especialmente Groppo (2000, 2007, 2016), Chalhoub (2012), assim como autores que tivessem o trabalho com periódicos como mote, como Martins (2001) e Luca (2008).

Palavras-chave: educação; juventude; periódico; vida juvenil; sociedade gráfica vida doméstica.

ABSTRACT

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. “*Brazilian youth*” under the spotlight: subjects and representations in *Vida Juvenil* magazine (1949-1959). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

The aim of this thesis is to look at the constitutive aspects associated with youth in Brazil in the mid-20th century. To this end, the object and source used was the magazine *Vida Juvenil*, which circulated nationwide from 1949 to 1959. The magazine was published by Sociedade Gráfica Vida Doméstica, based in Rio de Janeiro, the Federal District at the time, and responsible for other periodicals: *Vida Doméstica* (1920-1962); *Vida Infantil* (1947-1960); and *Coletânea* (1951-1960). *Vida Juvenil* consisted of a powerful observatory of young people envisioned by its editorial staff, so as to present hybrid content made up of entertainment, educational/moralizing, instructional/school and advice and preparation for the world of work sections. In this way, based on the content published in the magazine, we were able to understand which young people were targeted and which were neglected. We looked at ways of being young in its period of circulation, with special emphasis on the 1940s and 1950s, a period of intense political, economic and social changes, including the very constitution of the youth ideology - the fruit of modernity and consolidated in Brazil in the 1950s. The trajectories of the intellectuals who collaborated with the paper were analyzed, understanding them as centripetal forces in the construction and maintenance of the discourses and values proclaimed in the periodical. We also looked at the representations conveyed in the pages of the magazine, with an emphasis on the analytical categories *study*, *work* and *modulation of character*. The thesis is in the field of the History of Education and youth studies and the methodology consisted of consulting sources and documentary collections. The privileged source of the research was accessed through the Brazilian Digital Library of the National Library Foundation, which holds almost all the issues of *Vida Juvenil*, as well as the other periodicals researched. The theoretical framework was anchored in studies from Cultural History, with special emphasis on the discussions of Roger Chartier (2011), on the one hand. On the other hand, emphasis was placed on the work of Bloch (2001), Burke (1997), Certeau (1982) and Le Goff (2003) in relation to the practice of the historian after the turn in History, especially with the emergence of the Annales School Movement in 1929. Studies from Sociology and Social History were also emphasized, especially Groppo (2000, 2007, 2016), Chalhoub (2012), as well as authors whose emphasis was working with periodicals, such as Martins (2001) and Luca (2008).

Keywords: education; youth; periodical; juvenile life; sociedade gráfica vida doméstica.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da primeira edição de <i>Vida Juvenil</i>	39
Figura 2 – Seção <i>Correspondência</i>	40
Figura 3 – Professores correspondentes.....	41
Figura 4 – <i>Bill Tempestade</i> (HQ).....	45
Figura 5 – <i>Artur</i> (HQ).....	46
Figura 6 – <i>Pedro Álvares Cabral</i> (HQ).....	50
Figura 7 – Excerto de João Ribeiro em <i>Pense e Acerte</i>	51
Figura 8 – Seção <i>As crianças precisam saber</i> , de <i>Vida Infantil</i>	52
Figura 9 – Seção <i>30 segundos de curiosidades</i> , de <i>Vida Juvenil</i>	52
Figura 10 – Concepções de <i>Divertimentos e Diabruras</i>	53
Figura 11 – Seção <i>Histórias Acontecidas</i>	54
Figura 12 – Primeira página do <i>Suplemento Gigante</i>	60
Figura 13 – Capa da <i>Revista do Clube Juvenil Toddy</i>	62
Figura 14 – Página inicial da <i>Revista do Clube Juvenil Toddy</i>	62
Figura 15 – Propaganda da bebida <i>Toddy</i>	64
Figura 16 – Poema sobre fases da vida.....	75
Figura 17 – Representação imagética de ancião.....	76
Figura 18 – Sumário ed. 24 (1950).....	78
Figura 19 – Sumário ed. 121 (1955).....	78
Figura 20 – Sumário ed. 174 (1958).....	79
Figura 21 – Aviso da missa de Sétimo Dia de Jesus Gonçalves Fidalgo.....	84
Figura 22 – Aviso da missa de um ano de Jesus Gonçalves Fidalgo.....	84
Figura 23 – Seção <i>Sua Página de Exercícios</i> , de <i>Vida Infantil</i>	86
Figura 24 – Seção <i>Modos de Falar</i> , de <i>Vida Juvenil</i>	87
Figura 25 – Homenagem da Associação Brasileira de Imprensa pelo aniversário de 20 anos da revista <i>Vida Doméstica</i>	89
Figura 26 – Homenagem da Associação Brasileira de Imprensa pelo aniversário de 20 anos da revista <i>Vida Doméstica</i>	89
Figura 27 – Exemplo da seção <i>Quadros Brasileiros</i>	99
Figura 28 – Identidade de Mello e Souza com a inclusão de seu pseudônimo/heterônimo.....	105
Figura 29 – Folha de rosto da 7ª edição de <i>Tudo é Fácil</i>	108

Figura 30 – Exemplo da página inicial de <i>A Matemática Sorri para Você</i>	109
Figura 31 – Propaganda das obras de Malba Tahan em <i>Vida Juvenil</i>	111
Figura 32 – Exemplo de problema matemático que se relaciona ao conteúdo programático da disciplina.....	113
Figura 33 – Primeira parte do discurso de Pedro Faria sobre Ney Cidade Palmeiro (1981).....	116
Figura 34 – Segunda parte do discurso de Pedro Faria sobre Ney Cidade Palmeiro (1981).....	116
Figura 35 – Capa da seção <i>Quem Somos?</i>	118
Figura 36 – Capa da seção <i>Lendo e Aprendendo</i>	120
Figura 37 – Sumário da edição número 8, de agosto de 1949.....	122
Figura 38 – Sumário da edição número 25, de janeiro de 1951.....	123
Figura 39 – Portaria nº 161, de dezembro de 1952, que recomenda a adoção dos livros de Lúcia Alvarenga nos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte.....	132
Figura 40 – Obras de Lúcia Alvarenga no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional e seu ano de nascimento.....	134
Figura 41 – Exemplo da configuração da seção <i>Modos de Falar</i>	137
Figura 42 – Propaganda do <i>Clube Juvenil Toddy</i> em <i>Vida Juvenil</i>	143
Figura 43 – Aviso e pedido de colaborações para a <i>Revista do Clube Juvenil Toddy</i>	147
Figura 44 – Capa do primeiro número da <i>Revista do Clube Juvenil Toddy</i>	148
Figura 45 – Primeira página da <i>Revista do Clube Juvenil Toddy</i>	152
Figura 46 – Contribuições dos jovens sócios do Clube para a <i>Revista do Clube Juvenil Toddy</i>	154
Figura 47 – Destaque aos jovens da <i>Revista do Clube Juvenil Toddy</i>	156
Figura 48 – <i>Hamlet</i> contada por meio de histórias ilustradas.....	159
Figura 49 – Exemplo de aquarela indigenista de Gil Coimbra.....	165
Figura 50 – Primeira História em Quadrinhos de Gil Coimbra em <i>Vida Juvenil</i>	168
Figura 51 – Fragmento da primeira História em Quadrinhos de Gil Coimbra em <i>Vida Juvenil</i>	169
Figura 52 – Exemplo da ilustração de Gil Coimbra em <i>Vida Doméstica</i>	172
Figura 53 – Capa de José Geraldo.....	175
Figura 54 – Ilustração de José Geraldo em seção de autoria diversa.....	175
Figura 55 – Capa de <i>Bye, bye, Amazônia</i>	179

Figura 56 – Exemplo de presentes dados por <i>Vida Juvenil</i> aos jovens leitores da revista.....	183
Figura 57 – Capa de 15 de dezembro de 1954 de <i>Vida Juvenil</i>	185
Figura 58 – Exemplo de evento de viés educativo promovido por <i>Vida Juvenil</i>	190
Figura 59 – Representação de jovem estudando 1.....	193
Figura 60 – Representação de jovem estudando 2.....	193
Figura 61 – Epígrafe de apresentação da seção <i>Mire-se na sua própria letra</i>	197
Figura 62 – Ilustração da charada, cuja resposta é “trabalho”.....	201
Figura 63 – Propaganda do romance <i>Vida de Rua</i> (1952).....	220

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Produções relativas ao tema de pesquisa a partir dos anais do CBHE (2015-2019).....	24
Quadro 2 – Ano, edições publicadas, média de páginas e a periodicidade da revista durante o seu ciclo de vida (1949-1959).....	37
Quadro 3 – Quantidade de seções, por teor de conteúdo e por ano, ao longo do ciclo de vida <i>Vida Juvenil</i> (1949-1959).....	42
Quadro 4 – Salário mínimo estabelecido para os municípios do Rio de Janeiro e o Distrito Federal em 1949.....	65
Quadro 5 – Salário mínimo estabelecido para os municípios do Rio de Janeiro e o Distrito Federal em 1954.....	66
Quadro 6 – Preço de outras revistas juvenis no primeiro semestre de 1949.....	66
Quadro 7 – Colaboradores de <i>Vida Doméstica</i> em março de 1922.....	81
Quadro 8 – Composição editorial da Sociedade Gráfica Vida Doméstica em novembro de 1954.....	82
Quadro 9 – Principais professores que colaboraram com <i>Vida Juvenil</i> durante seu ciclo de vida.....	93
Quadro 10 – Relação dos docentes escolhidos para o capítulo 2.....	96
Quadro 11 – Conteúdos de matemática vigentes no Curso de Admissão ao Ginásio segundo Santiago e Figueirêdo (2020).....	112
Quadro 12 – Seções fixas desenvolvidas por homens durante o ciclo de vida de <i>Vida Juvenil</i> (1949-1959).....	127
Quadro 13 – Seções fixas desenvolvidas por mulheres durante o ciclo de vida de <i>Vida Juvenil</i> (1949-1959).....	128
Quadro 14 – Conteúdos de gramática do curso ginásial do ensino secundário (1942)....	137
Quadro 15 – Intelectuais que ilustravam e escreviam em <i>Vida Juvenil</i>	162
Quadro 16 – Categorias analíticas que compõem o capítulo 3.....	187

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Suporte visual que retrata a diferença quantitativa entre homens e mulheres na condição de colaboradores fixos de <i>Vida Juvenil</i> durante seu ciclo de vida (1949-1959).....	129
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 ASPECTOS DA “VIDA JUVENIL BRASILEIRA” (DÉCADAS DE 1940 E 1950)	32
1.1 <i>Vida Juvenil</i> (1949-1959): “uma boa revista para a juventude”?.....	32
1.2 A expansão de <i>Vida Juvenil</i> : o suplemento <i>Revista do Clube Juvenil Toddy</i>	59
1.3 O periódico como fonte histórica: produções juvenis em revista.....	71
1.4 A Sociedade Gráfica Vida Doméstica.....	79
2 COM A PALAVRA, OS INTELECTUAIS MEDIADORES	91
2.1 O professorado de <i>Vida Juvenil</i>	96
2.1.1 As vozes masculinas.....	96
2.1.1.1 Carlos Marinho de Paula Barros.....	97
2.1.1.2 Professor Júlio César de Mello e Souza e Malba Tahan.....	100
2.1.1.3 Professor Ney Cidade Palmeiro.....	115
2.1.2 “Nunca en la pluma ni en la espada”: a presença feminina em <i>Vida Juvenil</i>	124
2.1.2.1 As professoras Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves: intelectuais mediadoras.....	129
2.2 Os jovens como modelos de intelectuais? O caso dos sócios redatores da <i>Revista do Clube Juvenil Toddy</i>	149
2.3 Desenhar o futuro da nação: os ilustradores	157
2.3.1 José Geraldo e Gil Coimbra entre a pluma e os pincéis: modos de divertir, educar e instruir a juventude.....	164
3 ENTRE O ESTUDO, O TRABALHO E A ORDEM: REPRESENTAÇÕES JUVENIS EM REVISTA	181
3.1 Representações de uma juventude estudantil brasileira: educação e instrução em revista	189
3.2 Representações de trabalho e de trabalhador jovem em revista	200
3.3 Educar e divertir; fiscalizar e reprimir: discursos de modulação juvenil	210

CONSIDERAÇÕES FINAIS	230
REFERÊNCIAS	237
FONTES DOCUMENTAIS	251
ANEXO A - Documento no qual consta a revista Cadernos Brasileiros como publicação da Sociedade Gráfica Vida Doméstica.....	263

INTRODUÇÃO

Este estudo é fruto da trajetória que tenho percorrido como pesquisadora da História da Educação. Desde a Graduação, tenho me dedicado a esse campo de estudos, vasto e plural, de modo que tenho buscado, a cada etapa, realizar mudanças em relação aos objetos de análise. Durante a Iniciação Científica, sob a orientação da Professora Doutora Márcia Cabral da Silva, pesquisei a *Coleção Menina e Moça*, editada pela Livraria José Olympio Editora, que circulou em território nacional, no início do século XX¹. O projeto possibilitou o acesso a conceitos básicos para se pesquisar no âmbito da História da Educação. Ele foi fundamental para os passos acadêmicos seguintes. No Mestrado, me dediquei a estudar o conceito de infância à luz de um outro tipo de impresso: uma revista chamada *Vida Infantil*. Agora, no Doutorado, me debrucei no campo da juventude, a partir da revista *Vida Juvenil*, que fazia parte do rol de produções da editora de *Vida Infantil*.

Nota-se que o impresso é recorrente nas três etapas acadêmicas, o que denota o apreço que tenho por esse tipo de pesquisa. De acordo com Luca (2008), até a década de 1970, ainda era tímida a quantidade de estudos que se utilizavam de jornais e revistas para a escrita da História. Contudo, a partir dessa década, as pesquisas nesse campo se modificaram de maneira expressiva, principalmente a partir do tratamento de “novos objetos, problemas e abordagens” (Luca, 2008, p. 112), conforme deslocamentos provocados pelo Movimento dos *Annales*². Nesse sentido, importa destacar o modo como a escrita tradicional da História anulava o uso de documentos considerados insuficientes, como jornais e revistas, que não tinham o estatuto de documentos oficiais. De acordo com Luca, “os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado (...), [já que] forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas” (2008, p. 112), o que, até então, invalidava o ato de se fazer e pensar a História.

Martins (2001, p. 21), por sua vez, argumenta que esses tipos de periódicos são capazes de “documentar” o passado através de registros múltiplos: do textual ao iconográfico, do extratextual – reclame ou propaganda – à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele

¹ Trata-se dos projetos de pesquisa “Leitura para meninas e moças nas coleções da Livraria José Olympio Editora (1930-1950) – Fase I” e “Leitura para meninas e moças nas coleções da Livraria José Olympio Editora (1930-1960) – Fase II”. A pesquisa, desenvolvida, inicialmente, de 2009 a 2012 e, após, de 2013 a 2018, contou com o apoio financeiro do CNPq e da Faperj e com a colaboração de bolsistas de Iniciação Científica, de mestrandos e doutorandos.

² Trata-se de uma revista/ escola/ movimento, criado em 1929, que tinha por objetivo romper com a História tradicional e pensar em uma nova escrita da História, por meio da substituição de uma narrativa linear de acontecimentos por uma história-problema. Além disso, defendia uma história plural que não se detivesse, apenas, em uma história política, de modo a dialogar com outros campos do conhecimento, como a Sociologia, a Psicologia, a Linguística, a Antropologia etc. O movimento pode ser dividido em três fases: 1) de 1920 a 1945; 2) depois da Segunda Guerra Mundial, isto é, a partir de 1945; e 3) a partir de 1968 (Burke, 1997, p. 11-12).

de seus consumidores”. Estudar uma revista é, então, lidar com os diversos elementos que a constituem como material impresso de amplitude e relevo para se pensar a História, em especial, a História da Educação.

Seguindo os pressupostos da História Cultural, vertente de estudos com a qual dialogo, entende-se que *Vida Juvenil* era um impresso que respondia a questões culturais postas à época e que era, por excelência, um observatório do período histórico no qual estava inserido. Autores como Chartier (2011) e Certeau (1982) são referenciais teóricos relevantes para as discussões acerca da História Cultural, da desconstrução de uma História única e linear e da ideia de que a História dos sujeitos plurais importa e é capaz de iluminar determinado momento histórico-social. As discussões de Nunes e Carvalho (2005), que também apontam para esta perspectiva da História, corroboram a ideia de as revistas poderem ser interpretadas como fontes históricas e materiais sociais, em potencial, uma vez que advogam acerca da noção de se trazer “novos objetos” para a cena, pondo luz sobre estes objetos e desconstruindo as formas tradicionais de se compreender e fazer História.

Para além da discussão em torno de uma Nova História e de novos protagonismos e protagonistas, os conceitos de forma e cultura escolar são mobilizados quando da análise de *Vida Juvenil*, uma vez que esta última apresentava como pilares conceituais a educação e a instrução de seus leitores, apresentando-se, assim, como um observatório expressivo em relação às tendências pedagógicas do período. Assim, de acordo com Vincent; Lahire; Thin (2001), forma escolar recai no estudo da configuração da unidade escolar em determinado tempo e espaço histórico. Os autores defendem que pensar a forma escolar engloba dois aspectos: a forma como se delineia a escola num tempo e espaço específico e a “formação” dessa unidade, a qual apresenta regras únicas e específicas e uma constituição organizada e “amarrada” (p. 10). Importa considerar, antes de tudo, que a forma escolar diz respeito a uma escolha social em torno de um modo de socialização em detrimento de outro(s) modo(s) de socialização (p. 11). *Vida Juvenil*, por exemplo, apresentava um modelo de escola característico do período, décadas de 1940 e 1950, e de escolarização, observável através dos conteúdos que veiculavam, dos intelectuais que preencheram suas páginas e dos exercícios de cunho escolar.

Além da discussão em relação à forma e cultura escolar, Bakhtin (2014), por sua vez, contribui para a compreensão dos discursos e das enunciações presentes na revista. Segundo o autor, o fenômeno social da interação verbal, possibilitado pela linguagem, não ocorre de maneira isolada ou monológica; pelo contrário, é a interação verbal que garante que o ato de fala seja, essencialmente, dialógico. Assim, o diálogo construído nessa relação de enunciações/ produções de fala, constitui a forma mais importante de interação verbal. Contudo, o autor

destaca que o diálogo não se dá apenas sob a forma de “comunicação em voz alta”, “face a face” com o outro; ela ocorre por meio de toda e qualquer comunicação verbal, até mesmo pelo viés da escrita.

Bakhtin (2014) exemplifica, então, que por meio do livro – aqui ampliado para todo e qualquer impresso – é possível se estabelecer uma comunicação verbal. Nas palavras do autor:

Ele [o livro e, outrossim, o impresso] é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa (...). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores (...). *Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.* (Bakhtin, 2014, p. 127-128, grifos nossos)

Bakhtin (2014) destaca a função social do impresso que, via de regra, não se encontra isolado no meio social, pois sofre intervenções das mais diversas ordens, sejam anteriores à sua produção, no momento em que se fala (no caso, escreve) ou no momento em que essa produção entra em contato com os sujeitos leitores, uma vez que a interação verbal, mediada pelo impresso, ocorre de maneira ativa, reativa e, indubitavelmente, dialógica. Além disso, importa destacar o viés ideológico de toda produção escrita, a qual responde a uma demanda exterior a ela, de maneira a refutá-la, confirmá-la e a antecipar respostas e objeções potenciais, por exemplo.

Para além de Bakhtin (2014), Goulemot (2011) também ajuda a pensar a leitura como produtora de sentidos, na medida em que “ler é [por excelência] constituir e não reconstituir um sentido” (p. 108). Nessa perspectiva, o autor advoga que o impresso busca articular sentidos ao escrito, mas, em geral, não há convergência entre o que é dito pelo autor e o que é efetivamente compreendido pelo leitor. Goulemot (2011) destaca que

Ler é dar um sentido de conjunto, uma globalização e uma articulação aos *sentidos produzidos* pelas sequências. Não é encontrar o *sentido desejado* pelo autor, o que implicaria que o prazer do texto se originasse na coincidência entre o sentido desejado e o sentido percebido, em um tipo de *acordo cultural*, como algumas vezes se pretendeu, em uma ótica na qual o positivismo e o elitismo não escaparão a ninguém. (Goulemot, 2011, p. 108, grifos nossos)

Assim, partimos do pressuposto de que os discursos veiculados nas revistas pelos seus editores e colaboradores possuíam um sentido tal que não poderiam ser reconstituídos em sua integralidade por seus leitores, inclusive no que concerne ao meu trabalho como pesquisadora. Importa destacar que o ofício do historiador não é o de reconstituir a história pura e

simplesmente; o ofício está em atribuir um sentido e um olhar àquilo que é possível de ser apreendido do passado. Dessa maneira, entende-se que o sentido atribuído pelos leitores de *Vida Juvenil* não poderá ser recuperado, nem mesmo se fizesse parte do horizonte desta pesquisa enveredar pelo caminho dos modos de apropriação por parte dos leitores.

Chartier (2011) também auxilia esta investigação no que concerne às práticas de leitura defendidas por ele. O autor advoga que a leitura é uma prática cultural longa e que, portanto, atravessa diferentes momentos histórico-sociais e, por isso, é cambiável. Dentre as variáveis preexistentes no que diz respeito à leitura, pode-se destacar as diferentes maneiras de se ler, de se apropriar dos materiais culturais, de circular e, ainda, no que se refere ao que ele chama de protocolos de leitura. O conceito de protocolos de leitura reside na compreensão de que a apresentação do material impresso também responde a um tempo histórico e apresenta, necessariamente, ideologias próprias do autor e, também, do impressor (Chartier, 2011, p. 78). De acordo com Chartier (2011),

(...) pensar que os atos de leitura que dão aos textos significações plurais e móveis situam-se no encontro de maneiras de ler, coletivas ou individuais, herdadas ou inovadoras, íntimas ou públicas e de protocolos de leitura depositados no objeto lido, não somente pelo autor que indica a justa compreensão de seu texto, mas também pelo impressor que compõe as formas tipográficas, seja com um objeto explícito, seja inconscientemente, em conformidade com os hábitos de seu tempo. (ibidem, p. 78)

Dessa maneira, analisar um impresso é levar em consideração não só o conteúdo escrito, mas também a apresentação impressa, as quais acabam por protocolar modos de leitura e a dar pistas do período histórico em voga.

Como se nota, desde a Iniciação Científica tenho me debruçado no estudo de impressos, variando entre coleções de livros, catálogos de editoras, revistas e jornais, com especial ênfase no século XX. Desde o Mestrado, contudo, tenho focalizado revistas e jornais de meados do século, com ênfase nas décadas de 1940 e 1950, ainda que em determinados momentos seja importante recuar e avançar em relação ao recorte temporal. Na Dissertação, busquei demonstrar a minha hipótese de que *Vida Infantil* era uma revista híbrida, no sentido de que era composta de seções de cunhos diversos, mas constantes: as de caráter educativo, instrutivo e divertido. A composição de *Vida Infantil*, durante o período analisado, apresentou poucas mudanças, de modo que, a partir dela, pude observar dois aspectos importantes: 1) qual era a noção de infância visada pelos editores; 2) o que era pensado e produzido para aquela infância.

A infância foi o mote da Dissertação, de maneira que enfoquei o hibridismo de uma produção voltada para essa fase da vida. Na tese, contudo, outro público mereceu destaque: o juvenil.

O interesse em estudar a juventude surgiu, em parte, quando, ao pesquisar *Vida Infantil*, vi o lançamento e as propagandas em torno da nova publicação da Sociedade Gráfica Vida Doméstica: *Vida Juvenil*. Logo parei para refletir sobre o fato de a editora querer se fazer presente nos lares brasileiros de várias formas, fosse a partir da criança, com *Vida Infantil*, do jovem, com *Vida Juvenil*, ou da mulher, a partir de *Vida Doméstica*, a publicação de maior longevidade e que dá nome à editora. Quando li o título *Vida Juvenil*, me dei conta do quanto eu ignorava essa fase da vida e do quanto a infância parecia ser a “menina dos olhos” das pesquisas em História da Educação. E a juventude? Qual o espaço dela no campo? O que era ser jovem no período de circulação do periódico? Em que momento acabava a infância e começava a juventude? O que designam os termos “jovem”, “adolescente” e “moço”, por exemplo? Quais as aproximações e os distanciamentos entre esses termos?

Outro interesse que surgiu naquele momento foi o de se observar a qual ou quais juventude(s) a revista se endereçava, uma vez que o título retratava um público bastante homogêneo, como se houvesse apenas *uma vida juvenil*. Por isso, buscou-se focalizar “uma juventude brasileira” à luz do periódico, entendendo que o corpo editorial, forjando uma totalidade, visava, de fato, atingir a uma camada específica do que se tinha como público jovem, no período. Nesse sentido, os editores, em 1955, esclareciam parte do público esperado: “a elite da juventude brasileira” (*Vida Juvenil*, edição 114, 1º jan. de 1955, p. 1), fazendo suscitar alguns questionamentos: de qual elite se tratava? Elite intelectual? Econômica? De todo modo, torna-se ainda mais evidente como *Vida Juvenil* não visava chegar a todo grupo identificado como jovem.

Durante o Mestrado, não pude parar para pesquisar *Vida Juvenil* porque eu estava envolvida com o meu objeto e o tempo era curto, mas, a princípio, eu já tinha objeto e fonte de interesse para o doutorado: a juventude à luz de *Vida Juvenil*. A escrita do projeto de pesquisa para ingresso no doutorado não foi fácil, uma vez que estávamos em plena pandemia (2020) e eu não tinha acesso ao material³. Assim, o meu contato com *Vida Juvenil* se deu, inicialmente, apenas, através das lembranças que tinha e das propagandas presentes no acervo de imagens que organizei de *Vida Infantil* quando pesquisei presencialmente, entre 2017 e 2018, na Seção de Periódicos da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), e pude fotografá-la com a devida autorização.

³ Até outubro de 2021, a revista não estava disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Hoje, é possível acessá-la em: <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>.

Entretanto, como a metodologia privilegiada na tese é a de cunho histórico-documental, o contato com as fontes foi essencial. Felizmente, já se tem acesso à revista pela Hemeroteca Digital Brasileira, o que me permitiu examinar a fonte, ainda que o ato de poder tocá-la, como quando pesquisei *Vida Infantil*, teria sido extremamente prazeroso. De todo modo, a partir da Hemeroteca Digital Brasileira da FBN foi possível me aproximar de diferentes fontes documentais, para além de *Vida Juvenil*, o que facultou o seu cruzamento com outros periódicos, como os jornais coetâneos à revista, que apresentavam propagandas das publicações e dos lançamentos da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, além das propagandas sobre determinado autor ou ilustrador que contribuísse com a editora, e avisos de falecimentos, por exemplo, que, na Dissertação, me ajudaram a mapear parte da rede de sociabilidade dos editores.

Quando da escrita do projeto, tive muita dificuldade, não só pela ausência da fonte, como também pela escassez de produções que coadunassem com a minha pesquisa, em especial que focalizassem a juventude brasileira no período recortado (décadas de 1940 e 1950). Desde que iniciei a pesquisa, notei uma lacuna expressiva sobre o tema no âmbito da História da Educação. Notava muitos trabalhos acerca da infância, mas poucos sobre a juventude, o que foi desafiador ao elaborar um estado da arte que desse base e justificativa à minha pesquisa. Importa destacar, ainda, a ausência de pesquisas que tratassem da fonte, de maneira específica, o que, se por um lado, foi interessante por ser uma fonte original; por outro, aumentou substantivamente o trabalho feito. No Mestrado, iniciei as discussões acerca de *Vida Infantil*, fonte, até então, também não explorada, e observei, ainda que timidamente, a Sociedade Gráfica Vida Doméstica. No Doutorado, por sua vez, dei visibilidade a outra revista desconhecida, mas com o agravante de que a própria temática da juventude é menos discutida em comparação com a da infância no âmbito da História da Educação no Brasil.

Outra lacuna identificada se refere à localização de estudos, no campo da História da Educação, que contemplassem o período de circulação da revista (de 1949 a 1959), que fez parte da chamada Terceira República, entre 1945 e 1964 (Gomes e Ferreira, 2018)⁴. Não foi identificado, no levantamento realizado nos limites desta pesquisa, grande incidência de

⁴ Os autores destacam a dificuldade de historiadores e cientistas sociais em nominar a Terceira República, embora defendam que “o período republicano que se estende de 1945 até 1964 possu[ía] grandes tensões, assinalando continuidades com o processo político anterior, mas igualmente descontinuidades relevantes. Ou seja, se o sistema partidário e as práticas eleitorais do pós-45 mantêm vínculos com a dinâmica política do Estado Novo e da Primeira República, também demarcam transformações muito importantes, mas pouco assinaladas, na história política do Brasil” (Gomes e Ferreira, 2018, p. 254). Observe-se que foi um período de relevo para a história do Brasil, porém, em certa medida, oprimido por dois marcos da política brasileira: inicialmente, pelo fim do Estado Novo, período notabilizado por grandes tensões, deslocamentos e transformações, e, ao final, pelo golpe civil-militar de 1964.

trabalhos na História da Educação que tematizassem o período da Terceira República, o que foi desafiador, mas, ao mesmo tempo, possibilitou recuar para o contexto do Estado Novo, entre 1937 e 1945⁵, em razão da expressividade do simbolismo do período e da observância de certos aspectos convergentes a ele no âmbito da revista, como a ênfase ao trabalho e ao trabalhador e à formação do pequeno cidadão.

Após consulta no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), quando da escrita do texto de Qualificação, ao lançar o termo “vida juvenil”, foram identificadas 3 dissertações e 3 teses, mas nenhuma acerca da revista especificamente⁶. Ao digitar “revista vida juvenil”, não foi encontrado registro. Ao retirar as aspas, foram disponibilizados mais de 100 mil resultados diversos e que não iam ao encontro da minha pesquisa.

Do mesmo modo, ao pesquisar no Google Acadêmico, lançando o termo “vida juvenil”, foram disponibilizadas, apenas, produções em língua espanhola. Ao buscar “revista vida juvenil”, localizei duas produções que, de fato, abarcavam, em maior ou menor medida, *Vida Juvenil*, mas ambas tratavam das Histórias em Quadrinhos (HQs) que eram estampadas, pois, de fato, havia muitas HQs e histórias ilustradas em suas páginas, o que dava à *Vida Juvenil* certo destaque nesse sentido e acirrava a concorrência de um conteúdo tão disputado na época (Gonçalo Junior, 2004). O artigo de Rodrigues, Cardoso & Lima (2014), *As tiras no livro didático de português*, apenas mencionava o fato de o autor e ilustrador Gedeone Malagola ter adaptado *O Guarani*, de José de Alencar, em HQs, para *Vida Juvenil*. A segunda produção é a dissertação de Alexandre Valença Alves Barbosa, realizada na área de Ciências da Comunicação, pela Universidade de São Paulo, em 2006. Nela, o autor se deteve um pouco

⁵ Nesse sentido, cabe destacar que *Vida Juvenil*, ao longo do seu ciclo de vida, isto é, entre 1949 e 1959, circulou durante o mandato de diferentes presidentes que compuseram a Terceira República, quais sejam, Eurico Gaspar Dutra (1946-1951), Getúlio Vargas (1951-1954), Café Filho (1954-1955), Carlos Luz (1955), Nereu Ramos (1955-1956) e Juscelino Kubitschek (1956-1961). Mais informações a esse respeito, conferir a obra *Presidentes do Brasil (de Deodoro a FHC)*, organizado pelo historiador Fábio Koifman (2002) e consultar os verbetes disponíveis no sítio eletrônico do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), da Fundação Getúlio Vargas: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>.

⁶ Trata-se dos seguintes trabalhos: RAMOS, Renata Fornelos D’Azevedo. *A socialização na construção do modo de vida juvenil no subúrbio ferroviário de Salvador – BA*. Doutorado em Educação e Contemporaneidade. Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2018; SOUZA, Eder Cláudio Malta. *Identidades e práticas culturais juvenis: as repúblicas estudantis de Ouro Preto*. Mestrado em Ciências Sociais. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010; VIEIRA, Joice Melo. *Transição para a vida adulta em São Paulo: cenários e tendências sócio-demográficas*. Doutorado em Demografia. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009; DAMICO, Jose Geraldo Soares. *Juventudes governadas: dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas – RS) e em Grigny Centre (França)*. Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio de Grande do Sul, Porto Alegre, 2011; FERREIRA, Adriana Moreira dos Santos. *Participação discente na escola pública de ensino médio: a perspectiva dos alunos*. Mestrado em Processos Socioeducativos e Práticas Escolares. Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del Rei, 2011; e COSTA NETO, Julio Vicente da. *O jogo do jogo de futevôlei como lazer na praia de Copacabana no Rio de Janeiro*. Mestrado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

mais em *Vida Juvenil* ao tratar do conceito de *Quadrinho histórico brasileiro* e, assim, ressaltar o espaço que o campo da História tinha nas HQs e nas histórias ilustradas da revista, comparando-a com publicações como *O Tico-Tico*, *Suplemento Juvenil* e *Enciclopédia em Quadrinhos*, que também abarcavam conteúdos didáticos (Barbosa, 2006).

A base de dados da Rede Sirius, rede de bibliotecas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, também compôs o estado da arte. Contudo, ao procurar por “vida juvenil” e “revista vida juvenil”, foram disponibilizadas, em sua maioria, produções em língua espanhola, acompanhadas de poucas em inglês e em português, mas que não se relacionavam com a pesquisa. Do mesmo modo, pesquisei na base de dados intitulada Minerva, que compõe a Rede SiBi (Sistema de Bibliotecas e Informação), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e tampouco encontrei trabalhos que se aproximassem do meu estudo.

Após pesquisar nas bases de dados das respectivas universidades, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e no Google Acadêmico, focalizei nos anais de dois eventos da área: as reuniões nacionais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e o Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE). Procurei trabalhos/resumos/ títulos que tocassem no tema da juventude, do(s) jovem(ns) e/ou do ensino secundário, por entender que as etapas da escolarização também se mostravam profícuas para se pensar determinado ciclo de vida, embora não fosse mote da tese, de modo que o ensino secundário seria a etapa mais compatível com o estudo em desenvolvimento. Ademais, busquei por artigos que mais se aproximassem dos recortes adotados na pesquisa: décadas de 40 e 50 do século XX, com especial ênfase no Rio de Janeiro, sem marcação de gênero, raça e religião, e, caso discriminado, que utilizassem impressos periódicos. Lancei cinco palavras nas áreas de busca, a saber, “juventude”, “jovem”, “jovens”, “juvenil” e “ensino secundário”. Não foram encontrados trabalhos que coadunassem com a minha pesquisa nos anais das edições 38, 39 e 40 das reuniões nacionais da ANPEd. Contudo, ao investigar os anais de 2015, 2017 e 2019 do Congresso Brasileiro de História da Educação (CBHE), localizei resultados mais satisfatórios, conforme expresso no quadro 1:

Quadro 1 – Produções relativas ao tema de pesquisa a partir dos anais do CBHE (2015-2019)

Evento/ ano	Palavra de busca	Título	Tipo	Autores(as)
X Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2019	Juventude	A Hora da Juventude Brasileira: a Educação	Comunicação individual	Niely Natalino de Freitas Leyendecker

		Secundária na Década de 1940 pela Tríade Patriótica – o Ensino Chega em Casa		
X Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2019	Juventude	Revista “Voz do Estudante” e a Formação da Juventude Estudiosa no Piauí (1940 – 1943)	Comunicação individual	Francisco Vilanova
X Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2019	Juventude	Formas e Espaços de Sociabilidade da Juventude Sergipana	Comunicação individual	Simone Paixão Rodrigues
X Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2019	Ensino Secundário	Nas Páginas dos Jornais: o Ensino Secundário Piauiense (1942 – 1971)	Comunicação individual	Rogério de Medeiros Silva
X Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2019	Ensino Secundário	“Tudo Pelo Brasil Imortal!”: Instruções para um Ensino Pré-Militar na Lei Orgânica do Ensino Secundário, 1942	Comunicação coordenada	Stella Sanches de Oliveira Silva
X Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2019	Ensino Secundário	O Ensino Secundário do Brasil: Reformas de Capanema e Passarinho	Comunicação individual	Jane Santos da Silva e Ariana Targino de Melo Rodrigues
X Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2019	Ensino Secundário	Livros Didáticos para o Ensino Secundário: Fontes para o Estudo da História das Disciplinas Escolares na Década de 1940	Comunicação individual	Eurize Caldas Pessanha e Kênia Hilda Moreira
X Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2019	Ensino Secundário	A Expansão do Ensino Secundário – Ginásios e Colégios – no	Comunicação coordenada	César Augusto Castro

		Maranhão nas Décadas de 40 e 60		
IX Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2017	Ensino Secundário	O Empresariado do Ensino Secundário no Antigo Estado do Rio de Janeiro na Primeira República	Comunicação individual	Manna Nunes Maia
VIII Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2015	Ensino Secundário	Renovação do Ensino Secundário brasileiro: classes experimentais e ginásios vocacionais (décadas de 1950 e 1960)	Comunicação coordenada	Norberto Dallabrida; Sérgio Roberto Chaves Júnior; Carlos Bizzocchi; Daniel Ferraz Chiozzini e Sandra Marques; Leticia Vieira e Norberto Dallabrida
VIII Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2015	Ensino Secundário	O Ensino Secundário era um escândalo, e virou manchete de primeira página	Comunicação individual	Andréa Márcia Sant'Ana
VIII Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2015	Ensino Secundário	A Centralidade dos eventos Cívico-Patrióticos na realidade escolar do Ensino Secundário em Uberlândia e Uberaba, em Minas Gerais nas décadas de 1930 a 1960	Comunicação individual	Giseli Cristina do Vale Gatti
VIII Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2015	Ensino Secundário	A função social do Ensino Secundário no contexto de formação da sociedade capitalista brasileira	Comunicação individual	Solange Aparecida Zotti
VIII Congresso Brasileiro de História da Educação/ 2015	Ensino Secundário	Anísio Teixeira e o Ensino Secundário	Comunicação individual	Manna Nunes Maia

Fonte: A autora, 2022.

Os estudos acerca do Ensino Secundário superaram, sobremaneira, os estudos sobre a juventude de maneira geral. Ter estudado sobre essa temática foi importante para a pesquisa, mas não apresentou ênfase no desenvolvimento dos capítulos.

Outros autores e artigos me ajudaram a compreender a juventude, a partir de diferentes perspectivas, e a embasar minhas discussões, principalmente no início da pesquisa. Destaco livros⁷ e artigos⁸ de Luís Antonio Groppo, professor e pesquisador da Universidade Federal de Alfenas (MG), os quais compuseram o arcabouço teórico de grande parte das discussões acerca da juventude, empreendidas, mais precisamente, no primeiro capítulo, ainda que sua base advenha da Sociologia e não da História.

Ademais, os dois volumes do exaustivo trabalho coordenado por Marília Pontes Sposito, *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)* (2009), foram importantes para a pesquisa. As produções não só traçam um estado da arte sobre juventude, como apontam conceitos seminais para a pesquisa.

A tese de Katya Braghini também se mostrou relevante para o trabalho, uma vez que a autora se dedica a analisar discursos construídos sobre a juventude nos anos 1960 e 1970 no âmbito da *Revista da Editora do Brasil S/A* (EBSA). A tese, intitulada *A “Vanguarda Brasileira”: a juventude no discurso da Revista da Editora do Brasil S/A (1961-1980)* (2010), trata dos termos “juventude”, “jovens” e “estudantes”, com ênfase nesse último, uma vez que se tratava de um periódico educacional (Braghini, 2010). Assim, dadas as devidas perspectivas adotadas, Braghini também focaliza a questão do jovem na condição de estudante. Na tese, a autora defende que havia discursos conservadores e reacionários que visavam a um enfraquecimento de mobilizações estudantis e atos de rebeldia. O artigo *As reformas necessárias ao ensino secundário brasileiro nos anos 1950, segundo a Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, escrito em coautoria com Bruno Bontempi Junior, também foi interessante para a escrita.

⁷ GROPPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Coleção Enfoques – Sociologia. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, 308p.; GROPPPO, Luís Antonio. *Introdução à sociologia da juventude*. Jundiaí: Paco Editorial, 2007, 164p.; GROPPPO, Luís Antonio. *Juventudes: sociologia, cultura e movimentos*. Universidade Federal de Alfenas: Alfenas, 2016, 219p.

⁸ GROPPPO, Luís Antonio. *Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude*. Revista *Desidades*, número 14, ano 5, mar 2017, p. 9 – 17 e FRANCISCO, Julio Cesar & GROPPPO, Luís Antonio. *Adolescência(s) e juventude(s): considerações a partir de uma coexistência legal (Adolescence and youth: considerations from a legal coexistence)*. *Crítica Educativa*, 2(2), 275-294.

De maneira aproximada, a tese de Isaura Melo Franco focaliza o jovem do ponto de vista do estudante, como o próprio título sugere: *A juventude estudantil pelo olhar dos jornais do Triângulo Mineiro: entre a tutela e a subversão (décadas de 1950 e 1960)*. Ainda que a tese não tenha tido como principal objetivo compreender o jovem estudante à luz de *Vida Juvenil*, foi um tema indispensável para as análises do capítulo terceiro, que versaram sobre representações de jovens estudiosos na revista. Além disso, a temporalidade do estudo de Franco me foi cara.

A tese de Juliana Ferreira de Melo, intitulada *Um impresso para mulheres e seus modos de apropriação: a revista Grande Hotel e seus (supostos) leitores (Minas Gerais, 1947-1961)*, foi, outrossim, relevante para a composição do estado da arte, pois, embora focalizasse um periódico que se voltou, em grande parte do seu ciclo de vida, a mulheres, o período foi compatível, assim como o uso de autores e conceitos, como o de *representação*, de Chartier (2002), os estudos de Pierre Bourdieu (2007) acerca do *estético*, do *popular* e do *distinto*, as análises advindas do campo da Sociologia, além do trabalho com um impresso periódico. Uma diferença, entretanto, se refere ao conceito de *apropriação*, conforme Chartier (2002), que não fez parte do horizonte desta tese. Focalizaram-se, de maneira especial, os conceitos relativos à *produção* e à *circulação* do impresso (Chartier, 2002).

No que se refere ao recorte temporal, optou-se por estudos que recuassem e avançassem em relação ao período selecionado (de 1949 a 1959). Importou estudar produções que abarcassem o período do Estado Novo (1937-1945), por exemplo, uma vez que, ainda que *Vida Juvenil* tenha começado a circular em janeiro de 1949 e o Estado Novo tenha como marco final o ano de 1945, a publicação da revista, com ênfase em seus conteúdos, não pode ser considerada fortuita, pois, embora possa se supor que ela não foi prevista durante o período ditatorial em destaque, havia um contexto editorial favorável para a sua publicação. Ainda que poucos tenham sido os elementos que fizessem menção explícita ao Estado Novo na revista, o recém-terminado período político deixou marcas nos anos posteriores. Ademais, pelo fato de a revista ter circulado durante o período em que Getúlio Vargas foi eleito pelo voto direto (1951-1954), também importou compreender o período anterior. Além desse recuo temporal, houve recuo em relação à compreensão da Lei Orgânica do Ensino Secundário, de 1942, principalmente ao se enfatizar a participação da professora de português Lúcia Alvarenga em *Vida Juvenil*, quando da escrita do segundo capítulo.

Ainda em diálogo com o Estado Novo, as produções de Maurício Barreto Alvarez Parada, professor do departamento de História, da Pontifícia Universidade Católica, do Rio de Janeiro, foram essenciais, principalmente para o desenvolvimento do terceiro capítulo. A obra

Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo (2009) contribuiu, de maneira particular, a partir das discussões acerca dos modos pelos quais educavam-se corpos e mentes em prol da construção da nação, por meio de cerimônias cívicas e criação de disciplinas escolares, por exemplo, que priorizassem um modelo de sociedade pautado na ordem, na obediência e na união. Nessa linha, o artigo “*Despertando as energias cívicas da juventude brasileira*”: a mobilização juvenil durante o Estado Novo, de Andressa Barbosa de Farias Leandro, compôs esse viés analítico, possibilitando compreender movimentos empreendidos pela juventude brasileira, de maneira geral, e como tais movimentos poderiam estar veiculados – ou invisibilizados – em *Vida Juvenil*.

A tese de Lidia Noemia da Silva dos Santos, *A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)*, foi utilizada com frequência, pois facultou pensar a concepção de uma cultura juvenil marcada pela transgressão e delinquência, sob o viés da transnacionalização dessa cultura. Ainda sobre esse tema, a obra *Juventude e Contracultura*, de 2023, do professor de História do Brasil na Universidade de São Paulo (USP), Marcos Napolitano, foi essencial para problematizar e compreender a invenção de um novo tipo de jovem e de juventude, a partir dos anos 1950, no Brasil e no mundo, e suas implicações em comportamentos e movimentos.

A pesquisa, portanto, teve como um dos objetivos compor as discussões concernentes a um modelo de jovem – aquele delineado nas páginas de *Vida Juvenil* – e compreender o imaginário acerca da juventude em meados do século XX, fosse em relação a produções culturais e literárias, documentos oficiais e outras formas de se forjar a juventude no período. Para tanto, a tese foi organizada em três capítulos.

O **Capítulo I** focalizou a revista *Vida Juvenil*, com ênfase na sua composição em termos de conteúdo (seções) e de expediente, os suplementos que abarcava em suas folhas, o tamanho, a quantidade de páginas, o preço, as tiragens, as formas de distribuição, a periodicidade e o aspecto visual. Ademais, o capítulo buscou compreender o conceito de juventude disseminado à época, dando a conhecer e a analisar produções culturais voltadas aos jovens do Brasil, de maneira geral, de maneira relacional à existência e ao espaço de *Vida Juvenil* no mercado editorial do período. Intentou-se, ainda, identificar o público visado por *Vida Juvenil*.

Importou prestar minuciosa atenção na editora da revista, a Sociedade Gráfica Vida Doméstica, uma vez que ela teve significativa contribuição no mercado editorial durante sua existência de cerca de 43 anos, entre 1920 e 1963, tendo sobrevivido a períodos difíceis, como o de pós-guerra, de guerra, de fortes mudanças políticas, econômicas e sociais, tanto em nível nacional, como em nível mundial, mudanças no corpo editorial, principalmente com o falecimento do seu fundador, Jesus Gonçalves Fidalgo, em 1948, e o olhar atento às exigências

do mercado editorial ao longo de seus quase 50 anos de duração (Souza, 2019). Em relação a esse último, a editora parecia almejar ser consumida por diferentes públicos, desde o infantil até o adulto, de ambos os sexos, de todo o país, e tinha em consideração esse objetivo de maneira contínua e cautelosa. Depois de se consolidarem no mercado de publicações voltadas a moças e mulheres, por meio de *Vida Doméstica*, avançaram, após 27 anos, para o mercado infantil, seguido do juvenil, alcançando a internacionalização de suas produções por meio da tradução de revistas americanas⁹. Assim, *Vida Juvenil* se localizava nesse cenário: diverso, mas meticulosamente pensado para alcançar todo o país – o que não quer dizer que tenha se efetivado – e que pudesse acompanhar a duração de sua revista mais longa.

Ainda nesse capítulo, fez-se a escolha metodológica de se dividir o periódico em três fases, segundo os conteúdos observados: a primeira, que compreendeu os anos entre 1949 e 1951; a segunda, entre 1952 e 1956; e a terceira, de 1957 a 1959. A primeira e a segunda fases tinham a educação e a instrução como elementos convergentes, embora estes conteúdos tenham se mostrado mais evidentes na primeira fase. Nela, havia a inserção mais alargada de professores e professoras, assim como de atividades mais parecidas com as típicas do ambiente escolar. A terceira fase, considerada de declínio, teve a diversão e as Histórias em Quadrinhos como elementos-chave das edições, mas sem que se abrisse mão totalmente da formação educativa.

No **Capítulo II**, buscou-se evidenciar os intelectuais que atuaram na revista, entre articulistas, ilustradores e jovens que colaboraram com ela, questionando se esses sujeitos poderiam ser considerados intelectuais, à luz de Sirinelli (2003) e Gomes e Hansen (2016), em especial. O capítulo focalizou os seguintes colaboradores: os docentes Carlos Marinho de Paula Barros, Júlio César de Mello e Souza (Malba Tahan), Ney Cidade Palmeiro, Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves; os ilustradores José Geraldo e Gil Coimbra; e os jovens colaboradores da *Revista do Clube Juvenil Toddy*, Adinoel Motta Maia, Roberto Salvador e Adalberto Bezerra Mariano. Foram ressaltados, ainda, aspectos da trajetória dos sujeitos elencados.

Por fim, o **Capítulo III** tratou de representações juvenis observáveis na revista, à luz dos estudos de Chartier (1991; 2002), em particular, com especial ênfase em três categorias de

⁹ Refiro-me, de maneira específica, à revista *Coletânea*, editada pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica de 1951 a 1960. O mensário era a versão brasileira da revista estadunidense de diversidades *Magazine Digest* e, segundo propaganda veiculada na edição de 15 de setembro de 1951, em *Vida Juvenil*, tratava-se da “mais variada e útil leitura para o homem de negócios, para o intelectual, para o trabalhador – para todas as classes! ‘COLETÂNEA do Magazine Digest’, em cujas páginas a cultura brasileira aparece sempre a serviço do Brasil, é uma edição brasileira da grande publicação norte-americana ‘Magazine Digest’.” (*Vida Juvenil*, 1951, p. 10)

análise: *estudo – trabalho – ordem*. Nele, foram apresentadas e analisadas imagens e discursos veiculados em *Vida Juvenil*, com vistas a se compreender como o periódico objetivava formar ideias e gostos, modular o caráter e incentivar atividades produtivas. Além disso, fundamentou-se na História Social, com análises apoiadas nos estudos de Chalhoub (2012), Ferreira (2005), Rizzini (2004) e Popinigis (2023). Notou-se, no capítulo, que *Vida Juvenil* buscava acompanhar as transformações sociais e culturais que vinham ocorrendo desde a virada do século, observáveis pela inserção de seções de teor patriótico, educativo, de incentivo ao trabalho e aos “bons costumes”.

Lançada em pleno período conhecido como Terceira República, em evidência após o fim do Estado Novo (1937-1945), *Vida Juvenil* empregava discursos e representações em prol da formação de *um* público jovem alinhado a uma lógica ordeira, produtivista, de amor à nação, que tinha deveres perante a sociedade e que, portanto, se convertia em um *cidadão-trabalhador*. Não à toa, dispunha de seções como *Escolha sua Profissão*, que notabilizava questões do mundo do trabalho; *Vultos Brasileiros*, que evidenciava sujeitos da História do Brasil; e *Heróis Anônimos do Brasil*, que exaltava histórias de brasileiros “comuns”, de atitudes honrosas e dignas de serem reproduzidas.



CAPÍTULO I

ASPECTOS DA “VIDA JUVENIL BRASILEIRA” (DÉCADAS DE 1940 E 1950)

Juventud, divino tesoro,
 ¡ya te vas para no volver!
 Cuando quiero llorar, no lloro...
 y a veces lloro sin querer...

*Rubén Darío,
 Poema “Canción de otoño en primavera” – 1905*

O excerto do poema que abre o capítulo, publicado pelo poeta nicaraguense Rubén Darío, em 1905, faz menção à brevidade da juventude, considerada um “divino tesoro”. O título do poema, talvez difícil de se compreender em um primeiro momento, traça uma comparação entre duas fases da vida: a velhice, representada pelo outono, e a juventude, representada pela primavera. A velhice, como o outono, seria um período da vida em que o sujeito começa a perder a vivacidade, em um momento mais gélido da vida; ao passo que a juventude, vista como o período da primavera, é cheia de cor, de vida e de alegria de viver.

Assim, o presente capítulo focaliza aspectos da primavera, ou melhor, da fase da vida denominada “juventude”, à luz da revista *Vida Juvenil*, tomada como objeto e como fonte da pesquisa histórica, com ênfase em seus principais elementos constitutivos, como a dimensão visual, as seções, os suplementos que abarcava em suas páginas, o tamanho, a quantidade de páginas, o preço, as tiragens, as formas de distribuição e a periodicidade. Que seja, então, uma leitura como a primavera: cheia de vida!

1.1 *Vida Juvenil* (1949-1959): “uma boa revista para a juventude”?

O excerto entre aspas no título deste tópico faz referência à propaganda estampada no jornal *A Noite*¹⁰ quando do lançamento de *Vida Juvenil*, em janeiro de 1949. A propaganda apresenta formato longo, ao se considerar o tamanho da folha do jornal observado, o que evidencia o esforço de dar visibilidade ao impresso recém-lançado, principalmente por ser considerada

¹⁰ A Noite. Rio de Janeiro, ed. 13070, 4 de jan. de 1949, p. 8.

“mais uma boa revista para a juventude”¹¹, fosse por estratégia do corpo editorial ou pelo olhar generoso de *A Noite*.

A propaganda escrutina aspectos de *Vida Juvenil*, não só os conteúdos veiculados como também o histórico da editora responsável, a Sociedade Gráfica Vida Doméstica¹², as outras publicações da sociedade gráfica, *Vida Doméstica*¹³ e *Vida Infantil*¹⁴, e alguns dos colaboradores do novo periódico¹⁵. De acordo com a propaganda, o “passado de trinta anos de bons serviços prestados à imprensa e à família brasileira” da Sociedade Gráfica Vida Doméstica era um forte indício de que a revista seria um sucesso, tal como as outras, que, de um lado contava com *Vida Doméstica* e sua longevidade e, de outro, *Vida Infantil*, a qual “alcançou tal sucesso que sua tiragem se elevou dos iniciais 15.000 exemplares para 100.000”. *Vida Juvenil* parecia, então, estar destinada ao sucesso, principalmente pelo fato de sua editoração se dar por meio de bons critérios, além de conter “material redatorial escrupulosamente selecionado”. Lê-se ainda na propaganda: “não há, nesta nova revista, histórias de objetivos paralelos. As que contêm aventuras – *a juventude é a idade da aventura* – são baseadas em fatos reais ou em enredos sem maldade” (*A Noite*, 1949, ed. 13070, p. 8; grifos nossos).

Os editores do novo periódico defendiam haver elementos essenciais quando da constituição de uma boa revista voltada ao público jovem idealizado por eles: conteúdo de qualidade, sob a égide da boa moral e dos bons ensinamentos, sem incentivo à maldade,

¹¹ Algumas revistas que também tinham como público visado jovens eram *Suplemento Juvenil*, *O Globo Juvenil* e *O Lobinho*, dentre outras. Contudo, o estilo dessas revistas e de *Vida Juvenil* era diferente, uma vez que as três revistas citadas focalizavam Histórias em Quadrinhos (HQs) ao passo que *Vida Juvenil* apresentava conteúdo diverso, aqui considerado híbrido, com seções de cunho educativo e instrutivo, para além das HQs.

¹² Há um tópico relativo a esta Sociedade Gráfica, mas, de maneira breve, trata-se da editora responsável por diferentes revistas que compuseram o campo editorial brasileiro ao longo do século XX, a saber, *Vida Doméstica*, *Vida Infantil*, *Vida Juvenil* e *Coletânea*.

¹³ Trata-se de uma revista ilustrada, fundada em 1920, cujos assuntos veiculados, inicialmente, se debruçavam “[n]a vida no lar e nos campos: avicultura, pecuária, etc. [N]a vida ao ar livre: esportes, fotografia para amadores, etc. [N]a vida comercial, industrial, econômica e financeira” (*Vida Doméstica*, 1920, ed. 1, p. 4). Ao longo do tempo, seus objetivos mudaram, uma vez que, desde janeiro de 1923, no expediente, passou-se a estampar o seguinte dizer: “Magazine mensal dedicada às famílias e a vida no lar [,] única no seu gênero, publicada no Brasil, oferecendo leitura sã, variada, instrutiva e útil” (*Vida Doméstica*, 1923, ed. 38, expediente). Além disso, a inserção do subtítulo “a revista do lar e da mulher”, a partir de janeiro de 1924, corrobora com tal mudança. Pesquisadoras de *Vida Doméstica* atestam que o periódico tinha como público visado moças e mulheres, cuja ênfase era discursar e guiar as leitoras sobre sua atuação no lar, na condição de esposa e mãe, pela defesa da família brasileira, dos bons costumes e da moral cristã. Os estudos ainda destacam discursos e representações que oscilavam entre modernos e tradicionais, ambíguos e contraditórios, no curso de um período marcado por transformações em nível global, nos âmbitos político, cultural, econômico e social. Conferir, de maneira especial, Santos (2011), Cardoso (2009), Spindula & Machado (2019) e Segalin (2017).

¹⁴ Examinei *Vida Infantil* no mestrado e, assim, pude observar o caráter híbrido da revista, que se propunha a divertir, educar e instruir seus leitores. O periódico tinha como público visado crianças brasileiras de ambos os sexos, que fizessem parte do contexto de escolarização formal, e contava com seções sobre temas diversos, como História do Brasil, curiosidades para crianças, contos infantis, além de uma boa quantidade de Histórias em Quadrinhos (HQs) e atividades lúdicas, como de recorte e cola. Mais informações, conferir Souza (2019).

¹⁵ Na propaganda, destacam-se os seguintes colaboradores: Ofélia e Narbal Fontes, Lausimar, Calmon Barreto (ilustrador), C. Paula Barros, Mello e Souza e Ney Palmeiro.

agressão ou rebeldia, e que respeitasse o gosto “natural” por histórias de aventura, as quais prenderiam a atenção do leitor pelo seu teor agradável e jocoso e, ainda, trariam certos ensinamentos. Deste modo, ficam implícitas algumas características sobre ser “jovem” à época, segundo o ideário do corpo editorial da revista: alguém que se interessaria por histórias de aventura (muitas vezes, materializada em Histórias em Quadrinhos) e que necessitaria de orientação no processo de formação – por isso a necessidade de salientar o caráter “escrupuloso” e “sem objetivos paralelos” do material. Pela ideia de transitoriedade entre a infância e a fase adulta e de sua “margem movediça” (Levi e Schmitt, 1996, p. 8), aspectos comumente associados à juventude, ao jovem em formação haveria a necessidade de orientação e de tutela. Além disso, emerge o modo como o “útil” pode ser considerado uma característica do que é educativo.

Catani e Gilioli (2008), por sua vez, apontam algumas delimitações correntes para a juventude no contexto contemporâneo, de maneira geral:

- a) *Faixa etária*: a delimitação por faixa etária é própria da busca por uma padronização, seja para a construção de dados estatísticos, para a elaboração de políticas públicas ou para a determinação de certos parâmetros, como a idade esperada para o estudo, para a entrada no mercado de trabalho, “a censura na mídia e as responsabilidades civil, penal e eleitoral” (Catani e Gilioli, 2008, p. 13). De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial da Saúde (OMS), a juventude, hoje, vai dos 15 aos 24 anos. Contudo, ao se considerar a adolescência, tomada como o início da juventude, a Organização Mundial da Saúde defende que ela se refere à segunda década da vida (dos 10 aos 19 anos), de modo que, a partir dos 15, lidaríamos com adolescentes jovens e a partir 20, adultos jovens. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), por sua vez, define a adolescência como indo dos 12 aos 18 anos de idade, uma vez que a infância se encerraria aos 12 anos. Salienta-se, todavia, que esses dados não são fixos;
- b) *Relação maturidade e imaturidade*, de matriz biopsicológica;
- c) *Critérios socioeconômicos*: a partir da renda, da escolarização, da contração matrimonial, da conformação familiar (procriação), do local de moradia (rural ou urbano) e da capacidade de sustentação financeira seria possível diferenciar adolescentes, jovens e adultos; e
- d) *Estado de espírito, estilo de vida e consumo cultural*: a partir dos modos de se vestir, se comportar, se expressar e de interagir na sociedade seria possível se enquadrar um sujeito na condição de “jovem” ou não, mesmo que sua faixa etária esteja em desacordo.

Além dos aspectos referidos por Catani e Gilioli (2008) no parágrafo anterior, observam-se duas possibilidades gerais de registro da juventude: uma autoidentificação em compor esse grupo (“estado de espírito, estilo de vida e consumo cultural”) e uma variedade de identificações e validações externas (Estado, família, escola, mídia, imprensa) de que determinada pessoa faria parte desse grupo (idade, maturidade/imaturidade e/ou questão financeira). Nas palavras de Santana (2011, p.2), “a juventude é simultaneamente (a) ‘um momento no ciclo de vida’, assim como (b) ‘um modo de inserção na estrutura social’ (*apud* Sposito, 2004)”, permeada por margens e limites fluidos, que dependem da época e do lugar (Levi e Schmitt, 1996). Ademais, trata-se de um período da vida cujos sujeitos não pertencem a ele, mas sim apenas atravessam-no, passam por ele, de modo que suas estruturas não são fixas e estáveis, mas inventadas socio culturalmente. Nas palavras de Levi e Schmitt (1996, p. 8):

Lo que retendrá nuestra atención es la característica marginal o liminal de la juventud (...) [,] porque en ello residen tanto la carga de significaciones simbólicas, de promesas y de amenazas, de potencialidades y de fragilidades que la juventud entraña, como por ende la atención ambigua, construida a la vez de esperanzas y de sospechas (...). En esas miradas cruzadas donde se mezclan la atracción y el espanto, es donde las sociedades “construyen” siempre la juventud (...)¹⁶

Deste modo, as formulações que a literatura sobre a juventude tem apontado ajudam a compreender parte das concepções prévias dos idealizadores de *Vida Juvenil* para seu público visado, fosse pela idade, pela questão biopsicológica característica da fase transitória da juventude ou pelos critérios cultural e socioeconômico (atribuídos àqueles que potencialmente consumiriam a revista). Apesar de, a partir da edição de número 182, haver a indicação de que a revista, naquele momento, seria “para maiores de 14 anos”, a análise adensada de *Vida Juvenil* permite inferir que a idade esperada do público era a partir dos 12 anos, quando da finalização da primeira etapa do ensino formal, o primário, até por volta dos 18, quando o jovem adentraria o ensino superior e/ou o mercado de trabalho¹⁷. Tal assunção pode ser justificada pelos

¹⁶ Em tradução livre: “Nosso foco é na característica marginal ou liminar da juventude (...) [,] porque é aí que residem tanto a carga de significados simbólicos, de promessas e de ameaças, de potencialidades e de fragilidades que a juventude carrega, como por fim a atenção ambígua, construída por meio de esperanças e de suspeitas (...). São nesses cruzamentos onde se misturam a atração e o espanto, é onde as sociedades ‘constroem’ sempre a juventude (...)”.

¹⁷ A forma de organização das etapas de ensino merece esclarecimento. O Ensino Primário, regido pela Lei Orgânica do Ensino Primário, sob o Decreto-lei no 8.529, de 2 de janeiro de 1946, institui, no Art. 2º, que “O ensino primário abrangerá duas categorias de ensino: a) o ensino primário fundamental, destinado às *crianças de sete a doze anos*; b) o ensino primário supletivo, destinado aos adolescentes e adultos”. Já o Ensino Secundário, institucionalizado pelo Decreto-Lei no 4.244, de 9 de abril de 1942, diz que “Art. 2º O ensino secundário será

conteúdos observáveis, como Histórias em Quadrinhos para o público mais novo, uma seção direcionada para o mundo do trabalho para os leitores mais velhos, e seções de cunho escolar para todos, conforme será apresentado adiante.

O corpo editorial de *Vida Juvenil* buscava oferecer uma revista que pudesse dar conta desse público e das suas necessidades formativas. Destacam-se as seções do periódico apresentadas na propaganda:

Fora das histórias em quadrinhos, a nova revista VIDA JUVENIL apresenta contos de Ofélia e Narbal Fontes, e uma História da Mitologia, de Lausimar, ambos belissimamente ilustrados pelo professor da Escola Nacional de Belas Artes, Calmon Barreto. Quadros Brasileiros, em lindas páginas coloridas, de autoria de C. Paula Barros; seção de Matemática recreativa, do Prof. Mello e Souza; Seção de Mágicas e de curiosidades e, o que é principal, uma seção de artigos culturais, redigidos por professores e versando assuntos relacionados com os programas educacionais, embora apresentado em linguagem leve, tal como um artigo de revista. Esta é, pode-se dizer, a parte importante desta novel revista, que colocou a supervisão desta seção sob direção do professor Ney Palmeiro, competente educador. A grande surpresa para os jovens será a seção de brinquedos para armar, impressa em ótimo papel couché. Neste primeiro número VIDA JUVENIL oferece um lindo Castelo Medieval. (A Noite, 1949, ed. 13070, p. 8)

O excerto apresenta diversos elementos que constituem *Vida Juvenil*, ao mesmo tempo que legitima o seu surgimento e a sua relevância no contexto editorial. Oferece destaque a algumas seções, aos intelectuais participantes, com especial ênfase nos professores – como Carlos Marinho de Paula Barros e Júlio César de Mello e Souza –, e à “grande surpresa” da seção de brinquedos para armar, o que corrobora com a inferência de que *Vida Juvenil* objetivava atingir desde o público mais novo, a partir dos 12 anos, muito embora este tipo de conteúdo também pudesse ser consumido por crianças mais velhas e adolescentes. Conforme a propaganda, a Sociedade Gráfica Vida Doméstica “resolveu de um ano para cá interessar-se pela literatura infantil e juvenil”, com *Vida Infantil* e *Vida Juvenil*, o que justificaria, em partes, ambas as publicações, e oferece margem para questionar o motivo pelo qual a editora resolveu ampliar o público consumidor visado: por que apostar em uma revista para crianças e outra para jovens? Seriam públicos consumidores em ascensão? Haveria alguma lacuna no campo

ministrado em dois ciclos (sic). O primeiro compreenderá um só curso: o curso ginásial. O segundo compreenderá dois cursos paralelos: o curso clássico e o curso científico. Art. 3º O curso ginásial, que terá a duração de quatro anos, destinar-se-á a dar aos adolescentes os elementos fundamentais do ensino secundário. Art. 4º O curso clássico e o curso científico, cada qual com a duração de três anos, terão por objetivo consolidar a educação ministrada no curso ginásial (...). Assim, pode-se pensar em uma organização: o Ensino Primário iniciaria aos 7 e iria aos 12 anos e o Ensino Secundário, dos 12 aos 18/ 19 anos, sendo sucedido pelo Ensino Superior ou curso técnico, por volta dos 20 anos de idade.

editorial no que concernia ao público jovem? Ou, ainda, havia um investimento nesse tipo de publicação e a editora almejava acirrar a concorrência? Seria uma forma de dar continuidade ao legado de Gonçalves Fidalgo, criador da editora¹⁸? De todo modo, chamou a atenção da mídia na época o interesse repentino da Sociedade Gráfica Vida Doméstica em passar a publicar para crianças e jovens. Além disso, não é de se estranhar que *Vida Juvenil* apresentasse estratégias e composição que se aproximassem de *Vida Infantil*, fosse pelos colaboradores ou por meio dos tipos de seções, como as HQs e as de brinquedos para armar, haja vista seu sucesso no campo editorial para crianças.

Um primeiro olhar em *Vida Juvenil* permite identificar uma revista de boa impressão, capa colorida e formato adequado para leitura e transporte rápidos, apesar da quantidade considerável de páginas. O periódico seguia composição regular, de modo que, até junho de 1951, foi publicada mensalmente, com uma média de 28 seções, muitas delas fixas, distribuídas em cerca de 76 páginas. A partir de julho daquele ano, contudo, a revista passou a ser quinzenal, reduzindo o formato de 76 para 60 páginas, em média. Observe-se a quantidade de páginas e a periodicidade da revista durante o seu ciclo de vida:

Quadro 2 – Ano, edições publicadas, média de páginas e a periodicidade da revista durante o seu ciclo de vida (1949-1959)

Ano	Edições publicadas	Média de páginas	Periodicidade
1949	12	76	Mensal
1950	12	76	Mensal
1951	18	Entre 52 e 60	Até junho, mensal; a partir de julho, quinzenal
1952	24	Entre 52 e 64	Quinzenal
1953	23 ¹⁹	Entre 56 ²⁰ e 64	Quinzenal
1954	24	Entre 56 e 72	Quinzenal

¹⁸ De acordo com o *site Family Search* (familysearch.org), estima-se que Jesus Gonçalves Fidalgo nasceu em 1884, na Espanha. Seu falecimento, aos 64 anos, em 01 de junho de 1948, contudo, é bastante marcado pelas homenagens prestadas por familiares e amigos quando do anúncio das Missas de Sétimo Dia e de Um Ano, no âmbito de periódicos diários de grande circulação, à época, como *A Noite* e *Correio da Manhã*. Conferir discussão realizada sobre a Sociedade Gráfica Vida Doméstica no tópico 1.2 deste capítulo.

¹⁹ Não houve publicação relativa à segunda quinzena de janeiro.

²⁰ A partir de abril de 1953, *Vida Juvenil* passa a publicar a *Revista do Clube Juvenil Toddy* na condição de suplemento, o que impacta na divisão das páginas: o conteúdo específico da revista matriz passa a compreender 56 páginas e o conteúdo do suplemento, 8, totalizando 64 páginas de material, como um todo.

1955	24	Entre 64 e 72	Quinzenal
1956	17 ²¹	Entre 64 e 72	Até julho, quinzenal; de agosto a dezembro, mensal
1957	18	72	Até agosto, quinzenal; a partir de setembro, mensal
1958	11 ²²	48, em sua maioria	Mensal
1959	6	32	Mensal (entre fevereiro e julho, quando do encerramento da revista)

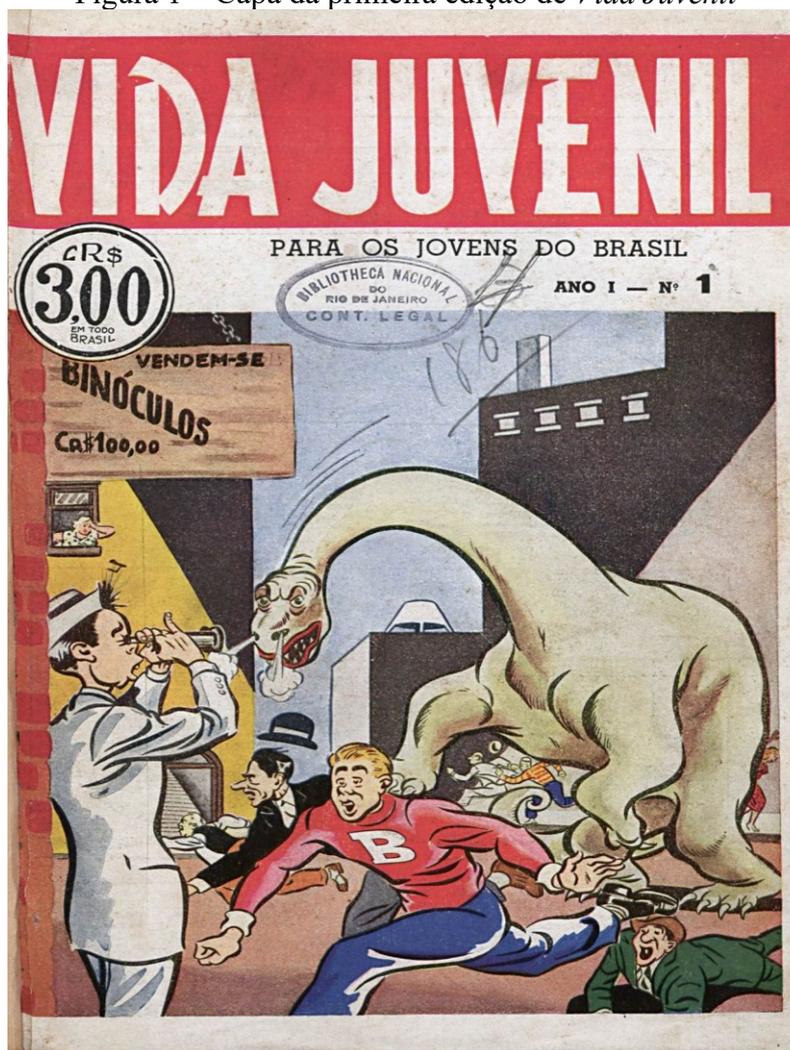
Fonte: Quadro elaborado pela autora tendo como base pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN), 2023.

A capa da primeira edição, de 1949, corrobora um dos comentários da propaganda do *A Noite* ao assinalar que a juventude seria a “fase da aventura”:

²¹ Salienta-se que a edição 153, referente ao mês de novembro de 1956, parece ter sido publicada pela revista, mas não consta no banco de dados da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional.

²² Não houve publicação no mês de setembro.

Figura 1 – Capa da primeira edição de *Vida Juvenil*



Fonte: *Vida Juvenil*, jan. 1949, ed. 1, capa. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

De janeiro de 1949, mês e ano de seu lançamento, até a edição 83, de 15 de setembro de 1953, a revista lançou mão de um subtítulo temático – “para os jovens do Brasil” – o que leva a crer que o público-leitor almejado seria composto de jovens de qualquer parte do país de ambos os sexos. Aqui, observa-se certa homogeneização dos jovens do Brasil por parte da retórica dos editores: todos os jovens, cuja faixa etária não é ressaltada²³, mas que se estima entre 12 e 18 anos, levando-se em consideração as indicações observadas nas Leis Orgânicas do Ensino Primário e Secundário. Este grupo social poderia se interessar e ter condições de consumir *Vida Juvenil*. Contudo, cabe problematizar essa homogeneização. Será que, de fato, todos os jovens brasileiros teriam ou gostariam de ter a possibilidade de consumo? Será que o

²³ A partir da edição de número 182, de novembro de 1958, contudo, passa a ser indicada, na capa, a idade do público visado: “para maiores de 14 anos”.

próprio corpo editorial almejava ser consumido por toda a massa juvenil brasileira? A correspondência realizada entre leitores, editores e colunistas permite delinear o público consumidor. Além da seção intitulada *Correspondência*, era costumeiro dividir os assuntos pelas seções, como *Assuntos da seção "Pense e Acerte"* e *"A Matemática Sorri para Você"*. Havia, ainda, *Página de Todos e de Tudo*, que contava com sugestões e comentários dos leitores sobre todos os assuntos e ainda oferecia a recompensa de um vale postal de Cr\$20,00 para quem colaborasse. As partes de correspondência tinham objetivos diversos, como os de responder a perguntas enviadas, premiar e mostrar a colocação dos leitores em alguma competição ou destacar aqueles que enviaram a resposta de uma pergunta realizada na edição anterior, como no exemplo a seguir:

Figura 2 – Seção *Correspondência*

VIDA JUVENIL Abril-1949 — Pág. 31

CORRESPONDÊNCIA

VENCEDORES DO PROBLEMA «PITUCA»

1º Lugar: — Norberto De Vivo — rua Joaquim Távora, 1373 — S. Paulo.
 2º Lugar: — Norberto Nunes — rua Alfredo Moraes, 74 — Rio.
 3º Lugar: — Neyde Corrêa de Farias — rua Caçapava, 175 — Rio.
 4º Lugar: — Filomena Mariano — Av. Presidente Vargas, 652 — Colatina — Esp. Santo.

Solução: Pa — Riba — Atar — Pula — Ocar — Sarau — Ar — Pituca — Abalar — Arara — Raposia — Ur.

Solucionistas do Problema «Pitucas»:
 Francisco Herrero — S. P.
 Walter Brasiliense — Rio
 Shuñiro Makamoto — S. P.
 Rodolfo Werneck — Curitiba
 Pincus Rakowski — S. P.
 Marlene Arduino — S. P.
 Luiz Roberto Brayner Nunes — S. P.
 Stella D'alva Bastos Seabra — S. P.
 Luciano Lemos Muniz Cruz — Pernambuco
 Eduardo Pedreca — S. P.
 Constantino Kojir — S. P.
 Neri — S. P.
 Carlos Augusto T. Aguiar — Sergipe
 Ana Maria Belshausser — Rio
 Wladimir Ribeiro — S. P.
 Simon Dahan — Rio
 Luiz Rodvil Rassi — S. P.
 Salomão Szulman — S. P.
 Rubens Fernandes — Rio
 Evan — S. P.
 Elizabeth Hunyedy — Rio
 Arnaldo D. de Souza — Bahia
 Luiz Carlos de Barros Arruda — S. P.
 Ana Maria Viana da Silva — Rio
 Manoel José de Almeida — Rio
 Antonio Ferreira — Rio
 Paulo Roberto de Barros Arruda — S. P.
 Ana Maria Siqueira de Oliveira — Rio
 Antonio C. Maciel — S. P.
 Aroldo Tissot — Curitiba
 Burkhard Cordes — S. P.
 Zelza Jardim Toledo — Rio
 Beniamin Faive! Altrbuler — S. P.
 Benedito Jair da Silva Martins — S. P.
 Creudete de Oliveira Ferreira — Rio
 Celso José Alves — Rio
 Daynes Alves Coutinho — Rio
 Eleziel da Silva Duarte — Rio
 Filomena Mariano — Esp. Santo
 Francisco Ximenes (FAX) — Rio
 Fernando de Barros Corrêa — R. G. do Sul
 Garibaldi Santos Loureiro — S. P.
 Francisco Alves Outique — Est. R. J.
 Ernesto Sgorlon — S. P.
 Glauco Ferreira Lobato — Rio
 G. Machado — Goiás

◆

CAFÉ

Você sabia que o café tem as seguintes denominações no países abaixo:

Inglaterra	Coffee
Alemanha	Kaffeebaum
Itália	Caffè
Espanha	Café
Abissínia ou Etiópia	Buna
Egito	Bon
Síria	Caava
Pérsia	Cahna
Turquia	Chore
Holanda	Koffy
França	Caffayer

◆

VENCEDORES DA LETRA MENSAL «V»

1º Lugar: — Zelza Jardim Toledo — rua Caruarú, 464 c/7 ap. 102 — Rio.
 2º Lugar: — Antonio Srerandio (EVAN) — rua Mal. Deodoro, 767 — Piracicaba.
 3º Lugar: — Maria do Carmo Costa — rua Coronel Soares, 471 — Nilópolis.
 4º Lugar: — Stela D'Alva Bastos Seabra — rua S. Sebastião, 904 — Mirassol.

Solucionista da Letra «V»:
 Sonia Anunes — Rio
 Stela D'Alva Bastos Seabra — S. P.
 Raymundo Miguel Saraiva — Rio
 Armando Ferreira Pontes — M. G.
 Luiz Rodovil Rassi — S. P.
 Waldir Nascimento — S. P.
 EVAN — S. P.
 Maria do Carmo Costa — E. R. J.
 Raul Gouvea Hummel — Paraná
 Zelza Jardim Toledo — Rio.
 Nhô Carlinhos — Rio.

◆

ÉTICA PROFISSIONAL

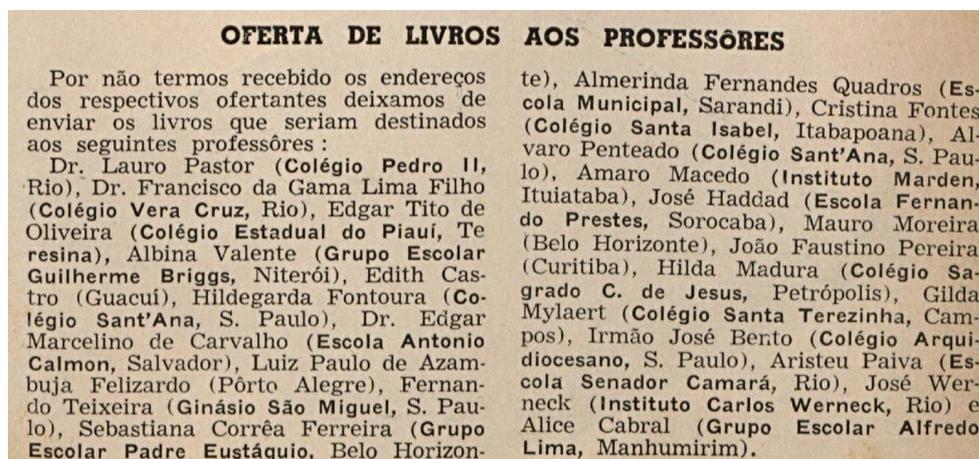
Cartas num barbeiro de princípios rígidos: — Corte do cabelo, 10 cruzeiros, se o cliente não ficar satisfeito devolve-se o cabelo.

As soluções dos Problemas deste número deverão ser enviadas até o dia 1º de Maio, para: VIDA JUVENIL. — "Pense e Acerte". Cz. Postal 2981. Se você não quiser cortar a revista reproduza o desenho e ccle em cada solução um dos símbolos do canto da página. Qualquer consulta ou remessa de colaboração deverá ser remetida para o endereço acima.

Muitos eram os nomes e as cidades citadas, sendo a maior parte dos correspondentes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Apesar da ênfase no sudeste, *Vida Juvenil* parecia ter abrangência nacional, haja vista a inserção de pessoas do Rio Grande do Sul, Paraná, Goiás, Bahia, Pernambuco e Sergipe, nessa edição, o que pressupõe certa aceitação da revista recém-lançada por parte de alguns jovens do país.

Todavia, nem só por leitores jovens *Vida Juvenil* era prestigiada; havia, também, professores colaboradores e correspondentes. Os colaboradores não se restringiam àqueles que tinham seção fixa; havia os “ocasionais”, os que enviavam artigos para compor duas seções coordenadas pelo professor Ney Cidade Palmeiro²⁴. O referido docente foi colaborador assíduo da revista durante sua primeira fase (1949-1951), e os professores que enviassem e tivessem seus artigos aceitos receberiam recompensa em dinheiro. Já os professores correspondentes eram aqueles cujos nomes e as escolas onde trabalhavam puderam ser identificados no âmbito da correspondência na revista, como observável na figura a seguir:

Figura 3 – Professores correspondentes²⁵



Fonte: *Vida Juvenil*, abr. 1950, n. 16, p. 37. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Veem-se nomes de professores de colégios de diversos estados, como Rio de Janeiro, São Paulo, Piauí, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraná, o que reforça a hipótese de consumo de *Vida Juvenil* para além do seu local de produção. Tendo em vista o alcance da

²⁴ Trata-se de duas seções: 1) *Lendo e Aprendendo*, que circulou de 1949 a 1951; e 2) *Escrevem os Professores*, veiculada apenas durante o ano de 1951 (de janeiro a dezembro). Ambas ofereciam recompensa em dinheiro aos colaboradores cujos textos fossem aceitos. Importa destacar, ainda, que um dos tópicos do segundo capítulo da tese versará no coordenador das seções, Ney Cidade Palmeiro, compreendido como intelectual mediador.

²⁵ Apesar do esforço, não foram localizados os nomes dos livros oferecidos aos professores.

revista, cabe questionar o teor tão universalista e homogêneo do jovem retratado nela. Por que não havia o recorte explícito de faixa etária, sexo, gênero e classe? Para não correr o risco de perder leitores que, em um primeiro momento, não seriam considerados visados pelo corpo editorial? Ou era prática da época não fazer esse recorte? De todo modo, ao folhear as páginas do periódico, um novo recorte pode ser feito: jovens escolarizados. Muitos professores escreviam na revista, como Júlio César de Mello e Souza (Malba Tahan), Carlos Marinho de Paula Barros e Ney Cidade Palmeiro, o que evidencia a expressiva quantidade de conteúdos educativos e instrutivos de sua primeira fase (1949-1951)²⁶. Para tanto, como forma de ilustrar a composição do periódico, de maneira geral, e o espaço de conteúdos instrutivos, elaborei o quadro 3:

Quadro 3 – Quantidade de seções, por teor de conteúdo e por ano, ao longo do ciclo de vida *Vida Juvenil* (1949-1959)

Ano²⁷	De entretenimento	Educativo/ moralizante	Instrutivo/ de conhecimento útil e escolar	Híbrido (entre dois ou três assuntos)²⁸
1949	Variava entre 5 e 9, por edição	Cerca de 3, por edição	Cerca de 3, por edição	Cerca de 8, por edição
1950	Entre 2 e 8, por edição	Entre 3 e 7, por edição	Entre 0 e 5, por edição	Entre 5 e 10, por edição

²⁶ Os termos “educar” e “instruir”, apesar de próximos, diferem em sentido. Conforme a etimologia das palavras, “educar provém do latim (...) e possui a ideia de conduzir” (Souza, 2019) e sua concepção pode ser associada ao movimento do Iluminismo (século XVIII) e à ideia de progresso; já “instruir (...) tinha, no vocabulário militar, o significado de equipar e, no Latim Imperial, o de informar, dar ciência, fornecer conhecimentos úteis” (Souza, 2019, p. 49-50). É à luz de tais concepções, isto é, a de que educar carrega o sentido de conduzir e instruir, o de fornecer conhecimentos úteis, que analiso *Vida Juvenil*. Para aprofundamento, conferir Souza (2019), Barbosa-Lima, Castro & Araújo (2006) e Faria Filho (1995). No que concerne à divisão entre as fases de *Vida Juvenil*, a primeira, de 1949 a 1951, se refere ao padrão e à manutenção das seções, com poucas variações, e, também, ao fato de ser uma fase de surgimento e busca pela consolidação da revista no mercado, tanto que é em 1951 que o periódico passa a ser quinzenal, o que demonstra certa consolidação no espaço editorial.

²⁷ Foram analisadas todas as seções ao longo do ciclo de vida do periódico.

²⁸ A despeito de o termo “híbrido” advir do campo da Biologia, se referindo a um “cruzamento genético entre duas espécies vegetais ou animais distintos, que geralmente não podem ter descendência devido aos seus genes incompatíveis” (Wikipédia), seu uso tem sido frequente em diferentes campos e com diferentes usos. Ressalta-se a teoria do hibridismo romanescos do filósofo russo Mikhail Bakhtin (1895-1975), cujo termo se refere, de maneira superficial, à mescla entre línguas diferentes, na condição de um fenômeno linguístico-cultural. Destacam-se, também, as obras *Culturas híbridas* (1990), do antropólogo e crítico argentino Néstor García Canclini (1939), e *Hibridismo cultural* (2010), do historiador inglês Peter Burke (1937). No âmbito da tese, contudo, o sentido atribuído ao vocábulo “híbrido” é o de uma mistura de diferentes objetivos e/ou áreas do conhecimento quando da configuração de uma seção na revista em análise. Em outras palavras, significa que, em alguns casos, em uma mesma seção de *Vida Juvenil*, era possível encontrar aspectos moralizantes, que lançavam mão da exposição de conteúdos escolares e/ou que visassem gerar graça ou riso no leitor, de forma a diverti-lo.

1951 ²⁹	Entre 3 e 8, a cada duas edições	Entre 1 e 7, a cada duas edições	Entre 0 e 4, a cada duas edições	Entre 5 e 18, a cada duas edições
1952	Entre 7 e 13, a cada duas edições	Entre 1 e 7, a cada duas edições	Entre 1 e 4, a cada duas edições	Entre 8 e 13, a cada duas edições
1953	Entre 3 e 17, a cada duas edições	Entre 1 e 8, a cada duas edições	Entre 0 e 3, a cada duas edições	Entre 4 e 11, a cada duas edições
1954	Entre 8 e 15, a cada duas edições	Entre 2 e 12, a cada duas edições	Entre 0 e 5, a cada duas edições	Entre 4 e 10, a cada duas edições
1955	Entre 1 e 6, a cada duas edições	Até 2, a cada duas edições	Entre 1 e 3, a cada duas edições	Entre 2 e 7, a cada duas edições
1956 ³⁰	Entre 2 e 5, a cada duas edições	Cerca de 1, a cada duas edições	Cerca de 1, a cada duas edições	Entre 4 e 7, a cada duas edições
1957 ³¹	Entre 3 e 5, a cada duas edições	Cerca de 1, a cada duas edições	Cerca de 1, a cada duas edições	Entre 3 e 6, a cada duas edições
1958	Entre 3 e 9, por edição	Cerca de 1, por edição	Cerca de 1, por edição	Entre 1 e 5, por edição
1959 ³²	Cerca de 4, por edição	Cerca de 3, por edição	Não há	Cerca de 1, por edição

Fonte: Quadro elaborado pela autora tendo como base pesquisa realizada na HDB/FBN, 2023.

A partir da leitura do quadro 3, nota-se a relevância atribuída ao entretenimento, uma vez que seções com esse cunho compreendiam grande parte dos conteúdos veiculados na revista

²⁹ Ano em que *Vida Juvenil* começa a ser comercializada quinzenalmente (a partir de julho), o que aumenta a quantidade de seções.

³⁰ Não constam os meses de março e novembro. Ademais, os meses de agosto, outubro e dezembro não contam com duas edições mensais, apenas uma.

³¹ Nos meses de maio e junho houve a publicação de apenas um número. Já a partir de setembro de 1957, a revista volta a ser mensal.

³² Não há publicação no mês de janeiro de 1959. Em julho, é publicado o último número (189) de *Vida Juvenil*.

em comparação com a quantidade de seções de teor diferente. Contudo, as híbridas, que envolviam “aprendizados úteis” e de formação geral do leitor, isto é, instrutivos ou educativos, não eram poucas; pelo contrário, em muitos casos, tais seções evidenciavam-se em maior quantidade.

Importa observar as características do que se tem considerado produção de entretenimento, produção híbrida, educativa/ moralizante e instrutiva/ de conhecimentos úteis e escolares. Compreende-se como de divertimento as Histórias em Quadrinhos, por excelência, principalmente aquelas que lançavam mão de super-heróis e temas de aventura, conforme exemplo a seguir:

Figura 4 – *Bill Tempestade* (HQ)

Fonte: Vida Juvenil, jan. 1958, n. 173, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

A leitura da primeira página da História em Quadrinhos em tela já permite saber que ela possui um vilão, um herói, que, inclusive, é quem dá nome ao título, e uma mocinha a ser salva, receita típica de uma HQ que buscasse apenas entreter os leitores de *Vida Juvenil*. Entretanto,

as HQs da revista nem sempre visavam apenas divertir. Havia aquelas de caráter híbrido que, apesar do formato em HQ, intentavam, também, passar um conteúdo educativo, moralizante ou instrutivo, como nos exemplos a seguir:

Figura 5 – *Artur* (HQ)



Fonte: Vida Juvenil, 01 jan. 1955, n. 114, p. 65. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

O nome da HQ (*Artur*) e o título do episódio (*Um rapaz estudioso*) demonstram parte dos objetivos vislumbrados, qual seja, o de criar uma identificação e influenciar, na medida do

possível, o leitor a ser, também, um jovem estudioso. A identificação se daria pelo fato de usarem um nome próprio existente que poderia, inclusive, ser o nome de alguns dos leitores da revista, o que difere de nome típicos de HQs, como “Bill Tempestade” ou “Batman”. Além disso, o fato de o personagem protagonista, Artur, precisar correr pois precisava estudar para as provas parciais também poderia construir um diálogo com o jovem leitor em processo de escolarização, já que ele mesmo poderia ter realizado provas parciais ao longo da vida. Do mesmo modo, tal fragmento pode ser visto como um caminho de influência para que o leitor estudasse, além do título bastante específico que visaria inculcar um modo de comportamento.

Observe outro exemplo concernente à circulação de conteúdos moralizantes e que, de alguma maneira, tivessem uma lição de vida a ensinar:

Figura 5 – C.B. (HQ)

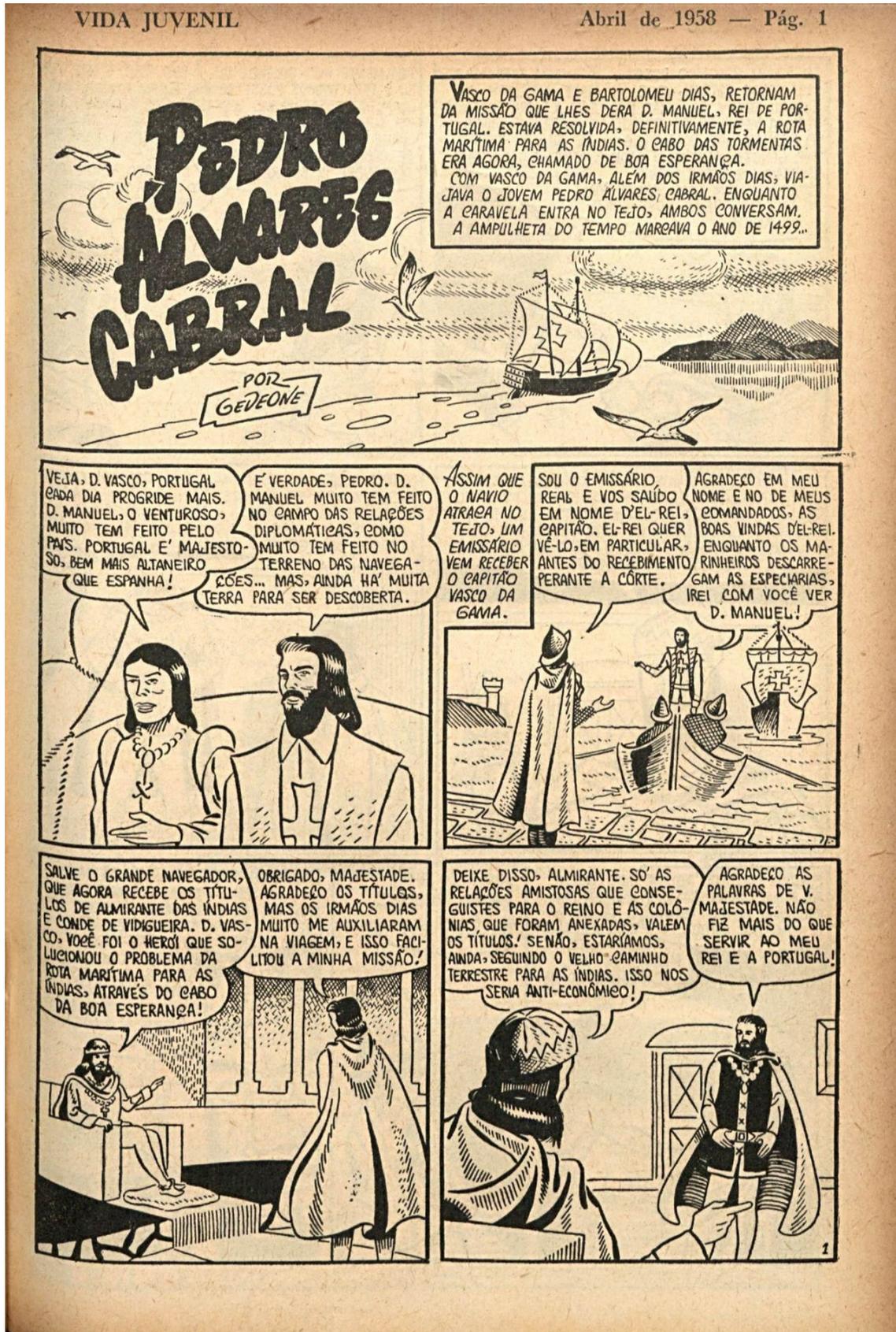


Fonte: Vida Juvenil, 01 jun. 1952, n. 53, p. 23. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

A leitura do retângulo em vermelho indica o valor moral apregoado: o da gratidão e da “verdadeira felicidade”. Por meio de uma historieta contada em quadrinhos, *Charles Biro* passava diversas lições sobre a vida e sobre como viver em sociedade, o que demonstra que as HQs podiam atuar com diferentes propósitos no âmbito de *Vida Juvenil* e não o de apenas divertir sem ensinar nada de “útil” ao leitor.

Ainda com o propósito de demonstrar a versatilidade das HQs no periódico, observe-se a figura a seguir:

Figura 6 – Pedro Álvares Cabral (HQ)



Fonte: Vida Juvenil, abr. 1958, n. 176, p. 1.

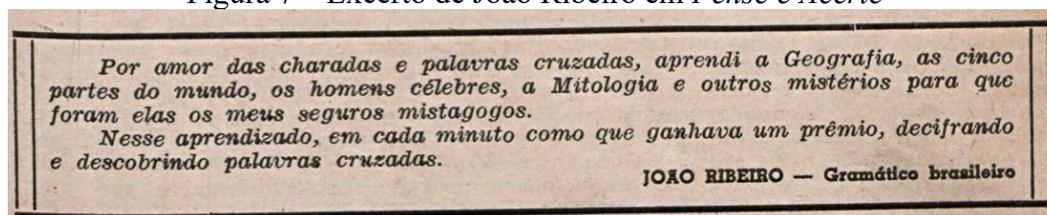
Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

A HQ, como o próprio título já induz à compreensão, trata de parte da vida do “grande navegador” Pedro Álvares Cabral. A historieta, assim como outras seções da revista que tratam de História Geral e do Brasil, apresenta uma história associada, na contemporaneidade, à História tradicional, por meio da qual são salientados os “grandes feitos” de “grandes heróis” em “grandes momentos da Histórias”, como o período das Grandes Navegações³³.

As seções híbridas recorrentes na primeira fase de *Vida Juvenil* (1949-1951) eram *Histórias Acontecidas*, *Divertimentos e Diabruras*, *Heróis da Vida Real*, *Pense e Acerte*, *30 segundos de curiosidades*, *Lendo e Aprendendo* e *Quem Somos?*. O caráter divertido funcionava segundo uma estratégia para chamar a atenção do leitor, como em *Divertimentos e Diabruras*, *30 segundos de curiosidades*, *Heróis da Vida Real* e *Pense e Acerte*, de modo que esta última vinha com o subtítulo “palavras-cruzadas, charadas, curiosidades, adivinhações”, com o intuito de garantir que um leitor mais curioso se interessasse por ela.

Ainda sobre essa seção, merece destaque a observação presente ao final da primeira página da edição número 1, de janeiro de 1949:

Figura 7 – Excerto de João Ribeiro em *Pense e Acerte*



Fonte: *Vida Juvenil*, jan. 1949, ed. 1, p. 49. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

O excerto de João Ribeiro³⁴ esclarece algumas intenções implícitas e explícitas por parte dos intelectuais envolvidos em sua veiculação, como o incentivo ao estudo de diferentes conteúdos para resolver charadas e palavras cruzadas e a ideia de que o próprio ato de realizar tais atividades já seria uma recompensa – sem a necessidade de se ganhar um prêmio de fato – e um “ato de amor”. Esse tipo de excerto sugere o modo de operação de *Vida Juvenil*: a existência do lúdico e divertido não se justificava por si só; postulava-se um teor pedagógico

³³ Também chamado de A Era dos Descobrimentos, refere-se “ao período da história que decorreu entre o século XV e o início do século XVII, durante o qual, inicialmente, portugueses, depois espanhóis e, posteriormente, alguns países europeus exploraram intensivamente o globo terrestre em busca de novas rotas de comércio” (Wikipédia).

³⁴ João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes (1860, SE – 1934, RJ) foi professor, historiador, escritor, filólogo, folclorista, crítico literário, jornalista e poeta, tendo produzido, inclusive, para crianças. Ocupou a cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras. Foi importante correspondente entre questões relativas à educação no exterior e o Brasil, tendo realizado viagens comissionadas pelo governo brasileiro para tal fim. Mais informações, conferir a tese de Silva (2022).

agregado, fosse por meio do ensino de conteúdos escolares ou importantes para o âmbito social, de maneira geral. Esse tipo de operação – o de associar conteúdo pedagógico com a abordagem lúdica – pode ser identificado em *Vida Infantil*, o que também sugere que ambas as revistas seguiam um padrão editorial semelhante. Nesse sentido, uma estratégia observável em ambas as revistas é a ideia das *curiosidades úteis/ educativas*. Ao passo que em *Vida Infantil* havia *As crianças precisam saber*, em *Vida Juvenil* havia *30 segundos de curiosidades*:

Figura 8 – Seção *As crianças precisam saber*, de *Vida Infantil*

AS CRIANÇAS PRECISAM SABER — que a Terra tem dois movimentos distintos: o de rotação, em que ela roda em volta de si mesma e o de translação, em torno do sol. O dia e a noite são produzidos pelo movimento de rotação, isto é, diz-se que é dia em certo ponto da Terra, quando este ponto está voltado para o Sol e, noite, quando ele está no ponto oposto ao Sol.

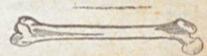
O movimento de translação traz como consequência as quatro estações: Verão, Inverno, Outono e Primavera.



AS CRIANÇAS PRECISAM SABER — que Liteiras, carros de boi, carruagens puxadas a cavalo, bondes de burro foram meios de transportes no Rio antigo.

AS CRIANÇAS PRECISAM SABER — que a Santa Casa da Misericórdia, o Jardim Botânico, a Biblioteca Nacional existem desde que o Brasil era Colônia de Portugal.

AS CRIANÇAS PRECISAM SABER — que o corpo humano é sustentado por uma armação de ossos chamada esqueleto. O maior osso do esqueleto é o fêmur, que fica na coxa.



AS CRIANÇAS PRECISAM SABER — que o Brasil é grandemente dotado de quedas d'água e, se aproveitássemos toda a força que delas poderíamos obter, centenas de cidades seriam beneficiadas com a luz elétrica.



AS CRIANÇAS PRECISAM SABER — que a borboleta é um inseto que desde que nasce até criar suas belas asas se modifica muito de forma. Dá-se com a borboleta o que chamamos de metamorfose.

Muitas vezes, ao admirarmos as belas cores das azas de uma borboleta, não nos lembramos que ela já foi "lagarta", que ataca as plantações, passando depois a "ninfa" para, por fim, libertar-se e voar.



Fonte: *Vida Infantil*, dez. 1947, ed. 1, expediente. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Figura 9 – Seção *30 segundos de curiosidades*, de *Vida Juvenil*



ORGANIZADA POR ARTUR DE CASTRO BORGES

Floriano Peixoto nasceu em Ipioca (Alagoas) em 30 de Abril de 1839. Praça voluntária em 1857, já em 1865 era capitão, participante da guerra contra o Paraguai e figura destacada em Estero Bellaco, Tuyuty, Laurelas e Timbó. Como major, distinguiu-se em Itororó, Achay e Lomas Valentinas e na rendição de Angustura. As jornadas de Peribeby (1869), Campo Grande e a deradeira, de 1º de Março de 1870, tiveram-no como uma das mais heróicas figuras. Bacharelou-se em ciências físicas e matemáticas em 1872. Tendo Deodoro renunciado, foi eleito segundo presidente da República Brasileira.



O TERMÔMETRO DE TORRICELLI — Grandes descobertas foram feitas por acaso. Dizem que Torricelli teve a intuição do termômetro quando dissolvia açúcar em uma xícara com um tubo de vidro.

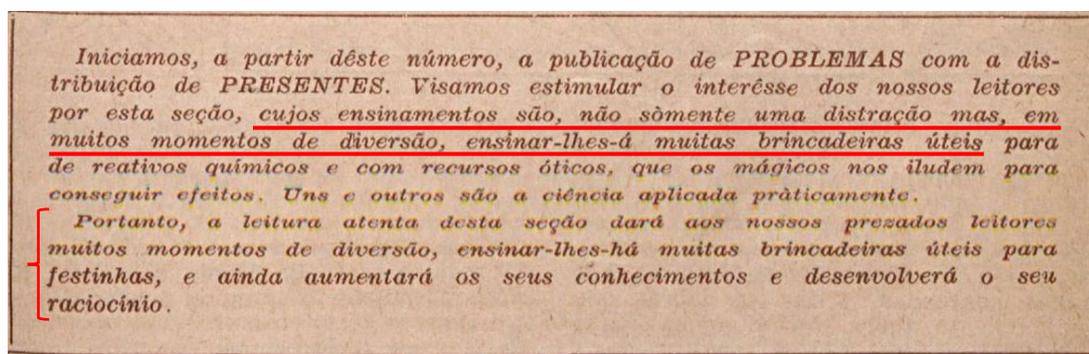
◆ As cobras não conseguem fechar os olhos. Por que? Porque não têm pálpebras.

Fonte: *Vida Juvenil*, jan. 1949, ed. 1, p. 51. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

As curiosidades consistiam em uma forma de ensinar conteúdos diversos de maneira leve e divertida aos públicos mais jovens, como crianças e adolescentes. Afinal, como explicar os movimentos de rotação e translação da Terra para as crianças de uma forma mais agradável? Ou falar sobre a vida de Floriano Peixoto para adolescentes de uma maneira mais acessível? As seções de curiosidades e conhecimentos gerais pareciam ocupar esse lugar e eram frequentes em *Vida Juvenil*.

A seção *Divertimentos e Diabruras* não se afastava das outras duas destacadas, principalmente ao se observar parte de suas concepções basilares:

Figura 10 – Concepções de *Divertimentos e Diabruras*



Fonte: *Vida Juvenil*, jul. 1949, ed. 7, p. 13. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

O caráter híbrido de formação da seção reflete essa característica por parte da revista como um todo: o de educar/ passar ensinamentos com uma dose de diversão e outra dose de seriedade. Com frequência, os colaboradores de *Vida Juvenil* reforçavam os objetivos da revista, que, em grande parte, incorriam na colaboração com a formação integral dos jovens leitores, buscando orientá-los por um “bom caminho”, conforme o ideário do grupo editorial.

Outra forma de prezar pela educação de maneira mais chamativa ocorria por meio das *ilustrações* em seções, cuja ênfase não era o entretenimento, mas sim o ensinamento de conteúdos pedagógicos, como em *Histórias Acontecidas*:

Figura 11 – Seção *Histórias Acontecidas*

Fonte: Vida Juvenil, jan. 1949, ed. 1, p. 7. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

O título e a ilustração referem-se às conquistas do Capitão Sapata, suposto capitão italiano que foi enviado a Potosí, na atual Bolívia, para explorar as minas da região. No desenrolar da história, conta-se que o Capitão Sapata, que sempre fora “de ânimo forte e tinha uma boa estrela”, encontrou um lugar até então não explorado que apresentava alta concentração de prata. Assim, ficou rico e retornou ao seu lugar de origem. Contudo, Sapata não era nem italiano, nem espanhol: era turco e, por isso, conforme os autores explicam, não era católico, “apesar” de ser uma “boa pessoa”. Ao final, um dos amigos espanhóis de Sapata, que, na verdade, se chamava Emir Sigala, acabou se tornando escravizado por conta de um ataque contra a cidade de Cádiz, na Espanha, onde vivia. Rodrigo Peláez, o espanhol escravizado, foi comprado por Sigala que, ao descobrir o ocorrido, tratou de tirar Peláez daquela situação e lhe conceder a liberdade de volta, permitindo seu retorno à Espanha “após alguns

dias de esplêndido passadio no palácio, (...) levando novamente muito ouro, ricas roupagens e mais presentes de seu sempre generoso amigo o rei de Argel – antigo Capitão Sapata!” (Vida Juvenil, jan. 1949, p. 14).

A ilustração e a narrativa mostram o modo como se busca retratar a personalidade destacada: um capitão solidário, bondoso e que oferece ajuda àqueles que necessitam. Nota-se, assim, o duplo viés da seção, o de ensinar aspectos da História Geral, como a exploração realizada por europeus na América Latina, associada ao ensinamento de questões de valor e de caráter, como da amizade e da bondade. Contudo, a ilustração ocupava um espaço de destaque nesse sentido, haja vista o seu tamanho em relação à página e ao texto ao lado. As imagens não eram aleatórias; elas ocupavam um espaço importante, ampliando a narrativa verbal.

Na ilustração, destaca-se, em primeiro plano, um homem vestido como um guerreiro, com uniforme de guerra, luvas e empunhando uma espada. Seu semblante indica um homem determinado, com olhar direto que se fixa no leitor. Aparece ser alto, forte e musculoso. A imagem condiz com a patente do personagem – a de capitão.

Nesse sentido, o estudo de Cardoso (2008) ajuda a compreender a relevância da ilustração no âmbito dos impressos, em especial das revistas ilustradas. Ao tratar da história do Design Gráfico, o autor ressalta que o século XIX passou por profundas transformações no que concernia à produção e à difusão de conteúdos visuais. Até então, as gravuras eram materiais muito caros e pouco acessíveis, principalmente para se estampar em um impresso, que, por sua vez, também tinha um alto custo de produção. Com a introdução de máquinas no processo de fabricação do papel, o seu preço começou a diminuir e seu consumo pôde ser mais difundido. A partir de 1830, em especial na Europa, houve, então, a conformação da indústria gráfica, cujo surgimento esteve “associado intimamente ao imenso crescimento dos centros urbanos no período moderno, o que suscitou demandas inéditas em termos de comunicação de informações” (p. 3). Tais demandas se relacionam, também, à troca de bens simbólicos e materiais, concretizado na expansão do comércio de objetos e serviços que, ao longo da segunda metade do século XIX, passou a exigir elementos de comunicação visual, como

rótulos, embalagens e etiquetas para identificar produtos; folhetos e panfletos para divulgar informações; impressos comerciais (apólices, notas fiscais, papel timbrado, cartões de visitas) para caracterizar firmas; cartazes e reclames para anunciar eventos e mercadorias (Cardoso, 2008, p.3).

O barateamento e a maior facilidade no processo de produção industrial do papel e, por conseguinte, dos materiais impressos, como livros, jornais e revistas, também implicou em uma maior acessibilidade das camadas sociais menos favorecidas em consumir esses materiais,

principalmente pela manutenção do ideário de serem objetos de desejo, deleite e distinção, de maneira geral. De acordo com Cardoso (2008),

Um bom exemplo disso está na apaixonante cultura de revistas ilustradas que surgiu na segunda metade do século XIX e que continua a prosperar até hoje em um sem-número de títulos voltados para todos os interesses. Aliás, não é exagero afirmar que as revistas ajudaram a definir a própria noção que hoje fazemos de categorias, gêneros e segmentos sociais, através do direcionamento de cada periódico a um público diferente: revistas femininas, masculinas, de notícias, de moda, de comportamento e outras ainda mais especializadas. O Brasil tem uma longa e rica tradição de revistas ilustradas, iniciada ainda na primeira metade do século XIX. Dentre as mais antigas e mais importantes estão a *Semana Ilustrada*, de Henrique Fleuiss, que circulou entre 1860 e 1876, e a *Revista Ilustrada*, de Ângelo Agostini, que circulou de 1876 a 1898. (p. 3-4)

A ilustração ocupava, então, espaço de destaque no âmbito dos impressos periódicos, dando origem a um dos principais termos na área: revista ilustrada. Não causa surpresa *Vida Juvenil* lançar mão de tantas imagens em suas páginas, fosse para fins de propaganda, fosse para compor as seções.

Outro modo de se aliar dois ou três elementos considerados relevantes pelos editores, e que também apresentava ilustrações diversas, ocorria a partir das Histórias em Quadrinhos (HQs), que possuíam presença de destaque no periódico. Historicamente, as HQs possuíam o *status* de “literatura inferior”, no sentido de não serem apreciadas pelo público adulto, por serem vistas como mero passatempo e de aspecto simplório e, até mesmo, pernicioso. Rosa (2002) destaca que “nos anos cinquenta as estatísticas policiais de assassinatos e delinquência apontavam a situação econômica, o ‘mau’ cinema, o ‘mau’ rádio, as histórias em quadrinhos e os álbuns de figurinhas como fontes de degenerescência da infância e da juventude” (p. 110). Apesar disso, houve uma guinada quanto à compreensão e aos possíveis usos das HQs para esse público, uma vez que seu aspecto, os personagens, os super-heróis e as ilustrações passaram a servir para outros fins, como o de educar e moralizar pela diversão. As HQs, em certa medida, passaram a compor um rol de produções culturais e de lazer que tencionavam fiscalizar a ética e a moral da juventude.

Nessa direção, Lima (2022, p. 344) elucida que alguns olhos juvenis já se interessavam por informações diversas e atividades de lazer para além da escola, por meio de periódicos e boletins dos séculos XVIII e XIX, em particular. Por isso,

Não era incomum ver jovens no entorno de grupos de adultos rindo diante de imagens ridicularizadas de seus governantes nos jornais. Os periódicos foram

a base de sustentação de uma nova relação entre letramento, consumo e imagens [, além de terem sido marca de uma sociedade em modernização e civilização]. (...) Jovens e adultos, letrados e iletrados, acompanhavam os jornais, seja pela possibilidade de leitura de seus discursos escritos, seja observando a leitura alheia e as divertidas imagens que vinham com ela. Ler palavras exigia uma educação muito mais formal que ler desenhos. (Lima, 2022, p. 344)

Cabe pensar em *alguns* jovens leitores, uma vez que o índice de analfabetismo no início do século XX, no Brasil, beirava os 70% da fatia populacional acima dos 15 anos e o índice de escolarização era baixíssimo (Galvão, 2002)³⁵. E eram esses jovens que começaram a se aproximar e demonstrar apreço por esses tipos de produção considerados rápidos e eficientes. Ainda no que concerne ao quadro de analfabetismo, no Brasil, em meados do século XX, o Anuário Estatístico do Brasil de 1953, elaborado e publicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, demonstra que, no censo de 1950, houve o registro de uma população de 51.944.397, dos quais 389.762 estariam matriculados no ensino secundário. Os dados mostram que apenas cerca de 0,7% da população estava no ensino secundário, em 1950³⁶.

A rapidez se refere à velocidade com que se lia e compreendia charges e quadrinhos advindos de jornais diários; e eficiente se refere ao fato de que tais publicações, em especial as charges, versavam, necessariamente, sobre temas de cunho político e econômico, fazendo críticas e chacotas. Lima advoga que

O desenho, compondo narrativas visuais nesses jornais, já era *instrumento político e ideológico* na mídia periódica europeia, e logo ganhou o mundo o seu uso na intenção de enaltecer ou ridicularizar suas pessoas públicas. O alemão Henrique Fleiuss, em seu jornal *A Semana Ilustrada*, de 1860, com críticas mais moderadas, produziu caricaturas e charges dos eventos mais importantes do período na história do Brasil. (...) Menos polido, o artista italiano Angelo Agostini, assumidamente republicano, fez ataques mais agressivos ao imperador Pedro II e seu governo. (...) Apesar de [tais produções] se destinar[em] aos adultos, certamente as mirabolantes situações de humor visual agradaram às crianças e aos jovens. (Lima, 2022, p. 345; grifos nossos)

³⁵ Importa, contudo, problematizar e relativizar tais dados. Galvão (2002) suscita a discussão acerca do equívoco a que se pode incorrer ao se associar as taxas de alfabetização a apenas uma “pequena elite cultural brasileira [que] se relacionava com a escrita” (Galvão, 2002), uma vez que os dados oficiais tendem a desconsiderar a complexa relação existente entre indivíduos e grupos sociais historicamente apartados dos espaços oficiais de escolarização e o mundo da cultura escrita. Assim, por meio de táticas, na perspectiva de Certeau (2014), as experiências de leitura e escrita vividas pelos sujeitos alijados da escola e de outros espaços de educação superam o que as estatísticas são capazes de mostrar. A esse respeito, conferir Galvão (2002).

³⁶ Mais informações, conferir o Anuário Estatístico do Brasil de 1953. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1953.pdf> Acesso em 14 de dezembro de 2024.

A indústria editorial em crescimento, ao notar os olhares infantis e juvenis que se interessavam pelos desenhos em jornais e revistas voltados ao público adulto, começou a importar desenhos estrangeiros de sucesso. Lima (2022) defende que, nos Estados Unidos, os jornais ilustrados e as narrativas divertidas já eram promissoras, o que fez com que esse modo de expressão voltado a crianças e adolescentes aparecesse no Brasil, ainda que, inicialmente, tenham surgido no âmbito dos periódicos voltados aos adultos, sob a forma de suplementos ou cadernos. De todo modo, com o avanço e o sucesso que se concretizava a partir dessas partes específicas de jornais e revistas para o público infantojuvenil, não demorou muito até que as editoras passassem a investir em publicações específicas para esse público, para além do infantil, que já contava com *O Tico-Tico*³⁷, importante revista para crianças que explorava os quadrinhos, responsável por apresentar o *Mickey Mouse* e o *Popeye*³⁸, ainda que não focalizasse apenas HQs³⁹. Merecem destaque, então, *Suplemento Juvenil* (1934), de Adolfo Aizen, *O Globo Juvenil* (1937), de Roberto Marinho, *O Lobinho* (1939) e *Mirim* (1937), ambos de Aizen e *O Gibi* (1939), do Grupo Globo. Os dois primeiros se destacam por terem sido os pioneiros em se direcionar ao público juvenil (ou, pelo menos, a estampar tal direcionamento no título) e os três últimos, por terem sido publicações em formato de revista, não mais de suplemento/ caderno agregado a um jornal. Aizen, por exemplo, foi inovador ao trazer, em 1934, heróis de aventura americanos e, em 1940, ao apresentar o Batman aos leitores de *O Lobinho*.

É a partir dessa “guerra”, conforme termo cunhado por Gonçalo Junior (2004), que a Sociedade Gráfica Vida Doméstica parece ter se inspirado para passar a investir no público infantojuvenil, a partir de 1947. A especificação dos públicos infantil e juvenil resultava promissor, tendo em conta a adoção do termo “juvenil” para se separar de tudo o que fosse, até então, exclusivamente “infantil”. Destarte, cabe problematizar o motivo pelo qual importava tanto diferenciar a segmentação juvenil de infantil. Será que o público juvenil estava se ampliando? A indústria editorial precisava separar esses públicos com vistas ao consumo? Será

³⁷ Trata-se de publicação vinculada ao jornal *O Malho*, de fundação de Luís Bartolomeu de Souza e Silva, cuja longevidade chama atenção: 56 anos. Silva & Souza (2018) defendem que *O Tico-Tico* teve inspiração em publicações estadunidenses e francesas, com especial ênfase em *La Semaine de Suzette*, pois, de acordo com Merlo, “a personagem Felismina, que aparece nas páginas de *O Tico-Tico* apresenta semelhanças com Suzette”. Por fim, Merlo advoga que “*O Tico-Tico* foi uma revista de quadrinhos dedicada inteiramente às crianças. Pode-se dizer que representou o ponto de partida para atender uma carência de leitura infantil e, também, foi a primeira pela sua importância, pela modernidade de apresentação, pelo conteúdo atraente, educativo e cultural, pela efetiva aceitação por quantos com ele conviveram e pela duração [de 1905 a 1952]”. (Merlo, 2004)

³⁸ Chamados de Ratinho Curioso e Brocoió, respectivamente (Lima, 2022, p. 346).

³⁹ Nesse sentido, importa destacar que *O Tico-Tico* é referenciada como uma revista infantil, e não um suplemento ou uma revista em quadrinhos. Outras revistas infantis de relevo, cujo conteúdo ultrapassava as HQs, eram *Vida Infantil* (1947-1960) e *O Sesinho* (1948-1961). Já suplementos e revistas focalizadas em HQs, existiam *Suplemento Infantil* (posteriormente, *Suplemento Juvenil*, 1934-1945) e *A Gazetinha* (1929-1940, a partir de 1940, *Gazeta Juvenil*), por exemplo, ainda que esta última tenha contado, a partir de 1949, com “páginas educativas”.

que, de fato, havia uma expressiva diferença entre aquilo que o jovem gostaria de ler e consumir em comparação com o consumo por parte da criança?

Os dizeres no rodapé de algumas edições de *Vida Juvenil* esclarecem tal segregação:

cada idade deve ler um tipo de revista – Vida Infantil é a revista que seu filho ou irmão menor devem ler mensalmente. Vida Infantil distribui presentes de estímulo escolar. Aconselhe sua irmã a ler Vida Doméstica, que na sua nova fase está uma esplêndida revista para todas as moças. (Vida Juvenil, jan 1949, p. 4-6; 26-29).

Em *Vida Infantil*, por sua vez, adverte-se que

Vida Juvenil é a revista que seu irmão mais velho deve ler todos os meses. Vida Juvenil publica uma útil seção de trabalhos manuais que apresenta este mês um lindo castelo para armar. Vida Juvenil é uma esplêndida revista para a juventude. (Vida Infantil, jan 1949, p. 4-8)

Assim, cada publicação da Sociedade Gráfica Vida Doméstica era elaborada para ser consumida por determinado grupo etário e social, de maneira que aliasse a utilidade do impresso no processo de formação do sujeito com a potência de retorno financeiro e legitimação no mercado editorial. Nesse sentido, justifica-se, por exemplo, a inserção de suplementos junto às revistas, com ênfase nos de *Vida Juvenil*, uma vez que eles também dialogavam com os propósitos da revista e agregavam alguma relevância a ela.

1.2 A expansão de *Vida Juvenil*: o suplemento *Revista do Clube Juvenil Toddy*

Vida Juvenil, durante seu ciclo de vida, lançou mão de dois suplementos: *Revista do Clube Juvenil Toddy*⁴⁰ (de 15 de abril de 1953 a 15 de maio de 1956) e *Suplemento Gigante* (de 01 de

⁴⁰ Antes de se materializar em suplemento, o Clube Juvenil Toddy já existia na condição de programa de rádio, o qual costumava ser bastante noticiado em *Vida Juvenil*. A primeira propaganda do Clube data de setembro de 1950 (edição 21): “CLUBE JUVENIL TODDY, o interessante programa dirigido pela Prof^a Maria de Lourdes Alves através da Rádio Mayrink Veiga, está apresentando por intermédio de seu *cast*-teatral de estudantes histórias radiofonizadas dos heróis de VIDA JUVENIL, a revista da juventude brasileira. CLUBE JUVENIL TODDY apresenta também útil noticiário pelo “Jornal dos Colégios”. Habilitem-se a prêmios tomando parte nos concursos deste querido programa. CLUBE JUVENIL TODDY. PRA-9 RÁDIO MAYRINK VEIGA – 1.220 kc. 5^a feira às 16:30hs” (VIDA JUVENIL, set. 1950, p. 46). De acordo com a Empresa Brasil de Comunicação (EBC), “o programa que revelava e unia jovens de todo país foi idealizado e produzido pela professora Maria de Lourdes Alves Roiter e já teve no seu elenco nomes como José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, e o radialista Nelson Tolipan”. Mais informações em <https://radios.ebc.com.br/radio-animada/2021/06/clube-juvenil-toddy-e-destaque-na-radio-animada>. “Clube Juvenil Toddy”, porém, não foi o primeiro programa a ser patrocinado pela empresa de achocolatado *Toddy*. Costa (2012) cita, por exemplo, o programa musical “Dicionário Toddy” (p. 122), de 1940, período em que grandes empresas patrocinavam programas de rádio a fim de propagandear seus produtos (p. 195). Segundo a autora, apostava-se na criação de programas radiofônicos que tivessem por fim educar e

junho de 1956 a dezembro de 1957). O *Suplemento Gigante* surgiu para, em certa medida, ocupar o lugar da *Revista do Clube Juvenil Toddy* e continuar oferecendo outras formas de entretenimento aos seus leitores, uma vez que seu objetivo era apenas esse: divertir.

Figura 12 – Primeira página do *Suplemento Gigante*



Fonte: *Suplemento Gigante* (Suplemento de Vida Juvenil), 01 mai. 1956, ed. 1, p. 33-34. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

instruir o público ouvinte. Contudo, nem sempre se seguia à risca tais objetivos. “Dicionário Toddy”, por exemplo, embora levasse o termo “dicionário” em seu título, “se resumia à divulgação de músicas populares” (p. 135). “Clube Juvenil Toddy”, por sua vez, servia a dois propósitos: 1) o de divertir por meio das histórias de heróis de *Vida Juvenil*; e 2) o de ser útil por meio do “útil noticiário pelo ‘Jornal dos Colégios’”.

O *Suplemento Gigante* se ocupou apenas da história de Dan Devil, criado por Milton Caniff. Já em relação ao lançamento da *Revista do Clube Juvenil Toddy*, os editores de *Vida Juvenil*, anunciaram que ela seria composta de diversas seções, a saber, “contos, poesias, desenhos, charadas, palavras cruzadas, anedotas, crônicas, curiosidades, fotografias, reportagens, etc...” (Vida Juvenil, 15 fev. 1953). A *Revista do Clube Juvenil Toddy* contaria apenas com as colaborações dos leitores de *Vida Juvenil* e sócios do referido Clube, mas seria dirigida pela professora Maria de Lourdes Alves⁴¹.

De acordo com Chivelet (2009), as produções periódicas podem chegar ao público consumidor de duas maneiras: 1) como independentes ou 2) como suplementos. As produções independentes são aquelas que, geralmente, levam seu nome principal na capa e que, ademais, podem ser consumidas gratuitamente, mediante assinatura ou por pagamento livre, diretamente em livrarias ou bancas, por exemplo – como era o caso de *Vida Juvenil*. Os suplementos, por sua vez, são distribuídos de maneira adjunta a uma outra produção, geralmente sob o formato de um pequeno caderno ou como seção componente das páginas gerais. Nas palavras de Chivelet (2009, p. 18),

La versión más sencilla es la de un pequeño espacio asignado, como parte de los contenidos del propio tutor. El siguiente nivel de presentación lo alcanza cuando, ubicado como sección, se le dispone de forma que pueda emanciparse. Por ejemplo, colocado en el pie de una hoja, ocupando la parte coincidente de sus dos caras, impar y par, y dotado de una línea de puntos que facilite su corte. Efectuado este, la adecuada distribución de sus contenidos, ajustados a módulos equivalentes, permite que, una vez doblado por su mitad, dé lugar a un cuadernillo independiente. (...) Finalmente, puede ofrecerse como publicación independiente que, encartada o no en la principal, *goza de paginación, cabecera y portada propias*. (...) Además, *al introducirse en el hogar junto a la edición troncal (...) lo hace con normalidad, sin que sea cuestionada su presencia*. (grifos nossos)⁴²

A partir do excerto acima, observam-se características da *Revista do Clube Juvenil Toddy*. De fato, a referida revista possuía paginação, título e capa próprios. Observe:

⁴¹ O capítulo segundo evidenciará a referida autora e traçará aspectos de sua trajetória.

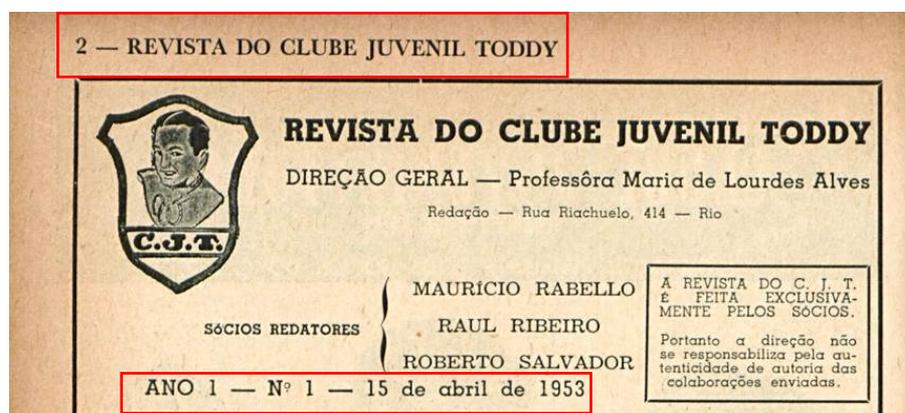
⁴² Em tradução livre: “A versão mais básica é a de um pequeno espaço designado para isso, como parte dos conteúdos do próprio periódico independente. Em seguida, o nível de apresentação seria o de, na condição de seção, disponibilizar o suplemento de forma a torná-lo independente. Por exemplo, colocando-o no pé de uma folha, ocupando folhas frente e verso, ímpar e par, acompanhado de uma linha pontilhada que possibilite destacá-lo. Feito isso, a adequada distribuição de seus conteúdos, ajustados a módulos equivalentes, permite que, uma vez dobrado pela metade, dê lugar a um caderninho independente. (...) Finalmente, é possível torná-lo publicação independente que, anexada ou não à publicação original, goza de paginação, cabeçalho e capa próprias. (...) Assim, ao colocar o suplemento junto à edição principal (...) sua presença apareceria com normalidade, sem questionamentos.”

Figura 13 – Capa da *Revista do Clube Juvenil Toddy*



Fonte: *Revista do Clube Juvenil Toddy* (Suplemento de Vida Juvenil), 15 abr. 1953, ed. 1, p. 1. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Figura 14 – Página inicial da *Revista do Clube Juvenil Toddy*



Fonte: *Revista do Clube Juvenil Toddy* (Suplemento de Vida Juvenil), 15 abr. 1953, ed. 1, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

O formato adotado para a inserção do suplemento é o de continuação automática da revista-matriz, sem a necessidade de recorte ou de expansão do tamanho da página, o que coaduna com o argumento de Chivelet (2009) acerca da ideia de “normalidade” ao acessar o suplemento, de modo que sua presença causaria pouco ou nenhum estranhamento ao leitor pela sua continuidade. Este “acesso simultâneo” pode ser visto como uma estratégia de incentivo ao consumo de um suplemento que tinha como origem um programa radiofônico de relativo sucesso (uma vez que estava há, pelo menos, três anos no ar⁴³) e que, portanto, poderia ser visto como um possível indicativo de sucesso do suplemento em si.

A partir da inserção do suplemento, *Vida Juvenil* passou a ter 56 páginas de conteúdo mais oito da outra revista, o que ocasionou mudança, também, no valor da sua assinatura. Com vistas a angariar mais assinantes e sócios para o Clube Juvenil Toddy, a Sociedade Gráfica Vida Doméstica optou por fazer uma promoção: os assinantes de *Vida Juvenil* que também fossem sócios do clube pagariam apenas Cr\$36,00 ao invés do preço normal de Cr\$72,00, de modo que a adesão à assinatura se daria da seguinte forma:

A importância deverá ser remetida em cheque, vale postal ou carta com valor declarado em nome da SOCIEDADE GRÁFICA VIDA DOMÉSTICA LTDA., juntamente com 20 cupões dos que se encontram dentro das latas de TODDY, acompanhada do nome, endereço e número de inscrição de sócio do CLUBE JUVENIL TODDY. (*Vida Juvenil*, 01 abr. 1953, p. 32)

Infere-se, pois, que o clube se relacionava à marca de achocolatado Toddy. Tal inferência pode ser ratificada ao se ler os dizeres presentes no rodapé da primeira edição da revista: “Toddy é uma refeição em cada copo. Onde existe Toddy há saúde e alegria. Toddy é um alimento completo. Toddy garante uma vida sadia. Recupere as energias perdidas tomando Toddy. Toddy é o alimento dos fortes” (*Revista do Clube Juvenil Toddy*, 15 abr. 1953, p. 2-7). A propaganda da última página da edição também confirma a hipótese inicial:

⁴³ A primeira propaganda do *Clube Juvenil Toddy*, em *Vida Juvenil*, data de setembro de 1950 (edição 21, p. 46) e visava comunicar sobre o início da contação das histórias de heróis de *Vida Juvenil* no referido programa radiofônico. O programa, naquele período, passava às 5^{as} feiras, às 16:30h, na Rádio Mayrink Veiga.

Figura 15 – Propaganda da bebida *Toddy*

Fonte: Revista do Clube Juvenil Toddy (Suplemento de Vida Juvenil), 15 abr. 1953, ed. 1, p. 8. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Quanto ao preço de *Vida Juvenil*, aspecto destacado pelo corpo editorial quando da inserção do suplemento à revista, ressalta-se que de janeiro de 1949, em seu primeiro número, à edição 100, de 01 de junho de 1954, a revista manteve o valor de Cr\$3,00; da edição 101, de 15 de junho de 1954, à edição 151, de 1º de setembro de 1956, a revista passou a cobrar Cr\$5,00⁴⁴, conforme justificativa apresentada no número 101, que alegava que, apesar do esforço que vinham fazendo em manter o preço da revista, o valor de Cr\$3 se tornou insustentável, haja vista o fato de que, segundo eles, “tudo mudou, tudo encareceu, tudo se tornou difícil e inferior” (Vida Juvenil, 15 de jun. 1954, ed. 101, p. 1).

Não era incomum os editores do periódico utilizarem páginas da revista para “trocar ideias” com seus leitores, como uma forma de aproximação, principalmente ao dar uma notícia

⁴⁴ Por fim, de 1º de outubro de 1956 (número 152) até sua última edição, 189, de julho de 1959, o preço foi de Cr\$7,00.

como a exposta: de aumento (das páginas e do preço). O texto contava com estratégias discursivas frequentes e com objetivos nítidos: 1) manter um diálogo horizontalizado com seus leitores, sob um título informal – *Trocando Ideias* –, com vistas a uma suposta consulta feita a eles quanto ao aumento e à assinatura ao final, expressando diálogo direto com o interlocutor; 2) justificar o aumento do preço de diferentes maneiras, fosse pelo aumento de páginas (dezesseis) ou pelo fato de terem conseguido sustentar o valor de lançamento por cinco anos; 3) o uso de palavras e orações de respeito, carinho e sedução, como “amigos leitores”, “aqui estamos de novo para ‘bater um papo’” e “cá estamos novamente (...) sempre com um sorriso para vocês”; 4) o compromisso em prestar contas a seus leitores e de agirem com “sinceridade”; e, ainda, 5) a defesa de que *Vida Juvenil* merece continuar sendo comprada, mesmo com o aumento, por ser uma revista de qualidade: “temos, realmente, um legião de amigos, e de amigos que sabem o que querem, e querem o que sabem que é bom”.

Quanto ao aumento de dois cruzeiros, chegando à quantia de cinco cruzeiros, por revista, não é possível avaliar se era cara ou barata apenas pela quantia; importa cotejar com outros produtos comercializados à época e com o salário mínimo em circulação. Em 1949, o salário mínimo nacional variava entre estados e municípios, de modo que, no Rio de Janeiro, ficava entre Cr\$180 e Cr\$380, de acordo com a seguinte divisão:

Quadro 4 – Salário mínimo estabelecido para os municípios do Rio de Janeiro e o Distrito Federal em 1949

Localidade	Salário mínimo mensal (Cr\$)
Niterói, São Gonçalo e Nova Iguaçu	320,00
Sedes dos demais municípios e distritos	245,00
Demais localidades	180,00
Distrito Federal	380,00

Fonte: A autora, 2022. Fonte dos dados: *Anuário Estatístico do Brasil – 1949*. Ano X. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1950.

Já em 1954, os valores eram outros. Observem-nos no quadro a seguir:

Quadro 5 – Salário mínimo estabelecido para os municípios do Rio de Janeiro e o Distrito Federal em 1954

Localidade	Salário mínimo mensal (Cr\$)
Niterói, Barra Mansa, Campos, Duque de Caxias, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Petrópolis, São Gonçalo e São João de Meriti	2.100,00
Demais localidades	1.850,00
Distrito Federal	2.400,00

Fonte: A autora, 2022. Fonte dos dados: *Anuário Estatístico do Brasil – 1954*. Ano XV. Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1954.

O aumento em relação à própria moeda foi expressivo. Contudo, importa observar a variação do preço de outros produtos comercializados no período de circulação do periódico. Optou-se por comparar seu preço com outras revistas contemporâneas à *Vida Juvenil*, mas que se aproximassem dela, em alguma medida. Como destacado ao longo do capítulo, a constituição de *Vida Juvenil* é bastante peculiar, no sentido de que havia poucas revistas que apresentassem uma configuração como a sua⁴⁵. *Vida Juvenil* surgiu na condição de uma produção independente – e não um suplemento, como muitas de suas anteriores, o que parecia ser costumeiro entre as décadas de 1930 e 1940 – e, por isso, sua construção foi pensada de uma maneira muito específica: público-alvo bem definido, com seções geralmente fixas, com assuntos diversos e com objetivos nítidos – os de educar, instruir, divertir, formar e aconselhar seus jovens leitores, por exemplo.

Observe-se o quadro comparativo:

Quadro 6 – Preço de outras revistas juvenis no primeiro semestre de 1949

Revista	Preço	Número de páginas, em média
<i>Vida Juvenil</i>	Cr\$3,00	76
<i>A Gazeta Juvenil</i>	Cr\$2,00	32
<i>O Globo Juvenil (mensal)</i>	Cr\$2,00	68

⁴⁵ Convém destacar que *A Gazeta Juvenil* (1929-1950), criada na condição de suplemento do jornal *A Gazeta*, de São Paulo, passa, em 1949, a ter seções voltadas à educação e instrução de seu público, intituladas *Páginas Educativas*, que recaíam no ensino de História do Brasil, História Geral e Conhecimentos Gerais, ainda que não fosse o centro da publicação. Fonte: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764507&PagFis=1>

<i>O Lobinho</i>	Cr\$3,00	84
<i>O Gibi</i>	Cr\$2,00	100

Fonte: A autora, 2022. Fonte dos dados: Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional e imagens do *Google*.

Infere-se, a partir do quadro anterior, que *Vida Juvenil* foi lançada com um valor competitivo em relação às outras revistas. Observa-se que o número de páginas influenciava no preço, mas não apenas. *O Gibi*, por exemplo, que possuía 100 páginas, custava menos que *Vida Juvenil*, que tinha 76, provavelmente por ser composta somente de HQs⁴⁶. *O Gibi* e *Vida Juvenil* divergiam em formato, configuração e objetivo, o que pode justificar a diferença de preço. Já *O Lobinho* talvez custasse mais caro por ter lançado mão de HQs internacionais, tendo sido o primeiro a apresentar o *Batman* para o público brasileiro. Percebe-se, enfim, que o preço de *Vida Juvenil*, em 1949, se alinhava ao de outras publicações existentes no mercado editorial, entrando como um competidor às concorrentes das bancas.

De todo modo, é importante não perder de vista o fato de que o consumo de revistas estaria no âmbito do “supérfluo”, do “extra”, o que significa que seu consumo estaria associado àqueles que dispusessem de algum recurso para comprá-la e que vissem certa “utilidade” ao fazê-lo. Não à toa, *Vida Juvenil* se munia de diferentes seções e conteúdos, ainda que focalizasse em eixos mais conservadores e seguros: formação intelectual e profissional, amor à pátria, à família e ao próximo, principalmente, conforme ideário característico de períodos anteriores ao surgimento da revista.

Nesse sentido, o texto de apresentação da revista suplementar – a *Revista do Clube Juvenil Toddy* – corrobora com a defesa de que se buscava assinalar conteúdos de cunho nacionalista, ao indiciar parte dos objetivos, das propostas e dos valores intrínsecos ao impresso:

A REVISTA DO CLUBE JUVENIL TODDY

Crônica do sócio Adalberto Bezerra Mariano

Juazeiro, Bahia

O “Clube Juvenil Toddy”, concretizando as justas aspirações dos seus associados, vem de proceder ao lançamento desta revista, que será como um traço de união entre os consórcios e dirigentes, estreitando, assim, os *fortes laços de amizade, que podem e devem existir no seio de qualquer agremiação, principalmente se esta é constituída de jovens estudantes, os quais, no sublime ideal de uma confraternização, que congregue todo o Brasil estudantil, se fundem numa só família, unindo o norte ao sul, num amplexo fraterno de*

⁴⁶ A título de curiosidade, é graças ao formato da revista *Gibi* que, hoje, usa-se seu nome para se referir a revistas, geralmente descartáveis, que crianças e adolescentes costumam ler, por apresentar apenas HQs.

companheiros que batalham pelo mesmo objetivo: engrandecer o Brasil, educando a mocidade.

Em se tratando das jubilosas comemorações de que é alvo o C.J.T., com o advento desse novo período na imprensa escrita, que certamente marcará época nos anais de sua história, não poderíamos nos furtar ao justo dever, atendendo aos ditames da consciência, de render o nosso sincero preito de gratidão à Toddy do Brasil S/A., essa modelar organização da indústria brasileira, que no desejo patriótico, de maior congraçamento entre a *mocidade estudantil*, marcha conosco, entoando a Canção do Ideal, nesta histórica jornada, que terá como epílogo o despertar grandioso desse Gigante adormecido em margens plácidas.

Aos dirigentes do C.J.T., e, em particular, à sua dinâmica diretora, Prof^a Maria de Lourdes Alves, minhas sinceras felicitações, pelo seu extremado devotamento às *nobres causas da juventude brasileira*.

Creio que minhas palavras refletem o pensamento de quantos participam dessa legítima Cruzada da Cultura, no afã meritório de maior *desenvolvimento intelectual da mocidade hodierna, verdadeiro Brasil de Amanhã*.

Prezados consórcios: agora que o nosso clube entra numa nova fase – aura de glória e de luz – unamo-nos debaixo de um só pavilhão, *comungando os mesmos sentimentos de profundo e imorredouro amor à Pátria*, tomando como legenda, 3 palavras que lemos no sagrado pendão auri-verde: ORDEM E PROGRESSO. (Revista do Clube Juvenil Toddy, 15 abr. 1953, p. 2; grifos nossos)

Diversas são as interpretações possíveis diante do texto. Entretanto, chama-se a atenção para os extratos que tratam da juventude e da mocidade. Nota-se que ambos os termos eram utilizados de maneira intercambiável, o que corrobora com a defesa de que eram sinônimos⁴⁷. O excerto ressalta aspectos relativos ao patriotismo, à união entre todos os brasileiros, em especial os jovens estudantis – a mocidade educada – e a ideia do jovem na condição de construtor do “Brasil de Amanhã”.

O discurso inicial da revista do Clube evidencia grande parte dos valores apregoados pelo Clube e pelo periódico recém-lançado. Além disso, o fato de a revista se apresentar na condição de suplemento de *Vida Juvenil* também mostra uma faceta importante da revista original, ao se pressupor que, para compor suas páginas, o suplemento deveria ir ao encontro das crenças e

⁴⁷ A essa discussão, importa salientar a obra *Idade, Sexo e Tempo: Três Aspectos da Psicologia Humana*, publicada em 1938, de autoria do intelectual católico, diretor do Centro Dom Vital e editor da revista *A Ordem*, Alceu Amoroso Lima, que, ao se dedicar a explicar os três aspectos formadores do ser humano, a saber, as idades, os sexos (homem e mulher) e o tempo (homem moderno e homem eterno), defende que a vida é constituída das seguintes fases: a infância (0-7), a adolescência (7-18), a mocidade (18-35), a maturidade e a velhice. Note-se que, aqui, não é trazido o termo juventude, mas, sim, mocidade, o que evidencia o caráter variável de conceitos e categorias históricas e sociais. Note-se, também, a equivalência de ambos os termos, de modo que o vocábulo “juventude” passa a tomar força em meados do século XX. A esse respeito, Santana (2009, p. 19) argumenta que “mocidade” e “juventude”, ainda que, de maneira geral, retratem uma mesma fase da vida, o primeiro termo possui um caráter mais tradicional e antigo, ao contrário do segundo, que traduz uma ideia de modernidade, renovação e dinamismo. O mesmo se aplica a “moço” e “jovem”. Mais informações sobre Alceu Amoroso Lima, conferir o verbete homônimo, disponível no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Disponível em < <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/LIMA,%20Alceu%20Amoroso.pdf>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2024.

valores veiculados pelo periódico principal, o que assinala o caráter nacionalista de *Vida Juvenil*. Tal caráter já havia sido parcialmente constatado quando da observação das seções que a compunham, em especial *Quadros Brasileiros*, cujo tema recaía, especificamente, em aspectos da História do Brasil⁴⁸. Para além dessa seção, diversas outras punham o país como destaque e referência, mesmo que não fosse o mote principal⁴⁹.

A *Revista do Clube Juvenil Toddy* pode ser vista como contígua à *Vida Juvenil* em relação a diversos aspectos, como à noção de juventude e ao que deveria ser de interesse desse público. Mas qual o sentido de juventude? E o que deveria fazer parte do imaginário desse grupo social?

Levi e Schmitt (1996) argumentam que, de fato,

la juventud [es] producto engendrado socialmente: en ningún lugar ni periodo histórico cabría definir a la juventud mediante meros criterios biológicos o con arreglo a criterios jurídicos. En todas partes y en todo tiempo, sólo existe revestida de valores y símbolos. De un contexto a otro, de una a otra época, los jóvenes asumen funciones diferentes, y *su estatuto queda definido mediante fuentes diversas: la ciudad o el campo, el castillo feudal o la fábrica del siglo XIX* (...). (grifos nossos) (p. 14)⁵⁰

Compreende-se, portanto, o caráter marcadamente social e temporal do conceito de juventude. Além disso, salienta-se a pluralidade de jovens, cuja compreensão perpassa diferentes estatutos, como o fato de ser um jovem urbano ou rural, das camadas mais abastadas da sociedade ou não, se trabalha ou não. Por isso, faculta pensar em “juventudes”, no plural, ainda que haja tentativas de se forjar uma juventude homogênea e universal. Nos títulos *Vida Juvenil* e *Clube Juvenil*, no singular, já é trazido esse tipo de compreensão. Ademais, as seções de cunho instrutivo presentes em todas as edições também tendem para a universalização do acesso à educação por parte de todos os jovens leitores. A presença das HQs sinaliza, igualmente, o pressuposto de que todos os jovens apreciariam esse tipo de produção.

A seção *Escolha sua profissão* colabora com a discussão, ao advogar, inicialmente, que “a escolha de sua futura profissão é um assunto, para você, dos mais importantes. Assim sendo,

⁴⁸ De maneira aproximada, foi criada, em 1952, a seção *Da história de nossa América*, de Gil Coimbra, o que demonstra o valor atribuído à escrita da História, principalmente a de cunho nacionalista, como a História do Brasil e a História da “nossa” América. Concorde-se com Vianna (2020, p. 79) ao defender que o ensino de História da América, que passa a ganhar força entre as décadas de 1940 e 1950, tinha como objetivo maior a conformação de uma identidade nacional, de modo que, a partir, dela, seriam difundidas ideias, conceitos e estereótipos.

⁴⁹ Destacam-se *Escolha sua profissão*; *Lendo e Aprendendo*; *Quem Somos?*; *30 segundos de curiosidades*; e *Vultos Brasileiros*.

⁵⁰ Em tradução livre: “A juventude é um produto engendrado socialmente: em nenhum lugar ou período histórico caberia definir a juventude a partir de meros critérios biológicos ou jurídicos. Em todas as partes e em todos os períodos, ela só existe quando revestida de valores e símbolos. De um contexto a outro, e de uma época a outra, os jovens assumem funções diferentes, e seu estatuto é definido através de fontes diversas: a cidade ou o campo, o castelo feudal ou a fábrica do século XIX (...).”

não seria possível que *Vida Juvenil* se esquecesse dele” (Vida Juvenil, abr. 1949, ed. 1, p. 31). Ainda na mesma edição, a autora assevera que “deste caso você, como menino inteligente que é, concluirá logo que a imaginação isola aspectos mais ou menos atraentes de uma profissão e faz com que ela se apresente a nós, muitas vezes só bela quando, na realidade, teremos que contar com aspectos agradáveis e desagradáveis (...)” (Vida Juvenil, abr. 1949, ed. 1, p. 31). Em ambos os casos, a autora se refere aos leitores como um só: no primeiro momento, como aquele que, em breve, entrará no mercado de trabalho e precisa de orientação, e, no segundo, “o menino inteligente” e esclarecido capaz de ler e interpretar a história apresentada na seção, provavelmente um sujeito escolarizado. Nesse sentido, Groppo (2000, p. 16) chama a atenção para o fato de a classe social ser um recorte importante, pois “a juventude – e, antes, a infância – foi vivida primeiro pelas classes burguesas e aristocratas, para depois tornar-se um direito das classes trabalhadoras”. Deste modo, faculta considerar “juventudes”, já que em um mesmo contexto histórico-social pode haver diferentes vivências e representações juvenis. Ao levar-se em consideração a representação da juventude transviada, por exemplo, típica de meados do século XX, composta de jovens tidos como “delinquentes”, o recorte econômico é evidente, pois a imagem que se tem é a do jovem das chamadas “novas classes médias” (Groppo, 2000, p. 16). Logo, o jovem, em sua maioria do sexo masculino, que poderia ser um “rebelde sem causa”, era aquele que tivesse condições financeiras suficientes para viver essa fase “radical”, principalmente porque o movimento tinha origem na cultura norte-americana, por meio da música, em especial do *Rock and roll*, dos *comics* e dos filmes, com destaque para *Juventude Transviada*, de 1955, que impactavam, diretamente, na moda, nos comportamentos e nas filosofias de vida daqueles que tivessem condições para consumi-los, até porque, de acordo com Santos (2013, p. 21-22), os jovens das camadas populares não eram vistos como os autênticos “transviados” e, sim, como aqueles que se envolviam no mundo do crime e da delinquência por necessidade⁵¹. Os autênticos transviados eram aqueles que buscavam romper com a ordem imposta e com a geração anterior, testando e colocando à prova a autoridade das instituições familiar e escolar e apostando na libertinagem.

⁵¹ De acordo com Santos (2013), os autênticos jovens transviados advinham de famílias abastadas, de perfil moderno e radical, mas sem necessariamente serem considerados delinquentes. Eram os chamados “playboys”, que eram festeiros, com alto poder de consumo, “sedutores”, o que, em certa medida, servia de chancela para agirem de maneira irresponsável na relação com os estudos, o trabalho e no cuidado para com o próximo. Como a autora afirma, “nem todo ‘playboy’ era um delinquente juvenil”, o que é justificado pela condição financeira acompanhada, muitas vezes, de um perfil branco e heterossexual. Por outro lado, os jovens de famílias pobres não tinham tamanha complacência por parte da sociedade, que não se furtaram em rotular o grupo como “menores abandonados” e “delinquentes mirins e juvenis”, os quais, em sua maioria, não saíam ilesos das mãos da justiça, como os “playboys” (Santos, 2013, p. 21-22).

Importa, portanto, o conceito *juventudes*, no plural, principalmente ao se considerar suas diversas representações ao longo do século XX: há o jovem “incapaz”, em processo de maturação, que necessita de diferentes instituições sociais que cuidem dele para que siga o caminho “do bem”; há o jovem estudante e futuro trabalhador da nação – muito provavelmente o vislumbrado pelos editores de *Vida Juvenil*; há o jovem rebelde, transviado, transgressor, que merece atenção e que ameaça a ordem social, mas, na mesma linha, há o “playboy”, que, por vezes, é referenciado de maneira positiva (Santos, 2013); há o jovem visto como menor, no sentido pejorativo da palavra, aquele que comete crimes e delitos por conta de sua condição econômica desfavorável e merece ser submetido a correções; há, ainda, o jovem politizado e vanguardista, visto com desconfiança (Braghini, 2010); dentre outras representações possíveis de se traçar. Seja como for, encaro essas variadas representações juvenis como a justificativa para compreendê-la como múltipla, diversa, atravessada por questões econômicas, sociais e culturais, surgindo como símbolo dos dilemas mais periclitantes da sociedade.

1.3 O periódico como fonte histórica: produções juvenis em revista

Como apontado na introdução da tese, o interesse por analisar revistas e de utilizá-las como fonte histórica iniciou no período do mestrado quando, naquele momento, selecionei a revista *Vida Infantil* para pesquisar. *Vida Infantil* foi o caminho para conhecer *Vida Juvenil* que, logo nas primeiras folheadas, despertou o interesse, não só por apresentar um caráter híbrido, o que parecia conformar um modo de operação característico dos editores da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, mas também pelo público-alvo da revista que, até então, era pouco conhecido por mim: os jovens. Decidi enveredar por um tema distante dos estudos que eu havia realizado, até o momento, mas que, no que se refere ao suporte, me era caro. Do que se trata, então, uma revista? Quais seus limites e sua potência quando tomada como fonte histórica? O que uma revista como *Vida Juvenil* colabora para se pensar juventudes à época?

O uso de revistas – e de periódicos, no geral – no trabalho histórico não é inédito, uma vez que, de acordo com Luca (2008) e Martins (2003), desde o século XIX, sua relevância como documento válido no processo de construção de uma história já era considerada. Contudo, com a ampliação das fontes tidas como válidas para se pensar o passado a partir da guinada da Nova História Cultural, os periódicos, em geral, e as revistas, em particular, passaram a ser mobilizadas no campo da História, de maneira que “esta modalidade de publicação periódica evidenciou-se como suporte rico e diversificado de documentos, síntese privilegiada de instantâneos reveladores de processos históricos, representação material de práticas de

consumo, usos e costumes” (Martins, 2003, p. 60). Lucci (2023, p. 78) amplia esse horizonte ao argumentar que

Revistas, periódicos y diarios nos permiten analizar una “densidad sincrónica y diacrónica” de elementos, mecanismos y situaciones cuya existencia determinamos en el pasado, reconocemos en el presente y cuya continuidad nos permite señalarla también como acervo de influencia en el devenir de las sociedades que estudiamos. En el contexto contemporáneo occidental esto es posible porque su forma, su contenido, su producción y su rol en la sociedad las han convertido en artefactos culturales de una compleja funcionalidad que ha coadyuvado a su estudio de manera interdisciplinar conjunta.⁵²

Apesar de, historicamente, revistas, periódicos e diários terem assumido uma posição de coadjuvantes no processo de escrita da História, eles têm assumido, cada vez mais, a função de protagonistas, a partir da tal densidade sincrônica e diacrônica defendida pela autora, além do seu caráter complexo e interdisciplinar. Uma mesma revista ou jornal pode servir a diferentes áreas do conhecimento. *Vida Juvenil*, por exemplo, poderia ser analisada do ponto de vista da História, da Educação, da Sociologia, do Design, do campo das Letras e da Psicologia.

Ainda no que concerne à amplitude de usos e à materialidade da revista, Martins (2003, p. 60) destaca que:

Logo, a atração suscitada pela revista como documento, tornou-a irresistível, conjunto lúdico que numa só publicação reúne texto, imagem, técnica, visões de mundo e imaginários coletivos. Todos os seus componentes, aparentemente corriqueiros — formato, papel, letra, ilustração, tiragem — sugerem indagações que prenunciam a carga de historicidade presente nas, hoje, velhas e amarelecidas publicações. Tem-se ali registro múltiplo, do textual ao iconográfico, do extra texto — reclame ou propaganda — à segmentação, do perfil de seus proprietários àquele dos consumidores.

O excerto acima dá margem a algumas discussões: uma delas se refere à amplitude de tratamento e operação com revistas que acabam por apresentar diversos elementos caros a um historiador, como discursos marcados por um determinado período e local, materializados em textos e imagens, preço, técnica, valores dos sujeitos que faziam parte dela, imaginários sociais, perfil do público consumidor esperado e dos editores, por exemplo; a outra se refere às folhas “velhas e amarelecidas” da revista com o passar do tempo. A revista foi feita para ser lida, usada e descartada. Nesse sentido, Rocha (1985, p.25 *apud* Martins, 2001, p.46) argumenta que revista

⁵² Em tradução livre: “Revistas, periódicos e diários nos permitem analisar uma ‘densidade sincrônica e diacrônica’ de elementos, mecanismos e situações cuja existência determinamos no passado, reconhecemos no presente e cuja continuidade nos permite apontá-los também como fonte de influência no desenvolvimento das sociedades que estudamos. No contexto contemporâneo ocidental isto é possível porque sua forma, seu conteúdo, sua produção e seu espaço na sociedade as transformaram em artefatos culturais de uma complexa funcionalidade que contribuiu para seu estudo de maneira conjunta e interdisciplinar.”

[...] é um tipo de publicação que, depois de *re-vista*, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita fora. Enquanto objeto material, a revista distingue-se do livro por ser mais efêmera [...]. Essa efemeridade [...] tem a ver com a sua solidez material. Enquanto o livro dura [porque é mais resistente, tem uma capa sólida a protegê-lo], a revista é mais frágil em termos de duração material. (...)

Talvez, seja por isso que publicações periódicas, como jornais e revistas, tenham demorado a ganhar *status* de documentos válidos à pesquisa histórica: pelo seu caráter efêmero. Além da sua efemeridade, revista é um tipo de publicação que apresenta assuntos variados, cuja leitura pode se dar de maneira fragmentada, entrecortada e seletiva. Inclusive, Martins (2003) chama a atenção para duas características do periodismo do início do século XX: a “diversidade temática de uma mesma publicação, dotada de inúmeras seções” e “a segmentação que o preside e a ilustração que o completa” (p. 62).

Nesse sentido, *Vida Juvenil* é exemplo nítido de tais características. A primeira característica observável em *Vida Juvenil* é a da segmentação iniciada no próprio título. O público jovem esperado pelo periódico, no período de circulação da revista, estava tomando contornos ainda muito recentes, considerando a historicidade do conceito, uma vez que a noção de juventude, de maneira especial, é fruto da modernidade, começando a se configurar a partir de finais do século XIX e tomando força na condição de categoria social na metade do século XX. De acordo com Santos (2013),

A infância foi a primeira faixa a ganhar contornos próprios (...). Segundo Peter N. Stearns (2006), a infância moderna surgiu no Ocidente, entre os séculos XVII e XIX, carreando três mudanças pontuais em relação à forma como as crianças eram compreendidas anteriormente [a escolarização teria prioridade em relação ao trabalho; estímulo à redução do número de filhos; e a redução da mortalidade infantil].

Já a juventude é uma criação da segunda metade do século XIX e das primeiras décadas do século XX pautada, inicialmente, na convicção de que era necessário alargar a formação escolar, ética e moral dos indivíduos antes de seu definitivo ingresso no mundo adulto e do trabalho. (Santos, 2013, p. 35)

A noção de “idades da vida”, e a segregação que ela carrega, não é nova. Ariès (1986) já apresentava essa discussão que se fazia presente na Idade Média. O estudo de Ariès faculta a compreensão de que “as idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais” (Ariès, 1986, p. 39-40), o que, apesar do longo recuo temporal e das expressivas mudanças sociais, culturais, políticas e econômicas ocorridas desde então, pode ser considerado como uma espécie de permanência para os séculos posteriores, uma vez que as fases da vida ainda são marcadas por suas funções sociais (Pais, 1990). Apesar das diferenças

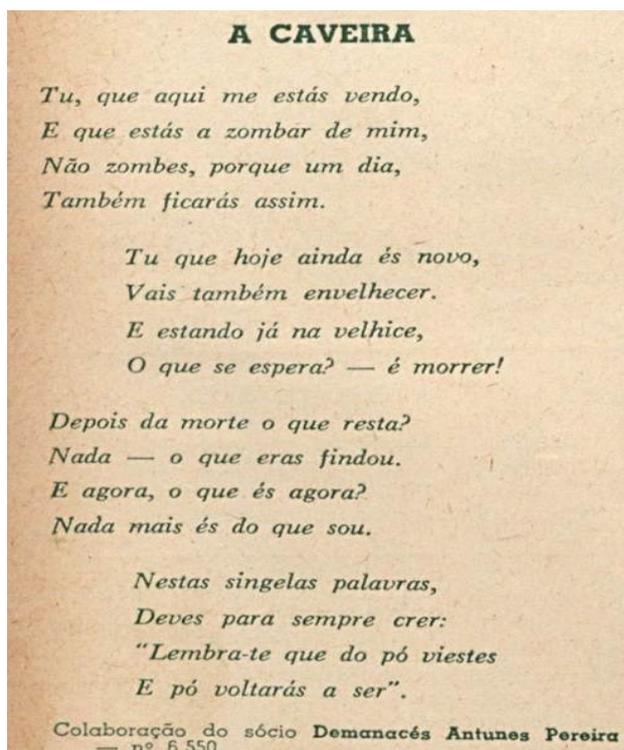
nas concepções atuais, há uma convergência importante: as características de cada fase eram a justificativa para a sua definição conceitual⁵³.

Nesse sentido, não é de se estranhar o ato de segregar produções voltadas a fases da vida específicas, assim como é compreensível que produções voltadas ao homem, à mulher e às crianças⁵⁴ sejam mais antigas que aquelas voltadas aos jovens, uma vez que esta categoria social é a mais recente. Através de *Vida Juvenil* é possível observar a forma de compreensão que se tinha em relação às etapas da vida, a qual podia ser interpretada como tradicional, qual seja a de nascer, “crescer, envelhecer e morrer” (*Vida Juvenil*, 15 mar. 1954, p. 25). O poema *A caveira*, enviado por um leitor-sócio do *Clube Juvenil Toddy*, confirma tal ideário tradicional de organização da vida:

⁵³ Diferentes campos de estudos focalizam e definem de maneira própria o período entre a infância e a vida adulta. Em geral, a Medicina utiliza o termo *puberdade*, cuja ênfase recai nas transformações biológicas do corpo. Já o termo *adolescência* possui maior associação com a Psicologia, Psicanálise e Pedagogia, cuja referência está na questão mental, comportamental e de formação/ maturação da personalidade. A Sociologia, enfim, cunha o termo *juventude* para tratar de questões sociais concernentes ao grupo identificado como jovem, em especial para salientar papéis sociais. Há no imaginário social, ainda, a ideia de *mocidade*, que pode ser utilizada como sinônimo de juventude, uma vez que é comumente empregada para se referir a um período de início de vida e anterior à maturidade. O próprio ideário de “jovem” e “moço” concorre para a ideia de alguém que está no início da vida, sem necessariamente marcar idades fixas, ainda que esse “início” venha se prolongando cada vez mais, em oposição às ideias de “ancião”, “idoso” e “velho”, que já estariam mais próximos ao “fim” do ciclo da vida.

⁵⁴ Após chamar atenção para o atraso característico da imprensa e da produção periódica no Brasil, Martins (2003) destaca o atraso na própria formação de segmentos de leitores no país. Por isso, “Revista de Variedades”, “Revistas Ilustradas” e “Revistas Literárias” eram as mais recorrentes publicações quando da emergência da grande imprensa. De acordo com a autora, “*esportivas, literárias e de humor* eram apelos recorrentes de capa, os quais nem sempre correspondiam aos seus conteúdos” (grifos do original, p. 63). Já nos anos iniciais do século XX, no alvorecer de uma nação republicana, Martins (2003, p. 64) enfatiza “o surgimento de novas demandas, a exemplo das revistas esportivas, corporativas, infantis e cinematográficas”. As juvenis, é claro, só passam a compor esse rol anos mais tarde, com ênfase nos anos 1940.

Figura 16 – Poema sobre fases da vida



Fonte: Revista Do Clube Juvenil Toddy (Suplemento de *Vida Juvenil*), 1 jan. 1955, ed. 42, p. 4. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

O poema apresenta elementos de cunho religioso e traça uma espécie de linha do tempo da vida. Todos que nascem estão fadados a morrer, principalmente ao adentrarem a velhice, que seria uma das características dessa fase da vida, de modo que “voltaria a ser pó”, fazendo referência à passagem bíblica de Gênesis 3:19: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás”⁵⁵. É salientado, também, o caráter efêmero da vida e da brevidade da juventude, com certo teor mórbido, haja vista o próprio título.

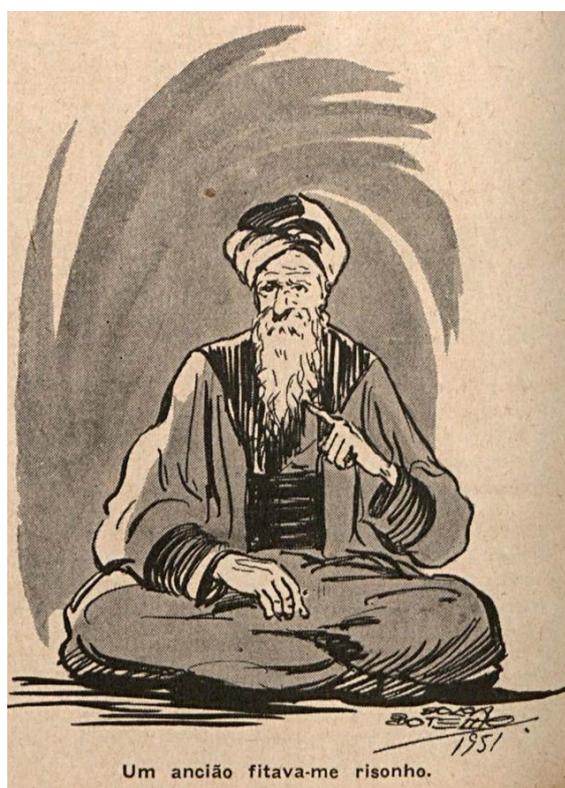
Ainda no que diz respeito à concepção de juventude, cabe ressaltar uma frase registrada na seção *30 segundos de curiosidade*, da edição número 5 de *Vida Juvenil*, que, ao tratar da vida e morte do poeta Castro Alves, assevera: “moço, pois morreu aos 24 anos, trazia nas veias o ardor da mocidade” (1949, p. 15). Corrobora-se, então, que mocidade e juventude coadunavam em termos de faixa etária, ainda que suas representações variassem. No excerto, pode-se depreender, ainda, que a mocidade era não só um período da vida, como também uma espécie de “sensação” experienciada pelos sujeitos. Uma interpretação possível do texto é: Castro Alves

⁵⁵ Tradução retirada da Bíblia Online. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3/19>. Acesso em: 20 de janeiro de 2025.

faleceu bem durante o calor forte e intenso do período inicial de sua vida, expresso pela mocidade.

A representação de anciãos que se tinha em *Vida Juvenil* era recorrente, em especial quando em oposição à juventude. Na 35ª narrativa de *Mil Histórias sem fim*, de 1952, composto de contos de Malba Tahan e que fazia parte da seção *Um livro para você*, tem-se a representação escrita e imagética de um ancião risonho, de “olhos claros e expressivos e longas barbas que se derramavam pela brancura da seda”, conforme a leitura da fonte:

Figura 17 – Representação imagética de ancião



Fonte: *Vida Juvenil*, 1 jun. 1952, ed. 53, p. 18. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

O termo “ancião” era comumente associado à representação de um velho sábio, cuja sabedoria poderia se orientar para o bem ou para o mal, de longas barbas brancas, magro, quase cadavérico, e um conselheiro em potencial, conforme observável na figura anterior. Vê-se, ainda, veste larga e um turbante na cabeça, em um estilo sacerdotal. Tais características se opunham àquilo que se compreendia como jovem. Em geral, era mais travesso, irresponsável e quem necessitaria dos conselhos dos “velhos sábios”.

Nesse sentido, a professora L. Gustavini⁵⁶, colaboradora esporádica de *Vida Juvenil*, ratifica essa representação ao tratar de outra categoria: a dos “grandes homens” e “inventores”. De acordo com ela,

Quando se fala em “grande homem”, em “inventor”, a gente logo imagina uma fisionomia austera de quarentão, marcada pelas experiências da idade madura. Se fantasiamos um “herói militar”, emprestamos-lhe longos cabelos brancos esvoaçantes, emoldurando um desses rostos, severos e altivos, que estamos acostumados a ver em medalhas e postar.

Entretanto, examinem, jovens leitores, história guerreira ou artística da humanidade, e encontrarão, coroadas de louros, cabeças tão moças e risonhas que confundiríamos com as de vocês. (...)

A América tem sido a terra dos moços, pois que é jovem também. Pedro II sentou-se no trono brasileiro aos 14 anos e Bolívar – o Libertador – não continha seu entusiasmo ante o general Sucre, um Bayard de 22 anos.

No Brasil, a coragem e o patriotismo são precoces. Entre os que morreram na força, pelo crime de desejar a liberdade de Pernambuco, em 1817 figurava José Peregrino. Seu posto era o de tenente-coronel. Sua idade? Dezoito anos... (Vida Juvenil, abr. 1949, ed. 4, p. 75)

A escolha do excerto se deve não apenas pela descrição comumente atribuída a “sábios” e “grandes homens”, conforme discussão anterior, mas também pela ênfase dada, ao longo do texto, aos “heróis” da América e da nação. O teor nacionalista evocado no último parágrafo da citação demonstra como esse tipo de discurso aparecia na revista de maneira indireta, entrelaçada a outros discursos, em uma seção cujo objetivo não era o de tratar de questões nacionalistas.

No que diz respeito, ainda, à configuração de *Vida Juvenil* que contribui para explicitar características de “revista”, destaca-se que ela contava com várias páginas e com variadas seções: como visto, havia seções de cunho educativo e moralizante, outras de cunho instrutivo e, também, aquelas que visavam divertir e entreter o leitor. Isto significa que a revista poderia agradar diferentes tipos de público, desde aqueles que gostassem de consumir contos e conteúdos de curiosidade ou de conhecimentos gerais até aqueles que preferissem se atualizar quanto às HQs que tanto se faziam presentes. À vista disso, vale observar o sumário de algumas edições da revista, para que se possa notar o conteúdo em um determinado número:

⁵⁶ Apesar da procura, não foi possível encontrar dados sobre a autora.

Figura 18 – Sumário ed. 24 (1950)

SUMÁRIO	
<i>Heróis da Vida Real</i>	capas int.
<i>O Falcão Negro</i> — “O Poder da Cobra”	pág. 1
<i>Página de Todos e de Tudo</i>	pág. 14
<i>A Matemática Sorri para Você</i> — prof. Mello e Souza	pág. 15
<i>Irene</i>	pág. 18
<i>Pense e Acerte</i> — Fernando Campean	pág. 26
<i>Heróis da Vida Real</i> — Do Relatório de Hallahan	pág. 33
<i>30 Segundos de Curiosidades</i> — Artur de Castro Borges	pág. 41
<i>Carlinhos</i>	pág. 44
<i>Heroísmo hereditário</i>	pág. 51
<i>Escolha sua profissão</i> — prof. ^a Leticia M. S. de Faria	pág. 59
<i>Piadas</i> — Respostas na ponta da língua	pág. 64
<i>Mire-se na sua própria letra</i> — Francisco Leão	pág. 65
LENDO E APRENDENDO	
<i>Fauna Indiana</i> — prof. Milton Gonçalves	pág. 67
<i>A França do Diretório</i> — prof. Sergio Moreira Gama	pág. 69
<i>Quem Somos?</i> — prof. Ney Cidade Palmeiro	pág. 71
<i>As Sibilas</i> — prof. Sergio Machado	pág. 73
<i>Nô mundo dos animais</i> — prof. Dario Diniz	pág. 74
<i>Modos de Falar</i> — prof. ^a Lucia Alvarenga	pág. 75

Fonte: Vida Juvenil, dez. 1950, ed. 24, p. 76. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Figura 19 – Sumário ed. 121 (1955)

VIDA JUVENIL		Para os jovens de todo o Brasil
SUMÁRIO		
ANO VII — Nº 121 15 DE ABRIL DE 1955		
<i>Quadros Brasileiros</i> — «O Velho Teatro» — Sérgio Macedo e Renato Silva.	capas int.	<i>Relendo a História do Brasil</i> — Cap. VIII — João Guimarães
<i>Animais Pré-históricos</i> — «O Mamute» — Prof. ^a Iracema de Bragança.	4ª capa	<i>Febo</i> — em «Mulheres na Guerra»
<i>Trocando Idéias</i>	pág. 1	<i>Página de Todos e de Tudo</i>
<i>C. B.</i> — em «O Tesouro»	pág. 3	<i>Maravilhas da Natureza</i> — «O Gorila»
<i>A Deusa do Fogo</i> — Cap. V — Jeronymo Monteiro — Ilustr. de Áurea.	pág. 17	<i>Plácido e Muzo</i>
<i>Zé Azarento</i>	pág. 25	<i>Correspondência de Trocando Idéias</i>
<i>Pense e Acerte</i> — Altayr Dias	pág. 33	—————(o)—————
<i>Falcão Negro</i>	pág. 37	<i>REVISTA DO CLUBE JUVENIL TODDY</i> — Nº 49 — Direção Geral da Professora Maria de Lourdes Alves.
<i>Vida Juvenil Filatélica</i> — A. Angrense Pires	pág. 44	
<i>A Hora de Cinderela</i>	pág. 47	

Fonte: Vida Juvenil, 15 de abr. 1955, ed. 121, p. 72. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Figura 20 – Sumário ed. 174 (1958)

SUMÁRIO	
FEVEREIRO DE 1958 — ANO IX — Nº 174	
● HISTORIA	
<i>Tróia Negra</i> — Texto de Sérgio D. T. Macêdo, Ilustr. de Renato Silva	2ª e 3ª de capas
<i>Convair 26</i> —	4ª de capa
● EDITORIAL	
<i>Trocando Idéias</i> — Mário Hora Júnior	pág. 1
● LITERATURA	
<i>Vida Juvenil na Literatura</i> — sob a orientação de Armando de Carvalho — Respostas e premiados	pág. 13
● PALAVRAS CRUZADAS	
<i>Pense e Acerte</i> — a cargo de Nélson B. Lemos	pág. 51
● FILATELIA	
<i>Vida Juvenil Filatélica</i> — A. Angrense Pires — Capítulo XLII — Iugoslávia	pág. 29
● CORRESPONDÊNCIA	
<i>de Trocando Idéias</i>	pág. 59
<i>Entre as Nuvens</i>	pág. 68
● AVIAÇÃO E AEROMODLISMO	
<i>Asas americanas nos céus cariocas</i>	pág. 61
● HISTORIA EM QUADRINHOS	
<i>C. B.</i> — história de Charles Biro, em "O inocente" ...	pág. 3
<i>Os Sabichões</i> — história de Charles Biro, em "O crime da cavalaria"	pág. 15
<i>Pedro Pedroca e o suco de morangos</i>	pág. 41
<i>Paixão no circo!</i>	pág. 55
● SUPLEMENTO GIGANTE	
<i>Dan Devil</i> — história de Milton Caniff	separata
<i>O grande mergulho</i>	separata

Fonte: *Vida Juvenil*, fev. 1958, ed. 174, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

A análise dos sumários de *Vida Juvenil* talvez propiciasse um estudo para além dos objetivos da tese. Contudo, apresentá-los permite demonstrar algumas transformações da revista ao longo do seu ciclo de vida e reforçar a ideia da diversidade de conteúdos presentes em uma mesma edição. Observe-se que no primeiro sumário mostrado, de dezembro de 1950, há seções de teor instrutivo, como *A Matemática Sorri para Você*; de teor formativo, como *Escolha sua profissão*; de teor divertido, como *O Falcão Negro – O poder da cobra*; e de teor educativo/ moralizante, como *Heróis da Vida Real*. De maneira aproximada, a edição de 15 de abril de 1955 traz a HQ *Falcão Negro; Quadros Brasileiros*, que mirava no ensino de História do Brasil; e *Maravilhas da Natureza: o gorila*, que, com formato mais lúdico, no estilo Histórias em Quadrinhos, tratava de aspectos científicos do animal, de forma a ensinar de maneira leve e lúdica. O último sumário apresentado, de fevereiro de 1958, apesar de fazer parte da última fase

da revista e, portanto, mais próximo ao período de seu encerramento, não perde a característica híbrida de *Vida Juvenil*. Note-se que havia palavras-cruzadas, mas também conteúdo de História – *Troia Negra* – e de curiosidades, a exemplo da matéria *Avião e Aeromodelismo*, que, a partir de um conteúdo de possível interesse do jovem leitor, buscava agregar conhecimentos científicos sobre o assunto.

Martins (2003) salienta, outrossim, o modo como textos, imagens, ilustrações e propagandas, por exemplo, configuram a forma de operação de revistas de diversidade, e como, a partir de tais elementos, é possível “transitar” pelo quadro histórico focalizado. Ainda nessa direção, nota-se outra característica de revistas que se encaixa perfeitamente ao se observar *Vida Juvenil*: a escrita amena e ligeira (Martins, 2003). No meio de seções que visavam divertir o leitor, o corpo editorial inseria histórias educativas e informativas para compor o rol de conteúdos compreendidos como importantes e interessantes para o público-leitor.

1.2 A Sociedade Gráfica Vida Doméstica

A Sociedade Gráfica Vida Doméstica foi a editora responsável pela publicação das revistas *Vida Doméstica* (1920-1962), *Vida Infantil* (1947-1960), *Vida Juvenil* (1949-1959), *Almanaque de Vida Infantil*, *Almanaque de Vida Juvenil* e *Coletânea (do Magazine Digest)* (1951-1960)⁵⁷, cuja sede era o Distrito Federal, à época, atual cidade do Rio de Janeiro. A primeira vez que o nome da Sociedade Gráfica aparece como editora de *Vida Doméstica* é em dezembro de 1942, na edição 297 da revista, por isso, há certa dificuldade em precisar sua criação. Trata-se da revista de maior circulação no âmbito da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, o que sustenta a

⁵⁷ Inicialmente, foi incluída a revista *Cadernos Brasileiros* no rol de publicações a cargo da referida editora, haja vista alguns documentos que alegavam que se tratava de mais uma produção da Sociedade Gráfica Vida Doméstica (a exemplo do anexo I). Contudo, após as pesquisas realizadas, não foi possível confirmar tal alegação. Pelo contrário, tanto na Fundação Biblioteca Nacional (FBN) quanto no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a referência de *Cadernos Brasileiros* é da Gráfica Tupy, cujo diretor foi Afrânio Coutinho, de modo a não haver nenhuma menção aos intelectuais de *Vida Doméstica*. De acordo com Ridenti (2018), *Cadernos Brasileiros* (1959–1970) foi a versão brasileira de um movimento internacional chamado *Congresso pela Liberdade de Cultura*, fundado em 1950, na Europa. A revista e o movimento apresentavam forte teor político e se reivindicavam como liberais e anticomunistas. Nas palavras de Ridenti (2018, p. 373), “os intelectuais envolvidos com *Cadernos Brasileiros* foram sujeitos nesse processo de lutas sociais, indo de posições anticomunistas tradicionais, favoráveis à ‘revolução de 1964’, até a posterior formulação de críticas ao regime militar, abrindo o periódico para a colaboração de cientistas sociais considerados de esquerda, mas sem perder as oportunidades de acomodação com os donos do poder”. A *Associação Brasileira do Congresso pela Liberdade de Cultura* foi fundada no Rio de Janeiro, em 11 de abril de 1958, e contou com 42 intelectuais, conforme destaque na primeira edição de *Cadernos Brasileiros*, de Abril-Junho de 1959: Manuel Bandeira, João Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, Cecília Meireles, Carlos Castello Branco, Alceu Amoroso Lima, dentre outros (Ridenti, 2018, p. 352-353).

hipótese de que a sociedade gráfica teria ganhado esse nome por conta do sucesso da revista, que circulou de março de 1920 a dezembro de 1962.

Do seu lançamento até fevereiro de 1922, constava apenas o nome do diretor – Jesus Gonçalves⁵⁸ – no expediente de *Vida Doméstica*. Porém, a partir de março de 1922, na edição 24, passa-se a fazer menção à empresa *Jesus & Jarque*⁵⁹ como a proprietária da revista. Além da empresa, passaram a fazer parte do expediente os nomes dos seguintes colaboradores:

Quadro 7 – Colaboradores de *Vida Doméstica* em março de 1922

Nome	Cargo
Jesus & Jarque	Proprietários
Jesus Gonçalves	Diretor Comercial
Mario Nunes	Redator-chefe
Frederico Jarque ⁶⁰	Redator e artista fotográfico
Dr. Alberto Moreira	Redator de assuntos econômicos
Dr. Guilherme Medina	Redator de assuntos agrícolas
Manoel José Soares	Redator de avicultura e correlatos
Mademoiselle Dolores Iglesias	Redatora de bordados e trabalhos de agulha
Drs. Gilberto Moura Costa e Gabriel de Souza Teixeira	Redatores de medicina doméstica
Dr. Oswaldo Joppert	Redator de higiene de boca

Fonte: A autora, 2022. Fonte dos dados: *Vida Doméstica*, março de 1922, nº 24. Disponível na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional

⁵⁸ Trata-se de Jesus Gonçalves Fidalgo, possivelmente de origem espanhola, empresário e repórter fotográfico de alguns periódicos, como o *Jornal do Brasil* e a *Revista da Semana* (Souza, 2019; Cardoso, 2009). Sobre sua origem, há referências de que Jesus fosse português (Spindula & Machado, 2019). Entretanto, no registro de óbito consta que era natural da Espanha. Registro de óbito disponível no sítio eletrônico *Family Search* (<https://www.familysearch.org/tree/person/G9TK-DGD>). Acesso em: 15 de maio de 2023.

⁵⁹ Esta informação aparece em *Vida Doméstica* a partir de março de 1922, na edição 24. A empresa leva os nomes de Jesus Gonçalves Fidalgo e Frederico Jarque, dois atuantes no campo da fotografia e proprietários de uma empresa neste ramo, a “Jesus & Jarque Retratos Artísticos”. Como visto, Jesus foi repórter fotográfico de diferentes jornais, ao passo que Frederico Jarque foi redator e artista-fotográfico de *Vida Doméstica*, tendo atuado com maior ênfase na década de 1920.

⁶⁰ Encontram-se duas grafias diferentes: Frederico e Federico. Aqui, utilizaremos a grafia Frederico, por ser a encontrada nos documentos oficiais disponíveis no sítio eletrônico *Family Search* (<https://www.familysearch.org/tree/person/details/LJRF-V7Z>), ainda que se suponha que a grafia correta seja Federico por acreditar se tratar de um espanhol. Frederico Jarque Palacios foi marido de Nair Ornellas do Couto (também referenciada como Nair Ornellas do Canto), cujo casamento se deu na cidade do Rio de Janeiro, em 1921.

Ainda de acordo com o expediente, tem-se que, inicialmente, *Vida Doméstica* se dedicava a veicular assuntos sobre “A vida no lar e nos campos: avicultura, pecuária etc. A vida ao ar livre: esportes, fotografia para amadores etc. A vida comercial, industrial, econômica e financeira.” (Vida Doméstica, março de 1920, p. 4). Somente a partir de janeiro de 1924 o subtítulo “Revista do lar e da mulher” passa a estampar a capa de *Vida Doméstica*, especificando o público visado, ainda que desde janeiro do ano anterior já tenha sido apresentado o público esperado, qual seja, as famílias. A fragmentação do público era típica do modo de operação da imprensa do século XX (Luca, 2008; Martins, 2003), característica que, também, poderia ser atribuída à própria editora ao apostar em diferentes revistas voltadas a diferentes públicos com o mesmo corpo editorial. Observe-se a composição editorial das suas principais publicações, em um mesmo mês e ano de publicação:

Quadro 8 – Composição editorial da Sociedade Gráfica Vida Doméstica em novembro de 1954

Novembro de 1954	
Vida Doméstica	Fundação: Jesus Gonçalves Fidalgo Diretor responsável: Carlos Gonçalves Fidalgo Diretor Gerente e Redator Chefe: Antonio Ibrahim Haddad Diretor Artístico e Social: Clemente dos Santos Farroco Diretor de Publicidade: Felisberto Orofino
Vida Infantil	Fundação: Jesus Gonçalves Fidalgo Diretor responsável: Carlos Gonçalves Fidalgo Diretor Gerente e Redator Chefe: Antonio Ibrahim Haddad Diretor Secretário: Clemente dos Santos Farroco Diretor de Publicidade: Felisberto Orofino
Vida Juvenil	Diretor responsável: Carlos Gonçalves Fidalgo Diretor Gerente e Redator Chefe: Antonio Ibrahim Haddad Diretor Secretário: Clemente dos Santos Farroco Diretor de Publicidade: Felisberto Orofino
Coletânea (do Magazine Digest)	Diretor responsável: Carlos Gonçalves Fidalgo Diretor Gerente: Antonio Ibrahim Haddad Diretor Secretário: Clemente dos Santos Farroco Diretor do Departamento de Publicidade: Felisberto Orofino Redator-chefe: Afrânio Coutinho

	Redatores: Evandro Moreira Pequeno; C. F. de Freitas Casanovas; e Gilberto de Oliveira
--	--

Fonte: A autora, 2022. Fonte dos dados: *Vida Doméstica*, novembro de 1954, nº 440; *Vida Infantil*, novembro de 1954, nº 124; *Vida Juvenil*, novembro de 1954, nº 110; *Coletânea*, novembro de 1954, nº 38.

Como se observa, havia apenas homens na organização das principais revistas da Sociedade Gráfica Vida Doméstica e, tanto em *Vida Doméstica*, de 1920, quanto em *Vida Infantil*, de 1947, havia a inserção do fundador, Jesus Gonçalves Fidalgo, que morreu apenas em 1948. Seu falecimento, inclusive, foi bastante noticiado em jornais da época. Quando da escrita da dissertação de mestrado, foi possível observar a conformação de uma larga rede de sociabilidade em relação a Jesus Fidalgo, haja vista as várias homenagens prestadas em jornais de grande circulação no período, como *A Noite e Correio da Manhã*:

Figura 21 – Aviso da missa de Sétimo Dia de Jesus Gonçalves Fidalgo

A NOITE — Terça-feira, 8 de junho de 1948

Comunicados fúnebres

COMENDADOR JESUS GONÇALVES FIDALGO
(MISSA DE 7.º DIA)

Conceição Gonçalves Fidalgo, Carlos Gonçalves Fidalgo, esposa e filhos, Clemente dos Santos Farroco, esposa e filhos, Felisberto Orofino, esposa e filho, Antonio Ibrahim Haddad, esposa e filha, Dolores Gonçalves Fidalgo, profundamente consternados pelo falecimento de seu muito querido esposo, pai, sógro e avô, JESUS GONÇALVES FIDALGO, convidam a todos os seus parentes e amigos para a missa de 7.º dia que, por sua alma, será celebrada amanhã, dia 9 do corrente, às 10,30 horas, na igreja de N. S. do Carmo. Antecipando seus mais sinceros agradecimentos, a família solicita, encarecidamente, dispensa de pêsames.

COMENDADOR JESUS GONÇALVES FIDALGO
(FUNDADOR DE VIDA DOMÉSTICA)

Os diretores, redatores e demais auxiliares da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda. profundamente consternados pela irreparável perda do seu saudoso amigo e orientador, Sr. JESUS GONÇALVES FIDALGO, convidam a todos os seus parentes e amigos para a missa de 7.º dia que, em intenção de sua boníssima alma mandam celebrar amanhã, dia 9 do corrente, às 10,30 horas, na igreja de N. S. do Carmo, solicitando dispensa de pêsames e confessando-se antecipadamente agradecidos.

COMENDADOR JESUS GONÇALVES FIDALGO
(MISSA DE 7.º DIA)

Celso Gonçalves Fidalgo, esposa e filhas, José Gonçalves Fidalgo, José Feijó Gonzalez, esposa e filha, Luiz Feijó Gonzalez, Claudino Braz, Izilda da Assunção Veiga, com profundo pesar pela perda do seu boníssimo irmão, tio e cunhado, convidam seus parentes e amigos para a missa de 7.º dia que, em intenção de sua alma será mandada rezar na igreja de N. S. do Carmo, às 10,30 horas, de amanhã, dia 9 do corrente, solicitando dispensa de pêsames, confessando, antecipadamente, seus mais sinceros agradecimentos.

COMENDADOR JESUS GONÇALVES FIDALGO
(MISSA DE 7.º DIA)

Angelo Fernandez Gonzalez e senhora, profundamente pesarosos pela perda de seu grande amigo, convidam seus parentes e amigos para a missa de 7.º dia que, em intenção de sua alma farão celebrar na igreja de N. S. do Carmo, às 10,30 horas de amanhã, dia 9 do corrente.

Figura 22 – Aviso da missa de um ano de Jesus Gonçalves Fidalgo

CORREIO DA MANHÃ — Terça-feira, 31 de Maio de 1949

ATOS RELIGIOSOS

JESUS GONÇALVES FIDALGO
(MISSA DE ANO)

Viúva Conceição Gonçalves Fidalgo; Carlos Gonçalves Fidalgo, esposa e filho; Clemente dos Santos Farroco, esposa e filhos; Felisberto Orofino, esposa e filho; Antonio Ibrahim Haddad, esposa e filha; Maria Dolores Gonçalves; Celso Gonçalves, esposa e filhos; José Gonçalves; José Feijó Gonçalves, esposa e filha; Luiz Feijó Gonçalves e esposa; Izilda da Assunção Veiga e Claudino Braz, convidam seus parentes e amigos para assistirem a missa de ano que mandam celebrar, amanhã, dia 1º de junho, na Igreja N. S. do Carmo (Rua 1º de Março), às 9 horas, em sufrágio pela alma de seu boníssimo e saudoso esposo, pai, sogro, avô, irmão, tio e cunhado, JESUS GONÇALVES FIDALGO. Por esse ato de amizade cristã, antecipam os seus agradecimentos. (38217)

JESUS GONÇALVES FIDALGO
(FUNDADOR DE VIDA DOMÉSTICA)
(MISSA DE ANO)

Os Diretores, redatores, funcionários de redação, administração e oficinas da Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda., convidam os parentes e amigos do seu saudoso chefe e fundador JESUS GONÇALVES FIDALGO, para assistirem a celebração da missa de ano que, em intenção da sua alma mandam celebrar, amanhã, dia 1º de junho, às 9 horas, na Igreja de N. S. do Carmo, à rua 1º de Março. Aos que assistirem a esse ato cristão, antecipam os seus agradecimentos. (38218)

A leitura dos excertos dos jornais permite compreender parte do prestígio que Jesus Gonçalves Fidalgo tinha frente a familiares, amigos e colaboradores de suas ocupações profissionais, com destaque para aqueles que faziam parte do expediente das revistas: seu filho, Carlos Gonçalves Fidalgo, jornalista e herdeiro das produções do pai; Antonio Ibrahim Haddad, também jornalista, que ocupava o cargo de gerente e redator chefe há mais de 20 anos, em colaboração a Fidalgo; Clemente dos Santos Farroco, um industrial que, mesmo não fazendo parte do campo jornalístico, como os outros, colaborava com as publicações da editora, como diretor secretário; Felisberto Orofino, que também era jornalista e amigo de Fidalgo (Souza, 2019, p. 40); além da indicação de sua esposa, Conceição Gonçalves Fidalgo.

Dois outros fatos chamam a atenção a partir dos excertos destacados: a presença de quatro homenagens para o mesmo evento e o não esquecimento após um ano de falecimento, os quais reforçam a relevância atribuída a Jesus Fidalgo. Além disso, a referência dada a Fidalgo como

comendador é, igualmente, importante. O termo “comendador” se refere ao sujeito “dignitário de ordem militar ou *religiosa* a quem se conferiu comenda” (Dicio – Dicionário Online de Português), de modo que “comenda” consistia em um “*benefício concedido antigamente a eclesiásticos e a cavaleiros de ordens militares; Usufruto de uma abadia, concedido pelo papa; Distinção honorífica; insígnia de comendador*” (Dicio – Dicionário Online de Português; grifos nossos). Nota-se, então, que se trata de um benefício que podia ser de ordem religiosa concedido a um sujeito de distinção. Infere-se, portanto, que Fidalgo era um desses sujeitos merecedores de tal distinção, cuja honra veio, muito provavelmente, de sua inserção no campo religioso, uma vez que não foram localizados elementos que demonstrassem que Fidalgo fizesse parte de alguma ordem militar. Nesse sentido, as pesquisas de Santos (2011) e Souza (2019) apontam discursos de cunho religioso, tanto em *Vida Doméstica* quanto em *Vida Infantil*, respectivamente. Segundo Santos (2011), “considerando que a produção de *Vida Doméstica* era (...) inspirada e orientada pelos *apostolados cristãos*, ressalta-se a presença de valores católicos na publicação” (p. 39, grifos do original). A autora continua: “em editorial intitulado ‘No limiar de 1954’, observou-se a indicação de que *Vida Doméstica* sempre penetrou nos lares ‘de viseira erguida e de acordo com as nossas tradições morais e cristãs’” (p. 39, grifos do original). Souza (2019), por sua vez, ao tratar a revista *Vida Infantil*, observou elementos de teor religioso em suas páginas, como no exemplo a seguir.

Figura 23 – Seção *Sua Página de Exercícios*, de *Vida Infantil*

A vovó do Zézinho faz anos hoje. Ele começou a escrever uma cartinha de felicitações, mas precisa de seu auxílio para completá-la. Ajude-o, escrevendo as palavras que faltam, de acôrdo com o sentido, sem esquecer de usar convenientemente o tratamento.

Transcreva o exercício num caderno para lhe facilitar.

Rio, 15-3-48

Minha vovózinha.

No dia de hoje não poderia deixar de escrever algumas para lhe desejar tudo de bom que a Snra. possa e que tanto merece.

Tinha imensa vontade de pessoalmente, mas a grande distância que nos separa de fazê-lo. Entretanto, meu pensamento estará totalmente voltado para a Snra. e nas minhas **pedirei a Deus** que lhe dê muita e que conceda a graça de conservá-la entre nós, por ainda.

Terminando, envio muitas lembranças ao vovô e

.....

Fonte: *Vida Infantil*, mar. 1948, ed. 5, p. 49. Depositário: Fundação Biblioteca Nacional (FBN)

O excerto foi extraído da seção *Sua Página de Exercícios*, de março de 1948, que compunha as principais edições da revista, naquele período. A esse respeito, Souza (2019) argumenta que

De um lado, destaca-se a tentativa de se instruir em relação à forma de se operar com o gênero textual carta e as formas de tratamento. De outro, nota-se o conteúdo da carta: sentenças frasais de relativa complexidade para o público infantil, o teor suave, amoroso e, ainda, religioso, fazendo menção a Deus (Souza, 2019, p. 53).

De maneira lúdica, a religião permeava as páginas de *Vida Infantil*. Nesse sentido, observa-se permanência em relação à *Vida Juvenil*. Uma das seções recorrentes da revista se intitulava *Modos de Falar*, que se direcionava ao ensino de língua portuguesa.

Figura 24 – Seção *Modos de Falar*, de *Vida Juvenil*

Junho-1949 — Pág. 72 VIDA JUVENIL

MODOS DE FALAR

Prof.^a LÚCIA ALVARENGA

MUITA GENTE FALA ASSIM...	QUANDO DEVEIA FALAR ASSIM...	PORQUE...
1 — Isso passou <i>desapercebido</i> .	Isto passou <i>despercebido</i> .	<i>Desapercebido</i> significa desprovido; <i>despercebido</i> quer dizer: não percebido.
2 — Eu não <i>pôde</i> ir à festa.	Eu não <i>pude</i> ir à festa.	<i>Pude</i> é a 1 ^a pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo do verbo poder. <i>Pôde</i> é a 3 ^a pessoa do singular do mesmo tempo.
3 — Jesus <i>acendeu</i> ao céu.	Jesus <i>ascendeu</i> ao céu.	<i>Ascender</i> = subir. <i>Acender</i> = atear.
4 — <i>Vistam-se depressa e vinde</i> tomar café conosco.	<i>Vistam-se depressa e venham</i> tomar café conosco. (3 ^a pessoa do sing.), ou: <i>Vesti-vos</i> depressa e <i>vinde</i> tomar café conosco. (2 ^a pessoa do plural).	Há mistura de tratamento, o que é erro grave.
5 — O ensino é agora <i>gratuito</i> .	O ensino é agora <i>gratuito</i> .	Erro de pronúncia muito vulgarizado, como <i>fortuito</i> , que se devê ler <i>fortuito</i> .
6 — Não puderam os engenheiros <i>suster</i> a obra.	Não puderam os engenheiros <i>sustar</i> a obra.	<i>Sustar</i> significa interromper; <i>suster</i> quer dizer: sustentar.
7 — Senti <i>muita dó</i> , ao vê-la tão abatida.	Senti <i>muito dó</i> , ao vê-la tão abatida.	<i>Dó</i> é palavra masculina.
8 — Com o <i>cal</i> , pintamos a parede.	Com a <i>cal</i> , pintamos a parede.	<i>Cal</i> é substantivo feminino.
9 — Neste <i>interim</i> , chegou o professor.	Neste <i>interim</i> , chegou o professor.	Erro de pronúncia. O vocábulo é proparoxítono.
10 — No fim, há um lindo <i>dueto</i> a duas vozes.	No fim, há um lindo <i>dueto</i> .	Pleonasma, repetição viciosa da mesma idéia. <i>Dueto</i> já significa duas vozes.
11 — Consegui <i>d e f e r i m e n t o</i> favorável.	Consegui <i>deferimento</i> .	Pleonasma. «Se não fôsse favorável, seria <i>indeferimento</i> » (Vitorio Bergo. Erros e dúvidas de Linguagem).
12 — Saiu-se bem, pois é ainda <i>debutante</i> .	Saiu-se bem, pois ainda é <i>estreadante</i> .	<i>Debutante</i> é galicismo (emprego de palavra francesa).
13 — Como <i>êle</i> vai?	Como vai <i>êle</i> ?	Nas frases interrogativas, desde que o sujeito não seja a própria palavra interrogativa, deve <i>êle</i> vir depois do verbo.

Fonte: *Vida Juvenil*, jun. 1949, ed. 6, p. 72. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

De maneira aproximada ao exemplo de *Vida Infantil*, nota-se a estratégia de ensinar questões de cunho escolar com exemplos que tangenciassem a religião, como forma de passar um ensinamento moral de maneira conjunta a um ensinamento escolar. Ao se examinar as três principais publicações da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, nota-se parte dos valores

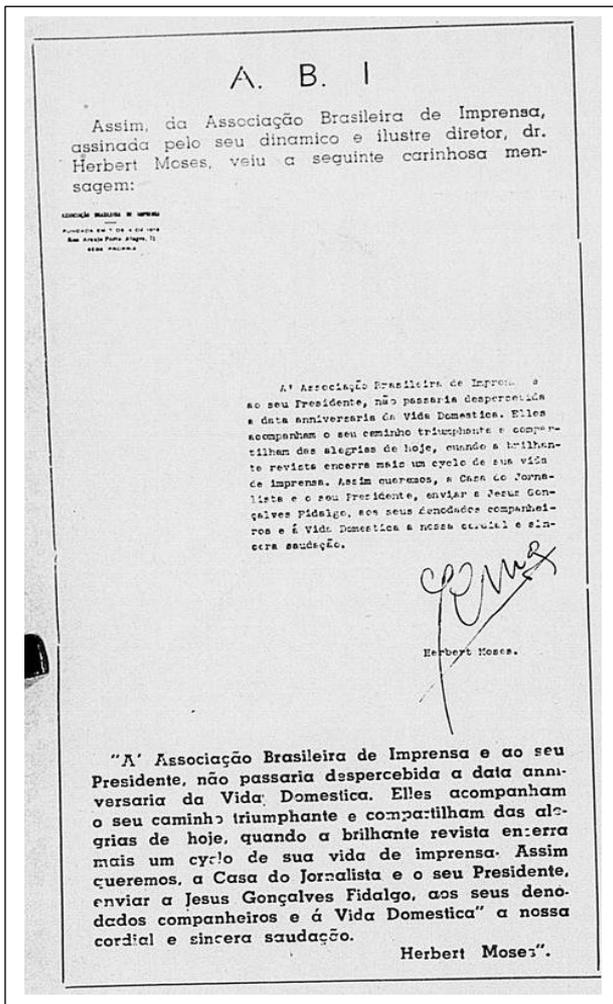
apregoados pela equipe editorial e que, muito provavelmente, buscavam seguir o que havia sido iniciado em 1920, quando do lançamento de *Vida Doméstica* por Jesus Gonçalves Fidalgo.

Se a revista *Vida Doméstica* foi o impulso para a colocação da editora no mercado, o seu encerramento determinou o fim da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, em 1962. De fato, é difícil precisar o que aconteceu antes: o declínio da revista *Vida Doméstica*, culminando no encerramento das atividades da editora, ou dificuldades da editora que resultaram no fim da publicação da revista *Vida Doméstica*. Contudo, merece destaque o fato de *Vida Doméstica* ter sido a primeira e a última revista publicada pela editora. Ao passo que as outras publicações foram iniciadas e finalizadas entre 1920 e 1962, *Vida Doméstica* compreendeu o tempo exato de duração da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, o que faz dela seu principal periódico.

Um fato importante em relação ao ano de 1962 – ano de encerramento de *Vida Doméstica* e, provavelmente, da própria Sociedade Gráfica Vida Doméstica – foi o falecimento de Mário Hora, em 16 de julho de 1962, que atuava na editora, assim como seu filho. De acordo com uma reportagem do jornal *A Noite* (ed. 16082, 18 de jul. 1962), Hora foi “brilhante jornalista (...), além de repórter, redator, cronista, crítico teatral” e que colaborou com *Vida Doméstica*, em várias edições, desde 1920. Trata-se do pai de Mário de Araújo Hora Júnior, secretário e colaborador de *Vida Juvenil*. Ele era quem assinava a seção *Trocando Ideias* na revista, logo tinha algum espaço no periódico. De fato, não é possível afirmar que o falecimento de um dos colaboradores (cronistas) de *Vida Doméstica* tenha sido determinante para o fim das atividades da editora, mas, quiçá, tenha colaborado para tal.

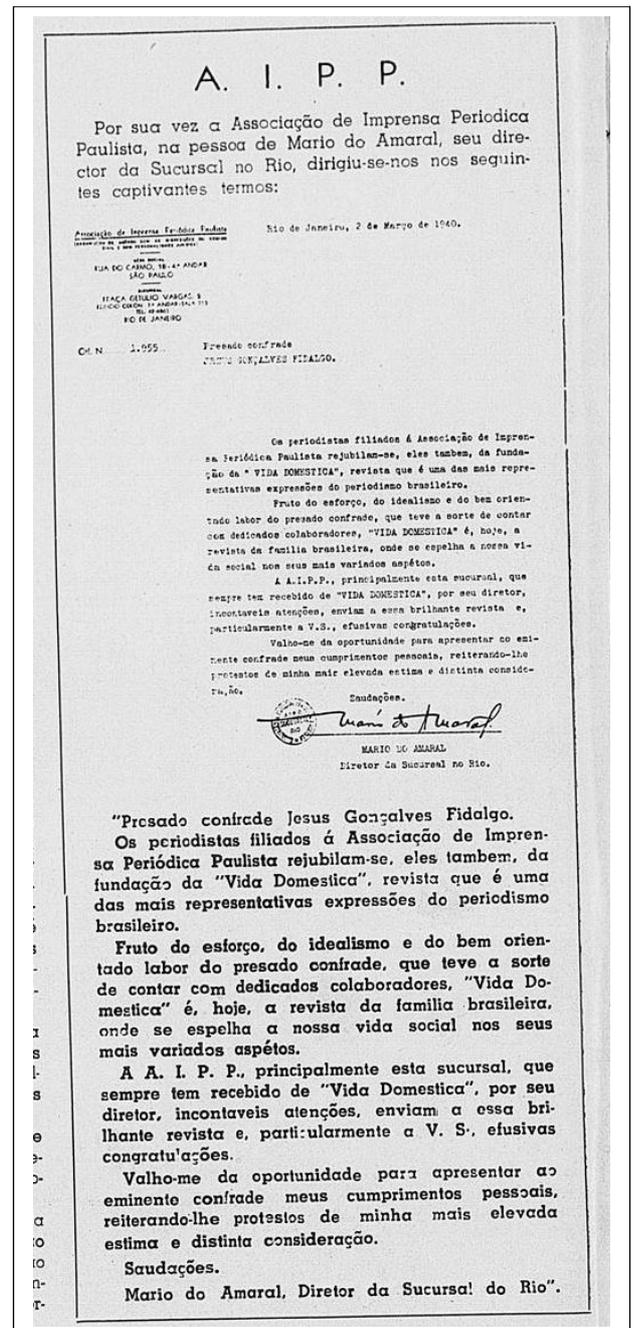
Enfim, a Sociedade Gráfica Vida Doméstica foi uma editora que obteve algum destaque no cenário editorial enquanto existiu, com especial ênfase nos anos 1950, quando foi a responsável por diferentes publicações concomitantes: *Vida Doméstica*, *Vida Infantil* (e seu almanaque), *Vida Juvenil* (e seu almanaque) e *Coletânea* (do *Magazine Digest*). Nesse sentido, merecem destaque alguns documentos relativos à comemoração do 20º aniversário de lançamento da revista *Vida Doméstica*, celebrada na edição 265, de abril de 1940 da mesma:

Figura 25 – Homenagem da Associação Brasileira de Imprensa pelo aniversário de 20 anos da revista *Vida Doméstica*



Fonte: *Vida Doméstica*, abr. 1940, ed. 265, p. 20. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Figura 26 – Homenagem da Associação de Imprensa Periódica Paulista pelo aniversário de 20 anos da revista *Vida Doméstica*



Fonte: *Vida Doméstica*, abr. 1940, ed. 265, p. 20. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Além dos documentos emitidos pela Associação Brasileira de Imprensa e pela Associação de Imprensa Periódica Paulista, registrados acima, outros jornalistas e empresas prestaram homenagem à revista, como Candido de Campos, diretor de *A Notícia*, e a *Revista Biográfica Portuguesa*, de modo que ambos caracterizaram *Vida Doméstica* como uma das "mais prósperas e importantes empresas jornalísticas do Brasil". A revista portuguesa complementou: "'*Vida Doméstica*' (...) alcançou honroso lugar ao lado das melhores

publicações *do mundo*” (grifos nossos). Como se observa, *Vida Doméstica*, tanto revista quanto editora, detinha prestígio à época de circulação.

Importa ressaltar, por fim, que *Vida Doméstica* foi uma editora que contou com a colaboração de variados intelectuais no âmbito de suas publicações, como o professor Mello e Souza (Malba Tahan), em *Vida Infantil* e *Vida Juvenil*, Ofélia e Narbal Fontes (*Vida Juvenil*), Lúcia Miguel Pereira (*Vida Infantil*), Afrânio Coutinho (redator-chefe de *Coletânea*), para citar alguns exemplos. Como consta ainda nas homenagens prestadas por terceiros no aniversário de 20 anos de *Vida Doméstica*, ela

emprega (...) os *mais reputados técnicos e artistas*. [Além disso,] na redação da querida revista um *grupo de experimentados jornalistas profissionais* procura, com inteligência e conhecimento do meio, fazer de “*Vida Doméstica*” a revista indispensável em todas as casas de família, onde senhoras, moças e meninas, a leem com carinho merecido. (*Vida Doméstica*, abril de 1940, p. 20, grifos nossos)

Como se nota, havia elogios ao grupo de intelectuais que compunham *Vida Doméstica*, em 1940, mas que, hipoteticamente, poderia ser alargado às publicações seguintes da editora, uma vez que o corpo editorial sofreu pouquíssimas alterações. Enfim, com as discussões relativas à Sociedade Gráfica Vida Doméstica e a notável rede de sociabilidade estabelecida entre os que faziam parte desse jogo editorial, passe-se ao capítulo dois que recai nos intelectuais mediadores que compunham *Vida Juvenil*, suas redes e itinerários.



CAPÍTULO II COM A PALAVRA, OS INTELLECTUAIS MEDIADORES

Acho que para cada escritor há uma razão diferente. No meu caso, num certo sentido, é o desejo interior de dar um testemunho do meu tempo, da minha gente e principalmente de mim mesma: eu existi, eu sou, eu pensei, eu senti, e eu queria que você soubesse. No fundo, é esse o grito do escritor, de todo artista. Creio que o impulso de todo artista é esse. *É se fazer ver. Eu existo, olha pra mim, escuta o que eu quero dizer: tenho uma coisa pra te contar.* Creio que é por isso que a gente escreve.

Rachel de Queiroz em resposta à pergunta “Por que escrevo?”, coletânea organizada por José Domingos de Brito. Grifos nossos.

A epígrafe em tela apresenta parte da ideia do segundo capítulo desta tese, qual seja, a de tratar dos principais intelectuais mediadores que atuaram em *Vida Juvenil*. Afinal, o que seria da revista sem seus colaboradores? Contudo, diferentemente da epígrafe, focaliza-se não só aqueles que *escreviam*, mas também aqueles que *ilustravam*, uma vez que estes influíam na organização e na compreensão da revista e dos seus valores. Pondera-se, outrossim, se os jovens que participavam da *Revista do Clube Juvenil Toddy*, suplemento de *Vida Juvenil*, poderiam, em alguma medida, ser considerados modelos de intelectuais mediadores, a despeito da atuação de cada um.

O capítulo se desenvolve a partir da perspectiva de Bourdieu (2006), ao tratar da “ilusão biográfica”, cuja defesa recai na ilusão de que seria possível narrar a vida de determinado sujeito como uma história coerente, linear e totalizante, com início, meio e fim. De fato, não se tem a pretensão de abarcar a vida dos sujeitos em sua totalidade – até mesmo, porque seria impossível. Compreende-se os indivíduos destacados como “historicamente constituídos e, portanto, historicamente situados” (p. 186), cujas trajetórias são diversas, descontínuas, repletas de imprevistos, permeadas por “colocações e deslocamentos no espaço social” (p. 190). Intenta-se, portanto, apresentar *uma* possível versão de seus itinerários.

Ademais, defende-se, a partir de Sirinelli (2003), a importância de valorizar e examinar não apenas os “grandes nomes” ou os “gênios”, mas também aqueles intelectuais que, em maior ou menor medida, tenham exercido influência cultural e política no período em que viveram (p. 246), embora Alves (2019) destaque a complexidade de se definir quem pode ser qualificado a compor a categoria de intelectual (Alves, 2019, p. 30). O capítulo se desenvolveu a partir dessa perspectiva.

A análise se localiza no contexto de intelectuais que colaboraram com uma revista juvenil entre os anos 1940 e 1950, de modo que, conforme discutido no capítulo 1, as revistas passaram, com o advento da Nova História Cultural, a representar fonte fecunda na compreensão de processos históricos e de “práticas e de lógicas integrantes de um sistema cultural” (Velloso, 2006). É nesse contexto que os intelectuais aqui discutidos se encontram: no âmbito de um impresso cuja escrita é plural e a criação, coletiva.

Ainda segundo Velloso (2006), a relevância que vem sendo atribuída às revistas contribui para mudanças na dinâmica do campo cultural e no modo de operação dos intelectuais. Elas passaram a ser vistas como espaços estratégicos de propagação de ideias e de projetos político-culturais, convertendo-se em “lugar de estruturação das redes de sociabilidade, conformando um microcosmo específico de organização e de atuação em relação ao livro” (Velloso, 2006). Assim, importa observar as redes configuradas em torno dos principais colaboradores de *Vida Juvenil*, do ponto de vista da tese, de modo a constatar ideias, valores e projetos do grupo que constrói a revista edição após edição.

Nesse sentido, Sirinelli (2003) reforça a discussão ao defender que “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver” (p. 248), o que significa que os intelectuais de *Vida Juvenil* coadunavam, em determinada medida, com aquilo que era veiculado no impresso, de modo que o próprio material servia de espaço de convivência e diálogo. Nesse sentido, não parece ser aleatória a incorporação da *Revista do Clube Juvenil Toddy* na condição de suplemento de *Vida Juvenil*, afinal tratava-se de uma produção inicialmente alheia aos colaboradores da revista, mas cujos produtores escolheram este periódico como espaço de circulação escrita, uma vez que o *Clube Juvenil Toddy* era, desde 05 de março de 1950, produção radiofônica. Por que escolheram *Vida Juvenil*? Quais as convergências e as divergências? Por que, a partir de 1956, a *Revista do Clube Juvenil Toddy* deixa de fazer parte das páginas de *Vida Juvenil*? Questões financeiras? Ideológicas? Desejo por ampliar o alcance e deixar de ser apenas suplemento? Enfim, ainda que não seja possível responder de pronto a estas questões, o fato de, por 3 anos (de 15 de abril

de 1953 a 01 de abril de 1956), *Vida Juvenil* ter sido a “casa” material da *Revista do Clube Juvenil Toddy* é importante de se considerar. De fato, os intelectuais em torno da revista do Clube viram na revista da Sociedade Gráfica Vida Doméstica um espaço adequado para fazer circular suas ideias. *Vida Juvenil*, em si, pode ser considerada uma engrenagem do meio intelectual, através da qual diversos intelectuais se fizeram ser vistos e entretiveram/ educaram/ instruíram o público.

Conforme observado no capítulo 1, a *Revista do Clube Juvenil Toddy* era dirigida por uma professora, Maria de Lourdes Alves, e lançava mão de diversas seções, como “contos, poesias, desenhos, charadas, palavras cruzadas, anedotas, crônicas, curiosidades, fotografias, reportagens, etc...” (Vida Juvenil, 15 fev. 1953). Tais características eram compartilhadas, também, pela própria *Vida Juvenil* que oferecia seções variadas, compostas por contos, palavras-cruzadas, charadas, curiosidades e desenhos. Notam-se, assim, convergências no modo de operação de ambas as revistas.

Ainda em relação às convergências, observem-se os principais professores que passaram por *Vida Juvenil* ao longo dos seus 10 anos de existência:

Quadro 9 – Principais professores que colaboraram com *Vida Juvenil* durante seu ciclo de vida

	Professor(a)- colaborador(a)	Disciplina(s)/ Seção(ões)	Tipo de colaboração e frequência
1	Professor Carlos Marinho de Paula Barros	História do Brasil/ Seção <i>Quadros Brasileiros</i>	Colaboração contínua (entre 1949 e 1951, tendo tido apenas uma colaboração em 1952)
2	Professor Júlio Cesar de Mello e Souza (e Malba Tahan)	Matemática/ Seções <i>A Matemática Sorri para Você</i> e <i>Mil Histórias sem fim</i>	Colaboração contínua (entre 1949 e 1952)
3	Professor Ney Cidade Palmeiro	Diversas (história; geografia)/ Seções <i>Lendo</i>	Colaboração contínua (entre 1949 e 1951)

		<i>e Aprendendo e Quem Somos?</i>	
4	Professora Lúcia Alvarenga	Língua Portuguesa/ Seção <i>Modos de Falar</i>	Colaboração contínua (entre 1949 e 1951)
5	Professora L. Gustavini	Diversas (História; religião)/ Seção <i>Lendo e Aprendendo</i>	Colaboração esporádica (entre 1949 e 1951)
6	Professora Lausimar Laus Gomes	História/ Seção <i>O mundo através da Mitologia</i>	Colaboração contínua (entre 1949 e 1950)
7	Professora Ofélia Fontes	História/ Seção <i>Histórias Acontecidas</i>	Colaboração contínua (entre 1949 e 1950)
8	Professor Narbal Fontes	História/ Seção <i>Histórias Acontecidas</i>	Colaboração contínua (entre 1949 e 1950)
9	Professor Kiehl	Princípios de física e mecânica, por meio de cálculos e problemas/ Seção <i>Divertimentos e Diabruras</i>	Colaboração contínua (entre 1949 e 1951, tendo tido apenas uma participação em 1952)
10	Professor Sérgio D. T. Macedo	História/ Seção <i>Quadros Brasileiros</i>	Colaboração contínua (entre 1952 e 1957, embora com irregularidades)
11	Professora Letícia M. S. de Faria	Orientação sobre futuro profissional/ Seção <i>Escolha sua profissão</i>	Colaboração contínua (entre 1949 e 1950)

12	Professora Maria de Lourdes Alves	Diretora da Revista do Clube Juvenil Toddy (suplemento)	Colaboração contínua (entre 1951 e 1956)
----	--------------------------------------	---	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora tendo como base pesquisa realizada na HDB/FBN, 2023.

O fato de haver tantos professores à frente de diferentes seções do periódico evidencia intenções implícitas por parte do seu editorial e de como a presença de tais docentes retroalimentava a sua participação. Observar colegas de profissão atuando em determinado espaço social talvez chamasse a participação de outros professores, gerando, ali, um local de convivência simbólica entre intelectuais, ou, nas palavras de Gomes (2004, p. 83), um “pequeno mundo intelectual”.

Ainda de acordo com Gomes (2004), desde os anos 1920, os intelectuais já eram vistos e considerados como agentes de mudança social em potencial, principalmente quando atuavam no campo da educação. Segundo a autora, “esse lugar tão especial atribuído à cultura e ao intelectual está vinculado à crença, muito compartilhada na época, na força transformadora da educação” (p. 83). Por isso, não é de se estranhar o investimento, à época, em produções de cunho educativo, instrutivo e moralizante, como *Vida Doméstica*⁶¹, na década de 1920, e *Vida Infantil*⁶² e *Vida Juvenil*, na década de 1940, fosse por parte de professores, jornalistas, médicos ou advogados, por exemplo. Havia uma confluência de intelectuais empenhados em desenvolver produções pedagógicas com vistas ao progresso da nação.

Nesse sentido, observa-se que a maior parte dos intelectuais mediadores aqui destacados podia ser considerado, também, polígrafo anatoliano, a partir da perspectiva de Miceli (1979; 2001). Nas palavras do autor, “os anatolianos eram polígrafos porque deviam satisfazer às mais diversas demandas da imprensa e dos políticos (...)” (Miceli, 1979, p. 132). O termo polígrafo designa uma classe de intelectuais, surgida e característica da primeira metade do século XX, que desempenhava diferentes tarefas ligadas à intelectualidade, com vistas a estarem e se manterem inseridos em determinados espaços (cultural e político, principalmente) que os

⁶¹ *Vida Doméstica* foi tema de investigação de dissertação de Liana Santos (2011): SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

⁶² Note-se que esta revista foi objeto e fonte da dissertação que elaborei no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro: SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. *Divertir, educar e instruir: Vida Infantil (1947-1950)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

possibilitassem produzir e se sustentar. Por isso, atuavam em diferentes frentes. Miceli (2001) exemplifica com o caso de Olegário Mariano, sujeito que

encarna o tipo-ideal do polígrafo anatóliano: cronista, poeta, declamador, letrista, escritor de revistas de *music hall*, (...) conferencista, acadêmico, dramaturgo, (...), assíduo colaborador das revistas ilustradas e colunista social do *Correio da Manhã* (Miceli, 2001, p. 57).

Ainda que se trate de um intelectual do século XIX, é possível de se comparar a atuação de Mariano com a de muitos outros intelectuais mediadores de *Vida Juvenil*, que também se dedicaram a outras atividades vinculadas à intelectualidade, como na colaboração com revistas e jornais, no magistério, na dramaturgia, no rádio, dentre outros.

Apesar de o quadro 9 expor a diversidade de professores que tiveram passagem em *Vida Juvenil*, alguns merecem destaque pelas razões a seguir: 1) tempo de permanência e de contribuição; 2) relevância no âmbito da revista; 3) relevância para além da revista; e 4) o tema/ conteúdo abordado. Deste modo, este tópico versará sobre o itinerário dos seguintes professores:

Quadro 10 – Relação dos docentes escolhidos para o capítulo 2

Professor Carlos Marinho de Paula Barros
Professor Júlio César de Mello e Souza (Malba Tahan)
Professor Ney Cidade Palmeiro
Professora Lúcia Alvarenga
Professora Maria de Lourdes Alves

Fonte: A autora, 2023.

Ainda no âmbito deste capítulo, serão focalizados outros sujeitos que colaboraram com *Vida Juvenil*, mas não necessariamente por meio de textos, a saber, José Geraldo, autor de Histórias em Quadrinhos e ilustrador, Gil Coimbra, professor e ilustrador, e alguns estudantes colaboradores da *Revista do Clube Juvenil Toddy*.

2.1 O professorado de *Vida Juvenil*

2.1.1 As vozes masculinas

Ao se observar o ciclo de vida de *Vida Juvenil*, percebe-se que houve uma participação muito maior de homens do que de mulheres, no que diz respeito ao expediente (formado apenas por homens), à assinatura das seções, às ilustrações e à colaboração na produção dos conteúdos da revista, de maneira geral. Até mesmo o corpo estudantil participante da *Revista do Clube Juvenil Toddy* é composto muito mais por jovens do sexo masculino do que do sexo feminino. Por isso, não é de se estranhar que sejam traçados, em maior medida, os itinerários de homens do que de mulheres, no âmbito deste capítulo, ainda que as mulheres que estamparam *Vida Juvenil* tenham sido de peso nos campos cultural e editorial, à época, conforme será visto.

O percurso de busca por dados das professoras Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves foi deveras desafiador, principalmente pela falta de informações e de pesquisas sobre elas, muito embora Alvarenga tenha sido autora de diversos livros escolares – alguns, inclusive, recomendados pelo Diretor-Geral do Departamento de Educação do Rio Grande do Norte, em 1952, por exemplo – e Maria de Lourdes Alves tenha sido referida como importante mediadora no processo de formação da juventude brasileira da década de 1950, principalmente por ter estado à frente de programas de cunho educativo em rádios brasileiras. Então, por que há tão poucas informações sobre elas? Por que não consegui localizar produções acadêmicas que as citem? A segunda parte deste tópico intenta, enfim, minimizar tais lacunas.

2.1.1.1 Carlos Marinho de Paula Barros

Carlos Marinho de Paula Barros foi historiador, professor, pintor, poeta e colaborador das revistas *Vida Infantil* (1947-1960) e *Vida Juvenil* (1949-1959). O ano de seu nascimento não é preciso, pois Jorge (2015) aponta o ano de 1892, mas a Biblioteca de Literaturas de Língua Portuguesa⁶³ aponta 1894. O local de nascimento, contudo, é preciso: Belém, no Pará. Apesar de nortista, passou grande parte da vida no sudeste, no Rio de Janeiro, cidade para onde se mudou aos 11 anos de idade. Estudou no Colégio Militar, mesmo não tendo seguido a carreira militar. Barros, ao contrário, se dedicou ao mundo das Letras, sendo o autor de diversas obras da literatura brasileira, tais como *Muiraquitãs* (1928); *Calendário* (1930); *Iraporanga* (1931); *Laguna* (1943); *Legenda de Glória* (1950); *Maranduba* (1950); e *O Romance de Villa-Lobos* (1951), além de ter colaborado com outras, como *Seleta Cristã* (1932). Em sua maioria, trata-se de livros de poemas e/ou de romances, embora o último seja de cunho biográfico.

⁶³ Literatura Digital. Disponível em: www.literaturabrasileira.ufsc.br. Acesso em: 13 de novembro de 2023.

No âmbito de *Vida Juvenil*, foi o responsável pela seção *Quadros Brasileiros*, cuja ênfase era no ensino de História do Brasil. De maneira aproximada, alimentava a seção *História do Brasil para Crianças* junto à revista *Vida Infantil*, o que demonstrava seu apreço pela disciplina e o valor atribuído à História do país pela Sociedade Gráfica Vida Doméstica, editora de ambos os periódicos.

Barros participou, de maneira ativa, durante os dois primeiros anos de *Vida Juvenil*, considerada, na tese, como a primeira fase da revista (1949-1951), tendo assinado *Quadros Brasileiros* entre janeiro de 1949 e janeiro de 1952⁶⁴. De viés marcadamente tradicional, a referida seção lançava mão de texto escrito e de ilustrações para explicar determinado fato ou sujeito histórico.

Importa destacar que o espaço onde o conteúdo de *Quadros Brasileiros* era publicado, isto é, em uma revista, poderia ser, por si só, elemento facilitador para o interesse e a leitura do jovem leitor, ainda que sua configuração seguisse uma forma escolar de transmissão do conteúdo (Vicent, Lahire; Thin, 2001). Nesse sentido, importa cotejar conteúdos veiculados na revista com alguns dos programas previstos para o ensino de História do Brasil, em período aproximado. Para tanto, foram localizados e verificados dois documentos: por um lado, a 19ª edição do manual *Programa de Admissão*, de 1968, cujo conteúdo específico de História do Brasil ficou a cargo de Joaquim Silva; e, por outro, a relação de pontos para exame de admissão do ano de 1939 de uma das instituições estudadas por Minhoto (2007)⁶⁵. Além desses documentos, *Vida Juvenil* publica, em 1º de março de 1957 (ed. 159, p. 69), a relação dos programas das matérias do exame intelectual do concurso de admissão à Escola de Especialistas da Aeronáutica. Observam-se como elementos convergentes os seguintes conteúdos: o descobrimento da América; o descobrimento do Brasil; as capitanias hereditárias; os três primeiros governadores-gerais; a invasão do Rio de Janeiro pelos franceses; as invasões

⁶⁴ A partir de 15 de março de 1952 (edição 48), *Quadros Brasileiros* passou a ser alimentada pelo professor de História Sérgio D. T. Macedo. Macedo colaborou com algumas revistas juvenis e foi autor de diversos livros voltados para a juventude, cujos temas recaíam no ensino de História, com ênfase na do Brasil. Alguns dos títulos de sua autoria são *Primeiros Habitantes do Brasil - Índios e Colonos* (Coleção Livros para a Juventude) (1963), *Tiradentes e o Aleijadinho* (1962), *Epopeia das Bandeiras* (Coleção Temas Brasileiros) (1963), *Crônica do negro no Brasil* (1974) e *Formação do Brasil* (1950). Títulos retirados do site da Amazon (https://www.amazon.com.br/Livros-Sergio-Dt-Macedo/s?rh=n%3A6740748011%2Cp_27%3ASergio+Dt+Macedo) e da Estante Virtual (<https://www.estantevirtual.com.br/livros/sergio-d-t-macedo>). Acesso em: 13 de novembro de 2023.

⁶⁵ A autora analisa aspectos históricos do exame de admissão ao ginásio, a partir de pesquisa realizada em cinco instituições de ensino de São Paulo, que realizaram tal processo de exame de admissão ao ginásio e permaneciam em funcionamento quando da escrita da tese, entre 2004 e 2006. A autora, porém, não divulga o nome de tais colégios, identificando-os apenas como Instituição A, B, C, D e E. Por isso, não há clareza quanto à instituição de onde foram observados os pontos para exame de admissão do ano de 1939. Contudo, supõe-se se tratar do Colégio Batista Brasileiro, de acordo com a descrição realizada por Minhoto (2007, p. 91).

holandesas; entradas e bandeiras; a inconfidência mineira; a transmigração da família real para o Brasil; a independência do Brasil; o primeiro reinado – 7 de abril; o segundo reinado; Guerra do Paraguai; a abolição da escravatura; a Proclamação da República; e os Governos Republicanos.

A análise de *Vida Juvenil* permite observar que os conteúdos destacados foram veiculados na revista, sob diferentes formatos e em diferentes seções. O tema do descobrimento da América, por exemplo, aparece em seções como *Da História de Nossa América* e na Revista do Clube Juvenil Toddy. Já o descobrimento do Brasil ganha destaque na seção *Quadros Brasileiros*, cuja ênfase era a História do Brasil.

Quadros Brasileiros seguia composição e organização fixa: localizava-se na parte de dentro da capa, apresentava um título que se relacionasse à história a ser contada, utilizava textos separados em parágrafos e de ilustrações que complementassem a narrativa.

Figura 27 – Exemplo da seção *Quadros Brasileiros*



Fonte: Vida Juvenil, mar. 1949, ed. 3, verso da capa. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

O exemplo esclarece alguns aspectos que faziam parte da configuração da seção, como o teor nacionalista e o paradigma tradicional da História (Burke, 1992). Observem-se, por exemplo, a frase que intitula a história – “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever” –, as imagens que chamam a atenção para lugares tidos como importantes, assim como a representação imagética de sujeitos “de ar heroico”. No texto, outrossim, são indicados dados históricos supostamente necessários de se saber, como a cronologia dos eventos, a grandiosidade dos atos e dos sujeitos. Nesse sentido, coaduna-se com Bittencourt (2018) ao

alegar que “o ensino de História se (...) caracterizava, até recentemente, como um estudo mnemônico sobre um passado criado para sedimentar uma origem branca e cristã, apresentada por uma sucessão cronológica de realizações de ‘grandes homens’ (...)” (Bittencourt, 2018, p. 1).

A história de cunho tradicional pode ser compreendida como aquela em que se focaliza sujeitos heroicos, documentos e tratados oficiais e fatos marcantes, segundo a perspectiva de quem narra, tais como guerras, batalhas, nascimentos e falecimentos. Albuquerque Júnior (2012), ademais, destaca que “a história passa a ter, assim, a função de dizer a verdade sobre o passado da civilização e da nação, servindo de inspiração para os homens do presente, que, com ela, aprenderiam lições (...)” (p. 25). *Quadros Brasileiros* é um exemplo do esforço de se construir uma história de modo a ensinar possíveis lições morais e comportamentais para seus leitores, como ao intitular e registrar ao final da história do exemplo anterior a frase “O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”. Aqui, torna-se nítida a intenção de formar o pensamento de dever do jovem para com a nação, o que vai ao encontro da configuração típica da referida seção.

2.1.1.2 Professor Júlio César de Mello e Souza e Malba Tahan

Sirinelli (2003), no texto *Os Intelectuais*, sinaliza desafios e facilidades em relação à pesquisa com intelectuais, seus itinerários, geração e sociabilidade. Um dos desafios, que, em certa medida é também um elemento positivo, diz respeito à abundância de documentação e da possível “síndrome do mineiro”. Nas palavras de Tocqueville, citado por ele, “eu era como o minerador de ouro sobre cuja cabeça a mina tivesse desabado: estava esmagado sob o peso de minhas notas e não sabia mais como sair dali com meu tesouro” (Tocqueville, 1967 *apud* Sirinelli, 2003, p. 245). É possível classificar deste modo o trabalho com Mello e Souza e Malba Tahan, seu heterônimo mais famoso, uma vez que ambos os autores tiveram, conforme será visto, grande influência no ensino de Matemática no Brasil, sendo objetos de artigos, verbetes, monografias, dissertações e teses até hoje, dado o impacto que as histórias de Malba Tahan e a prática pedagógica do professor Mello e Souza tiveram no ensino de Matemática no Brasil.

Júlio César de Mello e Souza nasceu em 6 de maio de 1895, no Rio de Janeiro, mas passou a infância em Queluz, interior de São Paulo. Marido de Nair de Mello e Souza, ex-aluna com quem ficou de 1925 até o fim de sua vida, foi pai de Rubens Sérgio de Mello e Souza, Maria Sônia de Mello e Souza e Ivan Gil de Mello e Souza. Mello e Souza atuou como professor, escritor, conferencista e articulista de periódicos, além de criador de diversos

pseudônimos e heterônimos, com destaque para Malba Tahan. Classifico como heterônimo, pois, de acordo com Alberti (2004), heterônimos, diferentemente de pseudônimos, são personagens que pensam e têm estilo diferentes do seu autor, traço que se nota na relação entre Mello e Souza e Malba Tahan.

Ali Yazzed Izz-Eddin Ibn Salin Hank Malba Tahan, por sua vez, nasceu em 6 de maio de 1885 na aldeia de Mazalit, nas proximidades da antiga cidade de Meca. Era escritor e de descendência muçulmana. Segundo breve biografia presente na edição número 205, do jornal *A União – órgão oficial do Estado*, de João Pessoa (PB), lançado em 13 de setembro de 1933, estudou no Cairo e, mais tarde, quando em Constantinopla, cursou Ciências Sociais. Além disso,

datam dessa época os seus primeiros trabalhos literários que foram publicados em turco, em diversos jornais e revistas. A convite de seu amigo o Emir Abd el Azziz ben Ibrahim, exerceu Malba Tahan, durante vários anos, o cargo de quaimaquam (prefeito) na cidade Árabe de El-Medina, tendo desempenhado as suas funções administrativas com rara inteligência e habilidade. (...) Pela morte de seu pai, em 1912, recebeu Malba Tahan uma grande herança; abandonou, então o cargo que exercia em El Medina e iniciou uma longa viagem através de várias partes do mundo. Atravessou a China, o Japão, a Rússia, grande parte da Índia e Europa, observando os costumes e estudando as tradições dos diversos povos. Entre as suas obras mais notáveis, citam-se as seguintes: “Roba-el-Khali”, “Al-samir”, “Sama-Ullah”, “Maktub”, “Lendas do Deserto”, “Mártires da Armênia” e muitas outras. Foi ferido em combate (julho de 1921), nas proximidades de El Riad, quando lutava pela liberdade de uma pequenina tribo da Arábia Central (...) [e, ali, morreu] (*A União*, 1933, p. 3).

O resumo biográfico de Malba Tahan foi publicado no jornal em razão do lançamento e da propaganda do livro *Lendas do Oásis*, pela editora Civilização Brasileira S/A (1929 – atual, sendo parte do Grupo Editorial Record). Os elementos tão específicos que compõem a biografia do personagem, também denominado *alter-ego*, por Jarouche (2021), corrobora com a defesa de que Malba Tahan foi um sujeito completamente diferente de seu criador, assumindo forma, origem, nacionalidade, formação escolar, atividade e trajetória profissional totalmente diferentes de Mello e Souza. Trata-se de um sujeito que possuía vida própria.

Malba Tahan, porém, não foi o único personagem de Mello e Souza. Segundo pesquisa realizada no Acervo Malba Tahan do Centro de Memória da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), também houve Salomão IV, R. S. Slady (Slade) e Breno Alencar Bianco. Salomão IV foi o primeiro personagem criado por Mello e Souza, provavelmente na condição de pseudônimo. Mello e Souza sempre demonstrara prazer com o mundo das Letras, de modo que, aos onze anos de idade, em 1907, criou o jornal

ERRE, findado um ano depois. De acordo com Siqueira Filho (2008), que realizou pesquisas no Arquivo Pessoal de Malba Tahan, parte do Instituto Malba Tahan, em Queluz (SP),

até o número treze, o menino Julinho assinava como “redator/editor”. A partir do número quatorze, o jornal passou a ter como redator Salomão IV, o qual promoveu mudanças significativas na linha editorial: além da periodicidade, o jornal passou, também, a ser crítico [e] ilustrado (Arquivo Pessoal - IMT. Erre). Seria o início da opção de Mello e Souza pelo uso de pseudônimos. (Siqueira Filho, 2008, p. 151)

Além de pseudônimos e heterônimos, Mello e Souza também teve alguns apelidos: 846 era sua “identificação”, no âmbito do Colégio Militar, pois, de acordo com ele, “os alunos do Colégio Militar não eram conhecidos por seus nomes e sim por números” (Siqueira Filho, 2008, p. 150); e Capote era seu apelido no Colégio Pedro II. Breno Alencar Bianco e R. S. Slady (Slade), no entanto, foram, de fato, pseudônimos. O primeiro foi o responsável por traduzir e anotar algumas produções de Malba Tahan; já o segundo foi um escritor de sucesso de Nova Iorque que Mello e Souza, supostamente, havia traduzido.

Mello e Souza explica parte do surgimento de sua “mistificação literária”:

Eu tinha que lançar uma mistificação literária, mas de onde eu ia lançar escritor? (...) Qual é o povo que se notabilizou pelas histórias? Mil e uma noites. O povo árabe. Então, caí lá na Arábia. Eu sou como aquele Edgar Pontes que não acredita em inspiração. A coisa foi friamente; não tive inspiração nenhuma. (...) (*Depoimentos para a posteridade*, Museu da Imagem e do Som, 1973)

Em entrevista dada para a composição do terceiro volume de *Falam os Escritores*, em 1941, Mello e Souza aprofunda o modo como criou Malba Tahan:

(...)

- O árabe é homem que faz poesia a propósito de tudo. Suas atitudes sempre são romanescas. Não compreende a vida sem a poesia. Mas o pseudônimo não deveria ser nem masculino e nem feminino. Teria de ser sonoro. Teria de dar a necessária impressão de perfeita autenticidade. Na Escola Normal, havia uma aluna com um sobrenome interessante: Maria Tahan. Simpatizei-me com esse Tahan. Perguntei-lhe que queria dizer. "Moleiro" – respondeu-me ela. Fui, dias depois, descobrir num mapa da Arábia, o nome de uma cidade - Malba, aldeia perdida na Arábia Pétreia ...

- E nasceu Malba Tahan ...

- Que, como vê, pode ser traduzido por "moleiro de Malba". Comecei, então, a estudar a civilização árabe. Li Gustavo Le Bon, comprei o Alcorão, numa edição comentada, percorri as obras de Massoudi. Tomei um professor de árabe: o dr. Jean Achar. Tempos depois, quando já havia me enfrornado nas coisas do Oriente, procurei Irineu Marinho, a esse tempo um dos diretores de A Noite. Apresentei-lhe uns trabalhos de Malba Tahan. Disse-lhe que se

tratava de um escritor árabe; acentuei que eu apenas havia traduzido alguns de seus trabalhos. (Peixoto, 1971 *apud* Held, 2010, p. 5)

Nota-se, assim, um esforço de Mello e Souza em tornar a existência de Malba Tahan bastante crível, o que, durante alguns anos, fez com que o grande público acreditasse que, de fato, houvesse dois autores distintos (Siqueira Filho, 2008, p. 37 e 42). O prefácio de *Contos de Malba Tahan*, publicado em 1925 pela Editora BrasLux, é um bom exemplo para mostrar a dedicação de Mello e Souza em fazer os leitores acreditarem na existência do autor. Nele, Mello e Souza traz aspectos reais e imaginários sobre o modo de descobrimento de Malba Tahan: um sujeito, chamado Ahmed Kamil, foi responsável por registrar em carta o descobrimento que fizera em relação ao escritor matemático, caracterizado como “um precursor, um mestre, um chefe de escola”. Mello e Souza foi arguto e “enganou” seu público o quanto quis, mas, ao final desse mesmo prefácio, explicou que “Malba Tahan, escriptor obscuro e inteiramente desconhecido na Europa e na America, *teve sua existencia prevista e determinada por uma simples analyse... literária*” (Tahan, 1925, prefácio *apud* Siqueira Filho, 2008, p. 44, grifos nossos), o que, em certa medida, pode ser interpretado como uma forma de assumir que se tratava de uma invenção literária.

Nesse sentido, Jarouche (2021) argumenta que criar uma história que apresente elementos da cultura árabe ou muçulmana não tem origem em Mello e Souza. Alguns autores ocidentais já haviam lançado mão desse cunho narrativo, com especial destaque para Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Lima Barreto. Esse último com *Contos argelinos*, de 1920, que, seguindo o contexto de produção herdado do período imperial, era composto de aventuras, sátiras e humor (Jarouche, 2021, p. 17), ainda que a história se passe no “País de Al-Patak, o qual era governado pelo usurpador Abu-Al-Dhudut, referência a Hermes da Fonseca” (Oliveira, 2005, resumo). Contudo, no Brasil, a cultura árabe e muçulmana ainda não era devidamente valorizada no período (primeira metade do século XX), sendo alvo de narrativas preconceituosas, excludentes e de zombaria, por fugir do “cânone cultural” europeu e estadunidense. Jarouche defende que a narrativa de Mário de Andrade, no conto “Os sírios” (1926), vista do ponto de vista atual, é repleta de estereótipos e elementos de cunho racista (2021, p. 18).

Os exemplos buscam demonstrar como Mello e Souza se diferenciava de outros sujeitos que haviam levado a cultura árabe e muçulmana para a narrativa literária. Ninguém havia feito *o que e do modo como* o professor o fez: ele foi alguém que se debruçou na cultura sobre a qual trataria, que mergulhou nos estudos da língua, da geografia e da história da região e que faria

disso um excelente recurso para discutir e ensinar matemática. Os elementos, contudo, mais importantes foram o cuidado, o envolvimento e o apreço que Mello e Souza teve ao traçar o percurso de criação de Malba Tahan, o que pode ser reforçado ao ler uma nota emitida pelo Jornal do Comércio, de Manaus, em 29 de setembro de 1933, ao descobrirem que se tratava de um “pseudônimo”: “[O] Brasileiro, tem (...) um carinho imenso por tudo quanto nos vem daquellas terras distantes com o sabor de um pittoresco suprehendente” (Jornal do Comércio, 1933 *apud* Held, 2010, p. 9).

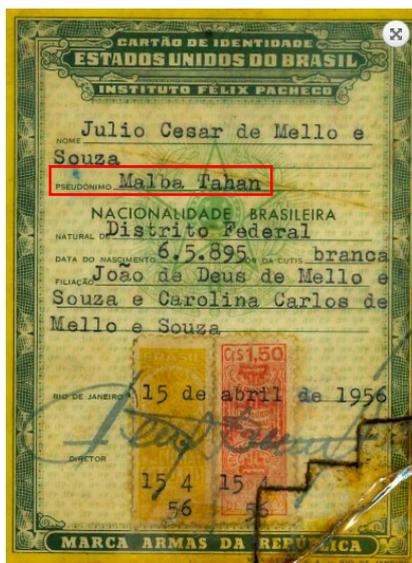
Outra preocupação de Mello e Souza era o cuidado que tinha com o registro e a conservação de seus documentos, de modo a construir seu arquivo pessoal. Ele esclarece que “o archivo tem por fim conservar muitos papeis, cartas, retratos, cartões etc que não poderiam ficar no Diario. (...) [Portanto,] *Todo e qualquer documento de minha história será conservado de agora em diante no Archivo*” (Arquivo Pessoal – IMT. 1918 -17 de novembro; Archivo, 1917 - 19, v., 1 Folha de Rosto *apud* Siqueira Filho, 2008, p. 175, grifos nossos). Nesse sentido, diversas são as possibilidades de leitura do processo de construção do arquivo pessoal de Mello e Souza. De início, coaduna-se com Cunha (2017) ao defender que “a prática de guardar e preservar documentos é atravessada por sucessivas manipulações e triagens” (p. 191). Ou seja, seguramente, Mello e Souza salvaguardou aquilo que teve a intenção de guardar e apresentar ao mundo. Nas palavras de Cunha (2017, p. 191),

Ao arquivar sua vida o guardador imortaliza uma época e produz representações e marcas de si mesmo. Os objetos autobiográficos que compõem um arquivo pessoal materializam, assim, uma proposta de leitura associada à imagem que se quis preservar de si mesmo. À constituição da memória material há a intenção de perpetuar-se, de “forjar uma glória”.

O ato de forjar uma *persona* por meio de documentos oficiais e ordinários, isto é, do cotidiano e considerados descartáveis, é um modo de se fazer existir, resistir e produzir uma subjetividade, de modo que, a partir deles, daria a ver lugares por onde passou, pessoas com as quais estabeleceu redes, trabalhos feitos ou deixados de lado, esboços e rabiscos, por exemplo. Guardar, organizar e disponibilizar seus documentos pessoais é, em última instância, uma “fabricação material e simbólica” (Cunha, 2017, p. 189), ainda que, segundo Burke (2019, p. 3), esses “ego-documentos” possam passar uma falsa ideia de transparência em relação à vida do sujeito, o que recai em um risco ao pesquisador que trabalha com esse tipo de fonte. Destaque-se, ainda, que os documentos pessoais são capazes de indicar diferentes temporalidades do decorrer de uma vida, expressar a relação estabelecida entre o sujeito e seus papeis, registrar sua existência e revelar vestígios de idiosincrasias (Cunha, 2017).

Malba Tahan, seu nome literário, é tão difícil de dissociar de seu nome biológico que, de acordo com Jarouche (2021, p. 16), “Júlio César recebeu autorização especial da Presidência da República, na pessoa de Getúlio Vargas, para carregar, em seu registro de identidade, o nome de Malba Tahan além do seu próprio”, conforme a imagem a seguir:

Figura 28 – Identidade de Mello e Souza com a inclusão de seu pseudônimo/ heterônimo



Fonte: Imagem extraída do site Malba Tahan em “Documentos pessoais”

Contudo, cabe salientar suas diferenças. Ainda que Malba Tahan seja um nome de peso no campo da matemática, Mello e Souza também o é, haja vista sua atuação como professor dessa cadeira em diversos espaços, como na Escola Nacional de Belas Artes da Universidade do Brasil, sendo, depois, transferido para a Faculdade Nacional de Arquitetura; no Instituto de Educação do Distrito Federal, com as disciplinas de *Matemática*, *Literatura Infantil* e *Folclore*, por exemplo⁶⁶. Deu aula, outrossim, de *Didática Geral* e *Didática da Matemática*, por oito anos, nos cursos da Companhia de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário (CADES). Foi, ainda, professor de colégios particulares, religiosos e de escolas técnicas, além

⁶⁶ Costa defendeu, em 2018, a tese intitulada *A conformação da Literatura Infantil como disciplina no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932 - 1938)*. Nela, a autora trata, analisa e problematiza a criação da disciplina “Literatura Infantil” no Instituto de Educação do Distrito Federal, a antiga Escola Normal, o que parece ser caro a esta tese, uma vez que Mello e Souza foi professor daquele Instituto durante 40 anos, a partir de 1921, quando entra na condição de substituto do professor Euclides Roxo. Foi, ainda, professor daquela disciplina. De acordo com a autora, o Instituto de Educação do Distrito Federal tinha um modo de operação em relação à formação de professores bastante particular, que, em alguma medida, ia ao encontro do Movimento da Escola Nova, em pauta a partir de 1920. Não por acaso, Mello e Souza também buscava atuar em conformidade com esse Movimento educacional, conforme será visto adiante, no capítulo. Mais informações em COSTA, Aline Santos. *A conformação da Literatura Infantil como disciplina no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932 - 1938)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2018, 226 f.

de ter atuado na Escola João Luiz Alves, ainda em funcionamento na Ilha do Governador, na cidade do Rio de Janeiro (RJ), que compunha o Serviço Nacional de Assistência aos Menores (SAM)⁶⁷, trabalhando com “menores desvalidos e delinquentes” (Brasil, 1941). Foi professor, também, do Colégio Pedro II, instituição que tem expressiva relevância em sua trajetória (Cavalheiro, 1991; Moraes, 2017).

Júlio César de Mello e Souza foi o quinto de nove filhos de João de Deus de Mello e Souza e Carolina Carlos de Mello e Souza. Nasceu no Rio de Janeiro, mas sua família, que antes vivia em Queluz (SP), resolveu voltar para esse município, onde passaram por grandes dificuldades. Em 1905, aos 10 anos de idade, Júlio César retornou para o Rio de Janeiro, a mando de seu pai, para se preparar para ingressar no Colégio Militar. Três anos após seu ingresso, saiu do colégio, e, em 1909, conseguiu bolsa para estudar no Colégio Pedro II. Parte de sua vida como estudante do colégio foi narrada em seu livro autobiográfico intitulado *Acordaram-me de madrugada: Memórias do escritor como aluno interno do Colégio Pedro II*, assinado por Malba Tahan e publicado em 1973 pelo próprio colégio.

Após seu período no Colégio Pedro II, Mello e Souza estudou na antiga Escola Normal do antigo Distrito Federal (atual Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro) e fez o curso para se tornar professor primário. Ali, confirmou sua vocação. Contudo, cursou Engenharia Civil no âmbito da Escola Politécnica da Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), mesmo nunca tendo atuado. Na mesma época em que cursou Engenharia Civil, atuou como professor de turmas suplementares do Externato do Colégio Pedro II, com diferentes disciplinas, como História, Geografia e Física, até chegar na Matemática.

A entrada de Mello e Souza para o ensino de Matemática pode ser considerada um ganho para a disciplina, diante de toda a revolução que faria futuramente, no campo. Contudo, a concepção do professor sobre a Matemática nem sempre foi a mesma. Inicialmente, a concebia como uma disciplina “imutável, isenta de valores e organizada por números”, que convergia com o que se compreende como “algebrismo” (Siqueira Filho, 2008, p. 163; Santos, 2017). A hipótese, porém, é que o fato de Mello e Souza ter sido formado na antiga Escola Normal (posteriormente, Instituto de Educação do Distrito Federal) foi um divisor de águas em sua prática profissional. Costa (2018), por exemplo, defende que o ensino vislumbrado e oferecido pelo Instituto de Educação do Distrito Federal ia ao encontro das premissas do Movimento da

⁶⁷ Entidade criada em 1941, instituído pelo decreto-lei nº 3.799, com o objetivo de oferecer amparo social a menores infratores e em situação de vulnerabilidade social. Para mais informações, conferir o próprio decreto: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3799-5-novembro-1941-413971-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

Escola Nova, em crescimento no Brasil a partir de 1920⁶⁸. Desse modo, ao passo que antes Mello e Souza assumia uma postura pedagógica mais tradicional, sua inserção no Instituto de Educação do Distrito Federal parece ter contribuído para uma atuação intelectual condizente com a pedagogia nova, incentivadora de sujeitos críticos e ativos no processo de aprendizagem. Tanto mudou que foi capaz de aliar Matemática e Literatura – dois campos do saber considerados, em um primeiro momento, divergentes. Na *persona* de Malba Tahan, o intelectual apresentou essa faceta através de seus variados livros de cunho essencialmente literário que estampavam uma matemática divertida; já como Mello e Souza, ele a levaria por meio de sua prática profissional, palestras, eventos de formação docente e livros de cunho didático voltados a alunos e professores⁶⁹.

Sobre o último, destacam-se *Matemática Divertida e Curiosa* (1934), *Dicionário da Matemática* (1940), *Folclore da Matemática* (1954), *Técnicas e Procedimentos didáticos no ensino da Matemática* (1957), *Didática da Matemática* (1957) e *A Arte de Ler e Contar Histórias* (1957). Também merecem destaque os livros escritos em coautoria, como *Curso de Matemática 2º ano* (1931), escrito com Euclides Roxo e Cecil Thiré; *Geografia, História do Brasil e Ciências Físicas e Naturais* (1934), com Cecil Thiré; e *Tudo é fácil* (1937), com Irene de Albuquerque⁷⁰. Este último parece ter sido um sucesso, tendo sido alvo de diversos comentários elogiosos a seu respeito, de acordo com a folha de rosto da 7ª edição (s/d)⁷¹:

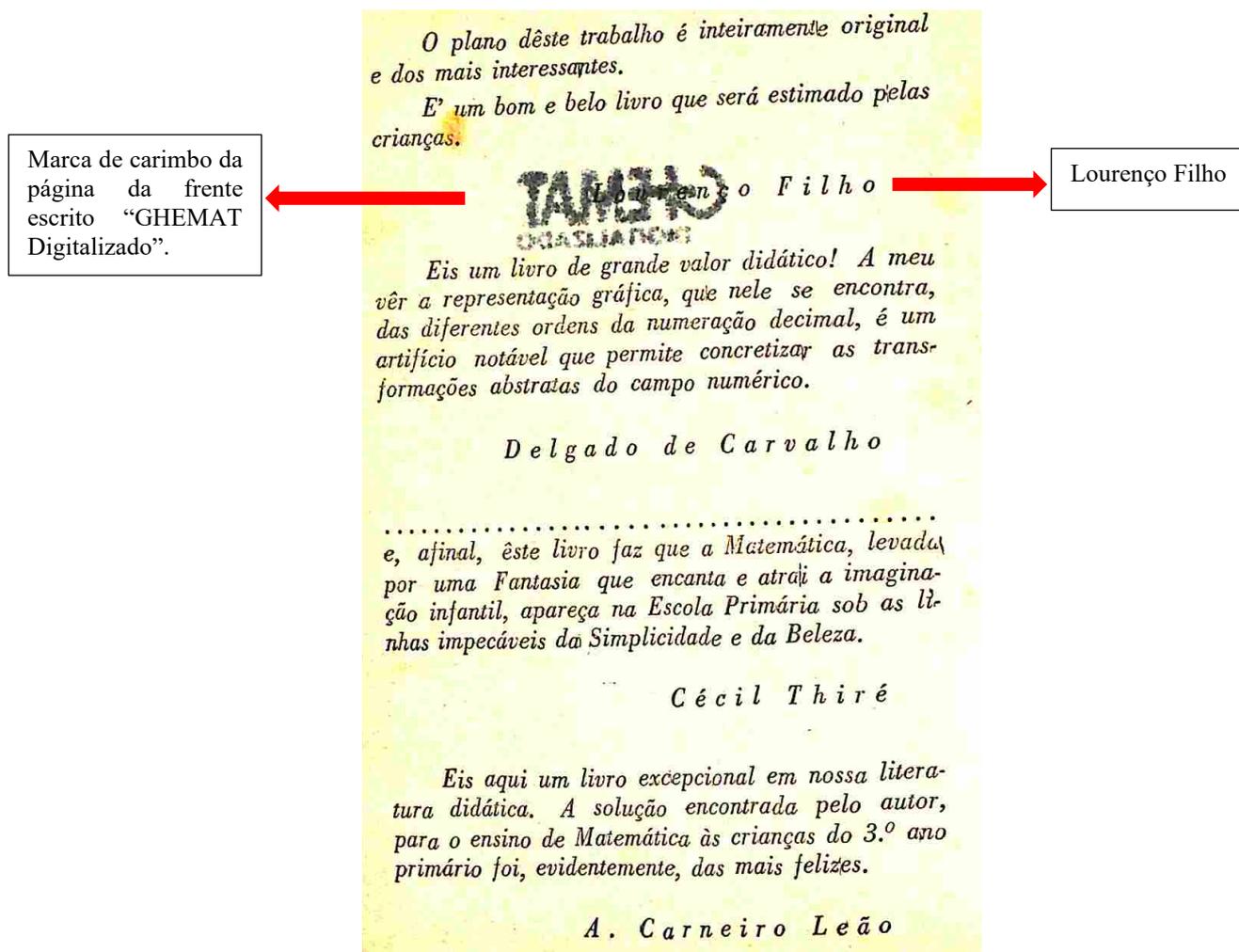
Figura 29 – Folha de rosto da 7ª edição de *Tudo é Fácil*

⁶⁸ Destaquem-se as ideias trazidas por Anísio Teixeira quando da realização de seus estudos nos Estados Unidos, com especial ênfase nos preceitos de John Dewey. Dentre os princípios apregoados por Teixeira, Costa (2018, p. 58) salienta a necessidade de uma escola de formação de professores ter como mote a importância de se formar professores que, além de darem aula, fossem capazes de pesquisar, fazer proposições de natureza prática e organizar suas próprias aulas, com vistas a uma formação humana integral e que tivesse relação com a vida do educando. Além disso, defendia uma educação pública, universal e laica. Além de Costa (2018), conferir Vidal (1995), Xavier (2007) e Andrés (2002).

⁶⁹ A título de curiosidade, indico a visita ao sítio eletrônico www.malbatahan.com.br, dedicado a Mello e Souza e Malba Tahan e designado como o “Site Oficial da Família e dos Admiradores de Malba Tahan”, que conta com o apoio do *Grupo Editorial Record*. Na aba “Obra completa”, é possível ter acesso à toda produção escrita dos autores: <https://malbatahan.com.br/bibliografia/obra-completa/>.

⁷⁰ Irene de Albuquerque é reconhecida como uma intelectual de relevo para a Matemática, designada como *expert* no campo, nas palavras de Borges, Sousa e Duarte (2020).

⁷¹ Apesar de, no livro, não constar a data de edição, a descrição do Repositório Institucional da Universidade Federal de Santa Catarina, acervo onde o livro se encontra disponível, indica que o lançamento data de 1937. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/159670>. Acesso em: 08 de maio de 2024.



Fonte: Imagem extraída do livro *Tudo é fácil*, digitalizado pelo Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática (GHEMAT/ Osasco – SP) e disponibilizado pelo Repositório Institucional da UFSC⁷²

Nota-se, assim, que Mello e Souza se fazia presente em diversos espaços, não só na condição de Malba Tahan. As contribuições do professor e do heterônimo, no campo cultural, foram diversas. Colaboraram em produções periódicas, como em revistas da área – *Revista Brasileira de Matemática* (1920-1930), como editor; *Revista Al-Karismi* (1946-1951), como diretor responsável; e *Revista Matemática da USP* (década de 1960); revistas infantis – *O Tico-Tico* e *Vida Infantil* (Souza, 2019); e revistas juvenis – *Globo Juvenil* e *Vida Juvenil* (Souza, 2022).

No âmbito de *Vida Juvenil*, Mello e Souza e Malba Tahan atuaram de formas diferentes. Mello e Souza foi o responsável pela seção *A Matemática Sorri para Você*, que fez parte do expediente da revista de janeiro de 1949 a fevereiro de 1951⁷³. De fato, Mello e Souza

⁷² Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/159670>. Acesso em: 08 de maio de 2024.

⁷³ Importa destacar que, inicialmente, esta seção fazia parte de *Vida Infantil*, entre 1947 e 1948, porém foi considerada avançada para o público infantil e, assim que *Vida Juvenil* foi lançada, em 1949, migrou para esta.

costumava se direcionar, com maior frequência, ao público jovem, fosse na condição de professor ou de escritor, ainda que também se interessasse por um público mais alargado, como crianças e professores – formados e/ou em formação.

Figura 30 – Exemplo da página inicial de *A Matemática Sorri para Você*

VIDA JUVENIL Fevereiro-1951 — Pág. 41

**A ARITMÉTICA DO APA-
GADOR**

Em que consiste o novo «ramo» da Matemática — Cálculo de radicais — Problema de porcentagem — Cálculo de uma idade — Álgebra do Apagador — O nove que vira seis — O problema da pista.

a
MATEMÁTICA
sorri para você

“O Prof. Deodato chamou a atenção de seus alunos para certas expressões aritméticas que, escritas no quadro negro, podem ser calculadas, apenas, com o apagador. Assim a fração :

$$\frac{6 \times 5}{7 \times 5}$$

pode ser simplificada com o apagador. Basta apagar o fator 5 que aparece no numerador e no denominador.

— 0 —

Outro exemplo. A fração ordinária :

$$\frac{19}{95}$$

pode também ser simplificada com o apagador. Basta apagar o algarismo nove que aparece em seus termos.

Eis aqui um cálculo (raiz quadrada) muito fácil :

$$\sqrt{36}$$

O resultado será obtido apagando-se o radical e o algarismo 3. O resultado é 6.

Poderá você, meu amigo, oferecer uma, duas ou mais expressões aritméticas que possam ser resolvidas, ou melhor possam ser calculadas, só com o apagador ?

Gostaria de ter o seu nome incluído entre os colaboradores da Aritmética do Apagador ?

— 0 —

Eis o problema que em nosso número de agosto foi oferecido aos nossos leitores.

Muitos foram os matemáticos que se interessaram para esse novo e importante «ramo» da Matemática denominado «Aritmética do Apagador».

Samuel Vital Ferreira, de Uberlândia (Minas) indica a expressão :

$$\sqrt{25} + \sqrt{36} + \sqrt{100} + \sqrt{16}$$

cujo resultado se obtém apagando-se todos os radicais e também os radicandos com exceção do 25, que exprime o resultado final da expressão. É um cálculo «violento» pois das quatro parcelas que figuram na soma só se salva a primeira e essa mesma sem o radical.

Gilda Maria, de Morrinhos, (Goiás) oferece uma expressão aritmética

$$8 \times 5 + \sqrt{144} \div 3$$

cujo resultado (44) pode ser obtido com o apagador. É apagar tudo — números e sinais — e deixar, apenas, aquele 44 que aparece no radicando.

Convidado a colaborar na Aritmética do Apagador responde Nils Ashauer, de S. Paulo : — «Com muito gosto!» e sugere um problema :

«Calcular 8% de Cr\$ 1.200,00 e ao resultado juntar Cr\$ 24,00».

É só tomar do apagador e suprimir o que deve ser suprimido. O leitor chegará facilmente ao resultado do problema.

Escreve-nos Justino Faria da Mata, residente nesta capital, e declara : «Sou péssimo matemático» — e, logo a seguir, interessa-se pela nova modalidade do cálculo aritmético oferecendo o seguinte problema :

«Dona Luiza Martins nasceu em 1901. Que idade terá Dona Luiza em 1951?»



Fonte: Vida Juvenil, fev. 1951, ed. 26, p. 41. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

No exemplo em tela, tem-se a representação de uma mulher sorrindo, provavelmente professora, segurando um livro e cercada de materiais concernentes à Matemática logo abaixo do título *A Matemática sorri para você*, que pode ser compreendida como uma estratégia lúdica entre a Matemática e a mulher que sorriem. Ademais, vê-se a inserção de problemas matemáticos, suas resoluções, exemplo de contas, cálculos e expressões aritméticas. Por fim, mas não menos importante, observa-se o destaque atribuído a possíveis leitores e colaboradores

da seção, chamados de “matemáticos” por Mello e Souza. O professor intenta estabelecer uma interlocução com os supostos leitores-correspondentes de *Vida Juvenil*.

A Matemática Sorri para Você buscava levar, nos limites daquele impresso, o modo de ensinar de Mello e Souza: com leveza, criatividade e buscando quebrar certos preconceitos em relação ao fato de a disciplina ser considerada “difícil” e “dura”. Mello e Souza visava democratizar o ensino da matemática e fazê-la ser compreendida pelo maior número de pessoas possível. Para tanto, apostava em explicações simples e diretas, que suscitasse a curiosidade e o gosto pela disciplina, jogos e brincadeiras, enigmas, charadas, assim como convidava os jovens leitores a enviarem respostas e estabelecer um diálogo com eles. A troca que Mello e Souza buscava construir com os jovens colaboradores se dava, também, por meio da seção *Correspondência – A Matemática Sorri para Você*. A seção buscava, em resumo, responder aos problemas lançados pelo autor na edição anterior, elencar os *solucionistas* (conforme termo da época) dos problemas matemáticos, assim como oferecer “menção honrosa” aos jovens que remetesse a resposta aos problemas veiculados na seção.

A Matemática Sorri para Você deixou de fazer parte das páginas de *Vida Juvenil* em fevereiro de 1951 ao passo que *Mil histórias sem fim: contos de Malba Tahan* surge em janeiro de 1951, de modo que o professor Júlio César de Mello e Souza se desvincula do periódico dando lugar a seu heterônimo: Malba Tahan. A nova publicação faz parte da seção *Um livro para você: publicação permanente de livros consagrados*, que permanece até 15 de novembro de 1952.

A seção assinada por Malba Tahan é composta dos contos escritos por ele, contos estes presentes em diversos livros de sua autoria. Em *Vida Juvenil* é possível ter acesso aos títulos de produções de Malba Tahan, conforme figura a seguir:

Figura 31 – Propaganda das obras de Malba Tahan em *Vida Juvenil*

OBRAS DE MALBA TAHAN	
O AUTOR MAIS LIDO DO BRASIL PARA TÓDAS AS MÃOS	
A SOMBRA DO ARCO-IRIS, romance	50,00
O HOMEM QUE CALCULAVA, romance....	35,00
O AVISO DA MORTE, romance	30,00
AVENTURAS DO REI BARIBÊ, romance	25,00
SELEÇÕES (os melhores contos)	30,00
MAKTKB (estava escrito), <u>contos</u>	25,00
CÉU DE ALLAH, <u>contos</u>	25,00
MINHA VIDA QUERIDA, <u>contos</u>	25,00
LENDAS DO CÉU E DA TERRA, <u>contos</u>	25,00
LENDAS DO POVO DE DEUS, <u>contos</u>	25,00
<u>MIL HISTÓRIAS SEM FIM</u> , 1º vol., <u>contos</u>	25,00
<u>MIL HISTÓRIAS SEM FIM</u> , 2º vol., <u>contos</u> ..	25,00
LENDAS DO DESERTO, contos	25,00
O GUIA CARAJÁ, lenda sertaneja	15,00
No prelo	
O TERCEIRO MOTIVO, contos	—
O JOGO DE XADREZ NA LENDA E NA HIS- TÓRIA, contos	—
AMIGOS MARAVILHOSOS, romance infantil	—
PACA TATU, contos infantis	—

Fonte: Vida Juvenil, jan. 1951, ed. 25, p. 32. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Malba Tahan publicava diversos contos e *Mil Histórias sem fim* era um dos livros que já havia publicado, de modo que o autor apenas transpunha contos do livro para as páginas da revista. Diferentemente do modo de escrita em *A Matemática Sorri para Você*, que notadamente ensinava conteúdos nos moldes de uma escola, ao trazer contas, expressões e fórmulas matemáticas, *Mil Histórias sem fim* registrava contos literários, por meio dos quais associava a matemática. Note-se, assim, o modo de operação de Malba Tahan em *Vida Juvenil*: o de contista que, por meio da Literatura, tratava de elementos relativos à Matemática, como forma de suavizar sua leitura e de seduzir o jovem-leitor que, ao ler sobre reis, deuses e heróis, em contexto árabe, acabaria estudando e aprendendo matemática.

Nesse sentido, Santiago e Figueirêdo (2020), ao discutir o “conteúdo da Matemática em vigor no Exame de Admissão ao Ginásio, adotado no sistema escolar brasileiro nas décadas 40-70 do século XX (...)” (resumo, 2020), colaboram com o cotejamento entre os conteúdos apresentados por Mello e Souza em *A Matemática Sorri para Você* e o Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, que versa sobre a Lei Orgânica do Ensino Secundário, com ênfase no Exame de Admissão.

O artigo apresenta o seguinte quadro de conteúdos componentes do manual *Admissão ao Ginásio*, de Costa, Pasquale, Stempniewski e Marino (1949):

Quadro 11 – Conteúdos de matemática vigentes no Curso de Admissão ao Ginásio, segundo Santiago e Figueirêdo (2020)	
Comparação de frações	Número. Algarismos arábicos e romanos
Números decimais	Numeração decimal: unidade das diversas ordens, leitura e escrita dos números inteiros
Operações sobre números decimais	Operações fundamentais sobre números inteiros
Conversão das frações ordinárias em decimais e vice-versa	Prova real e dos nove
Exercícios fáceis sobre expressões em que entrem frações ordinárias e decimais, para a aplicação das regras de conversão e das operações	Divisibilidade por 10, 5, 2, 9, 3 e 11
Noções do sistema métrico decimal	Número primo
Metro; sua definição; metro quadrado e metro cúbico; múltiplos e submúltiplos	Decomposição de um número em fatores primos
Litro; seus múltiplos e submúltiplos	Máximo divisor comum
Gramma; sua definição e seus múltiplos e submúltiplos	Mínimo múltiplo comum
Sistema monetário brasileiro	Fração ordinária
Resolução de problemas fáceis, inclusive sobre as medidas do sistema métrico decimal	Fração própria, imprópria, número misto
Extração de inteiros	Simplificação de frações e redução ao mesmo denominador

Quadro extraído de SANTIAGO, Z. M. de A. & FIGUEIRÊDO, M. de F. C. de. “Conteúdo de Matemática no Exame de Admissão: memórias de professoras aposentadas”. *Ensino Em Re-Vista*, 27(2), 595–611, 2020. <https://doi.org/10.14393/ER-v27n2a2020-9>

No quadro 11, notam-se os conteúdos de matemática que faziam parte de um dos principais manuais voltados ao preparo para a prova de admissão ao Ginásio, conforme legislação daquele momento, segundo os autores. Ao compararmos com os conteúdos ensinados por Mello e Souza, através de *A Matemática Sorri para Você*, percebemos os convergentes, como fração, algarismos arábicos e romanos, números decimais, prova real,

número primo e máximo divisor comum. Contudo, o autor amplia tais conteúdos, ensinando adição, multiplicação, potenciação, expressão numérica e equação, por exemplo. Observe-se, no exemplo a seguir, o modo como são apresentados problemas que tratem de fração e raiz quadrada, o que vai ao encontro do conteúdo programático da disciplina:

Figura 32 – Exemplo de problema matemático que se relaciona ao conteúdo programático da disciplina

PROBLEMA Nº 19 — ARITMÉTICA DO APAGADOR

O Prof. Deodato chamou a atenção de seus alunos para certas expressões aritméticas que, escritas no quadro negro, podem ser calculadas, apenas, com o **apagador**. Assim a fração:

$$\frac{6 \times 5}{7 \times 5}$$

pode ser simplificada com o apagador. Basta apagar o fator 5 que aparece no numerador e no denominador.

Outro exemplo. A fração ordinária:

$$\frac{19}{95}$$

pode também ser simplificada com o apagador. Basta apagar o algarismo **nove** que aparece em seus termos.

Eis aqui um cálculo (raiz quadrada) muito fácil:

$$\sqrt{36}$$

O resultado será obtido **apagando-se** o radical e o algarismo 3. O resultado é 6.

Poderá você, meu amigo, oferecer uma, duas ou mais expressões aritméticas que possam ser resolvidas, ou melhor, possam ser calculadas, só com o **apagador**?

Gostaria de ter o seu nome incluído entre os colaboradores da **Aritmética do Apagador**?

Fonte: Vida Juvenil, ago. 1950, ed. 20, p. 45. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Na imagem, veem-se diferentes estratégias pedagógicas, como o uso de letra colorida; a inserção de um professor fictício para gerar certa identificação com o suposto leitor-estudante; a apresentação de recursos pedagógicos que facilitem a resolução de problemas matemáticos; o desenho das operações matemáticas, para facilitar a compreensão; o emprego da expressão “meu amigo” e de perguntas diversas, a fim de gerar entrosamento.

O modo leve, divertido e romanesco de operar e escrever a Matemática pode ser considerado a maior característica de Malba Tahan (e de seu criador), além de ser a justificativa para seu sucesso e difusão de suas produções até hoje. Mello e Souza, por ocasião da condecoração recebida pela obra *O Homem que Calculava*, em 1939, pela Academia Brasileira de Letras, defendia que

[...] a Matemática [era] simples, interessante e atraente e de uma acessibilidade que assombra. Ciência altamente estética, dotada de virtudes que encantam e de belezas sublimes que impressionam. Os que se ocupam da Matemática – afirma Gomes Teixeira, sábio português – começam a estudá-la pelo que tem de útil, principiam a amá-la quando compreendem o que tem de belo e apaixonam-se por ela quando alcançam o que tem de sublime. (Discurso de Malba Tahan na ABL, 1939 *apud* Faria, 2004, p. 235-6)

A partir dessa concepção, de que a matemática deveria ser simples, interessante, atraente e de fácil entendimento, que Mello e Souza lecionava e inspirava professores formados e em formação e Malba Tahan procurava seduzir a todos aqueles que liam suas obras, com especial ênfase para *O Homem que Calculava*. O livro, que comemorou, em 2021, sua 100ª edição, se desenrola na Bagdá do século XIII e é contada em primeira pessoa por Hank Tade-Maiá, que, ao viajar de Samarra a Bagdá, encontra o calculista persa Beremiz Samir, protagonista e quem dá título à obra – o homem que calculava. Assim, o livro narra suas aventuras e proezas no mundo da matemática, indo ao encontro da proposta do autor de oferecer um conteúdo divertido e envolvente, como a matemática deveria ser. De acordo com Morais (2017), o livro ainda é bastante utilizado nas salas de aula, principalmente por seu teor “lúdico-didático” (p. 21).

Os princípios de Mello e Souza para sua prática pedagógica, fosse na condição de professor ou na de escritor, pareciam advir, em larga medida, das ideias escolanovistas, tão em voga em um período de intensa produção intelectual, isto é, ao longo da década de 1930. Com vistas a uma escrita matemática mais lúdica, de caráter interdisciplinar e, portanto, mais compreensível aos estudantes, a literatura tornava-se um caminho frutífero, não só por gerar uma narrativa potencialmente mais interessante, como também por incentivar a leitura, a escrita e a interpretação de textos, que tanto fazem falta na resolução de problemas matemáticos.

Júlio César de Mello e Souza faleceu em 18 de junho de 1974, no Recife (PE), enquanto se preparava para dar dois cursos a convite da Secretaria de Educação e Cultura: *A arte de contar histórias* e *Jogos e Recreações no ensino da Matemática*. Morreu ao lado de sua esposa, aos setenta e nove anos de idade, de edema pulmonar agudo e trombose coronária. Seu corpo foi sepultado no local onde nasceu: Rio de Janeiro, mas seu legado se mantém vivo pelo Brasil e é uma permanência no campo da História da Matemática e, ainda, da Educação.

2.1.1.3 Professor Ney Cidade Palmeiro

Nome de escola estadual na cidade de Itaguaí (RJ), de uma rua da cidade do Rio de Janeiro, de auditório no âmbito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e de anfiteatro do Hospital Universitário Pedro Ernesto (UERJ), Ney Cidade Palmeiro foi intelectual de peso no campo da educação e do esporte. Gaúcho de Uruguaiana (RS), nasceu em 1910, mas em 1925 mudou-se para o Rio de Janeiro. Atuou como juiz, desembargador, professor e diretor da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da então Universidade do Distrito Federal, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro. De acordo com o sítio eletrônico desta universidade, “na sua gestão [que] foi criada a Sub-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (SR2)”⁷⁴. Além de atuar no âmbito universitário, esteve à frente da presidência do clube Botafogo de Futebol e Regatas, do Rio de Janeiro, de 1964 a 1967.

Marido de Lucia de Mendonça Machado Monteiro e pai de Sergio Ney Machado Monteiro Palmeiro e Mauro Ney Machado Monteiro Palmeiro, Cidade Palmeiro faleceu em 26 de fevereiro de 1981, ocasião pela qual o político Pedro Faria (MDB) destilou, em seu discurso no Congresso Nacional, em maio daquele ano, palavras afetuosas, elogiosas e de admiração em relação ao intelectual:

⁷⁴ Mais informações em: <https://www.uerj.br/reitores/professor-ney-cidade-palmeiro/>. Consultado em 13 de dezembro de 2023.

Figura 33 – Primeira parte do discurso de Pedro Faria sobre Ney Cidade Palmeiro (1981)

O SR. PEDRO FARIA (MDB – RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas:

Esta Casa não poderia deixar de registrar o desaparecimento, no mês de fevereiro, de uma das personalidades mais marcantes na vida do País, principalmente no Estado do Rio de Janeiro, onde Ney Cidade Palmeiro marcou indelevelmente a sua presença nos mais diversos setores da atividade humana.

No campo da educação, além de professor, por mais de meio século, desde o antigo ensino secundário até ao superior, Ney Cidade Palmeiro foi um grande pesquisador e emérito mestre em sociologia.

Foi um dos grandes incentivadores e, como tal, um dos fundadores da pioneira Universidade do Estado da Guanabara (UEG) atual Universidade do Rio de Janeiro (UERJ). O ensino universitário muito deve ao ilustre extinto, pela sua intransigente defesa dos cursos superiores, principalmente, quando de sua atuação que se travou no antigo Senado Federal para criação do que é hoje a UERJ.

Não menos operosa e brilhante foi a sua carreira na Magistratura, onde ingressou por concurso, no ano de 1951. Foi juiz das diversas Varas, sendo promovido, por merecimento, a juiz de Direito, ocupando, como titular, durante dez anos, a 21ª Vara Criminal.

Foi presidente do Tribunal de Alçada e, em 1972, foi nomeado, por merecimento, pelo Governador Chagas Freitas, para o cargo de Desembargador.

Fonte: Diário do Congresso Nacional. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br>. Acesso em: 13 de dezembro de 2023.

Figura 34 – Segunda parte do discurso de Pedro Faria sobre Ney Cidade Palmeiro (1981)

Na homenagem que a UERJ prestou à memória do pranteado Reitor, destacamos o período em que o ex-Reitor Caio Tácito, definia com muita clareza e simplicidade a figura humana do Prof. Ney Palmeiro.

“Ney era educador espontâneo e líder natural. Homem das grandes paixões — desde a paixão esportiva até a paixão pela verdade e pelas idéias — era, ao mesmo tempo, o homem cordial, semeador de dedicações e aliciador de companheiros de aventuras pedagógicas.”

Nesse sucinto pensamento do Prof. Caio Tácito está contida a grandeza do Reitor Ney Cidade Palmeiro. A sua paixão pela verdade era burilada pela forma cordial do seu relacionamento com os seus alunos, com os seus colegas, com os funcionários administrativos e, no meio esportivo, com os atletas de futebol. Neste setor a sua figura será sempre lembrada, como homem sério, dinâmico e bom conselheiro, sem perder jamais a flama de torcedor “renitente” do Botafogo de Futebol e Regatas.

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, muito, e muito mais, poderíamos falar da figura de Ney Palmeiro, mas o importante não é falar do Ney que o Brasil inteiro conheceu, na educação, na magistratura e no esporte, mas registrar nos Anais desta Casa os nossos votos de pesar, encaminhados, particularmente, à família, e a nossa certeza de que em todos os setores, onde a sua inteligência e a sua cultura, deixaram sementes plantadas e irrigadas pela sua perseverança árvores frondosas produzirão bons frutos, representados por seus inúmeros discípulos que, hoje e amanhã, estarão ajudando o desenvolvimento do Brasil que Ney Palmeiro tanto amou.

São estas, Sr. Presidente, as nossas palavras de carinho e de saudade a um grande brasileiro que chamado por Deus, deixou este mundo, mas que a sua lembrança permanecerá eterna entre nós. *(Muito bem!)*

Fonte: Diário do Congresso Nacional. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br>. Acesso em: 13 de dezembro de 2023.

O discurso dá a ver aspectos biográficos e parte do itinerário de Palmeiro, como o fato de ter colaborado com a criação da UERJ, ter sido juiz titular da 21ª Vara Criminal, presidente do Tribunal de Alçada, pesquisador e amante do clube de futebol carioca Botafogo. Contudo, esclarece, igualmente, parte da rede de sociabilidade que Palmeiro compunha. Ter sido tão bem elogiado no Congresso Nacional, por exemplo, demonstra sua relevância na rede de sociabilidade que construiu, ainda que não tenha atuado na condição de político. Nesse sentido, alguns sujeitos podem ser compreendidos como componentes de sua rede: o político Pedro

Faria⁷⁵, o Governador Chagas Freitas⁷⁶ e o professor Caio Tácito, de modo que todos ocupavam posições de poder.

O professor Caio Tácito Sá Viana Pereira de Vasconcelos (1917-2005), por exemplo, trabalhou com Palmeiro na UERJ, tendo atuado como professor catedrático de Direito Administrativo e professor emérito da universidade, além de diretor da Faculdade de Direito e do Centro de Ciências Sociais, sub-reitor e vice-reitor⁷⁷.

Em *Vida Juvenil*, Palmeiro atuou em duas frentes: uma como responsável exclusivo da seção *Quem Somos?* (1949-1951) e outra como supervisor de duas seções – *Lendo e Aprendendo* (1949-1951) e *Escrevem os Professores* (1951), ambas com a oferta de pagamento aos docentes cujos textos fossem aceitos e publicados. Observe o aspecto visual de cada uma delas:

⁷⁵ Trata-se do Deputado Federal Pedro Faria (PP-RJ). Além de político, foi eletricitista, profissional técnico e professor. De acordo com o sítio eletrônico da Câmara dos Deputados, foi responsável por propor a criação do Dia do Fonoaudiólogo Brasileiro e de dispor sobre a proibição de demissão, sem justa causa, de professores durante o ano letivo, por exemplo. Mais informações em: <https://www.camara.leg.br/deputados/131786/biografia>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

⁷⁶ Trata-se de Antônio de Pádua Chagas Freitas (1914-1991), jornalista, político e antigo governador da Guanabara (1971 a 1975) e do Rio de Janeiro (1979 a 1983) pelo MDB e PP. Mais informações em: <https://www18.fgv.br/CPDOC/acervo/dicionarios/verbete-biografico/antonio-de-padua-chagas-freitas>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

⁷⁷ Informações retiradas do sítio eletrônico da UERJ. Disponível em: <https://www.uerj.br/reitores/professor-caio-tacito/>. Consultado em 13 de dezembro de 2023. Mais informações em: <https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/caio-tacito-sa-viana-pereira-de-vasconcelos>. Acesso em: 13 de dezembro de 2023.

Figura 35 – Capa da seção *Quem Somos?*

VIDA JUVENIL Janeiro-1949 — Pág. 69

Quem Somos

Prof. NEY CIDADE PALMEIRO

EU SOU uma cidade. Fui, a princípio, uma pequena povoação, à margem esquerda do Uruguai. Hoje, ostento o título de “Princesa do Uruguai”.

As atenções da América do Sul se voltaram para mim, em 1865. Estava o Brasil em guerra com Solano Lopez. Por ordem do ditador do Paraguai, as forças do Coronel Antonio de la Cruz Estigarribia foram ocupando cidades brasileiras e chegaram junto a mim. Resisti, mas tive que capitular. Todavia, o invasor não foi além. Cercado, Estigarribia teve que se reconhecer vencido. Foi o meu grande dia: 18 de Setembro de 1865. Dia em que recebi: Pedro II, Mitre, Flores, Caxias, Barão de Pôrto Alegre, Conde d’Eu, todos presentes à rendição de Estigarribia.

Nessa ocasião, servi de cenário para outro grande acontecimento: Thornton, ministro inglês na Argentina, apresentou ao imperador Pedro II as desculpas de Sua Majestade Britânica pela questão Christie, reatando-se então as nossas relações com a Inglaterra.

Mantenho hoje um comércio intenso com a Argentina, facilitado por uma ponte sobre o Uruguai. Cria-se gado nas minhas famosas estâncias. Sou uma cidade fronteiriça cheia de vida, contemplando o meu glorioso passado e aguardando um futuro promissor.

Quem sou eu?



EU SOU um nome incorporado à História do Brasil. Vim ao mundo em S. Paulo e fui batizado como “filho de pais incógnitos”. Vesti uma batina e ensinei latim, retórica e filosofia.

Verifiquei bem cedo que minha vocação era a Política e meu grande ideal uma Pátria independente e em ordem.

Lutei pela Independência, enfrentando os adversários detidos no seu próprio reduto, em Portugal.

Independente o Brasil, tive oportunidade de revelar o traço predominante de minha personalidade: a energia, uma energia rude, inimiga de transigências diplomáticas. Tornei-me a sentinela da Ordem. Sufoquei movimentos militares e políticos, salvando o trono e a integridade nacional. Fui intransigente, pois que só a necessidade da manutenção da ordem pública via diante de mim. Fui, assim, uma autoridade inflexível, um verdadeiro ditador, num ambiente contrário à ditadura.



Minha vida é cheia de contrastes: enfeitado, tornei-me um dia o homem mais poderoso do Brasil; padre, fui tido como a ovelha rebelde, o inimigo da Igreja, por pretender abolir o celibato clerical; adversário das revoluções, acabei sendo um revolucionário; homem de ação, terminei meus dias numa cadeira de rodas, paralisado.

Dizem que personifiquei a energia de um tempo, que fui herói carlíleano. A mim me basta saber que cumpri o que uma vez declarei ser meu propósito: não viver como um espectador impotente da ruína da pátria. Sou um culto histórico.

Quem sou eu?

Quem Somos? era uma seção que buscava apresentar “charadas” com nomes de lugares considerados importantes, “vultos históricos”, datas, eventos e, até mesmo, conceitos teóricos, a partir de uma escrita conteudista e tradicional da História, de forma a dar destaque a sujeitos heroicos, datas, fatos e lugares importantes de os jovens estudantes saberem e memorizarem, o que coadunava com o ensino de História adotado no período. A seção era composta de conteúdos advindos de diferentes campos do conhecimento, como da geografia (vide o primeiro exemplo da figura 35, que trata da cidade de Uruguaiana, no Rio Grande do Sul), da história (vide o segundo exemplo da mesma figura, que evidencia o Padre Diogo Antônio Feijó⁷⁸), da biologia⁷⁹ e da arte⁸⁰. Acima, é possível observar dois exemplos: um relativo a uma cidade brasileira e outro, a um sujeito tido como importante para o Brasil. Apesar de contar com longas descrições e de ser voltado para jovens, que possivelmente estariam cursando o ensino secundário, talvez nem todas as charadas fossem fáceis.

A seção costumava se localizar nas páginas finais do periódico e possuía cerca de duas páginas (uma folha frente e verso), aliando texto e imagem. Circulou de janeiro de 1949 a dezembro de 1951, tendo algumas lacunas em sua publicação⁸¹, principalmente após a revista se tornar quinzenal, a partir de julho de 1951.

⁷⁸ Comumente chamado apenas de Padre Feijó, atuou como sacerdote e político. Foi Deputado, Ministro da Justiça, Regente do Império, ex-presidente do Senado Federal do Brasil e considerado um dos fundadores do Partido Liberal. Dados do Wikipedia. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Diogo_Ant%C3%B4nio_Feij%C3%B3. Acesso em: 08 de maio de 2024.

⁷⁹ A título de exemplo, destaque-se uma das charadas presentes na página 55, da edição 27, de março de 1951, cujas dicas se referem ao cacau, como, por exemplo, “sou planta nativa da América mas meu maior centro produtor localiza-se na África (...)”.

⁸⁰ Aqui, me refiro ao exemplo constante na página 55, da edição 28, de abril de 1951, cuja resposta é Aleijadinho (1738-1814). Discorre-se sobre o escultor mineiro e sobre sua atuação no campo das Artes.

⁸¹ A saber, edições 26, 29, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 40 e 42, de 1951.

Figura 36 – Capa da seção *Lendo e Aprendendo*

LENDO e APRENDENDO

ESTA SEÇÃO, PAGINADA ATÉ O FINAL DÊSTE NÚMERO, APRESENTA ARTIGOS ASSINADOS POR PROFESSÓRES DOS CURSOS GINASIAL, COLEGIAL, COMERCIAL E NORMAL. OS QUE DESEJAREM COLABORAR, ENVIARÃO SUA CORRESPONDÊNCIA PARA «VIDA JUVENIL», DIRIGIDA AO SUPERVISOR PROF. NEY CIDADE PALMEIRO. AS COLABORAÇÕES APROVEITADAS SERÃO REMUNERADAS

UM ESTUDO DE BARRÈS

Professôra CLARA MENDONÇA



Quando o estrangeiro ofende sua pátria e o governo responde ao ultraje com a declaração de «guerra», o gesto instintivo do homem é procurar um pósto de mobilização. Alista-se.

O ódio ao agressor, o orgulho ferido, a ânsia de responder virilmente à provocação do inimigo, a ternura pela pátria recalcam, para o fundo do coração, os sentimentos menos nobres.

O quartel, os companheiros, a vida nova dirigida pelo toque vibrante das cornetas, as proclamações heróicas, o precipitar dos acontecimentos, tudo concorre para manter o novel soldado num semi-atordoamento, que o entusiasmo e o patriotismo povoam de visões triunfais.

Parte... Entra, de fato, na guerra. Vê cenas de que seus olhos duvidam, ouve ruídos que humilham os mais possantes trovões. Dêle se exige o máximo de resistência e de dedicação e recebe, em troca, tôdas as privações e os desconfortos. Já compreendeu que a guerra não é a projetada passeata heróica; já sofreu na própria carne ou na dos entes queridos; presenciou heroísmos e audácias, mas também traições, covardias e desesperos.

Nesse momento, que idéias o sustentam e o acorrentam ao dever? Qual é a fonte secreta de sua energia; Que espera? Em que se apoia? Quantos de vocês já devem ter pensado sôbre isso e desejado uma resposta calma e precisa, livre das imagens retumbantes dos velhos poetas épicos...

Em França, após o Marne e Verdun, quando os guerreiros aliados viveram dias infinitos na lama das trincheiras, Maurice Barrès, também, se impressionou. Entrevistou-se com autoridades civis e militares; visitou famílias de combatentes; conversou com padres, pastores e rabinos chegados das fileiras; leu e classificou documentos, diários e cartas, escritos por mãos calosas de operários; mãos fortes de ex-alunos das escolas militares; mãos hábeis de médicos e engenheiros; mãos finas de aristocratas. Leu, ouviu, meditou e escreveu «Les diverses familles spirituelles de la France», em que dividiu em famílias espirituais os combatentes e passou a analisar



Lendo e Aprendendo, por sua vez, também investia em conteúdos diversos, que fossem úteis ao alunado do ensino secundário, em especial os históricos e geográficos, mas, igualmente, moralizantes, que pudessem inculcar valores de amor à pátria e ao próximo. Tal afirmativa pode ser corroborada ao se observar, na figura representativa da seção, ao lado direito da página, em posição vertical, a imagem de um senhor, em uma espécie de biblioteca, segurando um livro em uma estante que ostenta outros livros divididos por área do saber: vê-se livros de filosofia, sociologia, português, ciências físicas e naturais, geografia e matemática, o que dá a entender que a seção em destaque lançaria mão destes conteúdos, de maneira a dialogar com o currículo previsto para o ensino secundário⁸².

A seção circulou entre agosto de 1949 e dezembro de 1950. Entretanto, em 15 de julho de 1954 houve a tentativa em retomá-la, mas de maneira diferente: no novo modelo, ela seria voltada a jovens e adultos do curso noturno⁸³. Através da seção, mediariam o ensino de Português e Matemática, de maneira que os leitores-estudantes fariam perguntas sobre essas disciplinas para *Vida Juvenil* responder e, em contrapartida, a revista publicaria exercícios relativos às matérias, assim como organizaria concursos e maratonas. Apesar da grande propaganda estampada, não foi possível localizar o suposto retorno da seção.

O sumário esclarece que a seção *Lendo e Aprendendo* (e, posteriormente, *Escrevem os Professores*) abarca diferentes artigos da revista.

⁸² De acordo com decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, que dispõe sobre a Lei Orgânica do Ensino Secundário, as disciplinas que compunham o Curso Ginásial eram: I. Línguas: 1. **Português**. 2. Latim 3. Francês. 4. Inglês. II. Ciências: 5. **Matemática**. 6. **Ciências naturais**. 7. História geral. 8. História da Brasil. 9. Geografia geral. 10. Geografia do Brasil III. Artes: 11. Trabalhos manuais. 12. Desenho. 13. Canto orfeônico; já no artigo 12, são explicitadas as disciplinas relativas ao Curso Clássico e Científico: I. Línguas: 1. **Português**. 2. Latim. 3. Grego. 4. Francês. 5. Inglês. 6. Espanhol. II. Ciências e filosofia: 7. **Matemática**. 8. **Física**. 9. Química. 10. Biologia. 11. História geral. 12. História do Brasil. 13. **Geografia geral**. 14. **Geografia do Brasil**. 15. **Filosofia**. III. Artes: 16. Desenho. Além dessas disciplinas, faziam parte do currículo Educação Física, Educação Militar (apenas aos alunos do sexo masculino), Educação Religiosa e Educação Moral e Cívica. Foram destacadas, no âmbito desta nota de rodapé, em negrito, as disciplinas coincidentes com aquelas estampadas na primeira página da seção *Lendo e Aprendendo*, de *Vida Juvenil*. Para acesso à lei em sua versão integral, consultar: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Consultado em 15 de dezembro de 2023.

⁸³ O tema da Educação de Jovens e Adultos no Brasil não é novo na literatura. Embora não faça parte do escopo desta tese, importa destacar a criação de diferentes frentes de mobilização no período de circulação de *Vida Juvenil*: o Fundo Nacional de Ensino Primário (FNEP), de 1942; a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), de 1947; a Campanha de Educação Rural (CNER), a partir de 1952, e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA), datada de 1958 (Di Pierro; Joia; Ribeiro, 2001, p. 59). A ação de *Vida Juvenil*, portanto, se localiza no âmbito de diferentes iniciativas nacionais em prol da Educação de Jovens e Adultos, o que justifica sua inserção na revista, uma vez que se tratava de uma produção voltada para jovens em processo de escolarização (regular ou não). Mais informações conferir Galvão e Soares (2004); Soares e Galvão (2009); Di Pierro, Joia, Ribeiro (2001); Fávero e Freitas (2011).

Figura 37 – Sumário da edição número 8, de agosto de 1949

SUMÁRIO	
Casa de marimbondos — quadrinhos	capa ext.
Quadros Brasileiros — Alvaro Alvim — Mar- tir da Ciência — C. Paula Barros.....	capas int.
O Falcão Negro..... Quadrinhos	pág. 1
Página de Todos e de Tudo	pág. 16
Ricardo sem pavor — Conto de Ofélia e Nar- bal Fontes	pág. 17
Divertimentos e Diabru- ras — Prof. Kiehl....	pág. 21
Escolha sua profissão — Letícia M. S. de Faria	pág. 25
Pense e Acerte — Cam- pean	pág. 28
Os conquistadores do Tempo — Cap. II — quadrinhos	pág. 31
Correspondência	pág. 37
Léo Coração de Leão — quadrinhos	pág. 42
Olhe! quadrinhos	pág. 46
A Matemática sorri para você — Prof. Melo e Souza	pág. 47
30 Segundos de Curiosi- dades — Artur de Cas- tro Borges	pág. 51
Os três mosqueteiros do Brasil — romance ju- nil — Cap. VI — Carlos Caváco	pág. 55
O Mundo através da Mi- tologia — Cap. V — Na Avenida do deuses quadros — Lausimar..	pág. 61
Betinho — quadrinhos de José Geraldo	pág. 66
SEÇÃO LENDO E APRENDENDO	
Um estudo de Barrès — Prof. Clara Mendonça	pág. 69
Quem somos? — Profes- sor Ney Cidade Pal- meiro	pág. 71
Nos Domínios da Mne- motecnia — Prof. Ivo S. Moreira	pág. 73
Modos de falar — Pro- fessôra Lúcia Alva- renga	pág. 74
Calendário da Revolução — Prof. Sérgio Machado	pág. 75

Fonte: Vida Juvenil, ago. 1949, ed. 8, p. 76. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Percebe-se, assim, que *Quem Somos?* acaba por fazer parte de *Lendo e Aprendendo*, de modo que Ney Cidade Palmeiro atuava como o supervisor de uma seção na qual ele mesmo colaborava. Ressalta-se, enfim, que além de *Quem Somos?*, *Modos de Falar* também era seção

fixa de *Lendo e Aprendendo*, diferentemente dos outros textos. Adiante, *Modos de Falar* será focalizada, ao se tratar da intelectual que a assinava: professora Lúcia Alvarenga.

Escrevem os Professores, por sua vez, surge para, em certa medida, substituir *Lendo e Aprendendo*, talvez para simular uma novidade no âmbito da revista.

Figura 38 – Sumário da edição número 25, de janeiro de 1951

SUMÁRIO	
<i>Ora, Pipocas</i>	capa ext.
<i>Quadros Brasileiros</i> —	
Ajuricaba — C. Paula	
Barros	capas int.
<i>Você é Bom Detetive?</i>	
— Contos policiais de	
Berliet Junior — "Lôbo	
Não Come Lôbo"	pág. 1
<i>A Novela em Séries</i> —	
O Capitão Tempestade	
— cap. I — romance	
de Emilio Salgari —	
desenhos de R. Pappa-	
rella >.....	pág. 3
<i>Suplemento Literário</i> —	
— A vida de Carlos	
Gomes — Texto de	
Helio Bastos Couto —	
Ilustrações de Solon	
Botelho	pág. 12
<i>Pense e Acerte</i> — seção	
de palavras cruzadas e	
charadas a cargo de	
Fernando Campean ..	pág. 17
<i>Carlinhos</i> — história que	
será radiofonizada pelo	
Clube Juvenil Toddy,	
no dia 11 de janeiro ..	pág. 20
<i>Mire-se na sua Própria</i>	
<i>Letra</i> — seção de gra-	
fologia por Francisco	
Leão	pág. 27
<i>Chapêus de Fantasia</i> ..	pág. 30
<i>O Falcão Negro</i> em "A	
vingança dos meteo-	
ros"	pág. 33
<i>Um Livro para Você</i> —	
Mil Histórias sem fim	
— Contos de Malba	
Tahan — Ilustrações	
de Solon Botelho	pág. 47
<i>Correspondência de Pense</i>	
<i>e Acerte</i>	pág. 52
<i>Doutor Fura-Bolos Clíni-</i>	
<i>co</i>	pág. 53
ESCREVEM OS PROFS.	
<i>Quem Somos?</i> — prof.	
Ney Cidade Palmeiro	pág. 55
<i>Triste Celebridade</i> —	
profª L. Gustavini ...	pág. 57
<i>Modos de Falar</i> — profª	
Lúcia Alvarenga	pág. 58
<i>Natal</i> — profª Terezinha	
Soares Mendes	pág. 59

Fonte: *Vida Juvenil*, jan. 1951, ed. 25, p. 60. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Como se observa, o leiaute é o mesmo, o que dá a entender que se trata apenas de uma mudança de nome. O título da nova seção deixa ainda mais nítida a forte presença de professores em *Vida Juvenil* e, mais especificamente, na seção, cujos conteúdos seriam sempre

assinados por docentes, o que poderia dar mais credibilidade do ponto de vista pedagógico à seção e à revista.

Escrevem os Professores circulou apenas durante o ano de 1951, de janeiro a dezembro, tendo variado entre quatro e um artigo, por edição. Os professores-colaboradores não costumavam se repetir, mas houve exceções, como Ney Cidade Palmeiro (já que *Quem Somos?* migrou para *Escrevem os Professores*), Lúcia Alvarenga e L. Gustavini. Os conteúdos variavam entre Português (*Modos de Falar*), História (*A ilha na história do Brasil*), além das híbridas (*A geografia da nossa constituição*, que tratava de geografia, direito, economia e história) e de caráter moralizante (*Três exemplos*, que apresentava três exemplos de mulheres da nobreza e consideradas de relevância moral, a saber, D. Maria Leopoldina Carolina [1797-1826]⁸⁴; D. Amélia de Leuchtenberg [1812-1873]⁸⁵; e D. Teresa Cristina de Bourbon [1822-1889]⁸⁶).

2.1.2 “Nunca en la pluma ni en la espada”: a presença feminina em *Vida Juvenil*

No início era o Verbo, mas o Verbo era Deus, e Homem.

O silêncio é o comum das mulheres. (...)

Bocas fechadas, lábios cerrados, pálpebras baixas (...).

Michelle Perrot.

As mulheres ou os silêncios da história.

Bauru, SP: EDUSC, 2005, p. 9

De acordo com Perrot (2005), historicamente, as mulheres têm sido silenciadas e apagadas do fazer histórico, de modo que suas produções, por exemplo, acabam sendo frequentemente esquecidas⁸⁷. Coaduna-se com Vasconcelos, Silva e Vieira (2022) que

⁸⁴ Foi a primeira imperatriz do Brasil e, segundo a própria fonte, isto é, *Vida Juvenil*, foi “filha do Imperador Francisco I, irmã de Maria Luiza e esposa do príncipe D. Pedro”.

⁸⁵ Segundo o Wikipédia – enciclopédia online –, trata-se de uma “princesa franco-bávara da Casa de Beauharnais, segunda esposa do Imperador Pedro I e Imperatriz Consorte do Brasil de 1829 até 1831”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9lia_de_Leuchtenberg. Acesso em: 08 de maio de 2024.

⁸⁶ Chamada de “Mãe dos Brasileiros”, Teresa Cristina de Bourbon foi a esposa de Dom Pedro II e a última imperatriz do Brasil – até 1889 quando da Proclamação da República. Caracterizada como “imperatriz silenciosa” por Lucia Maria Paschoal Guimarães, em trabalho apresentado no XXVI Simpósio Nacional de História (2011), Teresa Cristina nutria profunda admiração pelo campo das Artes. Guimarães (2011, p. 7) sinaliza, por exemplo, a presença da Coleção Imperatriz Teresa Cristina no âmbito do Museu Nacional como uma das maiores contribuições da imperatriz para o Brasil.

⁸⁷ No campo da Literatura, por exemplo, conferir Pinto (2023) e Faedrich (2022).

defendem o modo como a história das mulheres foi desenvolvida por meio de ausências propositadas e anonimatos induzidos. Nas palavras das autoras,

Quando se trata de mulheres anônimas, esse processo de apagamento é ainda mais absoluto, com os registros de sua história escassos e praticamente inexistentes, tendo que ser buscados por meio de fontes que tangenciam os objetos e as sensibilidades que lhes eram contemporâneas. (Vasconcelos, Silva e Vieira, 2022, p. 3)

Chama a atenção, contudo, o fato de as mulheres intelectuais elencadas neste estudo – a saber, as professoras Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves – não serem completamente anônimas, dado que circularam por diferentes espaços relacionados ao fazer cultural, como na colaboração com revistas e programas de rádio ligados ao tema da educação. Mesmo tendo ultrapassado certas barreiras comumente experienciadas por mulheres intelectuais, com especial ênfase no início do século XX, por meio de “transgressões, resistências e empoderamento”, conforme subtítulo do estudo de Vasconcelos, Silva e Vieira (2022), acessar e narrar aspectos biográficos e profissionais de Alvarenga e Alves foi tarefa árdua e, ao mesmo tempo, prazerosa, uma vez que foi possível fazê-las pairar na memória dos leitores destas linhas.

Gómez (1999), ao discutir questões relativas à História Social da Cultura Escrita, advoga que “el texto escrito se presenta como la medicina más efectiva contra la amnesia”⁸⁸ e complementa:

A través de la fijación escrita, la memoria trasciende la fragilidad del presente y se inscribe en el tiempo de la historia. Se hace memoria larga y viva, capaz de materializar la palabra y dar cuerpo a la naturaleza etérea del sonido para luego poder apropiarlo y representarlo en otro lugar y en otro momento.⁸⁹ (p. 134)

Não apenas a palavra escrita se mantém permanente e viva, como também aquele que escreve (e assina)⁹⁰. O autor, inclusive, exemplifica com o caso do rei Hammurabi que, não só deixou por escrito suas leis, como também deu a ver e a permanecer seu poder:

⁸⁸ Em tradução livre: “o texto escrito se apresenta como o remédio mais eficaz contra a amnésia”.

⁸⁹ Em tradução livre: Por meio da escrita, a memória transcende a fragilidade do presente e é inscrita no tempo da história. Ela se torna uma memória longa e viva, capaz de materializar a palavra e dar corpo à natureza etérea do som para que possa ser apropriada e representada em outro lugar e em outro momento.

⁹⁰ A noção de autor e autoria, contudo, nem sempre foi a mesma. Foucault (2001) assevera que, historicamente, “os textos, os livros, os discursos começaram a ter realmente autores (diferentes dos personagens míticos, diferentes das grandes figuras sacralizadas e sacralizantes) na medida em que o autor podia ser punido (...)” (p. 14). Isto significa que nem sempre houve a noção e a necessidade de atribuir um sujeito como o autor de um discurso. Ainda de acordo com ele, “houve um tempo em que esses textos que hoje chamaríamos de ‘literários’ (narrativas, contos, epopeias, tragédias, comédias) eram aceitos, postos em circulação, valorizados sem que fosse colocada a questão do seu autor; o anonimato não constituía dificuldade, sua antiguidade, verdadeira ou suposta, era para eles garantia suficiente. Em compensação, os textos que chamaríamos atualmente de científicos,

Soy el rey que sobresale entre los reyes. Mis palabras son de lo más escogido, mi inteligencia no tiene igual. (...) Por disposición de Marduk, mi señor, que mis escritos no sean destruidos. Pueda en el Esagila, que yo amo, ser pronunciado mi nombre eternamente con veneración⁹¹ (Código de Hammurabi, 1982 *apud* Gómez, 1999, p. 134)

Assim, o ato de escrever e de assinar é, por si só, um processo excludente e, ao longo da História, muitos foram os excluídos da escrita. Gómez (1999, p. 136) salienta que fatores de gênero e classe social são, historicamente, os principais determinantes que incorrem na autorização ou no impedimento do ato de escrita, embora, no contexto brasileiro, tais fatores tenham sido e permaneçam sendo determinantes no cerne das relações sociais. Nas palavras do autor,

Ser mujer o integrar las llamadas clases populares o subalternas han sido razones para “expulsarlos del paraíso” y justificar la histórica reproducción de políticas discriminatorias en el acceso a la instrucción y la adquisición de las competencias básicas de lectura y escritura.⁹²(Gómez, 1999, p. 136)

O autor ressalta, ainda, o fato de a escrita ser, historicamente uma prerrogativa masculina, de modo que não cabia à mulher envolver-se com “esse mundo”, uma vez que sua natureza e suas capacidades “intrínsecas” versavam sobre o cuidado para com o próximo e com o lar, “nunca en la pluma ni en la espada, atributos del varón”⁹³ (Gómez, 1999, p. 137). Deste modo, as mulheres têm sido alijadas do processo de escrita que, embora pareça muito distante, se mostra como uma permanência. Por isso, não é fortuito que ainda no século passado, em especial no início e em meados, houvesse um número mais expressivo de produções assinadas por homens do que por mulheres e o fato de a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira

relacionando-se com a cosmologia e o céu, a medicina e as doenças, as ciências naturais ou a geografia, não eram aceitos na Idade Média e só mantinham um valor de verdade com a condição de serem marcados pelo nome do seu autor” (2001, p. 15). Destaca-se, outrossim, que, de acordo com Foucault (2001), “a função-autor é, portanto, característica do modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (p. 14). Nesse sentido, advoga que “[a função-autor] não se forma espontaneamente como a atribuição de um discurso a um indivíduo. É o resultado de uma operação complexa que constrói um certo ser de razão que se chama de autor” (2001, p. 16). E quando esse “ser de razão” é uma mulher? Invalida-se o discurso ou faz desaparecer o autor? Estas foram algumas das inquietações que me levaram a pesquisar duas das principais colaboradoras de *Vida Juvenil*. A respeito da noção de autor, conferir, também, Chartier (1998).

⁹¹ Em tradução livre: “Eu sou o rei que se destaca entre os reis. Minhas palavras são as melhores, minha inteligência é inigualável. (...) Por ordem de Marduk, meu senhor, que meus escritos não sejam destruídos. Que meu nome seja eternamente pronunciado com veneração em Esagila, que eu amo.”

⁹² Em tradução livre: O fato de ser mulher ou pertencer às chamadas classes populares ou subalternas tem sido motivo para “expulsá-los do paraíso” e justificar a reprodução histórica de políticas discriminatórias no acesso à educação e à aquisição de habilidades básicas de leitura e escrita.

⁹³ Em tradução livre: “nunca na pena nem na espada, atributos do homem”.

de Letras, por exemplo, só tenha acontecido em 1977, 80 anos após sua criação, representada na figura de Rachel de Queiroz (Souza, 2016).

Nesse sentido, *Vida Juvenil* mantém o *status quo*, pois, embora tenha estampado nomes femininos em suas páginas, a maior parte era assinada por homens. O próprio expediente evidencia o espaço dos homens naquele artefato cultural⁹⁴. Por isso, o esforço em traçar elementos da trajetória pessoal e profissional das mulheres aqui trazidas à luz pode ser visto como a tentativa de fazê-las “tremular por algum tempo na ponta do presente” (Albuquerque Júnior, 2007, p. 212).

Ainda que não seja possível observar um recorte de gênero explícito no âmbito de *Vida Juvenil*, no que diz respeito aos leitores visados, o corpo de colaboradores da revista é majoritariamente composto de homens. Das diversas seções fixas do periódico, apenas uma minoria era coordenada por mulheres.

Quadro 12 – Seções fixas desenvolvidas por homens durante o ciclo de vida de *Vida Juvenil* (1949-1959)⁹⁵

1.	<i>Quadros Brasileiros</i>	Carlos Marinho de Paula Barros (de janeiro de 1949 a 1º de janeiro de 1952) e Sérgio D. T. Macedo (de 15 de março de 1952 a fevereiro de 1958)
2.	<i>A Matemática Sorri para Você</i>	Júlio César de Mello e Souza
3.	<i>Divertimentos e Diabruras</i>	Kiehl
4.	<i>Pense e Acerte</i>	Fernando Capean (de janeiro de 1949 a 15 de outubro de 1952); J. J. Dias de Azevedo (PY) (de 15 de novembro de 1952 a 1º de fevereiro de 1955); Altayr Dias (de 15 de março de 1955 a 1º de setembro de 1956); Néelson B. Lemos (de 1º de outubro de

⁹⁴ Cabe assinalar que o corpo editorial de *Vida Juvenil* sofreu poucas mudanças ao longo do ciclo de vida da revista, a saber: Carlos Gonçalves Fidalgo e Antonio Ibrahim Haddad, um como diretor responsável e o outro como diretor gerente e redator chefe, respectivamente, figuram de maneira contínua no expediente. Clemente dos Santos Farroco e Felisberto Orofino, contudo, ambos vinculados à área de publicidade, têm seus nomes substituídos por Armando de Barros, referenciado como Chefe do Departamento de Publicidade. Farroco e Orofino compuseram o expediente de janeiro de 1949 a 15 de setembro de 1955. Ainda que tenha havido alguma mudança, o expediente não deixou de estampar apenas nomes masculinos.

⁹⁵ Importa esclarecer que a inserção do período específico de atuação ocorre quando houve mais de um responsável pela seção ao longo dos anos. Quando há apenas o nome do intelectual, sem a especificação do tempo, é porque não houve mudança quanto à autoria.

		1956 a fevereiro de 1958, quando do encerramento da seção)
5.	<i>Histórias Acontecidas</i>	Narbal Fontes
6.	<i>30 segundos de curiosidades</i>	Artur de Castro Borges
7.	<i>Quem Somos?</i> <i>Lendo e Aprendendo</i>	Ney Cidade Palmeiro
8.	<i>Mire-se na sua própria letra</i>	Francisco Leão
9.	<i>Da História da nossa América</i>	Gil Coimbra
10.	<i>Trocando Ideias</i>	Mário Hora Júnior
11.	<i>Trapalhadas do Betinho (HQ)</i> <i>Vida Juvenil Esportiva</i>	José Geraldo
12.	<i>Vida Juvenil na Literatura</i>	Armando de Carvalho (supervisor)
13.	<i>Entre as nuvens</i>	J. F. Parreiras Horta

Fonte: Quadro elaborado pela autora tendo como base pesquisa realizada na HDB/FBN, 2023.

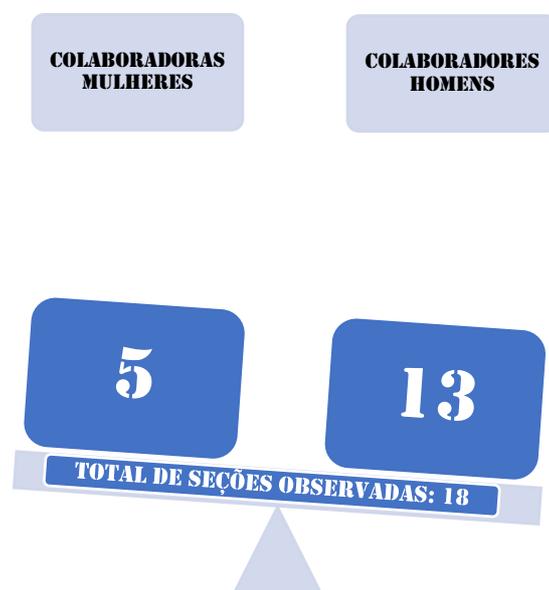
Quadro 13 – Seções fixas desenvolvidas por mulheres durante o ciclo de vida de *Vida Juvenil* (1949-1959)

1.	<i>O mundo através da mitologia</i>	Lausimar Laus
2.	<i>Histórias Acontecidas</i>	Ofélia Fontes
3.	<i>Escolha sua profissão</i>	Leticia M. S. de Faria
4.	<i>Modos de Falar</i>	Lúcia Alvarenga
5.	Revista do Clube Juvenil Toddy (suplemento)	Maria de Lourdes Alves (diretora)

Fonte: Quadro elaborado pela autora tendo como base pesquisa realizada na HDB/FBN, 2023.

Como se observa, o número de mulheres a cargo de seções fixas em *Vida Juvenil* era menor se comparado à quantidade de homens, considerando os dados condensados no gráfico a seguir:

Gráfico 1 – Suporte visual que retrata a diferença quantitativa entre homens e mulheres na condição de colaboradores fixos de *Vida Juvenil* durante seu ciclo de vida (1949-1959)



Fonte: Gráfico elaborado pela autora tendo como base pesquisa realizada na HDB/FBN, 2023.

É claro que outras mulheres apareceram no periódico, mas apenas como colaboradoras esporádicas. Por isso, importa destacá-las na tese, pois, ainda que, em menor quantidade, elas estiveram presentes em *Vida Juvenil*, e suas palavras permanecem na História. As professoras Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves despontam em relação ao tempo de contribuição na revista e ao conteúdo veiculado. Dedicuemo-nos a elas, enfim.

2.1.2.1 As professoras Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves: intelectuais mediadoras

De maneira contrária à grande produção e destaque relativos aos colaboradores homens de *Vida Juvenil*, em especial Mello e Souza (Malba Tahan) e Cidade Palmeiro, há poucas informações e produções que informem sobre as professoras Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves, ainda que ambas tenham sido coetâneas no período em tela, com ênfase nos anos 1950.

Chama a atenção o fato de haver pouquíssimas informações biográficas sobre ambas as autoras – como se nunca tivessem existido⁹⁶. Após buscas no *Google* (geral e acadêmico) e no

⁹⁶ O mesmo acontece com as colaboradoras Leticia M. S. de Faria e L. Gustavini, por exemplo.

site *Family Search* – organização internacional de pesquisa genealógica –, não foram encontradas, logo de início, informações e fontes precisas acerca de Lúcia Alvarenga de *Vida Juvenil*⁹⁷. Contudo, “onde calcular é impossível, impõe-se sugerir” (Bloch, 2001, p. 55). Assim, diante da dificuldade de fontes acerca de Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves, vamos aos rastros e às sugestões.

Importa ressaltar que foram encontrados mais dados sobre Maria de Lourdes Alves do que de Lúcia Alvarenga, muito devido ao fato de a primeira ter dirigido alguns programas de rádio que fizeram relativo sucesso, na época, e em um período em que o rádio estava em alta (Costa, 2012). Além disso, o fato de Maria de Lourdes Alves ter deixado um filho⁹⁸, Márcio Roiter, que citou sua mãe em algumas entrevistas, pôde alargar os elementos a seu respeito, ainda que não tenha sido possível realizar entrevista com ele⁹⁹.

Como citado anteriormente, Lúcia Alvarenga foi autora de livros didáticos que circularam na década de 1950, o que significava ser atuante no campo da Educação, naquele período. Logo, sua participação em *Vida Juvenil* não podia ser vista como aleatória. Uma vez que muitos colaboradores da revista tinham considerável prestígio no campo educacional, que extrapolava o periódico, é possível inferir que Alvarenga também detinha determinado prestígio. Além disso, como será discutido posteriormente, Alvarenga já tinha escrito em uma outra revista na qual também colaboraram outros intelectuais de *Vida Juvenil*¹⁰⁰.

A Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional se constituiu, então, no principal espaço para encontrar pistas sobre vida e obra de Lúcia Alvarenga, para, assim, construir uma breve trajetória da intelectual. Inicialmente, o acesso se deu a partir do lançamento e da recepção de *Terra Querida* no mercado editorial, à época, ainda sem informações de cunho biográfico. O *Diário de Notícias* publica em 23 de março de 1949 (edição 8100) a seguinte notícia:

⁹⁷ Isso quer dizer que, inicialmente foram encontradas duas homônimas, mas que não pareciam se tratar da colaboradora de *Vida Juvenil*, uma vez uma era paraguaia e a outra era muito jovem quando da atuação na revista. Por isso, as investigações continuaram.

⁹⁸ Em relação à professora Lúcia Alvarenga não foram localizadas informações sobre ter se casado ou ter tido filhos. No âmbito do *Diário de Notícias*, por exemplo, quando do informe de seu aniversário e do falecimento de seu pai, o pronome de tratamento referente a ela era o de “senhorita”.

⁹⁹ Destaque-se o esforço da autora de ter entrado em contato com Márcio Roiter de diferentes maneiras, a saber através de seu site – <https://artdecobrasil.com.br/> –, de outro site com o qual tem relação – <https://modernism.com/user/1687/contact> –, de seu *Instagram* e do seu e-mail pessoal. Foi possível entrar em contato com ele a partir deste último, de maneira tímida, porém sem a efetiva realização de uma entrevista e sem a ampliação dos dados sobre a intelectual.

¹⁰⁰ Trata-se da *Revista Humanidades*, de responsabilidade da Editora Humanidades Ltda, com início de circulação em finais da década de 1940.

TERRA QUERIDA

O autor de um livro novo merece sempre vossa simpatia, por ser duplamente otimista — acreditando em si mesmo e nos que vão ler sua obra. E quando se trata de livro didático, ele nos inspira admiração sincera: eis uma criatura que ainda crê na possibilidade de, graças a bons compêndios, salvar-se o ensino nacional!

Por isso, deixamos aqui o registro do nosso profundo apreço por uma autora que reincide na afirmação de sua fé naquela possibilidade.

De fato, a professora Lúcia Alvarenga, que já enriquecera a nossa biblioteca escolar com uma "Seleta" destinada ao curso da admissão e de amplo e justificado êxito em nossos círculos educacionais, acaba de publicar "Terra Querida", para o quarto grau primário.

Sendo a "Terra querida" o Brasil, desde logo se adivinha o fundo de brasilidade que há de impregnar o texto. Mas a exaltação do que é nosso não resvala aí pelo "porquemeufanismo" piegas e condenável [a] cada capítulo, que, em linguagem tão singela quanto escorreita, não ocupa mais de duas ou três páginas, transmite à criança uma noção exata do tema versado. A autora foge, criteriosamente, e deliberadamente, a exageros e a afetações literárias — toda voltada para o seu objetivo único de educar, de esclarecer, de orientar.

Não pudemos, infelizmente, neste espaço estreito, enumerar os 51 capítulos — cujos títulos melhor diriam do espírito da obra. Asseguramos, porém, para remediar essa lacuna, que a "Terra Querida" surge dessas páginas, no que tem de mais belo e mais expressivo, falando com emoção à alma da infância.

A professora Lúcia Alvarenga, entretanto, não se limitou a oferecer às crianças essa leitura sadia: cada lição é seguida de exercícios de "linguagem", e de "conhecimentos", organizados discernimento e técnica que consideramos modelares.

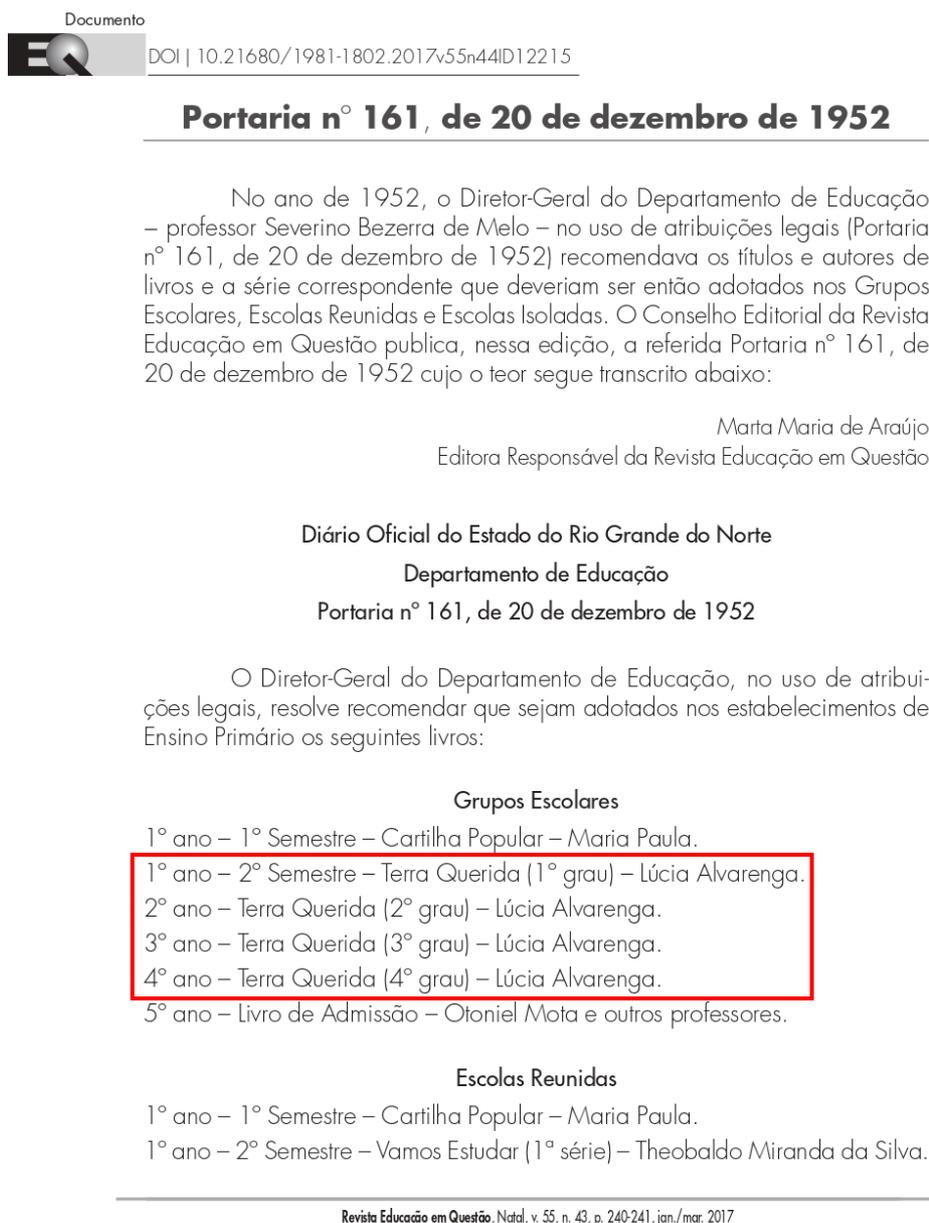
Não falta o concurso do desenho, tão precioso pelo seu alcance mnemônico: o livro é ilustrado cuidadosamente pela srta. Dora Neumayer.

Enfim, os responsáveis pelo ensino do quarto grau primário dispõem, hoje, a nosso ver, do livro que reclamavam.

E a professora Lúcia Alvarenga, já agora, terá de ir pensando na elaboração de novos livros para outras séries, consagrado que se acha o seu nome, definitivamente, entre o exíguo número dos nossos educadores que, na realidade, amam a sua profissão e a exercem com probidade e competência. — L. (Diário de Notícias, ed. 8100, 1949, p. 3)

A partir do excerto, localizado através da Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, estima-se que a primeira edição de *Terra Querida* date de 1949 e que seu livro recém-lançado contivesse teor nacionalista. Note-se, ainda, o fato de a revista o recomendar aos professores primários. Nesse sentido, salienta-se que o livro de Alvarenga também foi recomendado para ser utilizado nos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte, no ano de 1952, de acordo com a Portaria nº 161, de 20 de dezembro de 1952:

Figura 39 – Portaria nº 161, de dezembro de 1952, que recomenda a adoção dos livros de Lúcia Alvarenga nos Grupos Escolares do Rio Grande do Norte



Fonte: Revista Educação em Questão, Natal, v. 55, n. 43, p. 240-241, jan./mar, 2017.

Além desse, outro documento evidencia a indicação de outro livro de autoria de Alvarenga, intitulado *Seleção para o Curso de Admissão – trechos de autores brasileiros*. Seu destaque foi feito quando da publicação do livro *Exposição do livro brasileiro contemporâneo*, em Lisboa, em 1957. A folha de rosto do livro registra:

Esta Exposição do Livro Brasileiro Contemporâneo é uma contribuição do Brasil ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros e o seu acervo será distribuído por várias instituições culturais portuguesas. Foi inaugurada na tarde de 9 de Setembro de 1957 por Sua Excelência o Senhor Embaixador Álvaro Lins, representando o Governo do Brasil e os Brasileiros presentes ao III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros. (Exposição, 1957, folha de rosto)

No contexto dessa Exposição que Lúcia Alvarenga é, então, mencionada:

469.8 – LÍNGUA PORTUGUESA – LIVROS DIDÁTICOS

- ALVARENGA, Lúcia, 1014 – Seleta para o curso de admissão. Trechos de autores brasileiros. 33. ed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional (1957). 172 p. (469.8) 995
- Terra querida, para o primeiro grau primário (23. ed) - São Paulo, Cia. Ed. Nacional (1955), 123 p. ilus. (469.82) 996
 - Terra querida, para a segunda série primária... (De acordo com o programa oficial) (57. ed.) São Paulo, Cia. Ed. Nacional (1959). 204 p. ilus. (469.82) 997
 - Terra querida, para a terceira série primária... (33. ed.) - São Paulo Cia. Ed. Nacional (1955) 223 p. ilus (469.82) 998
 - Terra querida, para a quarta série primária (De acordo com o programa oficial) (31. ed.) - São Paulo, Cia. Ed. Nacional (1956) 189 p. ilus. (469.82) 999 (Catálogo da Exposição, organizada pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, apresentada no III Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros em Lisboa, Portugal, em setembro de 1957, p. 75-6)

O excerto acima fornece vestígios em relação à atuação e à relevância de Alvarenga no campo da educação brasileira. *Terra Querida, para a segunda série primária* estava em sua 57ª edição em 1959, ao passo que *Seleta para o curso de admissão* e *Terra Querida, para a terceira série primária* estavam na 33ª edição; *Terra Querida, para a quarta série primária*, na 31ª; e *Terra Querida, para o primeiro grau primário*, na 23ª edição. De acordo com Choppin (2002, p. 20), o número de edições declaradas é um dos indícios da difusão de um livro escolar, o que corrobora com a premissa de que Lúcia Alvarenga teve importante inserção no campo da produção de livros didáticos para crianças e adolescentes no Brasil e, portanto, atuou como relevante intelectual mediadora do período.

Ao investigar o impacto da produção de Alvarenga, um achado: seu ano de nascimento. Na primeira edição do volume 5, tomo I, do *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional*, de 1955, consta a seguinte entrada:

Figura 40 – Obras de Lúcia Alvarenga no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional e seu ano de nascimento

Alvarenga, Lúcia, 1914-	
Terra querida, para o primeiro grau primário por Lúcia Alvarenga 19. ed.] São Paulo, Ed. nacional São Paulo ed., 1954	
123 p. ilustr. 20 cm	Cr\$ 15,00
— Terra querida, para o segundo grau primário... por Lúcia Alvarenga. 38. ed. São Paulo, Ed. nacional São Paulo ed., 1954	
204 p. ilustr. 19 cm	Cr\$ 16,00

Fonte: Boletim Bibliográfico da Biblioteca Nacional, v. 5, tomo I, 1955, p. 76.

Mais uma vez, *Terra Querida* sendo anunciada – e agora com preço e alguma informação sobre a autora. Munida do ano de nascimento, foi possível retomar a pesquisa junto à plataforma de árvore genealógica *Family Search*. A partir da pesquisa, identificou-se que Lúcia Alvarenga nasceu em 17 de março de 1914 e faleceu em 5 de julho de 1998, aos 84 anos, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Mineira, era filha de Zoroastro Rodrigues Alvarenga¹⁰¹ (1878-1945) e de Maria Belmira da Silva Alvarenga (1879-1951). Sua data de nascimento, porém, foi localizada de outra forma. A partir das informações colhidas, acredita-se que Lúcia Alvarenga foi professora do Instituto La-Fayette¹⁰² e, por isso, costumava sair, em jornal, o anúncio de seu aniversário.

¹⁰¹ Zoroastro Alvarenga era mineiro, mas estudou Medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Ao finalizar o curso, retornou a Minas Gerais, onde atuou na Diretoria de Higiene do Estado de 1910 a 1917. Foi lente da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Assumiu diversos cargos na política, sendo afiliado ao Partido Republicado Mineiro. Esteve a frente, ainda, do 4º Ofício de Protestos de Letras e Títulos. Casado com Maria Belmira da Silva Alvarenga, foi pai de “Dr. Silvio Alvarenga (advogado de Justiça Militar de São Paulo); Dr. Heitor Alvarenga (engenheiro das Obras de Saneamento da Baixada Fluminense); Srta. Marta Alvarenga (funcionária do Instituto dos Comerciários); Sra. Hortencia Alvarenga Pena (esposa do dr. Samuel Pena, industrial em Belo Horizonte); Srta. Lúcia Alvarenga (professora do Instituto La-Fayette); e Sra. Carmem Alvarenga Lemelle (esposa do dr. Paulo Lemelle, cirurgião-dentista no Rio de Janeiro)”. Fontes: Diário de Notícias, ed. 6875, 1945, p. 7; e Verbetes de Luciana Pinheiro para o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC). Disponíveis em: https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093718_02&Pesq=%22zoroastro%20rodrigues%20de%20alvarenga%22&pagfis=21888 e <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ALVARENGA,%20Zoroastro%20Rodrigues%20de.pdf>. Acesso em: 09 de fevereiro de 2024.

¹⁰² Criado em 04 de junho de 1916 pelo professor La-Fayette Cortês (04/06/1885 – 09/04/1946), o Instituto, que se localizava à Rua Haddock Lobo, 253, no bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde, hoje, se encontra a Fundação Bradesco, foi considerado “inovador”. Segundo publicação do UERJ Em Dia, “foi o primeiro [colégio] no Brasil a ter o jardim de infância, a receber filhos de pais desquitados, a instituir o ecumenismo e o primeiro internato a acolher alunos negros” (UERJ, 2015). Em março de 1921, cria, no âmbito do Instituto, o Departamento Feminino e instaura o “Curso Geral Superior [extinto em 1938], totalmente voltado para a formação da mulher que se deveria destinar ao lar e ao magistério” (Penna, 1988, p. 6). A partir deste ano, as mulheres passam a poder estudar no Instituto La-Fayette a partir do Ensino Secundário (Ciclo Colegial). O Instituto fundou, em 1939, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Instituto La-Fayette, “uma das quatro unidades que estiveram na origem da criação da UERJ” (UERJ, 2015).

O *Diário de Notícias* (1946, ed. 7396, p. 6) acrescenta outro fato a respeito da intelectual. Alvarenga escreveu na revista *Humanidades*¹⁰³, da Editora Humanidades Ltda. De acordo com a notícia, a revista, lançada entre dezembro de 1946 e janeiro de 1947, era “destinada a todos quantos se preocupam com o ensino de segundo grau”. Logo, consta o sumário do primeiro número. Nele, Lúcia Alvarenga colabora com o artigo “Conversando com alunos da 1ª série ginásial”, ao lado de outros intelectuais, como João Baptista de Mello e Souza¹⁰⁴, irmão mais velho de Júlio César de Mello e Souza (Malba Tahan); Ney Cidade Palmeiro; e Antonio Gomes Penna, que escreveram com ela em *Vida Juvenil*. Note-se a rede da qual Alvarenga fazia parte, que também circulava em *Vida Juvenil*, e que, portanto, sua atuação nesta revista não pode ser considerada fortuita, uma vez que estava associada a outros sujeitos que compunham o cenário editorial naquele momento. Além da rede que conformava, era professora do mesmo público visado da revista, isto é, jovens do Ensino Secundário, e autora de livros didáticos. A esse respeito, importa destacar a premissa de que os intelectuais estão “sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político” (Gomes e Hansen, 2016, p. 12). Logo, não pode ser considerada aleatória a associação entre esses sujeitos, pois é, a partir de tal laço, que eles se constroem “intelectuais”.

No contexto de *Vida Juvenil*, Alvarenga foi a responsável pelo ensino e reforço de Português por meio da seção “Modos de Falar”. A coluna, de caráter contínuo, circulou apenas durante a primeira fase da revista, isto é, de 1949 a 1951, como muitas das que iniciaram com a revista. Foi a única seção voltada ao ensino da gramática normativa¹⁰⁵.

O ensino de Português em *Vida Juvenil* parece ser justificável do ponto de vista do projeto educativo veiculado na revista, em conjunto com outras disciplinas escolares, como Matemática e História. Nesse sentido, Oliveira (2022, p. 7) argumenta que

¹⁰³ Com sede na Avenida Erasmo Braga, no 227, 10º andar, na cidade do Rio de Janeiro, a revista era dirigida por professores do Ensino Secundário e promovia eventos esportivos com os educandos, como a Primeira Olimpíada Colegial, realizada no Rio de Janeiro, de 29 de outubro a 08 de novembro de 1948. Há poucas informações acerca do periódico, mas alguns de seus diretores foram os professores Luiz A. P. Vitória e Antonio Kubrusly (professor de física do Colégio Pedro II – Externato).

¹⁰⁴ Nascido em 1888 na cidade de Queluz, em São Paulo, João Baptista de Mello e Souza, ou mais comumente referenciado como J. B. de Mello e Souza, e, ainda, sob o pseudônimo J. Meluza, também assumiu a posição de intelectual polígrafo. Diplomado em Direito (1910), foi funcionário público, professor catedrático de História do Colégio Pedro II, jornalista e membro da Academia Carioca de Letras, além de contista, historiador, tradutor e cronista. Produziu, ainda, livros de cunho instrutivo e de Literatura Infantil, teatro e romances históricos. Foi premiado, ademais, com o Prêmio Joaquim Nabuco, da Academia Brasileira de Letras, em 1948, pelo livro *Meninos de Queluz*.

¹⁰⁵ A gramática normativa se refere àquela ensinada no ambiente escolar. Coaduna-se com Rocha (2013, p. 12) que defende que se trata da “gramática que contém um conjunto de regras a serem seguidas e que estabelece um juízo de certo e errado, com base em um uso monolítico da língua”, cuja ênfase é a língua em sua forma escrita, em detrimento da oral. É frequentemente chamada, também, de *gramática escolar* e *gramática prescritiva*.

O ensino da língua é defendido como instrumento central do progresso intelectual, moral e econômico de um povo, pois, ao lado da unidade da raça e da unidade geográfica, está um dos três pilares da integração e estruturação nacional. (...) Quanto maior fosse a expressão técnica da linguagem, maior seria também a consciência nacional e o nível cultural do povo.

A ideia de jovens bem formados e instruídos era fundamental para a construção de uma “boa” nação, principalmente ao se considerar o período de circulação da revista. Saber português era não só necessidade básica para o progresso do país, mas também forma de demonstrar apreço por ele e por sua língua oficial¹⁰⁶.

A seção seguia configuração regular, conforme exemplo a seguir:

¹⁰⁶ De um lado, Luca (1999), estudiosa da *Revista do Brasil*, aponta que “a língua [naquele periódico] foi constantemente apontada como importante fator de coesão nacional, tendo figurado como elemento significativo nas várias tentativas de caracterizar a nação brasileira” (p. 242). Observa-se, no estudo da autora, o quanto a questão de conformação de uma língua nacional foi alvo de discussões e de lutas em favor dela, dado que ela seria o elemento de união entre os diferentes Estados nacionais, ratificando a ideia de um país consolidado. Por outro lado, dialoga-se com Razzini (2010), que, ao apontar as principais fases pelas quais o ensino de Português passa no Colégio Pedro II, desde sua criação, em 1837, destaca que, a partir da Proclamação da República, em 1889, até a década de 1930, o programa voltado àquela disciplina se caracteriza pela ênfase destinada à gramática, em detrimento de outros conteúdos, o que poderia se observar, por exemplo, pelo aumento do número de gramáticas adotadas. Nas palavras da autora, “a organização do currículo do Colégio Pedro II dá sinais de que os conteúdos estavam mais associados a uma identidade nacional, sobretudo, nas disciplinas que constituem o chamado tripé da nacionalidade: História, Geografia e língua materna (...)” (p. 52). A autora, por fim, ainda salienta que, com a Reforma Capanema (1942-43), foi introduzida a Leitura Patriótica, no âmbito do Ensino Secundário, se associando ao estudo da história da literatura brasileira e portuguesa e constituindo, assim, o ensino de Português no modelar Colégio Pedro II (Razzini, 2010, p. 56).

Figura 41 – Exemplo da configuração da seção *Modos de Falar*

MODOS DE FALAR		
Prof. ^a LÚCIA ALVARENGA		
MUITA GENTE FALA ASSIM... Amanhã, farão seis anos que cheguei ao Rio. E' assunto que não me envolvo. E' preciso que se pre- caveja, em meio de tantos perigos. Não se recomenda esses livros às crianças. Perto daqui, tem um riacho, cuja s águas são muito claras.	...QUANDO DEVIA FALAR ASSIM... Amanhã, fará seis anos que cheguei ao Rio. E' assunto em que não me envolvo. E' preciso preca- ver-se, em meio de tantos perigos. Não se recomendam esses livros às crianças. Perto daqui, há um riacho, cuja s águas são muito claras.	... PORQUE... O verbo fazer, quando encerrar idéia de tempo, deve ser empregado impessoalmente. Não tem sujeito. O verbo pede a preposição em . Envolver-se em alguma coisa. O verbo preca- ver-se não é conjugado no subjuntivo presente. Esse tempo é derivado da 1. ^a pessoa do sing. do indicativo presente, pessoa que não existe no verbo em questão. No indicativo presente, há, apenas, as formas: pre- cavemos, pre- caveis. Esses livros é aí o sujeito da oração: logo, o verbo tem que ficar no plural. Erro comum o emprêgo do verbo ter pelo haver , indicando existência. Depois dos relativos cujo , cuja , cujos , cuja s, não se empregam artigos.

Fonte: Vida Juvenil, dez. 1950, ed. 24, p. 75. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Havia três colunas, de modo que a primeira, intitulada “Muita gente fala assim...”, buscava apresentar um desvio da norma padrão; a segunda, “... quando devia falar assim...”, apresentava o que se considerava norma padrão, e a terceira, “... porque...”, explicava a forma considerada correta, segundo a gramática tradicional.

Ao se observar o conteúdo, vê-se compatibilidade com o Programa de Português do Curso Ginásial do Ensino Secundário, conforme Portaria Ministerial nº 170, de 11 de julho de 1942, assinado por Gustavo Capanema.

Quadro 14 – Conteúdos de gramática do curso ginásial do ensino secundário (1942)

Série	Conteúdos
1 ^a	Unidade I: 1. Oração Sujeito e predicado. Oração sem sujeito , oração sem verbo. 2. Substantivo, artigos, adjetivo, numerais. 3. Gênero e número. Ideia de concordância nominal. Exercícios de concordância nominal. 4. Exercícios para o bom emprego dos artigos e dos numerais. Unidade II: 1. Verbo : números, pessoas, tempos e modos. Vozes. 2. Verbos regulares e irregulares. Exercícios de conjugação, feitos por meio de frases. 3. Exercícios de concordância do verbo com o sujeito . Unidade III: 1. Pronomes; advérbios . 2. Coordenação. Noção de conjunção coordenativa. 3. Estudo simultâneo e moderado da análise léxica e da sintática, não indo esta além do período com posto por coordenação. 4.

	<p>Exercícios para o bom emprego dos pronomes, sobretudo do relativo <i>cuj</i>o e dos demonstrativos.</p> <p>OUTROS EXERCÍCIOS. Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de gramática, haverá: 1. Estudo do vocabulário, acompanhado de exercícios. 2. Exercícios de ortografia e pontuação, ditado de pequenos trechos de assunto instrutivo e educativo e de sentenças de conteúdo moral ou patriótico. 3. Breves exposições orais, reprodução livre de trechos lidos na aula, redação escrita de frases curtas e pequenas descrições à vista de gravuras.</p>
2ª	<p>Unidade I: 1. Preposições. Exercícios de regência para aquisição do bom uso das preposições. 2. Substituição de frases por outras diversas, mas equivalentes pelo sentido. 3. Primeiras noções de subordinação. 4. Estudo da análise léxica e sintática, um tanto mais desenvolvido que na primeira série.</p> <p>Unidade II: 1. Predicado verbal, predicado nominal. O predicativo. 2. Aposição. O aposto. 3. Exercícios de conjugação, dada especial atenção ao imperativo, no mais-que-perfeito simples do indicativo e ao futuro do subjuntivo. A forma do mais-que-perfeito simples do indicativo com o valor de condicional e de imperfeito do subjuntivo: exercícios. 4. Exercícios sobre verbos conjugados reflexamente e sobre verbos com o pronome <i>lo</i> ou <i>o</i> enclítico.</p> <p>Unidade III: 1. O vocativo. Interjeições e locuções interjectivas, 2. Formação de palavras: composição, derivação. Prefixos e sufixos: exercícios. Formação parassintética. 3. Graus de significação do substantivo, do adjetivo e do advérbio: exercícios. 4. Comparação. Exercícios práticos sobre comparação.</p> <p>OUTROS EXERCÍCIOS. – Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de gramática, haverá: 1. Estudo do vocabulário, acompanhado de exercícios. 2. Exercícios de ortografia e pontuação. 3. Exercícios de exposição oral e de redação 4. Estudo elementar da versificação a propósito das poesias lidas na aula.</p>
3ª	<p>Unidade I: 1. Conjunções coordenativas. Exercícios sobre conjunções coordenativas. Estudo, mais minucioso e desenvolvido, do período composto por coordenação. 2. Exercícios de análise léxica, e sintática. 3. Ideia da sintaxe ideológica e afetiva: alguns exemplos expressivos.</p> <p>Unidade II: 1. Conjunções subordinativas. Exercícios sobre conjunções subordinativas. 2. Exercícios para o correto emprego do verbo <i>haver</i> e da partícula <i>se</i> em função passivadora, e para o bom uso do infinitivo pessoal e impessoal. 3. Exercícios de concordância do predicativo do sujeito e do predicativo do objeto direto.</p> <p>Unidade III: 1. O período composto por subordinação. 2. Exercícios de emprego de modos e tempos na oração subordinada. 3. Exercícios de análise léxica e sintática. 4. Exercícios sobre a colocação das palavras na frase, principalmente sobre a dos pronomes pessoais átonos.</p>

	<p>OUTROS EXERCÍCIOS. Além da leitura e dos exercícios próprios de cada unidade de gramática, haverá: 1. Estudo do vocabulário, acompanhado de exercícios 2. Exercícios de exposição oral, de redação e composição. 3. Estudo elementar da versificação a propósito das poesias lidas na aula.</p>
4ª	<p>Unidade I. Vocábulo, sílaba, número de sílabas dos vocábulos, acento tônico, a situação do acento tônico. 2. Constituição das sílabas. Qualidades físicas do som. Vogais e consoantes. Ditongos. Tritongos. 3. Noção da ênclise e da próclise. Ação da ênclise e da próclise: alguns exemplos. 4. Exercícios de versificação e aplicação da matéria estudada.</p> <p>Unidade II: 1. Latim vulgar. As três declinações do latim vulgar. Sobrevivência do acusativo. O desaparecimento do neutro. As três conjugações do latim vulgar na Península Ibérica. 2. Ideia da ação da analogia, ministrada por meio de alguns exemplos expressivos. 3. Criações românicas.</p> <p>Unidade III: 1. Origem das línguas românicas. A língua portuguesa, seu domínio. Constituição do léxico português. 2. Estudo breve e elementaríssimo de fonética histórica. Formas divergentes e convergentes. 3. O português do Brasil.</p> <p>OUTROS EXERCÍCIOS. — 1. Estudo do vocábulo, acompanhado de exercícios. 2. Redação de cartas, bilhetes e telegramas, e de documentos oficiais. 3. Exercícios de composição. 4. Estudo elementar da versificação a propósito das poesias lidas na aula. 5. Análise de períodos compostos por subordinação.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora a partir da Portaria Ministerial nº 170, de 11 de julho de 1942. Acervo Arquivístico do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). 2023.

O quadro 14 demonstra a aproximação entre o programa formulado para o ensino de Português para o Ensino Secundário e as explicações de Lúcia Alvarenga em *Modos de Falar*, haja vista o fato de o programa estar em vigor quando da circulação da seção. Nesse sentido, foram grifados, no quadro 14, alguns conteúdos convergentes, como o quarto exemplo presente na figura 41, que recai no tema “concordância do verbo com o sujeito”, e a segunda frase utilizada no exercício de Alvarenga que trata das preposições e focaliza a regência para aquisição do bom uso das preposições. Tal constatação ratifica a atuação de Alvarenga na Educação e, mais ainda, no ensino da disciplina no curso ginásial do Ensino Secundário, o que justifica sua inserção no periódico.

Já Maria de Lourdes Alves ou Maria de Lourdes Alves Roiter, como ficou conhecida após a adoção do sobrenome do marido, o médico Moysés Roiter, não se dedicou a ensinar uma disciplina específica no âmbito de *Vida Juvenil*, embora fosse professora. Sua atuação no

periódico, na condição de diretora da *Revista do Clube Juvenil Toddy* (suplemento de *Vida Juvenil*), estava relacionada com sua prática como radialista, rádio-educadora e produtora de diversos programas de rádio. Atuou nas rádios Mayrink Veiga, Nacional e Roquette-Pinto, com os programas *Clube Juvenil Toddy*, *Bandeirantes do Ar*¹⁰⁷ e *O Estudante e a Música*¹⁰⁸, por exemplo. Com suas produções, Maria de Lourdes tem sido referida como importante intelectual no processo de formação da juventude brasileira da década de 1950, uma vez que tratava de questões de cunho educativo e divertido. É possível supor que foi a partir deles, em especial do *Clube Juvenil Toddy*, que a professora influenciou diversos jovens a seguirem a carreira radiofônica. Ela foi responsável, também, por dar projeção a sujeitos de destaque no campo da cultura e do jornalismo, como José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni).

Nesse sentido, foi também a incentivadora de seu próprio filho, Márcio Roiter, a nutrir paixão e se dedicar ao estilo Art Déco. Roiter atribui à sua mãe seu destino na condição de *marchand* (negociante de arte), pesquisador, colecionador, antiquário, palestrante, com ênfase no estilo Art Déco:

Ligado ao prédio [Edifício A Noite, na Praça Mauá, no Rio de Janeiro] desde a infância, Marcio Roiter atribui ao Edifício A Noite o início de sua paixão pelo estilo art déco.

“Eu tinha 5 anos e entrava lá pelas mãos da minha mãe, a professora Maria de Lourdes Alves, que dirigia o programa Clube Juvenil Toddy, apresentado nas tardes de quinta-feira na Rádio Nacional. Eu olhava aquela construção e achava tudo fantástico, desde os letreiros aos cromados, o luxo que vinha dessa modernidade. A criança levada que eu era ficava quieta, extasiada, olhando para tudo quando entrava naquele prédio”, conta. (Virgílio, Agência Brasil, 2013)¹⁰⁹

O fato de destacar a profissão e a atuação da mãe demonstra não só o orgulho de seu filho como, também, a relevância do Clube e da diretora no âmbito dos programas radiofônicos. Nesse sentido, Costa (2012) advoga acerca da importância atribuída aos programas de rádio, desde sua criação, no início da década de 1920, em especial no que concernia ao desenvolvimento intelectual da população e divulgação da “cultura nacional” (p. 138), além de

¹⁰⁷ Apesar das poucas informações a respeito do programa, o *Diário de Notícias* (ed. 11227, 23 de jun. 1959, p. 3) oferece pistas quanto a sua veiculação. O programa era radiofonizado pela Rádio Roquette-Pinto, provavelmente, aos sábados, às 14:30h. No informe do jornal, a *Associação de Jovens Pianistas* voltaria a tocar no referido programa no sábado seguinte (27 de junho de 1959), o que indicia parte do que era oferecido aos ouvintes.

¹⁰⁸ Programa veiculado pela Rádio Roquette-Pinto. Conforme informe do *Diário de Notícias* (ed. 11122, 18 de fev. 1959, p. 10), em 1959, o programa passava às quartas-feiras, das 20:05h às 20:30h. Já o *Correio da Manhã* (ed. 20225, 04 de mar. 1959, p. 13) indicia que *O Estudante e a Música* visava apresentar “sempre um recital de jovens estudantes e desenvolv[er] permanentemente um concurso em torno do gosto pela música”.

¹⁰⁹ Importa explicar que se trata de uma entrevista.

sua fácil distribuição e recepção nos lares brasileiros, ainda que, inicialmente, não fosse tão fácil o acesso às casas de norte a sul do país (p. 90).

Iniciada no Brasil em Sete de Setembro de 1922, no centenário da Independência, a radiofonia foi celebrada e vista como símbolo do progresso e da modernidade, principalmente por poder divulgar conhecimentos científicos a toda a nação (Costa, 2012, p. 26; 45). Desde então, a radiofonia foi tomando forma, crescendo e ocupando espaço, de modo que seus objetivos foram sendo alargados. Desde o início do século XX, havia uma diversidade de intelectuais que defendiam a educação como a chave para a mudança e o progresso do Brasil, o que acabaria por atingir, também, os usos e as práticas no âmbito da radiofonia (Costa, 2012). Nesse sentido, a autora apresenta o Decreto 21.111¹¹⁰, de 1º de março de 1932, que regula a execução dos serviços de radiocomunicação no país. No seu artigo 11º define-se que “o serviço de radiodifusão é considerado de interesse nacional e de finalidade educacional” (Brasil, 1932), o que justifica a defesa e a criação de programas educativos e rádios-escola, em especial a Rádio Escola Municipal (PRD5), de 06 de janeiro de 1934 (Costa, 2012, p. 98).

É a partir desse contexto histórico que surge, em 05 de março de 1950, o programa de rádio *Clube Juvenil Toddy*, cujo teor educativo se fazia presente, embora não se ativesse a ele. Considera-se, portanto, Maria de Lourdes uma rádio-educadora, conforme elucidado por Costa (2012), no sentido de incentivar a educação dos jovens ouvintes por meio do rádio.

Merecem destaque alguns elementos que conformavam o programa: 1) o fato de carregar no nome a ideia de “clube juvenil” que traduzia um valor de grupo, conjunto e, também, de lazer. A ideia de um clube que trazia à tona o teor de algo leve, divertido e agradável, principalmente ao se aliar ao termo “juvenil” e “Toddy”, a marca de achocolatado; 2) o fato de ser patrocinado pela empresa “Toddy”. Segundo Costa (2012), não era incomum haver programas de rádio patrocinados por empresas, pequenas ou grande, fosse pela injeção de dinheiro para se manterem no ar ou pela estratégia das empresas de se vincularem a um programa de acordo com o perfil do patrocinador e com a imagem que queriam passar ao público consumidor. Nas palavras de Costa (2012, p. 122),

Este modelo oferecia vantagens, tanto para as emissoras, que poderiam contar com a regularidade das contribuições de um patrocínio, como para os anunciantes, que se beneficiariam de um maior destaque para seus produtos, na medida em que os associassem à imagem de um programa.

¹¹⁰ Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21111-1-marco-1932-498282-publicacaooriginal-81840-pe.html> . Acesso em: 27 de janeiro de 2024.

Note-se, por exemplo, o programa literato-musical *Dicionário Toddy*¹¹¹, financiado pela mesma marca de achocolatados que patrocinava o *Clube Juvenil Toddy*.

Pesquisas em torno do *Clube Juvenil Toddy*¹¹² demonstram sua relevância, fosse pelo que veiculava ou pelas pessoas que passaram por ali, tanto como ouvintes quanto como participantes. O programa, que teve início em 1950 e circulou até 1957, sob a direção de Maria de Lourdes, tinha a duração de meia-hora semanal e visava “congregar e divertir os estudantes secundários do Rio”, conforme propaganda no jornal *A Noite* (1955, ed. 15071, p. 13). De acordo com anúncio de *Vida Juvenil* (julho de 1951, ed. 31, p. 14), inicialmente, o programa era veiculado na *Rádio Mayrink Veiga* e, a partir de 14 de junho de 1951, passou a ser veiculada pela *Rádio Nacional*, no mesmo dia e horário: às quintas-feiras, das 16:30h às 17h¹¹³.

As propagandas em *Vida Juvenil* se constituem como uma das principais fontes reveladoras do conteúdo e dos objetivos do Clube. Na propaganda da edição 22 da revista, de outubro de 1950, evidencia-se que o Clube é “o único programa que apresenta histórias em quadrinhos radiofonizadas”, de maneira que as histórias eram interpretadas por “um elenco estudantil que sob a direção da Prof^a. Maria de Lourdes Alves vem merecendo o aplauso da juventude brasileira” (p. 74). Ademais, o programa distribuía, “através dos seus concursos, presentes valiosos¹¹⁴ inclusive assinaturas de *Vida Juvenil*” (p. 74).

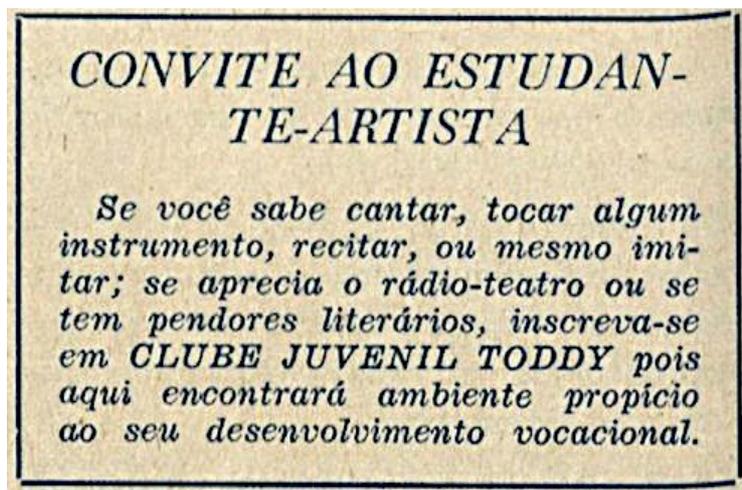
Outro dado importante do Clube fornecido por *Vida Juvenil* relaciona-se com o lema do programa, qual seja, o de “Divertir, educando”. Divulgava-se, ainda, o convite para os jovens leitores se tornarem sócios do Clube, principalmente os “estudantes secundários do Brasil” que tivessem habilidades artísticas.

¹¹¹ Dirigido, produzido e apresentado pelo compositor e jornalista Fernando Lobo, o programa, de cunho literário e musical, escolhia uma palavra do dicionário para ser o tema do dia. *Dicionário Toddy* começou na década de 1940 na *Rádio Tupi*, mas ainda na mesma década, em 03 de maio de 1947, passou a ir ao ar aos sábados pela *Rádio Nacional*, a partir das 20h.

¹¹² Refiro-me a pesquisas *on-line* feitas na plataforma *Google*. A partir da palavra-chave “Clube Juvenil Toddy”, são apresentadas diversas notícias e reportagens que citam o programa como marcante no campo da radiofonia no Brasil.

¹¹³ A despeito da mudança de rádio, não é possível asseverar o motivo de tal troca. Contudo, tem-se a hipótese de que seria pelo fato de a *Rádio Nacional* deter a aura de “emissora-líder do Brasil”, segundo reportagem do jornal *A Noite* (ed. 12551, 28 de abr. 1947, p. 2). Nesse sentido, Costa (2012, p. 212-215) corrobora com tal hipótese ao tratar da *Rádio Nacional* e sua relevância entre as décadas de 1930 e 1950, principalmente.

¹¹⁴ A revista não elenca os tais “presentes valiosos”. Entretanto, em 1949, são anunciados alguns dos “presentes valiosos” que seriam distribuídos aos *solucionistas* da maratona de palavras-cruzadas do Almanaque de 1950 de *Vida Juvenil*, associada à seção *Pense e Acerte*, quais sejam bicicletas, rádios, canetas tinteiro etc. (*Vida Juvenil*, ed. 9, setembro de 1949, p. 50). É possível, assim, pensar em alguma aproximação entre os “presentes valiosos” da *Revista Clube Juvenil Toddy* e os da seção *Pense e Acerte*, a despeito das diferenças.

Figura 42 – Propaganda do *Clube Juvenil Toddy* em *Vida Juvenil*

Fonte: *Vida Juvenil*, 1º jul. 1951, ed. 31, p. 14. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Note-se a importância atribuída ao “desenvolvimento vocacional” dos jovens brasileiros, elemento que podia ser encontrado nas páginas de *Vida Juvenil*, em especial na seção *Escolha sua Profissão*, conforme discussão no capítulo um. A propaganda revela alguns dos objetivos do Clube: o de reunir e, em certa medida, formar jovens “úteis” à nação, fosse por meio da música, do teatro ou da literatura, e protagonistas da vida cultural, atuando e/ou cantando, por exemplo.

Nesse sentido, Braghini (2005, p. 98) ressalta o espaço da arte e do teatro no processo de formação dos estudantes, à luz de um dos artigos do volume 32, número 75, de 1959, da *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos (RBEP)*. O artigo, de autoria de Aogar Renault, professor do Ensino Secundário do Colégio Pedro II¹¹⁵, se intitula “A Escola Secundária de ontem e a Escola Secundária de hoje” e trata das principais mudanças ocorridas (e que ele gostaria que ocorressem) no Ensino Secundário brasileiro. Nele, o autor tece comentários sobre alguns campos do saber, sobre como deveria caminhar a educação, no âmbito do currículo e da avaliação, por exemplo, e é nessa linha que destaca a relevância da língua nacional. Nota que o estudo do português não teria a preeminência que deveria ter, pois, de acordo com ele, o saber linguístico estaria diretamente ligado ao ato de ser e existir. Além da língua portuguesa, põe em

¹¹⁵ Aogar de Castro Araújo Renault atuou como professor, político, poeta, ensaísta, tradutor, além de ter ocupado a Cadeira 12 da *Academia Brasileira de Letras* e ter sido presidente desta instituição em 1993. Mineiro, de Barbacena, nasceu em 15 de abril de 1901, e faleceu no Rio de Janeiro (RJ) em 31 de dezembro de 1995. Fonte dos dados: Biografia apresentada no site da *Academia Brasileira de Letras*. Mais informações em: <https://www.academia.org.br/academicos/abgar-renault/biografia>. Acesso em: 14 de maio de 2024.

relevo as artes, os trabalhos manuais, a música, a poesia até chegar nas atividades extracurriculares que, embora

ainda desprezadas ou desconhecidas em numerosas casas de ensino (...) [seriam] capazes de benefícios de vária natureza na vida escolar, tais como canalizar ímpetos e impulsos próprios da adolescência, avivar o sentido de cooperação e o sentimento da ordem, da disciplina e da lei, melhorar a educação artística, desenvolver o interesse pela escola, treinar para a vida democrática, etc. (Renault, 1959, p. 10-11)

No rol das atividades extracurriculares que Renault recomenda, o jornal e o teatro despontam na medida em que

conferiria[m] segurança à elocução, auxiliaria[m] a interpretar corretamente o que é lido em voz alta, e que espécie de estímulo poderoso seria o outro para os estudos de nossa língua, quando a eles convenientemente associado. (Renault, 1959, p. 11)

A justificativa de Renault se alinha ao que *Vida Juvenil* costumava propagar, com ênfase na veiculação de um jornal – ou, no caso, a *Revista do Clube Juvenil Toddy*, – e na valorização de um programa de rádio que, necessariamente, faria o que Renault apregoava: o uso da oralidade para se expressar e interpretar melhor a própria língua.

Ainda nesse sentido de utilidade, a propaganda da página 9 do jornal *A Noite*, de 1º de junho de 1951, ajuda a esclarecer tal característica:

“Clube Juvenil Toddy”: um programa útil, o “Clube Juvenil Toddy”, dirigido pela professora Maria de Lourdes Alves passará a ser apresentado, a partir de quinta-feira próxima, pela PRE-8¹¹⁶, das 16:30h às 17 horas. Dedicado aos estudantes secundários, com jogos esportivos e jogos de inteligência, unindo a diversão sadia e apropriada à educação pedagogicamente traçada, o “Clube Juvenil Toddy” contará agora, com mais estímulo e apoio para enfrentar suas tarefas e arregimentar maior número de estudantes, entrelaçando-os num convívio salutar e proveitoso, adequado a seu temperamento e consentâneo com os seus anseios e impulsos de jovens. A ser apresentado do palco do auditório, o “Clube Juvenil Toddy” poderá ser frequentado e visto por qualquer estudante secundário, bastando apenas comparecer. Em toda a última quinta-feira de cada mês, é irradiado de um colégio e, no período de férias, de um clube. (...) (A Noite, ed. 13804, 1º de junho de 1951, p. 9)

¹¹⁶ Trata-se da Rádio Nacional (Costa, 2012, p. 265).

A mudança do Clube da Rádio Mayrink Veiga (PRA-9) para a Rádio Nacional (PRE-8), duas das melhores rádios do Brasil, naquele período, conforme indica Costa (2012), reforça a relevância atribuída ao programa *Clube Juvenil Toddy*, fosse pela sua utilidade na “boa formação” dos jovens ou pelos jogos, atividades e estímulos dos quais lançava mão. Alguns dias depois, na edição 13807, de 5 de junho de 1951, *A Noite* voltava a propagandear, agora com mais detalhes e com uma foto relativamente grande de Maria de Lourdes Alves¹¹⁷.

O “Clube Juvenil Toddy” e os estudantes secundários

A sua finalidade – A Rádio Nacional o apresentará todas as quintas-feiras

Sabe-se que um país vale pela infância e juventude que tem – ou pelos cuidados que lhes são dispensados. E quando essa juventude e essa infância poucos cuidados têm, dobram de valor os que lhes são dedicados.

Por isso mesmo, é sempre com satisfação que amparamos quaisquer iniciativas, no sentido de recriar e educar os menores.

É o caso do “Clube Juvenil Toddy”, idealizado e dirigido pela professora Maria de Lourdes Alves. Trata-se de um grêmio que, perdendo a simbólica existência, passou a existir tanto através das ondas herzezianas quanto da vida real, concreta, organizada, visível.

Dedicado e efetuado por estudantes secundários, o “Clube Juvenil Toddy”, reunindo-os em torneios de cultura e inteligência, passou, também, a congregá-los em associações esportivas, apropriadamente organizadas para eles – com jogos, brincadeiras e competições exclusivamente próprias aos moços.

Com a sua finalidade de estimular e canalizar, de descobrir e alegrar os sentimentos e caracteres, as vocações e anseios da mocidade estudantil, o “Clube Juvenil Toddy” reunirá, todas as quintas-feiras, das 16:30h às 17 horas, diante do microfone da Rádio Nacional, os alunos que se inscrevam em seus registros, para participarem, consoante seus méritos intelectuais e tendências artísticas, dos seus programas, concorrendo com trabalhos de vária natureza, a serem premiados desde que o mereçam.

Na próxima quinta-feira, a Rádio Nacional iniciará a transmissão do “Clube Juvenil Toddy”, diretamente do palco do seu auditório, permitindo a todos os estudantes do Rio a sua presença. (*A Noite*, 5 de junho de 1951, ed. 13807, p. 9)

Há questões importantes a respeito da juventude, como a necessidade de cuidá-la com vistas ao futuro da nação, focalizando tanto na sua educação quanto nos seus momentos de ócio. Observa-se o esforço em estimular os jovens para atividades voltadas para “o bem”, para o fortalecimento cultural e intelectual e para “as vocações e anseios da mocidade estudantil”, a qual, futuramente, deveria mostrar-se útil ao país. Cabe ponderar, porém, o modo como o Clube tencionava também incentivar a produção autoral dos jovens participantes, promovendo-os a

¹¹⁷ Optou-se por não colocar a foto do jornal pelo fato de a resolução estar muito baixa e a imagem, pouco nítida.

uma posição de protagonistas e produtores de cultura. O Clube parecia, portanto, dispor de características consideradas positivas para um programa direcionado ao jovem.

De acordo com a entrevista disponibilizada no programa *Rádio Animada*, da Empresa Brasil de Comunicação¹¹⁸, o Clube queria formar cidadãos brasileiros e não radialistas, ainda que tenha contribuído nesse sentido – a exemplo de Boni. Em entrevista a Bastos, repórter da *Agência Brasil*¹¹⁹, o professor aposentado de Rádio e Televisão Roberto Salvador, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, por exemplo, alegou ter começado sua carreira na área radiofônica aos 13 anos, em 1952, como rádio-ator¹²⁰ do *Clube Juvenil Toddy*. Além deste, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, foi redator do Clube, tendo este sido seu primeiro emprego. Foi ali que estabeleceu redes que o levaram a ampliar sua atuação como redator na filial paulista da Rádio Nacional.

No que se refere aos conteúdos veiculados no Clube, *Vida Juvenil* revela alguns. Como visto, era esperado – e, em certa medida, exigido – que os programas de rádio levassem algum conteúdo educativo ao público. Assim, ainda que o Clube contasse as Histórias em Quadrinhos de *Vida Juvenil*, alguns contos também eram radiofonizados, como “A Princesa de Siracusa”, contado na seção *Histórias Acontecidas*, de Ofélia e Narbal Fontes, na edição 21, de setembro de 1950. A história trata da vida de Hierão I de Etneu, rei de Siracusa, um sujeito de gênio forte – estourado como um “vulcão humano” –, mas que em raros momentos era amável, generoso e bondoso. Embora amasse sua filha, em um dia de fúria, manda encarcerá-la por haver descoberto que ela era canhota e, para ele, não havia maior humilhação. Após “tratamento clandestino” enquanto presa, a princesa passa a ter habilidade com a mão direita tanto quanto tinha com a mão esquerda, tornando-se a “única princesa ambidestra do mundo”. Depois de desenvolver tal habilidade, o rei mandou encontrar um marido para sua filha, motivo pelo qual diversos pretendentes foram mostrar razões para ter a mão da princesa. Hierão I se encantava com todos, mas a filha não. Até que surge Actínio, poeta e romântico, que, após relutância por parte do rei, o convence e se torna o esposo da princesa, que, nesse momento, já estava apaixonada.

¹¹⁸ Disponível em: <https://radios.ebc.com.br/radio-animada/2021/06/clube-juvenil-toddy-e-destaque-na-radio-animada>. Acesso em: 28 de novembro de 2022.

¹¹⁹ Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2004-06-29/professor-universitario-conta-fatos-que-marcaram-historia-da-radio-nacional>. Acesso em: 27 de janeiro de 2024.

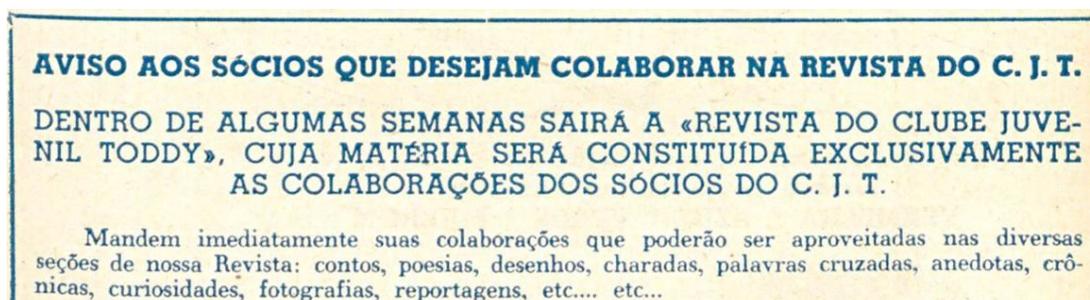
¹²⁰ O papel de rádio-ator era muito comum na área da radiofonia. Costa (2012) cita outros programas que apostavam nessas interpretações artísticas, como *O Tapete Mágico da Tia Lúcia*, fosse com o objetivo de chamar mais a atenção dos ouvintes ou de afastar a monotonia. Além de atores, os programas de rádio se muniam de maestros, músicos e cantores, além de efeitos de sonoplastia, para entreterem ainda mais o público.

O conto, ainda que com generosas doses de ficção, apresenta a história de um rei grego que governou entre 478 e 467 a.C (Wikipédia). A partir do conto, buscam destacar características esperadas de um rei – bondade, amabilidade e generosidade – e justificam o motivo de tanta fúria e atitudes tiranas: Hierão I havia nascido bem quando “o vulcão Etna estava em franca erupção. O velho médico da corte, chamado Magno, explicava que esse fato influenciou no temperamento do menino” (Vida Infantil, 1950, ed. 21, p. 55). A partir daí talvez fosse possível indicar um modo de ser e agir por parte dos leitores e dos ouvintes da história.

No âmbito de *Vida Juvenil*, a participação de Maria de Lourdes Alves se atinha à direção e organização da *Revista Clube Juvenil Toddy*, ainda que a revista fosse, teoricamente, alimentada pelos jovens participantes do clube¹²¹. A Revista se configurava na condição de suplemento de *Vida Juvenil* e tinha relação direta com o *Clube Juvenil Toddy*. Tal fato corrobora com os indícios acerca do tamanho do sucesso do programa, de modo a ter ampliado seu alcance na posição de Revista.

O suplemento, da mesma forma que no rádio, era elaborado a partir das colaborações dos leitores/ ouvintes. Um aviso em *Vida Juvenil* ratifica tal assertiva:

Figura 43 – Aviso e pedido de colaborações para a *Revista do Clube Juvenil Toddy*



Fonte: Vida Juvenil, 15 fev. 1953, ed. 69, p. 33. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

A estratégia adotada pela Revista seguia os objetivos iniciais do próprio Clube, qual seja, a de colocar o jovem em uma posição de protagonista e de buscar cativá-los e incentivá-los a produzirem conteúdos educativos, divertidos e curiosos, além de estarem imersos em um espaço cultural. O número 1 da Revista é lançado em 15 de abril de 1953, com a seguinte capa:

¹²¹ Como será visto no tópico seguinte, os jovens eram, em tese, os responsáveis pelos conteúdos veiculados na *Revista do Clube Juvenil Toddy*. A participação deles se dava através do envio de colaborações, como crônicas, exercícios de cunho escolar, curiosidades diversas etc.

Figura 44 – Capa do primeiro número da *Revista do Clube Juvenil Toddy*



Fonte: Revista do Clube Juvenil Toddy (suplemento de *Vida Juvenil*), 15 abr. 1953, ed. 1, capa. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Há o destaque atribuído à professora Maria de Lourdes Alves, que dirigia o Clube e, agora, a Revista, ainda que não contribuísse com textos de sua autoria. Note-se, também, o desenho do microfone típico da radiofonia, o que demonstra sua relação com o programa.

A partir do estudo realizado, destaca-se Maria de Lourdes como uma intelectual no âmbito da rádio-educação, conforme discutido por Costa (2012), que incentivava e contribuía com a educação de jovens, em especial os estudantes. Para além da rádio-educação, sua atuação nas páginas da *Revista do Clube Juvenil Toddy* corrobora com a premissa de que se tratava de uma intelectual que exercia influência junto a adultos, jovens e crianças em diferentes níveis, de modo a “divertir, educando”, segundo o lema do *Clube Juvenil Toddy*. Nesse sentido, merecem destaque os sócios redatores do Clube que colaboraram com a Revista e atuaram como modelos de intelectuais mediadores, em potencial.

2.2 Os jovens como modelos de intelectuais? O caso dos sócios redatores da *Revista do Clube Juvenil Toddy*

A pergunta que dá título a este tópico relaciona-se com o fato de se ponderar se, em alguma medida, os jovens redatores da *Revista do Clube Juvenil Toddy* e sócios do *Clube Juvenil Toddy* poderiam compor o rol de intelectuais mediadores de *Vida Juvenil*. Tal premissa se justifica pelo fato de terem tido participação e intervenção ativa no âmbito da Revista do Clube, conforme se lê na documentação. Com efeito, não é possível evidenciar até onde Maria de Lourdes Alves intervinha e qual o limite da efetiva atuação dos jovens referenciados. Porém, nesta tese, assume-se que houve alguma participação autoral dos jovens, haja vista os depoimentos localizados de alguns sócios redatores do período, conforme será visto ao longo deste tópico¹²².

Não é possível precisar de quem partiu a iniciativa de ampliar o alcance do Clube para o formato revista. Contudo, o seu resultado é expressivo: a Revista mobilizou diversos sujeitos associados ao Clube, compôs o universo de *Vida Juvenil*, mesmo sem ter nenhuma relação aparente além do público (o jovem), e fez parte desse universo por três anos ininterruptos. Na condição de suplemento de *Vida Juvenil*, a *Revista do Clube Juvenil Toddy* circulou de 15 de abril de 1953 a 15 de junho de 1956, quando foi publicado o seguinte aviso:

AVISO AOS LEITORES

A partir desta data, *Vida Juvenil* deixará de editar, como um suplemento, a revista do Clube Juvenil Toddy, em virtude de a Toddy do Brasil S/A pretender editar sua revista em separado, toda a correspondência do Clube Juvenil Toddy, doravante, deverá ser remetida para a sede daquela companhia. A redação (*Vida Juvenil*, 15 jun. 1956, ed. 147, p. 69)

De acordo com o respectivo aviso, a Revista deixaria de ser veiculada nas páginas de *Vida Juvenil* para ter sua própria revista, conforme pretensão da marca patrocinadora do programa de rádio e da revista – a *Toddy*. Ainda que a redação de *Vida Juvenil* tenha veiculado tal aviso, é preciso problematizar o fato. Seria este, realmente, o motivo da saída da *Revista do Clube Juvenil Toddy* de *Vida Juvenil*? Ou seria por questões financeiras? Ideológicas? Ou, de fato, havia a pretensão de ampliar o alcance e o nome da Revista junto aos jovens? Se houve essa pretensão, não foi possível comprová-la. Depois que a Revista se desvincula de *Vida Juvenil*, não foram identificadas mais informações sobre ela.

¹²² Merecem destaque os depoimentos de Roberto Salvador e Adinoel Motta Maia, que serão apresentados mais adiante.

Após pesquisas no *Google* (geral e acadêmico) e no acervo dos jornais *A Noite*, *Correio da Manhã* e *Gazeta de Notícias*, junto à Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, não foi possível localizar nenhuma informação acerca da *Revista do Clube Juvenil Toddy* após sua saída de *Vida Juvenil*, o que faz com que seja difícil confirmar a continuação da Revista após junho de 1956.

De todo modo, a participação dos sócios do *Clube Juvenil Toddy*, na condição de redatores da Revista, é expressiva. A esse respeito, dois relatos são interessantes. Um é de Adinoel Motta Maia, que insere, em sua biobibliografia, a atuação na Revista¹²³. Segundo o *site* elaborado por ele, foi o responsável por criar a seção da Bahia no Clube, além de ter contribuído com contos em *Vida Juvenil*. A Revista evidencia a participação:

CLUBE JUVENIL TODDY DE SALVADOR, BAHIA

Diretoria:

PRESIDENTE – Valdemar Szaniecki

Vice-Presidente – Reinaldo Dias Amorim

SECRETÁRIO GERAL – Paulo Eliezer Amitay

Tesoureiro – George Alves de Abreu Filho

Diretores de Esportes – Henrique Fingergut, Adinoel da Mota Maia

Diretor Cultural – Carlos Anísio Melhor

Diretor Social – Crispim Osório Nadson Barbosa

Diretor do Dep. Infantil – Ângelo de Sousa Machado

Diretor Artístico – Arnon de Andrade.

(Revista do Clube Juvenil Toddy (suplemento de *Vida Juvenil*), 15 abr. 1953, ed. 1, p. 3)

Buscava-se construir, efetivamente, um “nicho intelectual paralelo”, no qual havia tarefas específicas a serem feitas por determinados sujeitos, à luz de produções periódicas já existentes. Como o Clube e sua revista buscavam abarcar jovens de todo o país, eles eram os responsáveis por agregar cada vez mais jovens e irem se unindo o quanto fosse possível. Por isso, não era incomum criarem “seções” de acordo com a localidade. De acordo com as páginas da Revista do Clube, havia leitores e sócios de Salvador (BA), Distrito Federal, Magé (RJ), Osvaldo Cruz (SP), Maceió (AL), Guarapuava (PR), Londrina (PR), Recife (PE), Belo Horizonte (MG), Araraquara (SP), Farroupilha (RS), dentre diversas outras cidades e estados brasileiros.

Além de Adinoel, evidencia-se o relato de outro jovem considerado modelo de intelectual, nos limites desta pesquisa:

¹²³ Disponível em <http://adinoel.mottamaia.nom.br/biobibliografia-de-adinoel/>. Acesso em: 27 de janeiro de 2024.

A Revista do Clube Juvenil Toddy
Bebendo água mineral e Toddy com leite mineiro

O que não cabia nos trinta minutos de programa ganhava dimensão na mídia impressa, graças às oito páginas da Revista do Clube Juvenil Toddy, incluída como um anexo da Revista Vida Juvenil, uma publicação vendida nas bancas e de enorme aceitação.

O corpo de redatores da Revista do CJT era formado pelos jovens que atuavam no programa e por outros que possuíam mais identificação com a mídia impressa, entre eles Maurício Rabelo, que mais tarde se tornaria um atuante jornalista, e Paulo Goldrajc, que seria um dos mais importantes advogados do Rio de Janeiro. Outros redatores além do autor deste livro [Roberto Salvador] foram Sérgio Rubens, Pedro Jorge, Afonso Teixeira, Raul Ribeiro, Renato Matos, Francisco José e outros mais. A revista, que era quinzenal, publicava matérias enviadas pelos sócios, postais das cidades do interior, divulgava os aniversariantes da quinzena, anunciava eventos esportivo-culturais entre os colégios e mantinha um banco de troca de correspondência, selos, flâmulas e postais das cidades, mania muito comum entre os adolescentes da época.

As filiais do Clube Juvenil Toddy, em diversas cidades do interior, também desenvolviam atividades, chegando a possuir sedes que funcionavam em colégios, graças à aceitação dos diretores e professores que sabiam da seriedade e do prestígio do programa. Como o leitor pode constatar, os interesses dos jovens da época diferiam em muito dos interesses dos adolescentes de hoje. Outros tempos. (...) (Salvador, 2010, p. 256)

O depoimento de Roberto Salvador¹²⁴, hoje, professor aposentado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, autor de livro e palestrante, e, no passado, colaborador do *Clube Juvenil Toddy* e da *Revista do Clube*, revela aspectos importantes da Revista e da rede da qual fazia parte. Em suas palavras, a Revista parecia funcionar como um “pequeno mundo intelectual” (Gomes, 2004, p. 83) para os jovens que atuavam ali e como, em certa medida, contribuiu para a futura escolha profissional, uma vez que temos o exemplo de um jornalista e professor de Rádio e Televisão – Adinoel Motta Maia e Roberto Salvador, respectivamente.

¹²⁴ Mais informações, conferir o site de sua autoria: <https://www.aeradoradioteatro.com.br/>. Acesso em: 27 de janeiro de 2024.

Figura 45 – Primeira página da *Revista do Clube Juvenil Toddy*

2 — REVISTA DO CLUBE JUVENIL TODDY



REVISTA DO CLUBE JUVENIL TODDY

DIREÇÃO GERAL — Professora Maria de Lourdes Alves
Redação — Rua Riachuelo, 414 — Rio

SÓCIOS REDATORES	<div style="border: 1px solid red; padding: 2px;"> MAURÍCIO RABELLO RAUL RIBEIRO ROBERTO SALVADOR </div>	<p>A REVISTA DO C. J. T. É FEITA EXCLUSIVAMENTE PELOS SÓCIOS.</p> <p>Portanto a direção não se responsabiliza pela autenticidade de autoria das colaborações enviadas.</p>
------------------	--	--

ANO 1 — Nº 1 — 15 de abril de 1953

A REVISTA DO CLUBE JUVENIL TODDY

*Crônica do sócio Adalberto Bezerra Mariano
Juazeiro, Bahia*

O “Clube Juvenil Toddy”, concretizando as justas aspirações dos seus associados, vem de proceder ao lançamento desta revista, que será como um traço de união entre os consócios e dirigentes, estreitando, assim, os fortes laços de amizade, que podem e devem existir no seio de qualquer agremiação, principalmente se esta é constituída de jovens estudantes, os quais, no sublime ideal de uma confraternização, que congregue todo o Brasil estudantil, se fundem numa só família, unindo o norte ao sul, num amplexo fraterno de companheiros que batalham pelo mesmo objetivo: engrandecer o Brasil, educando a mocidade.

Em se tratando das jubilosas comemorações de que é alvo o C. J. T., com o advento desse novo período na imprensa escrita, que certamente marcará época nos anais de sua história, não poderíamos nos furtar ao justo dever, atendendo aos ditames da consciência, de render o nosso sincero preito de gratidão à Toddy do Brasil S/A., essa modelar organização da indústria brasileira, que no desejo patriótico, de maior conagração entre a mocidade estudantil, marcha conosco, entoando a Canção do Ideal, nesta histórica jornada, que terá como epílogo o despertar grandioso desse Gigante adormecido em margens plácidas.

Aos dirigentes do C. J. T., e, em particular, à sua dinâmica diretora, Prof^a Maria de Lourdes Alves, minhas sinceras felicitações, pelo seu extremado devotamento às nobres causas da juventude brasileira.

Creio que minhas palavras refletem o pensamento de quantos participam desta legítima Cruzada da Cultura, no afã meritório de maior desenvolvimento intelectual da mocidade hodierna, verdadeiro Brasil de Amanhã.

Prezados consócios: agora que o nosso clube entra numa nova fase — aura de glória e de luz — unamo-nos debaixo de um só pavilhão, comungando os mesmos sentimentos de profundo e imorredouro amor à Pátria, tomando como legenda, 3 palavras que lemos no sagrado pendão auri-verde: **ORDEM E PROGRESSO.**

TODDY É UMA REFEIÇÃO EM CADA COPO

Fonte: Revista do Clube Juvenil Toddy (suplemento de Vida Juvenil), 15 abr. 1953, ed. 1, p. 2. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Destacam-se os nomes citados por Roberto Salvador no relato em seu livro, inclusive o seu próprio. Além disso, o texto inaugural da Revista chama a atenção. Escrito por um dos

jovens sócio do Clube, as palavras de Adalberto Bezerra Mariano¹²⁵ impactam pela destreza e pelo conteúdo exacerbadamente nacionalista, como o valor atribuído à união e fraternidade de um “Brasil estudantil [, que se funde] numa só família, unindo o norte ao sul, num amplexo fraterno de companheiros que batalham pelo mesmo objetivo: engrandecer o Brasil, educando a mocidade” (Revista do Clube Juvenil Toddy, 15 abr. 1953, ed. 1, p. 2). A partir do excerto, sublinham-se alguns dos valores apregoados pela Revista e, pelo que tudo indica, compartilhados pelo seu corpo editorial.

Por meio de crônicas, palavras-cruzadas e até exercícios de estilo escolar, a Revista do Clube buscava alcançar jovens de “norte a sul” do Brasil e colaborar para sua formação cultural. Observem-se algumas das contribuições:

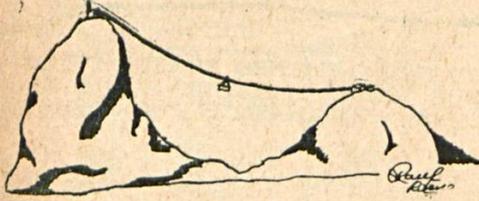
¹²⁵ Falecido em 2015, Bezerra Mariano foi professor, redator-chefe de alguns veículos de comunicação em Juazeiro (BA) e membro da Academia Juazeirense de Letras (BA). Natural de Juazeiro do Norte (CE), em 2008, contudo, foi condecorado pela Câmara Municipal de Juazeiro (BA) com o título de Cidadão Juazeirense. Mais informações em <https://joseliaria.com/2015/04/o-blog-lamenta-o-falecimento-do-professor-alberto-mariano/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2024.

Figura 46 – Contribuições dos jovens sócios do Clube para a *Revista do Clube Juvenil Toddy*

6 — REVISTA DO CLUBE JUVENIL TODDY

“QUANDO VOCÊ VIER AO RIO...”

Crônica de **ROBERTO SALVADOR**
Ilustração de **RAUL RIBEIRO**



...poderá conhecer o morro do Pão de Açúcar que fica à entrada da Baía de Guanabara; é uma das maravilhas do Rio de Janeiro. Mede 390 metros acima no nível do mar e está ligado ao morro da Urca, e éste à parte plana da cidade, no local chamado Praia Vermelha, (que de vermelha não tem nada), por um “carrinho aéreo”.

Um bonde de pequenas dimensões corre por um cabo, do morro da Babilônia à Urca, levando passageiros que ali se transferem para outro igual que os leva ao “Pico do Pão de Açúcar”. O primeiro trecho foi inaugurado a 27 de outubro de 1912. O 2º, que mede 800 metros o foi a 18 de janeiro de 1913.

O contrato para instalação desse caminho aéreo foi assinado, com os concessionários, pelo prefeito Serzedelo Correia, em 1909.

É uma obra inteiramente brasileira feita com o capital nacional.

No alto do Pão de Açúcar ficamos deslumbrados com uma vista maravilhosa, tanto de dia como à noite.

Quando você vier ao Rio...
...poderá ir ao Pão de Açúcar...

Sômente serão aceitas colaborações para a Revista do C. J. T. quando enviadas por sócios e acompanhadas dos n.ºs de inscrição no Clube Juvenil Toddy.

VOCÊ CONHECE ÉSTES AUTORES E ESTAS OBRAS?

— Coloque no parênteses o número correspondente ao do Autor e depois verifique as respostas que se encontram acima.

1 — Machado de Assis	x () Os Lusíadas
2 — Castro Alves	x () Os Sertões
3 — William Shakespeare	x () Um Ano em Florença
4 — Luiz de Camões	x () Da Terra à Lua
5 — Alexandre Dumas (filho)	x () A Escrava Isaura
6 — Alexandre Dumas (pai)	x () Helena
7 — Bernardo Guimarães	x () Júlio Cesar
8 — Euclides da Cunha	x () A Dama das Camélias
9 — Júlio Verne	x () O Guarani
10 — José de Alencar	x () A Cachoeira de Paulo Afonso.

Colaboração de Clóvis K. Takiguthi — Araçatuba, S. P.

RECUPERE AS ENERGIAS PERDIDAS TOMANDO TODDY

O SULTÃO

de autoria do sócio Antônio Ramos Gouveia — Rio

Ó tu Sultão! que reinas imponente,
Descansa as tuas jóias um bocado,
Não deixes no entanto teu reinado
Nem confies demais em tua gente.

Não franquies, ó príncipe indulgente
As portas do teu castelo dourado,
A alguém que te quer ver destronado,
E de ti rir escarnecidamente.

Mas se acaso à tua porta bater
Alguém pedindo p'ra comer
E desejando água e pousada.

Tu príncipe! imperador audaz!
Famoso, mais do que és ficarás
Dando teu castelo como morada.

SOLUÇÕES E RESPOSTAS

4 — Primavera; 5 — Inca.
1 — Lisboa; 2 — Riacho; 3 — Maria;
4 — 8 — 6 — 9 — 7 — 1 — 3 — 5 — 10 — 2

VOCE CONHECE ÉSTES AUTORES E ESTAS OBRAS?

Verticals: ALCINO; BO; AS; GALIAN-TEADORES; ID; UR; IR; ASCETERIOS; SAOLUQUENOS; ELECTROLITO; BUCOLI-SADA; VAIA; OPEA; EOL; DARIADE; RE; PALMIA; LILIO; SA; AR.

Horizontalis: AF; PA; LACRIMOGENEAS; CL; OLA; IATA; EBULIR; NN; SA; LVA; LI; OTICO; ECIDIO; EDEL; COARA; BA; TU; TL; OD; EQ; RI; ALA; OURU; OSODI; ARRIE; LAPELA; SE; ON; IDE; IR; SISO; TARRO; SOTO; AE.

PALAVRAS CRUZADAS:

A maioria das contribuições tinha um teor nacionalista, de modo que, a partir delas, falava-se sobre o Brasil e seus “heróis”, ressaltando suas potências e belezas. Observe-se, por exemplo, a crônica destacada à esquerda. Nela, Roberto Salvador se dedica a escrever sobre aspectos físicos, científicos e curiosos da cidade do Rio de Janeiro em um ato de declaração de amor e orgulho da cidade. De maneira aproximada, a colaboração de Clóvis K. Takiguthi, intitulada *Você conhece estes autores e estas obras?*, também informa sobre o Brasil, mas com ênfase nas produções literárias nacionais e seus autores.

Outra característica da Revista residia na busca por valorizar os jovens intelectuais que a produziam.

Figura 47 – Destaque aos jovens da *Revista do Clube Juvenil Toddy*

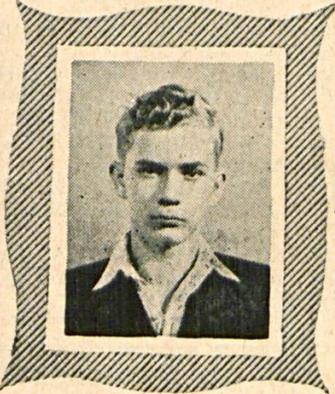
REVISTA DO CLUBE JUVENIL TODDY — 3

**NAS REUNIÕES DAS 5^{as}.
FEIRAS DO C. J. T.**

Vemos ao lado um grupo de sócios, tomado após uma das nossas habituais reuniões, vendo-se no 2º plano, a Professora Maria de Lourdes Alves (de óculos), à direita, a nossa diretora-geral.



NOSSOS GRANDES COLABORADORES



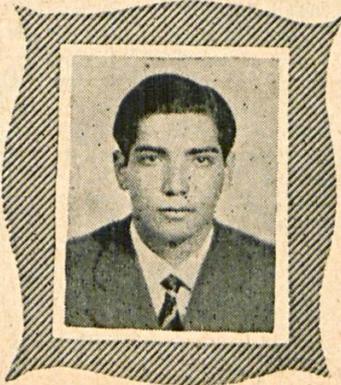
Hermes A. Soethe — aluno do Colégio Londrinense, Londrina — Paraná.

CLUBE JUVENIL TODDY DE SALVADOR, BAHIA

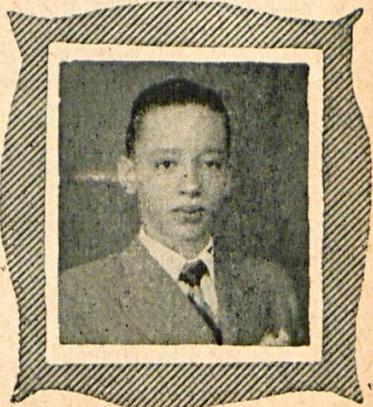
Diretoria:

PRESIDENTE — Valdemar Szaniecki
Vice-Presidente — Reinaldo Dias Amorim
SECRETÁRIO GERAL — Paulo Eliezer Amitay
Tesoureiro — George Alves de Abreu Filho
Diretores de Esportes — Henrique Fingergut, Adinoel da Mota Maia
Diretor Cultural — Carlos Anísio Melhor
Diretor Social — Crispim Osório Nadson Barbosa
Diretor do Dep. Infantil — Ângelo de Sousa Machado
Diretor Artístico — Arnon de Andrade.

SÓCIOS REDATORES DA NOSSA REVISTA



MAURÍCIO RABELLO — sócio nº 3244, aluno do Colégio Anglo-Americano e que tem participado ativamente em vários dos nossos programas na Rádio Nacional.



RAUL RIBEIRO, sócio nº 4001, aluno da Escola Ferreira Viana, encarregado das ilustrações e desenhos de nossa revista.

ONDE EXISTE TODDY HÁ SAÚDE E ALEGRIA

Chama a atenção a legenda das fotos dos jovens colaboradores da Revista, que, além de terem a identificação de sócio, apresentava a escola onde estudava e a função no âmbito do Clube e/ou da Revista, como os casos de Maurício Rabello, “sócio [redator] nº 3244, aluno do Colégio Anglo-Americano e que tem participado ativamente em vários dos nossos programas na Rádio Nacional”, e Raul Ribeiro, também “sócio [redator] no 4001, aluno da Escola Ferreira Viana, encarregado das ilustrações e desenhos de nossa revista” (Revista do Clube Juvenil *Toddy*, 15 abr. 1953, ed. 1, p. 3). Vale destacar que era gratuita a associação ao Clube. Além disso, ressalta-se a foto do grupo com a professora Maria de Lourdes Alves no meio, reafirmando a ideia de união dos sujeitos que participavam do Clube e da Revista do Clube e sua atuação como mediadora.

Nota-se, ainda, que o fato de o Clube e a Revista estarem associados a uma professora não é aleatório. Ainda que Maria de Lourdes fosse a mediadora, e, em tese, não a pessoa quem produzia todo o conteúdo, o que era apresentado na rádio e nas páginas da Revista, sua presença era relevante para a realização de ambas as atividades culturais, haja vista o fato de sua atuação ser celebrada pelos jovens, além das publicações que a exaltavam como formadora e educadora.

Assim, a presença da professora Maria de Lourdes Alves no contexto do *Clube Juvenil Toddy* e na Revista oriunda do Clube demarca sua atuação como intelectual mediadora e como uma força centrípeta na participação dos jovens que, naqueles espaços, se convertiam em modelos de intelectuais mediadores, pelo fato de eles terem produzido os conteúdos que o suplemento propunha circular, mesmo que tenham sido filtrados e mediados por ela.

2.3 Desenhar o futuro da nação: os ilustradores

O material a ser utilizado pelo ilustrador não está diretamente na palavra, mas no entre-palavras. Nesse espaço vazio, indefinido, nessa área crepuscular entre uma palavra e outra é onde se localiza a ilustração.

Rui de Oliveira (apud Mokarzel, 1998)

Na condição de revista voltada a um público jovem, *Vida Juvenil* fazia uso de diferentes recursos para atrair esse público-leitor e mantê-los interessados. Além de, vez ou outra,

lançarem seções, as ilustrações possuíam espaço relevante nesse processo, fossem nas Histórias em Quadrinhos, as quais se faziam essenciais, ou em outras seções, de maneira geral, como as de cunho instrutivo ou moralizante. Para além das Histórias em Quadrinhos propriamente ditas, existiam, também, as histórias ilustradas, que, é claro, serviam-se de ilustrações para compô-las.

Figura 48 – *Hamlet* contada por meio de histórias ilustradas

VIDA JUVENIL

15 de agosto de 1954 — Pág. 3

Hamlet

de William Shakespeare

CAP. 4

RESUMO DOS CAPITULOS ANTERIORES

O príncipe Hamlet vive angustiado pela morte de seu pai e pelo casamento de sua mãe com seu tio. O espírito do falecido rei apareceu ao jovem e lhe diz que foi Cláudio, tio de Hamlet, quem o assassinou. Certas atitudes de Cláudio confirmam isto, e Hamlet quer vingar o pai. Um dia, pensando ter matado o rei, assassina Polônio, camareiro da corte, e pai de Ofélia, sua amada. Cláudio incita-o a que se vá para a Inglaterra, naquela mesma noite, e o príncipe obedece. Laertes, filho de Polônio, pede contas ao rei pela morte de seu pai. E Cláudio aproveita-se para concitar o ódio de Laertes contra o príncipe. Hamlet consegue voltar da viagem em uma nave corsária, que atacara seu navio, e anuncia seu regresso em uma carta. Nela, diz que estará, no dia seguinte, na corte.

Ofélia, logrando escapar dos que a vigiavam, fugiu dos seus aposentos. Coroadada de margaridas e compridas flôres purpúreas que os lavradores chamam de «dedos de morto» se dirigiu.

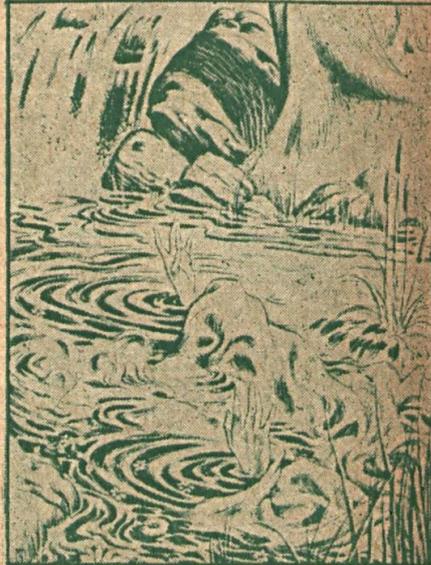




... a um arroio, no lugar em que se precipita numa pequenina cascata. Ali, tirou a grinalda e, ao pendurá-la num ramo, caiu...



...na água. As roupas, sobrenadando, sustentaram-na por algum tempo à flor d'água. Ofélia, inocente a seu infortúnio, e qual uma sereia, cantava trechos de canções.



Não era possível, porém, que se mantivesse assim por muito tempo... Suas roupas, pesadas com a água que absorviam, afundaram, finalmente a jovem. Seu canto emudecera para sempre.




Na figura acima, é contada a história de *Hamlet*, de William Shakespeare, considerada um clássico da literatura universal, ou “uma obra-prima da Literatura Inglesa”, conforme registrado na revista (*Vida Juvenil*, ed. 102, 1 jul. 1954, p. 3). A história é apresentada no âmbito do *Suplemento Literário de Vida Juvenil* e se divide em 4 capítulos (um a cada edição, entre 1º de julho e 15 de agosto de 1954). Destaque-se o fato de expor ilustrações que se relacionavam ao texto escrito, como a representação de Ofélia correndo ao vento na imagem superior à esquerda e sua representação amalgamada à água, como uma sereia, na imagem inferior à esquerda. As imagens seguem o mesmo padrão artístico, com coloração neutra e de tamanho médio.

Formar o gosto literário dos jovens também era um dos objetivos do periódico, de modo que essa tarefa contribuiria para a formação de jovens “cultos”, “culturalmente apurados” e, por conseguinte, com capacidade de apreciação estética¹²⁶. Não à toa a revista investia em diferentes seções com esse viés, como *Vida Juvenil na Literatura* e *Suplemento Literário de Vida Juvenil*.

Destaque-se, por exemplo, a justificativa de inserção de *Vida Juvenil na Literatura*, em 1º de março de 1954. De acordo com a coluna *Trocando Ideias*, a recém-lançada seção havia sido sugerida pelo próprio público-leitor, como mais uma forma de demonstrar apreço pelo público e dar a entender que a revista era bem consumida e sucedida. Segundo eles, “esperamos que os nossos leitores participem ativamente da nova seção, que tem por fim difundir a cultura literária entre os jovens, e incentivá-los com prêmios” (*Vida Juvenil*, ed. 94, 1º de março de 1954, p. 55). Na mesma página, é avisado sobre o surgimento, no número seguinte, de *Suplemento Literário de Vida Juvenil*, “onde publicaremos grandes romances internacionais adaptados em quadrinhos” (*Vida Juvenil*, ed. 94, 1º de março de 1954, p. 55).

No mesmo fragmento, a revista anuncia a intenção de se “difundir a cultura literária entre os jovens”, o que se alinhava aos propósitos de *Vida Juvenil*. Na busca por essa difusão e

¹²⁶ Embora não se configure como um dos objetivos da tese pensar uma possível educação estética através de *Vida Juvenil*, por exemplo, importa destacar o estudo de Cynthia Greive Veiga acerca da *Educação estética para o povo* (2015), uma vez que é possível notar aproximação com discursos observáveis no contexto republicano brasileiro, a despeito da distância temporal, econômica, política, cultural e social. Segundo a autora, a educação estética, no contexto republicano, se relacionava com as ideias de civilidade, de elaboração da unidade nacional, de modernidade, de beleza arquitetônica e urbanística, de educação, de instrução, de trabalho e de ordem (Veiga, 2015). Para tanto, importava abrir escolas, incentivar e explorar as “habilidades manuais, a educação das mulheres para o lar, o contato com a literatura brasileira, os cantos, a dança, presentes no cotidiano das salas de aula, nas festas escolares, nas festas da cidade, bem como no estilo neoclássico das grandes edificações, da escola e da cidade” (Veiga, 2015, p. 407). Se no contexto republicano das primeiras décadas esses eram valores basilares para uma educação estética, na década de 1950 observava-se alguma aproximação em relação a eles, ainda que a prática e os contextos fossem divergentes, com especial ênfase no que dizia respeito às habilidades manuais, à literatura brasileira (e estrangeira também), à música, às festas escolares e da cidade.

por agradar os jovens leitores, a revista apostava em diferentes estratégias, como o lançamento de histórias ilustradas, como no caso de *Hamlet*. As ilustrações, contudo, muito além de “chamarizes”, possuíam funções intrínsecas, como a de compor o conteúdo vislumbrado pela seção, o que significa que a arte a ser produzida tinha relação com o que estivesse sendo apresentado.

Segundo Schwarcz (2014, p. 391), originalmente, o termo “ilustrar” vem do latim *ilustro* e significa “lançar luz, tornar claro, dar brilho, enfeitar, ver”. Contudo, embora, historicamente, sua utilização tenha sido encarada como um adorno, um “enfeite”, tal concepção tem sofrido mudanças. Nas palavras da autora,

Paradoxalmente, já faz certo tempo que se abriam novas possibilidades documentais, que vêm expandindo a própria noção de arquivo e de acervo. Para além das bases escritas, se arrisca produzir novos conhecimentos a partir da análise de moedas, lápides, objetos de cultura material de uma maneira geral, fontes literárias, obras de teatro, telas, esculturas, imagens de jornal, cartazes, caricaturas e, tomando um lugar cada vez mais importante, fotografias. No entanto, vale a pena acentuar como continuamos encontrando um lugar “subalterno” para esse tipo de material, como se existisse uma hierarquia interna às fontes: em primeiro lugar os registros escritos, em segundo (e de maneira distanciada) as imagens, e de maneira alargada. (Schwarcz, 2014, p. 392)

Deste modo, Schwarcz (2014) focaliza as ilustrações na condição de documentos que manipulam ideias e apresentam concepções próprias, favorecendo uma relação ativa com o leitor. Nesse sentido, elas seriam compreendidas “não como reflexo, mas como produção de representações, costumes, percepções, e não como imagens fixas e presas a determinados temas ou contextos, mas como elementos que circulam, interpelam, negociam” (p. 393).

O ilustrador, ao ler o texto a ser ilustrado, acabaria por atuar nele, segundo uma relação simbiótica. É a partir desse viés que se consideram os ilustradores como intelectuais: eles atuavam como agentes ativos na produção do conhecimento em *Vida Juvenil*, uma vez que a ilustração não servia para “enfeitar”, mas sim para, em grande medida, dar sentido e manipular o conteúdo veiculado, além do fato de que as imagens não eram elaboradas de maneira neutra e “natural”; “imagens têm autoria, tempo e agência” (Schwarcz, 2014, p. 394). Por conta disso, concorda-se com Burke (2017) que assevera que “imagens, assim como textos e testemunhos orais, são uma forma importante de evidência histórica. Elas registram atos de testemunho ocular” (p. 25). Isso quer dizer que mesmo ilustrações de narrativas escritas se convertem em fontes históricas e indiciam “autoria, tempo e agência”.

Ademais, havia ilustradores no periódico que também produziam conteúdo escrito, como José Geraldo e Gil Coimbra, o que reforça a discussão de que ilustradores também eram intelectuais e justifica, parcialmente, a escolha de se destacar a produção desses dois sujeitos. Entretanto, eles não foram os únicos a assumirem dupla função. De fato, Edmundo Rodrigues e Gedeone Malagola também escreveram e ilustraram. Dos quatro, foi feita a seleção de dois para se destacar no âmbito do capítulo, ao se compreender que os elencados contribuiriam para demonstrar a atuação do ilustrador na condição de intelectual mediador em *Vida Juvenil*. José Geraldo e Gil Coimbra, por sua vez, foram os escolhidos pela recorrência que tiveram no periódico. Veja o quadro elaborado quando do processo de escolha:

Quadro 15 – Intelectuais mediadores que ilustravam e escreviam em *Vida Juvenil*

Intelectual mediador	Ocorrências na hemeroteca	Período de atuação em <i>Vida Juvenil</i>	Principais produções autorais em <i>Vida Juvenil</i>
José Geraldo	36	De 1949 a 1955, mas sem colaboração em 1951	<i>Trapalhadas do Betinho; Casa de Marimbondos; Garotos Levados; Entre Carecas; Marina;</i> e colaborou com algumas biografias de <i>Vida Juvenil Esportiva</i>
Gil Coimbra	102	De 1951 a 1958	<i>Da História da Nossa América</i>
Edmundo Rodrigues	18	De 1952 a 1955	<i>Apostas Malucas; Aventuras de Armando;</i> Série: <i>A História Pitoresca – Rei Arthur</i>

Gedeone Malagola ¹²⁷	16	De 1956 a 1958	<i>As aventuras de Milton Ribeiro</i> , principalmente; e <i>Pedro Álvares Cabral</i> (HQ)
---------------------------------	----	----------------	--

Fonte: Quadro elaborado pela autora tendo como base pesquisa realizada na HDB/FBN, 2023.

Os quatro ilustradores contribuíram com produções autorais na revista. Porém, José Geraldo e Gil Coimbra se destacam pela quantidade de ocorrências na Hemeroteca, pelo tempo em que estamparam as páginas de *Vida Juvenil* e pela frequência com que colaboravam.

Da mesma forma que *Vida Juvenil* recorria a ilustrações para compor suas páginas, também apostava em uma diversidade de ilustradores para tal. De acordo com a resposta dada a um leitor, na página de *Correspondência*, os ilustradores do periódico, em 1956, eram os seguintes:

Joselito, Domingo Cervera, Ede Stuckert, Rubens Nascimento, Paulo de Abre, Gilberto Camilo, estes na Redação. Como colaboradores: Áurea, Renato Silva, Gil Coimbra e vários outros. Como desenhistas de histórias em quadrinhos: Gedeone Malagola, Roy Crane, Milton Caniff, Norman Maurer e Frank Robbins, fora vários artistas italianos. (*Vida Juvenil*, 15 jun. 1956, ed. 147, p. 68)

Como se observa, havia níveis de atuação no âmbito da revista: havia os ilustradores que compunham a redação; os colaboradores, que, provavelmente, não eram exclusivos de *Vida Juvenil*, tampouco tinham tanta assiduidade quanto os da redação; e os específicos para ilustrar as HQs, os quais, em sua maioria, eram estrangeiros¹²⁸.

O *Dicionário de Comunicação* (Rabaça; Barbosa, 2002) apresenta duas definições importantes para a discussão:

Ilustração

(ed) 1. Qualquer imagem (fotografia, desenho, gravura, gráfico etc.) que acompanha um texto de livro, jornal, revista, site etc. Pode ser, em alguns casos, mais importante do que o texto escrito, ou mesmo prescindir de texto.
2. Breve narrativa, comentário ou citação, geralmente abordando aspectos curiosos, que realça o texto de uma obra ou uma exposição oral.

Ilustrador

¹²⁷ O referido sujeito foi buscado a partir de duas entradas “Gedeone Malagola” e apenas “Gedeone”, pois ele intercambiava a sua assinatura.

¹²⁸ Destaque-se Santi D’Amico (Itália), Bart Tumey e William Overgard (Estados Unidos).

(ed) Profissional especializado na criação e produção de ilustrações para livros, jornais, revistas etc.

Nota-se, assim, que a ilustração pode apresentar grande relevância no contexto de uma produção escrita, de modo a não necessitar de texto, por exemplo. O conjunto texto e imagem pode, portanto, servir para diversos fins e alcançar compreensões que, individualmente, talvez não fosse possível. Observem-se, enfim, os ilustradores e as ilustrações elaboradas em *Vida Juvenil*.

2.3.1 José Geraldo e Gil Coimbra entre a pluma e os pincéis: modos de divertir, educar e instruir a juventude

Apesar de serem homens, construir uma trajetória de José Geraldo e Gil Coimbra não foi das tarefas mais fáceis, com especial ênfase em José Geraldo. Talvez, o fato de serem ilustradores não oferecesse tanto prestígio quanto a um professor ou a um autor de livro (quando homem, claro), como foi o caso dos outros homens aqui analisados. De todo modo, seguem os dados que ajudam a construir uma breve narrativa biográfica.

Como visto, tanto José Geraldo quanto Gil Coimbra foram ilustradores e argumentistas¹²⁹ em *Vida Juvenil*. Nesse sentido, tanto um quanto outro ilustraram suas próprias produções textuais e as produções de terceiros, o que os coloca em um lugar diferenciado: de escritores e ilustradores. Mas ocupavam outro espaço também: o de educadores.

Gil Coimbra, por exemplo, foi o responsável pela seção *Da História de Nossa América*, por meio da qual destacava sujeitos considerados por ele importantes para a história da América. Ainda que fosse radicado no Brasil, Gil Coimbra Ojopi era boliviano (Gonçalo Junior, 2004) – o que, muito provavelmente, seria o motivo pelo qual focalizava a história da América e não do Brasil. José Geraldo, por sua vez, também assumiu postura de educador ao passo que produziu uma história em quadrinhos contada por capítulos (de abril de 1949 a abril de 1950), intitulada *Trapalhadas do Betinho*, cujo teor era o de buscar moldar o caráter e o comportamento do jovem leitor, pelo fato de apontar características da personalidade de Betinho, representado como agitado e levado, porém “bonzinho”.

Gil Coimbra nasceu em 10 de novembro de 1914, em Magdalena, Beni, na Bolívia, e atuou como pintor e escritor, com ênfase na arte indigenista. Na condição de escritor, escreveu

¹²⁹ Termo utilizado pela própria fonte que designa aquele que escreve argumento para o cinema e a televisão, principalmente, mas que pode ser ampliado para o suporte revista.

La revolución boliviana (1952) e *Honda y arado* (1975). De acordo com Guillermo Francovich, citado por Elías Blanco (Museo del Aparapita), autor da *Enciclopedia del Bicentenario de Bolivia*, disponível em seu blog¹³⁰, *Honda y arado*

Es un libro de viajes. Andanzas que van levantando a su paso no sólo realidades del presente sino además visiones de un pasado misterioso y no remoto. Andanzas en el espacio y en el tiempo, por lo tanto, que avientan impresiones personales, imágenes llenas de color y remembranzas de la cambiante fisonomía de los hombres y de los lugares.¹³¹

De fato, Gil Coimbra foi um viajante. Inicialmente, em 1937, partiu rumo ao altiplano desde Caranavi, em La Paz, até Llica, departamento de Potosí. Ali, se dedicou a investigar a vida dos indígenas, com vistas a mapear os principais problemas sociais do país. Em 1941, foi ao Peru a fim de dar continuidade à pesquisa sobre a cultura andina, realizando exposições em Cusco, Puno e Arequipa. Ainda de acordo com Elías Blanco, Coimbra teve suas obras expostas em Nova York, Peru e Brasil.

Figura 49 – Exemplo de aquarela indigenista de Gil Coimbra



Fonte: Site Arte Cono Sur: Pequeña galería virtual de arte. Rosario, Argentina. Disponível em: <http://arteconosur.blogspot.com/2012/10/acuarela-de-gil-coimbra-ojopi.html>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

¹³⁰ Disponível em: <https://elias-blanco.blogspot.com/2011/10/gil-coimbra-ojopi.html>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

¹³¹ Em tradução livre: “Trata-se de um livro de viagens. Viagens que trazem em seu rastro não apenas realidades do presente, mas também visões de um passado misterioso e não remoto. Portanto, andanças no espaço e no tempo que trazem impressões pessoais, imagens coloridas e lembranças da fisionomia mutável de homens e lugares”.

Na condição de sujeito polígrafo (Miceli, 1979), Gil Coimbra, além de viajante, escritor, pintor autodidata e formado em Ciências e Letras, foi reservista voluntário na Guerra do Chaco (1932-1935) e, ainda, teve expressiva atuação no campo político. Segundo o Palácio de Cultura da Universidad Autonoma del Beni (UAB)¹³²,

En 1943 por su creciente prestigio dentro de la vida política fue elegido diputado por la provincia Iténez del departamento del Beni. El año 1946 fue embajador en la Republica de México, vinculándose con los grandes valores artísticos de ese país Azteca. Al año siguiente por motivos políticos fue perseguido y se asiló en el Embajada del Brasil donde vivió desde 1948. Viajó por el Amazonas presentando exposiciones en Manaus y Belén de Pará, después, Bahía, Rio de Janeiro y San Pablo, donde se captó el prestigio y la estima del Brasil. Escribió e ilustró la biografía de Francisco Tito Yupanqui, escultor indio, autor de la imagen de la Virgen de Copacabana, a pedido de la editorial Brasil- América de Río de Janeiro.¹³³

Coimbra viveu boa parte de sua vida no Brasil, de 1948 a 1976, ano em que falece, mas não deixa de ter relevância na Bolívia e de ter seu nome eternizado por lá. É ele, por exemplo, que dá nome ao Centro de Capacitação Artística do Departamento de Beni, Bolívia, local de seu nascimento¹³⁴. Filho de Juan Bautista Coimbra Cuéllar e Visitación Ojopi Baldivieso, foi o terceiro de onze filhos: Juan, Gerardo, Jorge, Carlos, Elisa, Juana, María Luisa, César, Rogelia e María Pola. Gil Coimbra, contudo, não foi o único artista de sua família.

Seu pai, Juan Bautista Coimbra Cuéllar (1878-1942), foi escritor, jornalista e autor do livro *Siringa – Memorias de un colonizador Beni*, um importante marco para a literatura nacional, conforme defesa do jornalista Homero Carvalho. Segundo ele,

A través de la lectura de Siringa podemos comprender un periodo de la historia de Bolivia que muy pocos conocen, tanto en su importancia económica como en su consecuencias sociales y políticas. Poco se ha hablado en nuestro país de que la riqueza que generó la goma pagando impuestos en Villa Bella, en Beni, fue el ciclo económico intermedio entre la plata de Potosí y el estaño de

¹³² Disponível em:

https://palaciodecultura.uabjb.edu.bo/notablesdelbeni/index.php?option=com_quix&preview=true&view=page&id=49. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

¹³³ Em tradução livre: “Em 1943, devido ao seu crescente prestígio na vida política, foi eleito deputado pela província de Iténez, no departamento de Beni. Em 1946, foi embaixador da República do México, onde esteve ligado aos grandes valores artísticos desse país asteca. No ano seguinte, por motivos políticos, foi perseguido e se refugiou na Embaixada do Brasil, onde passou a viver a partir de 1948. Viajou pela Amazônia, apresentando exposições em Manaus e Belém do Pará, depois Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, onde ganhou prestígio e estima. Escreveu e ilustrou a biografia de Francisco Tito Yupanqui, escultor indígena e autor da imagem da Virgem de Copacabana, a pedido da editora Brasil-América, do Rio de Janeiro”.

¹³⁴ Fonte da informação:

https://www.minedu.gob.bo/index.php?option=com_content&view=article&id=5775:director-a-centro-de-capacitacion-artistica-de-artes-plasticas-gil-coimbra-ojopi&catid=142&Itemid=876. Acesso em: 20 de fevereiro de 2024.

Oruro. Durante muchos años la goma sostuvo al Estado boliviano e incluso financió la Guerra del Acre y, también, la Guerra del Chaco. (Carvalho, 2017)¹³⁵

A escrita de Juan Coímbra se dava a partir de diversos elementos históricos e geográficos, características observáveis nas obras dos seus próprios filhos. Jorge Coimbra Ojopi (1921-2012), irmão de Gil Coimbra, atuou como pintor, ilustrador, cartógrafo de profissão, compositor e escritor na Bolívia. Segundo o *blog* de Miguel Lundin Peredo, *Veneno Lundico*¹³⁶, Jorge Coimbra foi pintor autodidata e teve como principal referência seu irmão mais velho, Gil Coimbra. Dentre as diversas produções profissionais, uma delas foi realizada com seu irmão Gerardo Coimbra Ojopi, jornalista e orador. Trata-se da escrita da letra da música *A Magdalena*, “una popular canción de la región que es cantada en los paseos escolares, actos cívicos y diversas actividades sociales de su pueblo”¹³⁷ (Peredo, 2012). Sob a assinatura de Jorge Coimbra ou JCoimbra, ele ilustrou diversos manuais didáticos para crianças, silabários e livros de leitura, além de livros diversos, caricaturas e pôsteres de filmes (Peredo, 2012). Como se nota, Gil Coimbra fazia parte de uma rede familiar de intelectuais, o que não surpreende ao observar sua trajetória particular.

Em *Vida Juvenil*, sua primeira participação se deu na edição 33, de 01 de agosto de 1951.

¹³⁵ Em tradução livre: “Ao ler ‘Siringa’, podemos entender um período da história da Bolívia que pouquíssimas pessoas conhecem, tanto em termos de sua importância econômica quanto de suas consequências sociais e políticas. Pouco se fala em nosso país que a riqueza gerada pela indústria da borracha que pagava impostos em Villa Bella, no Beni, foi o ciclo econômico intermediário entre a prata de Potosí e o estanho de Oruro. Por muitos anos, a borracha sustentou o Estado boliviano e até financiou a Guerra do Acre e a Guerra do Chaco”. Disponível em: <https://www.la-razon.com/tendencias/2017/05/28/la-memoria-de-la-selva/>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

¹³⁶ Disponível em: <https://venenolundico.blogspot.com/2012/09/jorge-coimbra-el-entratable-ilustrador.html>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

¹³⁷ Em tradução livre: “uma canção popular da região que é cantada em excursões escolares, eventos cívicos e várias atividades sociais na aldeia”. Não obstante o esforço em recuperar a letra completa, não foi possível localizá-la.

Figura 50 – Primeira História em Quadrinhos de Gil Coimbra em *Vida Juvenil*

Fonte: *Vida Juvenil*, 1 ago. 1951, ed. 33, p. 33. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Não por acaso, a primeira participação de Gil Coimbra é sobre a Cordilheira dos Andes, sua principal área de pesquisa e circulação. Na HQ em tela, Coimbra narra algumas aventuras passadas por alguns “brancos brasileiros” pela Cordilheira dos Andes. Com esse propósito, apresenta algumas frases em espanhol, narra alguns dados históricos, geográficos (como o Lago Titicaca, na fronteira entre o Peru e a Bolívia), culturais, como o consumo da folha de coca por conta da altitude local e algumas comidas típicas. Observe a representação feita pelo pintor:

Figura 51 – Fragmento da primeira História em Quadrinhos de Gil Coimbra em *Vida Juvenil*



Fonte: *Vida Juvenil*, 1 ago. 1951, ed. 33, p. 37. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Além da ilustração de uma possível indígena característica da região, a partir dos olhos de Coimbra, ele apresenta algumas comidas locais, como o “chuño” (produto de batata liofilizado tradicionalmente feito pelas comunidades Quechua e Aymara da Bolívia e Peru”; a “tunta” (conhecida como o “chuño blanco”, é elaborada a partir da batata amarga característica da zona alta andina do Peru e da Bolívia); e as “kispinás” (aperitivo característico do altiplano boliviano feito com grãos de diferentes espécies de *Chenopodium*). Tais elementos, provavelmente, faziam parte da experiência cultural do autor e que ele, por meio da revista, poderia passar tal conhecimento. Afinal, educar em *Vida Juvenil* ia além de tratar de assuntos de cunho escolar. Como visto ao longo dos capítulos, a formação do gosto estético, literário, musical, por exemplo, fazia parte do escopo da revista, assim como uma formação moral,

patriótica e profissional. *Vida Juvenil* tencionava colaborar com uma formação integral dos jovens leitores.

Quando de sua chegada ao Brasil, em 1948, Coimbra já detinha algum prestígio em nível nacional e internacional. Naquele ano, por exemplo, o jornal *A Noite* anuncia, na edição 13005, de 16 de outubro, a inauguração, neste dia, da exposição do pintor¹³⁸. De acordo com a notícia do jornal, a exposição foi realizada no Palace Hotel, “sob os auspícios da Associação dos Artistas Brasileiros¹³⁹” (p. 7), o que lhe delegava algum espaço no campo das artes no Brasil, ratificado no comentário feito na edição seguinte: “sua exposição está despertando o maior sucesso” (*A Noite*, ed. 13006, 1948, p. 18).

Contudo, não é de 1948 a primeira aparição de Coimbra na imprensa brasileira. O *Diário de Notícias*, em 1941, já dava destaque sobre a produção indigenista do pintor. Na página 13 da edição 5581 do periódico, há uma longa reportagem sobre Coimbra, intitulada *A vida e alma indígenas vistas por um pintor*. German Orosco, autor da reportagem, discorre sobre diversas produções artísticas do intelectual, de modo a destacar sua habilidade técnica e sua sensibilidade poética ao retratar o povo andino. Apesar de citar outros pintores do período – Cecilio Guzman de Rojas, Reza, Raúl G. Prada, Genaro Ibañez e David Crespo Gastelú –, joga luz sobre Coimbra, embora alegue que “de Gil Coimbra já se disse bastante, com as melhores expressões e os mais altos conceitos, como uma das maiores revelações da arte indígena, entre nós” (Orosco, ed. 5581, 1941, p. 13).

A pesquisa na Hemeroteca ajuda, igualmente, a traçar parte da trajetória de Coimbra. Referenciado como “regional e universal”, o jornal *A Noite* continua:

Gil Coimbra, um nome que surge agora no Rio, vindo da Bolívia, havendo entrado no Brasil pelo Norte, tem, como terreno comum a sua e a nossa pátria, aquele formidável mundo de originalidade que é a Amazonia. Desde o rincão de nascimento, o vale do grande rio o acompanha, e foi fazendo dele um roteiro, que penetrou o nosso território. (...)
Os temas regionais representam para Gil Coimbra a predileção constante. Desde os motivos bolivianos, entre indígenas e monumentos arquitetônicos,

¹³⁸ Além desta exposição, também foram propagandeadas a exposição que realizou em maio de 1949, na Galeria Calvino.

¹³⁹ Fundada em 8 de outubro de 1929, no Rio de Janeiro, por Navarro da Costa, a Associação dos Artistas Brasileiros (AAB) tinha três pilares fundamentais: “educar o público, intensificar a produção artística e amparar o artista” (*Jornal do Brasil*, ed. 214, 6 set. 1931, p. 12). A AAB atuava, principalmente, por meio de exposições, audições e concertos, com ênfase na busca por se incutir, no carioca, o gosto pelas belas artes, reunir artistas e ampliar o público consumidor e a cultura artística em um país ainda pobre, nesse sentido. De acordo com o pintor Celso Kelly, amigo de Navarro da Costa e um dos fundadores da AAB, “por essas e outras medidas, procura-se a solução do problema do gosto, cujas consequências para o país hão de ser as melhores, refletindo-se no equilíbrio dos espíritos e na disciplina da atividade humana. Não será, apenas, uma questão de arte, mas uma solução de ordem social” (*Jornal do Brasil*, ed. 214, 6 set. 1931, p. 12).

até os aspectos locais que foi colhendo na sua peregrinação brasileira por Belém, Recife, Salvador e outras cidades (...).

Gil Coimbra foi apresentado ao nosso público pela Associação dos Artistas Brasileiros, que lhe auspiciou a exposição. Acolher, dessa forma, um artista de mérito do Continente e retribuiu-lhe o interesse revelado pelo Brasil. Pode ainda apresentar o resultado de um trabalho fecundo, que vale por uma das felizes interpretações plásticas de nossa terra. (A Noite, ed. 13007, 1948 p. 12)

Importa questionar a razão pela qual Coimbra deteve tanto destaque na imprensa ao longo da década de 1940. Seria pelo tema de seus quadros? Ou pela técnica utilizada? Conhecia sujeitos “importantes” que o tivessem ajudado a se destacar? Se sim, de que maneira? Seria pelo fato de ser estrangeiro? E, mais ainda, de um estrangeiro que produzia sobre o Brasil? Ou seria para incentivar o consumo das Artes por um país que se buscava moderno e civilizado? Trata-se de perguntas difíceis de serem respondidas com exatidão, mas o fato de ter tido alguma presença na imprensa justifica, parcialmente, sua inserção em *Vida Juvenil* a partir de 1951.

A própria revista fazia questão de ressaltar a relevância do colaborador. Em resposta a um questionamento trazido por um leitor, defende-se Gil Coimbra, ressaltando aspectos positivos dele, do ponto de vista do periódico: “é pessoa de grande valor, sendo reputado aqui no Brasil, na Bolívia, sua terra natal, e no México, onde está em funções diplomáticas. É um aquarelista famoso, com várias exposições, e um perito no desenho a bico de pena” (*Vida Juvenil*, 1 abr. 1954, ed. 96, p. 56). Seria pela relevância de Gil Coimbra, para além das fronteiras do Brasil, que *Vida Juvenil* resolveu levá-lo para suas páginas?

De todo modo, o pintor já atuava em *Vida Doméstica* desde 1950, como ilustrador e escritor; inclusive, a partir de outubro de 1955 (ed. 452), seu nome passa a fazer parte do Departamento de Arte da revista em tela, ao lado de Joselito, Ramon e Aurea. Segue um exemplo da produção artística de Coimbra em *Vida Doméstica*.

Figura 52 – Exemplo da ilustração de Gil Coimbra em *Vida Doméstica*

VIDA DOMÉSTICA FEVEREIRO-1950

UM NOIVO

Conto de JOSÉ DE OLIVEIRA NUNES,
Ilustração de GIL COIMBRA.

IRENE ajeita os cabelos, retoca a pintura dos lábios. Dá meia volta no quarto, para um exame melhor. Já lhe disseram que as lours ficam bem de azul, por isso fizera questão daquele vestido cõr do céu, vaporoso, com decote um tanto indiscreto.

A avó, na certa, iria censurar: «Meninas de hoje não têm miolo...» Menina! Para a avó, será sempre menina. Para a avó, sòmente. Para os outros, para as mocinhas faladeiras de Rio Claro, é a Irene que, ainda, não arranjou noivo e que, talvez, fique solteira a vida tóda.

Mirou-se novamente no espelho. Não, ela não era feia. Tinha uns olhos grandes, boquinha polpuda, cabelos fofos e perfumados (extrato francês, caríssimo). Sabia sorrir, conversar e, apesar de não ser nenhuma Lana Turner, mostrava-se elegante, vestia-se bem. Por que motivo, então, os rapazes não a procuravam? Nos bailes, nas reuniões familiares, nos cinemas... sempre, eternamente só. Um ou outro flerte, coisa sem importância, sem a confortante esperança de provável noivado e futuro casamento.

Já completara vinte e cinco, o que constituía séria ameaça. Ficar solteira! Tinha mesmo muita graça!...

Quando menina, divertia-se à custa das solteironas, das «tittias» que iam à missa vestidas de preto, sisudas e desajeitadas.

«Coitadas — dizia — ainda esperam por algum Romeu retardatário!»

E no entanto, ali estava ela agora, ali estava a Irene jovial e alegre, a mesma Irene que não se queria casar antes dos dezoito. Ali estava diante do espelho, indagando a razão pela qual os rapazes de Rio Claro pareciam esquecê-la.

As amigas dirigiam-lhe gracejos, indiretas: «Não te esqueças de me convidar para a festinha dos dezoito...» Fingia não compreender, mas, dentro de si, aumentava aquela desilusão que lhe destruiu os sonhos bonitos e confortadores: o vestido de cetim branco, o órgão suave, as flores... Sonhos que, pouco a pouco, seria obrigada a abdicar por outros mais propícios à idade. Sim, porque casar aos quarenta ou mesmo aos trinta, era coisa que não desejava. Preferia ficar solteira, cuidando da casa, enfeitando altares para as festas de igreja. Enfeitar altares! «Profissão ridícula e antiquada», mas, ela já enfeitava o seu altar. Armara-o num cantinho do quarto, modesto (para não dar na vista), com um santo pequeno, um Santo Antônio comprado a conselho da cozinheira. «Pede a Santo Antônio que o noivo apareça». No momento, fingiu-se desinteressada: «Deixa de ser tola. Preciso mesmo de santos para me casar!» Mas, no dia seguinte, lá estava o Santo Antônio de barro, enfeitado de rosas brancas, sòbre a toalha bordada. Tódas as noites, antes de dormir, ajoelhava-se compungida, e orava, confiante num milagre. Mais cedo, mais tarde, o noivo apareceria. Para isso, freqüentava bailes e não faltava às partidas de ténis em casa do americano Schmidt.

Reuniam-se ali os moços elegantes da cidade e, por vêzes, alguns rapazes que vinham do Rio e São Paulo.

Mefia-se no elegante vestido de linho, os cabelos louros espalhados sòbre os ombros. Sua figurinha despertava atenção, e Mr. Schmidt apresentava-a como «fino floor de nossa sociedade». Sorria, puxava conversa, mas, não passava da conversa.

Sucediam-se as festas e, com elas, os anos, os anos cruéis que a enchiam de me-

lancolia. Ficar eternamente no casarão, dentro daquelas salas antigas, ouvindo os gemidos da avó, os suspiros do padrinho, que perdera, por um algarismo apenas, o milhar que vira em sonhos. A casinha moderna, enfeitada de cortinas e vasos de plantas, tornava-se cada vez mais impossível, impossíveis tornavam-se aqueles dias felizes que aguardava com ansiedade.

Outras moças, companheiras de infância, que pularam corda no largo da igreja, e vestiam-se de anjo nas procissões domingueiras, estavam casadas, passavam pelo braço dos respectivos maridos, dirigiam-lhe o convite pretensamente amável: «Apareça lá em casa, para um papinho».

Não ignorava o quanto de sarcástico havia naqueles convites. Riam-se dela. Era a desforra pelos namorados roubados em outros tempos, quando os quinze anos insuflavam-lhe idéias absurdas.

Rira e brincara. Coleccionava pilhas de figurinos franceses, e suas opiniões sòbre modas eram acatadas pelas mocinhas simples da cidade. Passara um ano no Rio, em casa dos tios. Ao voltar, trouxera hábitos novos que alarmaram a gente antiga. Fazia longos passeios de bicicleta, exibindo a pele bronzeada num vestido de alças; organizava piqueniques, excursões pelos arredores. Sempre que lhe



— 42 —

Fonte: *Vida Doméstica*, fevereiro de 1950, ed. 383, p. 42. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Os traços empregados para a representação de uma pessoa se diferenciam, uma vez que o objetivo é, de fato, retratar traços fenótipos distintos entre indígenas e brancos, por exemplo. Tal comparação indicia as habilidades artísticas de Gil Coimbra, reforçando os comentários elogiosos apontados pelo editorial de *Vida Juvenil*.

Outra justificativa para a atuação de Coimbra em *Vida Juvenil* pode se dever ao fato de ele ter atuado em outras revistas infantis e juvenis, no período, em especial *Sesinho* (em 1951), *Edição Maravilhosa* e *Romance em Quadrinhos*, as duas últimas da editora EBAL (Editora Brasil-América Limitada). Importa destacar que, não por acaso, José Geraldo também fez parte do rol de ilustradores de *Edição Maravilhosa* no mesmo período em que Gil Coimbra, o que demonstra que ambos atuaram juntos em outros espaços, no mesmo período, que não só em *Vida Juvenil*.

Tanto Gil Coimbra quanto José Geraldo foram nomes bem referenciados no campo editorial entre os anos de 1940 e 1960, a despeito das dificuldades iniciais em se localizar dados biográficos sobre eles. Até mesmo identificar o exato José Geraldo de *Vida Juvenil* foi relativamente penoso. Gil Coimbra, por ter um nome mais incomum, foi mais fácil de localizar, ainda que aspectos do campo pessoal tenham sido invisibilizados.

Contudo, um dos principais ilustradores e argumentistas da primeira fase de *Vida Juvenil* (1949-1950) foi José Geraldo Barreto Dias; Zé Geraldo, como era comumente referenciado. Polígrafo, José Geraldo atuou como quadrinista, cartunista, jornalista, radialista, professor, escritor, argumentista e pesquisador, tendo atuado até mesmo fora do campo das Letras e das Artes, quando foi corredor de automóveis e lutador de boxe. De acordo com o *blog Apressado pra Nada*¹⁴⁰, “dos BARRETOS, Luiz Carlos, Bruno e Fábio, foi o único que em vez da câmera preferiu o pincel”. Aqui, faz referência a Luiz Carlos Barreto (1928), fotógrafo e diretor de cinema; Bruno Barreto (1955), cineasta e diretor de filmes como *Dona Flor e seus Dois Maridos* e *O que é isso, Companheiro?*; e Fábio Barreto (1957-2019), cineasta, ator, produtor e roteirista.

Fluminense, José Geraldo nasceu em 5 de dezembro de 1924 no município de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, e começou a demonstrar suas habilidades artísticas, aos 15 anos, na Empresa Gráfica O Cruzeiro, de Assis Chateaubriand, junto com Millôr Fernandes. Em seguida, em 1940, lançou, ao lado de Lúcio Cardoso, a revista *Guri*, que, de acordo com verbete assinado por Schuddeboom (2024), junto ao site Lambiek Comicopedia¹⁴¹, foi

¹⁴⁰ Disponível em: <https://zegeraldo.wordpress.com/>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

¹⁴¹ Disponível em: https://www.lambiek.net/artists/g/geraldo_barreto_jose.htm. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

suplemento quinzenal de quadrinhos do jornal carioca *Diário da Noite* e se tratou da primeira revista brasileira a publicar quadrinhos coloridos produzidos localmente.

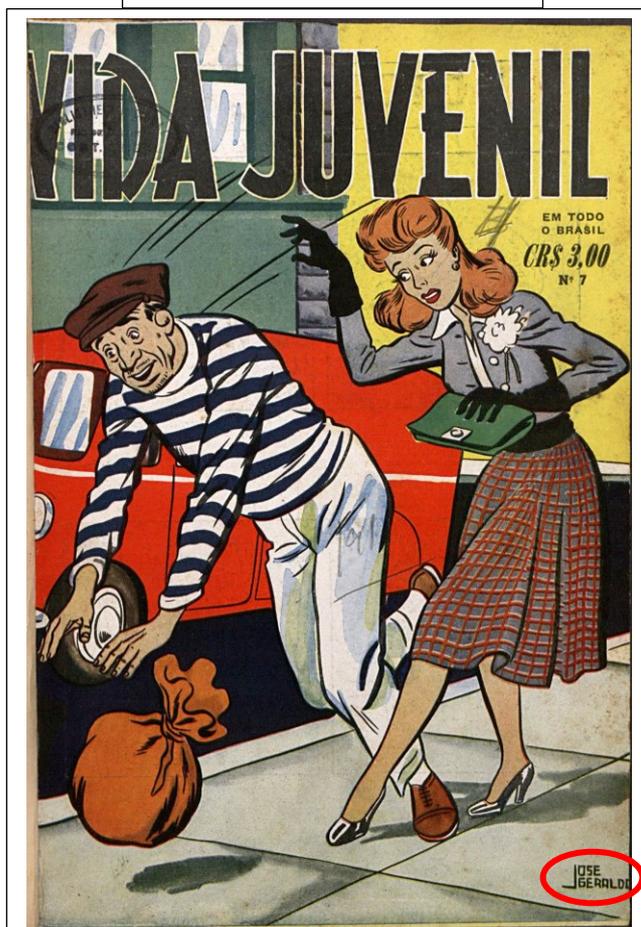
Além de participar de produções de Chateaubriand, esteve à frente de produções dirigidas por Adolfo Aizen, como a coleção *Edição Maravilhosa*, que circulou de 1948 a 1962, e, como visto, contou com José Geraldo e Gil Coimbra como ilustradores. De acordo com Nadaf¹⁴², José Geraldo, por exemplo, foi responsável por ilustrar as histórias *O Gaúcho* e *Senhora*, adaptadas de José de Alencar, e *O Garimpeiro*, de Bernardo Guimarães; já Gil Coimbra ficou encarregado de desenhar para as histórias *Canaã*, de Graça Aranha, e *O Juiz de Paz da roça* e *O Judas no Sábado de Aleluia*, de Martins Pena.

A entrada de José Geraldo em *Vida Juvenil* apresenta particularidades. Com a profícua rede de sociabilidade que detinha desde cedo, foi a partir do diretor-gerente e redator-chefe de *Vida Juvenil*, Antonio Ibrahim Haddad, que conseguiu seu posto junto à revista. Haddad também era diretor de *Vida Doméstica* e, quando dos novos lançamentos da Sociedade Gráfica, abriu espaço para a ilustração de Joselito em *Vida Infantil* e de José Geraldo em *Vida Juvenil*.

Destaquem-se algumas capas e seções desenhadas por José Geraldo:

¹⁴² Trata-se da relação de obras que compõem o acervo particular de Yasmin Nadaf disponível em <https://www.yasminnadaf.com.br/index.php/acervo-particular/gibis-hqs>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

Figura 53 – Capa de José Geraldo



Fonte: Vida Juvenil, jan. 1949, ed. 1, capa. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Figura 54 – Ilustração de José Geraldo em seção de autoria diversa



Fonte: Vida Juvenil, jan. 1949, ed. 1, parte de dentro capa. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Ao folhear *Vida Juvenil*, percebe-se a forte presença de José Geraldo nos dois primeiros anos da revista, não só pelas ilustrações como também pelas palavras, em especial nas HQs, como *Casa de Marimbondos*, *Garotos Levados*, *Entre Carecas*, *Marina* e *Trapalhadas do Betinho*.

Trapalhadas do Betinho é contada em 13 capítulos e é publicada de abril de 1949 a abril de 1950. A história começa explicitando o contexto: Betinho é sobrinho de um antigo lutador

de boxe aposentado, sr. Albano Rodrigues, responsável por criá-lo. Um fã rico do lutador resolve se dedicar a escrever uma biografia do aposentado que se encontra financeiramente fragilizado. Diante da situação, o fã, sr. Joel Barreto, acaba por convidar tio e sobrinho para morarem sob o teto dele para que possa ter contato direto com Albano e, assim, desenvolver a biografia de maneira mais “fiel”. Albano avisa que seu sobrinho é “bonzinho”, ainda que agitado e levado, e, mesmo assim, Joel não se importa e insiste que ambos passem a conviver com ele. É a partir dessa introdução que *Trapalhadas do Betinho* se desenrola, oscilando entre travessuras, investigações e descobertas, com discursos e representações diversas. Para ilustrar algumas dessas representações, ressaltam-se alguns aspectos do primeiro capítulo que chamam a atenção, em especial os estereótipos, a começar pela ilustração. Nas figuras constantes na história, Betinho é representado como um menino magro, branco, de cabelo arrumado e vestido adequadamente – de aspecto um pouco mais adulto para a idade. Será que era assim que José Geraldo idealizava os jovens leitores de *Vida Juvenil*?

No que concerne ao conteúdo da história, conta-se que Albano era um senhor aposentado. Embora briguento – a história começa com uma briga de bar –, ele se dedicava a cuidar do seu sobrinho que, por sua vez, era representada como uma criança “típica”, isto é, travessa. As representações de Albano são interessantes, pois se tem a ideia de ser um sujeito de “bom coração”, apesar de digno de pena pela situação financeira lastimável, por se “sacrificar para poder educar um sobrinho que cria” (*Vida Juvenil*, abr 1949, p. 3). Albano diz se sentir culpado pelo temperamento de seu sobrinho, alegando que “talvez não tenha sabido dar-lhe uma educação adequada”. Tal excerto esclarece os atributos de uma “educação adequada”: formadora de sujeitos bons, mas tranquilos, centrados e obedientes. Outro enunciado interessante na HQ é a da justificativa de Joel em se dedicar à história de Albano pelo que ele “fez pela história nacional”, o que, em certa medida, indica a relevância de se exaltar sujeitos de “ar heroico”, aspecto presente em outras partes de *Vida Juvenil*, a exemplo da seção *Da História de nossa América*.

A preferência por uma escrita de vertente patriótica não era exclusivo de *Vida Juvenil*. De acordo com o dicionário de Histórias em Quadrinhos *Lambiek Comicopedia*, houve algumas tentativas de José Geraldo em empreender séries de quadrinhos com esse viés, ainda que fracassadas. Contudo, o ilustrador atuou de maneira a “nacionalizar” histórias em quadrinhos e charges, conforme reportagem do *Jornal do Brasil* (1963, p. 9). De acordo com ela,

O Presidente João Goulart assinou decreto, ontem, dispondo sobre a nacionalização progressiva das histórias em quadrinhos, na base de 30 por

cento no primeiro ano: 40 por cento no segundo e 60 por cento no terceiro, em jornais e revistas. Os desenhos humorísticos e as ilustrações, a partir de 1 de janeiro de 64, deverão ser exclusivamente nacionais.

O desenhista José Geraldo Barreto Dias, Presidente da Cooperativa-Editora de Trabalho de Porto Alegre – que reúne os desenhistas brasileiros de histórias em quadrinhos e mantém no JB a *História de Zé Candango* – congratulou-se ontem com o Governo e com o povo brasileiro “pela expressiva vitória dos artistas e argumentistas nacionais”. (Jornal do Brasil, ed. 224, 25 de set. de 1963, p. 9. Grifos do original)

Como se observa, José Geraldo atuava em prol da disseminação de histórias em quadrinhos nacionais, a despeito da relação que estabeleceu com os cartunistas americanos Milton Caniff e Al Capp, e o fato de ter tido a licença de *Charlie Chan*,

detetive sino-americano criado por Earl Derr Biggers que se tornou famoso através de histórias em quadrinhos e filmes. (...) Eles até nacionalizaram esses quadrinhos de ‘Charlie Chan’, mudando o cenário do Havaí para o Rio de Janeiro. As histórias foram creditadas coletivamente à Equipe de O Cruzeiro, que incluía pelo menos Zé Geraldo e Gétulio Delphim. (Schuddeboom, 2024)

Ademais, assumiu funções de poder no campo em que atuava. José Geraldo, por exemplo, foi líder da ADAGER (Associação de Desenhistas e Argumentistas da Guanabara e do Estado do Rio), um sindicato que contava com cerca de 30 artistas e escritores dos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro e que buscava a diminuição dos quadrinhos importados em prol dos nacionais.

Envolvido em questões políticas e assumindo posições de poder, conheceu o governador Leonel Brizola, que o convidou a presidir uma editora focalizada em HQs produzidas localmente. Para tanto, Geraldo se mudou do Rio de Janeiro para o Rio Grande do Sul e a CETPA (Cooperativa Editora de Trabalhos de Porto Alegre) foi fundada em Porto Alegre em fevereiro de 1962 (Schuddeboom, 2024). Em 1964, contudo, com a emergência do Golpe Civil-Militar, a CETPA foi encerrada devido às ligações dos artistas que a compunham com o político socialista Leonel Brizola. Ainda de acordo com o verbete de Schuddeboom (2024),

Vários amigos de Geraldo foram presos e Brizola e Geraldo exilaram-se no Uruguai. Enquanto estava lá, Geraldo acabou rastreando Brizola na esperança de motivá-lo a continuar a batalha de Che Guevara, recentemente assassinado em 1967. Porém, Brizola não tinha intenção de se tornar um líder guerrilheiro e assim Geraldo retornou ao Brasil. Com a ajuda de familiares influentes conseguiu se estabelecer em Teresópolis, mas suas tentativas de propor novas tirinhas ao Jornal do Brasil foram rejeitadas.

De acordo com o *blog Apressado pra Nada*, José Geraldo “parou de desenhar na década de 60, mas, em 1985, fez sua última série em quadrinhos - ZÉ PICARETA - para o jornal ÚLTIMA HORA”. Seu envolvimento político, em especial com um político de esquerda, atravessou sua prática profissional e, talvez seja por isso, o motivo de seu atual apagamento. Schuddeboom (2024) pondera, por exemplo, que “embora não tenha se tornado tão conhecido como alguns de seus contemporâneos, José Geraldo Barreto foi peça importante no desenvolvimento dos quadrinhos brasileiros”.

Apesar de seu desaparecimento por alguns anos, escreveu, em 1970, seu primeiro livro, intitulado *Bye, bye, Amazônia*, cuja publicação só se deu em 1981, pela Editora Vozes. Segundo apreciação de Barbosa Lima Sobrinho, disponível no *blog Apressado pra Nada*,

José Geraldo conta, em quadrinhos, a luta secular do Brasil contra a cobiça estrangeira, na região amazônica. Uma novela mais viva e mais emocionante do que as que se transmitem na televisão brasileira, e agravada pela circunstância de que os “bandidos” são mais numerosos que os “mocinhos”. Por isso é que José Geraldo deseja, com os quadrinhos que desenhou, fazer um apelo a todos os brasileiros para que o Brasil desperte e empenhe todos os seus esforços na defesa de interesses que estão em perigo, à imagem do famoso projeto Jari, que põe em risco a independência da Amazônia, para não dizer a do próprio Brasil.

Figura 55 – Capa de *Bye, bye, Amazônia*

Fonte: *Blog Apressado pra Nada*, aba “Bye, bye, Amazônia”. Disponível em: <https://zegeraldo.wordpress.com/bye-bye-amazonia/>

A capa do livro veicula elementos sobre seu conteúdo. Composta de uma imagem chamativa e colorida, que representa a Amazônia, o espaço apresenta diversas placas em inglês, problematizando e criticando o avanço da “americanização” naquele local, como, por exemplo,

“Bethlenen Steel Co. – NO TRESPASS”¹⁴³, com destaque, “Sail a lazer”¹⁴⁴, na camiseta do canoieiro, além, é claro, do próprio título – “Bye, bye”¹⁴⁵.

Outra participação de José Geraldo no âmbito de *Vida Juvenil* se deu através do esporte, visto que ele, uma vez, já fez parte deste universo, quando atuou como boxeador. A partir de 1º de setembro de 1952 uma nova seção passou a fazer parte do periódico: *Vida Juvenil Esportiva*. No primeiro número, o responsável por ela foi José Geraldo, embora não fosse seção exclusiva dele. Nela, José Geraldo, por meio de uma história ilustrada, se ocupa da vida de Oswaldo Ávila (1919-2006), jogador de futebol profissional. No sumário, a história é referenciada como “biografia ilustrada”. Por meio de texto e ilustração, o intelectual, ao tratar do jogador, utiliza um discurso que o coloca como um “pequeno herói”, que, embora “arteiro”, sempre se arrependia das peripécias. Na edição 61, por sua vez, José Geraldo aparece apenas como o ilustrador da biografia. O argumento fica a cargo de Sérgio D. T. Macedo.

Não apenas em *Vida Juvenil Esportiva* José Geraldo escreveu e ilustrou sobre esporte. Ainda em 1952, produziu a história intitulada *El Gran Capitán*, que tratava da biografia ilustrada de Obdulio Varela (1917-1996), futebolista uruguaio, que também era retratado como um “herói”, além de “um grande atleta e um bom companheiro” (*Vida Juvenil*, ed. 65, 1º dez. 1952, p. 36).

Nota-se, enfim, a ampla atuação de José Geraldo em *Vida Juvenil*, de modo que, ali, contribuiu de diversas maneiras, diferentemente de outros colaboradores do periódico. José Geraldo ilustrou histórias e Histórias em Quadrinhos autorais e de terceiros, desenhou capas, produziu histórias ilustradas e em quadrinhos, sobre temas múltiplos, de modo a buscar se adequar às expectativas do mercado editorial do qual fez parte. Para além de *Vida Juvenil*, também assumiu a posição de intelectual polígrafo, tendo atuado como romancista, quadrinista, presidente de associações da sua área, exilado político, servindo como um exemplo no processo de demonstrar a complexidade da vida de todos os sujeitos que foram, aqui, em alguma medida, destacados.



¹⁴³ Poderia ser traduzido como “Bethlenen Companhia de Aço – NÃO ULTRAPASSAR”, no sentido de que aquele espaço, antes público, agora tinha dona: a empresa siderúrgica estadunidense Bethlehem Steel (1857-2003), que realmente existia no período de publicação do livro.

¹⁴⁴ O verbo “to sail”, em português, significa velejar/ navegar, o que justifica o fato de a frase “Sail a Lazer” estar estampada na camiseta do rapaz que veleja. É possível que a palavra “lazer”, na estampa, esteja se referindo a um tipo de veleiro – intitulado *Laser*, com S – mas que foi escrito com Z para fazer um trocadilho com a palavra existente na língua portuguesa e talvez, assim, fazer sentido para o leitor brasileiro.

¹⁴⁵ Traduzido como “tchau, tchau”.

CAPÍTULO III

ENTRE O ESTUDO, O TRABALHO E A ORDEM: REPRESENTAÇÕES JUVENIS EM REVISTA

“... Seja qual for a vossa idade, doravante sereis homens; e sejam quais forem a vossa fraqueza e a força dos homens e dos acontecimentos que enfrentardes, sereis heróis; o heroísmo não é privilégio dos corpos de gigantes e de almas excepcionais; ele reside, em germe, no corpo e na alma de todos os que têm a religião da honra...”

Olavo Bilac apud Vida Juvenil, ed. 02, fev. 1949, p. 76

O presente capítulo articula-se aos anteriores. Nele, analisam-se algumas representações de jovens observáveis na revista *Vida Juvenil*, como a do “jovem herói” estampada na epígrafe. Ao longo das pesquisas e das análises empreendidas nos capítulos anteriores, com vistas à compreensão da composição do periódico e dos intelectuais vinculados a ele, em geral, foram observadas representações juvenis que chamaram a atenção. Assim, viu-se a necessidade de se analisar este aspecto da revista.

Uma das representações de maior evidência é a do jovem estudante e produtor ativo de conhecimento; não só aquele que, passivamente, consome produtos produzidos para ele. Notem-se os jovens referidos, no segundo capítulo da tese, como *intelectuais mediadores* no âmbito da *Revista do Clube Juvenil Toddy* que, a despeito do grau de interferência da professora Maria de Lourdes Alves, foram indicados como os produtores de fato do conteúdo da revista, conferindo-lhes um papel de protagonistas.

A representação do jovem na condição de estudante permeia, em larga medida, o ideário de *Vida Juvenil*, em especial em sua primeira fase, qual seja, de 1949 a 1951¹⁴⁶. Pode-se

¹⁴⁶ A elaboração das fases foi uma estratégia metodológica pensada pela autora de modo a facilitar a análise de *Vida Juvenil*, não sendo engessada. Cabe lembrar, de maneira breve, que a fase 1, de 1949 a 1951, foi a de lançamento e busca por reconhecimento no mercado editorial, com ênfase em seções de cunho educativo, instrutivo e de aconselhamento para o mercado de trabalho; a 2, de 1952 a 1956, a de adaptações e esforço de consolidação no mercado, também com foco na educação e na instrução, ainda que com divergências em relação à primeira fase; e a 3, de 1957 a 1959, a de declínio e encerramento da revista, cujo cerne foram as Histórias em Quadrinhos (HQs).

considerar esta ênfase como uma delimitação do público-alvo da revista. Não se pode, porém, negligenciar o aspecto apelativo desse tipo de discurso, no sentido de que são apontados elementos que deveriam fazer parte da vida dos jovens (o espaço escolar, os conteúdos escolares e a literatura, por exemplo), de modo a incentivar os jovens a realizarem aquilo que inicialmente já deveria fazer parte de sua vida. Em outras palavras, alguns discursos de *Vida Juvenil* conferiam representações do que era esperado por parte dos jovens brasileiros delineados pelo corpo editorial, incentivando que seus leitores reais cumprissem estes papéis representados, em um movimento de retroalimentação.

Nesse sentido, concorda-se com Chartier (2002). O historiador assevera que em um “‘mundo como representação’ [, este próprio mundo é] moldado através das séries de discursos que o apreendem e o estruturam” (p. 23). Por conseguinte, os discursos construídos por meio de palavras e imagens são aqueles que conformam e são conformados por determinados grupos, conceitos e valores. Assim, ao se produzir discursos direcionados a um grupo de jovens, o intelectual (ou o grupo de intelectuais) só o faz por ser classificado como um sujeito autorizado a atuar daquela maneira e a sua produção é construída a partir daquilo que, socialmente, é considerado representativo do grupo de sujeitos que o consumirão, ainda que, entre a intenção do autor e a recepção do leitor haja diversas instâncias de mediação.

As representações juvenis do periódico em tela facultam interpretar, também, os interesses dos grupos (editoriais e intelectuais) que as forjaram. Assim, os discursos estampados em *Vida Juvenil* põem em relevo duas tópicas: 1) o modo como os grupos produtores visavam se representar no cenário cultural, editorial e intelectual na condição de autoridades naquele espaço; e 2) o modo como jovens, na condição de um suposto grupo homogêneo, do ponto de vista dos editores, eram ou deveriam ser representados no imaginário social.

Nas palavras de Chartier (2002),

As definições antigas do termo (por exemplo, a do dicionário de Furetière) manifestam a tensão entre duas famílias de sentidos: por um lado, a representação como *dando a ver uma coisa ausente*, o que supõe uma distinção radical entre aquilo que representa e aquilo que é representado; por outro, a representação como *exibição de uma presença*, como apresentação pública de algo ou de alguém. (p. 20. Grifos nossos.)

O conceito relativo à representação denota duas ideias que, em um primeiro momento, podem parecer opostas, mas que, de fato, se complementam. Por um lado, faz-se referência a algo ou alguém ausente, no sentido de que não se vê aquilo ou aquele sujeito, mas, por outro, é capaz de idealizá-lo de modo a transformá-lo em uma presença, em algo tangível e visível. Por

isso, quando se lê em *Vida Juvenil* uma relação de prêmios direcionados ao público-leitor em potencial, por exemplo, é possível vislumbrar um jovem leitor que, necessariamente, seja alfabetizado, muito provavelmente um sujeito inserido no espaço formal de educação, e que sabe ou tem noção do que se trata uma “enciclopédia”, um “dicionário”, um “laboratório químico”, assim como de autores e obras de referência da literatura brasileira. Focalize-se a relação de prêmios relativa à seção *Pense e Acerte*.

Figura 56 – Exemplo de presentes dados por *Vida Juvenil* aos jovens leitores da revista

PRESENTES DA SEÇÃO PENSE E ACERTE

Em cada Problema publicado, mesmo os de colaboração dos nossos leitores, daremos três Presentes às melhores soluções, apresentadas com maior capricho e acerto. Cada Problema vale 1 ponto e há Presentes valendo 1 ou mais pontos. Uma vez publicado o nome dos candidatos selecionados, eles nos deverão indicar o Presente que desejam, escolhendo na lista abaixo. Caso o leitor selecionado prefira, acumulará pontos para poder retirar um Presente de maior valor.

PRESENTES

1 ponto — Pequena Enciclopédia de monossílabos, de **Zyho**.
 1 ponto — Dicionário da Fábula, de **Chompré**.
 1 ponto — A Retirada da Laguna — **Visc. de Taunay**.
 1 ponto — Inocência — **Visc. de Taunay**.
 2 pontos — Os Sertões — **Euclides da Cunha**.
 3 pontos — Pequeno Dic. Bras. da L. Portuguesa de **H. Lima e Gustavo Barroso**.
 4 pontos — Dicionário Enciclopédico da L. Portuguesa de **Simões da Fonseca**.

Aceitaremos, com prazer, sugestões dos nossos leitores para a substituição de qualquer das obras acima, por outra de maior agrado daquele que a tiver de receber, desde que se equipare aproximadamente no preço e seja leitura recomendável para a juventude.

Fonte: *Vida Juvenil*, set. 1949, ed. 9, p. 40. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

No exemplo destacado, veem-se artefatos que, idealmente, seriam adequados ao público juvenil, de acordo com o ideário da revista, tais como livros, dicionários e enciclopédias. Nesse sentido, Chartier (2002) ajuda a perceber que “as práticas visam fazer reconhecer uma identidade social, exhibi[ndo] uma maneira própria de estar no mundo, [e de] significar simbolicamente um estatuto e uma posição” (p. 23). Assim, as páginas de *Vida Juvenil* ratificam algumas posições que estabelecem, dentre as quais a dos jovens idealizados que necessitam de intermediação no processo de desenvolvimento e ajuste aos espaços sociais; a dos intelectuais chancelados para intermediarem tal processo, fosse na contribuição expressa na revista ou nas propagandas e nos presentes recomendados; e, ainda, a dos sujeitos que compõem o corpo editorial, que assumiriam o maior status da hierarquia, pois seriam os responsáveis por selecionar o grupo colaborador, converter a concepção da revista em ação concreta e fazê-la

circular no âmbito social. No caso dos editores há, ademais, uma particularidade, que se associa à institucionalização. Chartier (2002) sublinha que “as formas institucionalizadas e objetivadas [possuem] uns ‘representantes’ (instâncias coletivas ou pessoas singulares) [que] marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade” (p. 23), o que significa que a presença institucional de uma editora, por exemplo, é capaz de gerar visibilidade e existência a um grupo, a uma classe, a uma comunidade e, até, a uma revista. Ainda nesse sentido, importa considerar que a literalidade do texto também “investe-se de uma significação e de um estatuto”, afinal “as formas produzem sentido” (Chartier, 1991, p. 178). Por isso, o autor discorre acerca dos protocolos de leitura que consistem em conjuntos de dispositivos que influenciam no processo de leitura e de aquisição de sentidos. Os protocolos de leitura, segundo Chartier (1991, p. 96-7), são constituídos por dois conjuntos: de um lado, o procedimento de produção de textos e, de outro, o de produção do material onde o texto circulará. Nas palavras do autor,

Com efeito, podemos definir como relevante à produção de textos as senhas, explícitas ou implícitas, que um autor inscreve em sua obra a fim de produzir uma leitura correta dela, ou seja, aquela que estará de acordo com sua intenção. Essas instruções, dirigidas claramente ou impostas inconscientemente ao leitor, visam a definir o que deve ser uma relação correta com o texto e impor seu sentido. Elas repousam em uma dupla estratégia de escrita: inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas, que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo a boa leitura. (...)

Mas essas primeiras instruções são cruzadas com outras, trazidas pelas próprias formas tipográficas: a disposição e a divisão do texto, sua tipografia, sua ilustração. Esses procedimentos de produção de livros não pertencem à escrita, mas à impressão, não são decididas pelo autor, mas pelo editor-livreiro e podem sugerir leituras diferentes de um mesmo texto. (Chartier, 1991, p. 96-7)

Tanto os textos componentes de *Vida Juvenil* quanto o suporte, as cores e as ilustrações também concorriam para a representação que buscavam simular e para a compreensão do que almejavam transmitir, inscrevendo chaves interpretativas aos seus leitores e respeitando sua historicidade. Observe-se a capa de 15 de dezembro de 1954.

Figura 57 – Capa de 15 de dezembro de 1954 de *Vida Juvenil*



Fonte: *Vida Juvenil*, ed. 113, 15 de dez. 1954, capa. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

A capa, segundo a abordagem adotada por Genette (2009), é classificada como um paratexto editorial. De acordo com o autor, os paratextos se referem aos elementos periféricos constituintes do livro (que, dados os limites, podem ser associados, também, às revistas), como a capa, a contracapa, as ilustrações, as notas, dentre outros. Eles ampliam o sentido do livro, garantindo, ainda, presença e visibilidade na vida social. Silva e Soares (2016), por sua vez, salientam que a capa é capaz de “criar [uma] identidade e incitar à leitura” (p. 195), o que demonstra a relevância atribuída a elas. As capas de *Vida Juvenil* seguiam certa regularidade: em janeiro, costumavam celebrar o aniversário da revista; ao longo dos outros meses, selecionava-se algum conteúdo da edição para destacar, principalmente as HQs com ênfase em um herói ou em um vilão; e em dezembro, elaboravam capas com o tema de Natal e faziam propaganda do Almanaque a ser publicado. Não à toa, foi escolhida uma capa natalina, uma

vez que, no geral, as capas de dezembro evidenciavam representações de cunho religioso e familiar. Na imagem destacada, vê-se, em primeiro plano, um homem branco, magro, de cabelo alinhado e bem-vestido, lendo o Almanaque de *Vida Juvenil*. A capa do almanaque traz duas crianças brancas, magras, com a menina lendo e o menino brincando. As crianças estão na frente de uma árvore de Natal, assim como o homem da capa da revista. No verso do almanaque, vê-se a propaganda do achocolatado *Toddy* com a inserção de um homem representado como um herói, sob o título “Homenagem ao Campeão” e com o dizer “Ele toma *Toddy* todo dia!”, dando a entender que *Toddy* seria a bebida dos campeões. Ressalte-se que o homem veste uma camisa social por dentro de um suéter nas mesmas cores do “campeão de *Toddy*”, de modo a chamar a atenção o fato de o tipo de roupa não ser o característico do Brasil. A roupa parece ser inspirada nos moldes do Hemisfério Norte, onde o Natal acontece durante o inverno. O Brasil, por sua vez, encontra-se no alto verão, o que não justificaria a roupa representada. Em segundo plano, observa-se um fundo com um tom forte na cor azul, a expressão “Boas Festas” e uma grande árvore de Natal. No canto esquerdo da imagem, em primeiro plano, retrata-se uma vela queimando e, no canto oposto, um laço de tamanho mediano com a assinatura do ilustrador Antônio Pacot¹⁴⁷.

Em um primeiro olhar, ao se observar as seções reunidas em *Vida Juvenil*, veem-se os principais objetivos de se publicar e fazer circular o periódico, tais como o de educar, divertir, instruir, oferecer conhecimentos gerais e “úteis” e conselhos profissionais aos jovens leitores. Contudo, um olhar mais apurado também é capaz de considerar outros objetivos, como o de manutenção do *status quo*, quando se repara na desigual relação entre a quantidade de colaboradores homens e mulheres, por exemplo; a conformação do gosto, do estético e do *distinto* (Bourdieu, 2007); a intenção de se colocar a revista como pioneira e relevante em determinadas práticas (como quando os editores se intitulam “uma revista em tudo diferente das outras que julgam satisfazer os anseios da mocidade” (*Vida Juvenil*, ed. 164, 1º de jun. 1957, p. 1)), na busca por se representarem como uma revista importante no círculo cultural, social e editorial, valorizando, igualmente, aqueles que contribuíssem com ela.

Este capítulo tenciona, assim, examinar algumas das representações mais evidentes em *Vida Juvenil*, buscando descortinar modos de operação idealizados pelo corpo editorial.

¹⁴⁷ Trata-se de Antônio Pacot, ilustrador de capas e seções de *Vida Juvenil*. Na capa em análise, sua assinatura está de difícil compreensão. Porém, em outras capas e nos sumários fica nítido que se trata de Pacot. Segundo o *Guia de Quadrinhos*, o desenhista atuou de maneira mais recorrente no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1950 e 1960, em especial na editoras Vida Doméstica e Rio Gráfica Editora (RGE), criada em 1952, por Roberto Marinho. Informações disponíveis em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/artista/antonio-pacot/6715>. Acesso em: 20 de dezembro de 2024.

Importou, para tanto, observar desde as variadas seções até as propagandas e a suposta correspondência realizada entre os editores e os jovens leitores, compreendendo que os elementos que conformam a revista são intencionais e passaram pela chancela daqueles que a assinaram. Dentre as diversas categorias representativas que se puderam observar¹⁴⁸, foram elencadas três para compor o capítulo por duas razões: 1) o interesse maior para o campo em que esta tese se localiza – o da Educação, com ênfase na História da Educação; e 2) maior recorrência no âmbito da revista.

No que diz respeito à segunda razão, destaque-se que, ao se analisar o ciclo de vida da revista, observou-se que em todas as edições foram identificados discursos com o teor de pelo menos uma das categorias elencadas.

Quadro 16 – Categorias analíticas que compõem o capítulo 3

Educação e instrução dos jovens
Trabalho e trabalhador jovem
Relação jovem rebelde com jovem ordeiro

Fonte: A autora, 2024.

Como salientado anteriormente, na tese, dividiu-se *Vida Juvenil* em três fases, sendo a primeira de 1949 a 1951; a segunda, de 1952 a 1956; e a terceira, de 1957 a 1959, de acordo com os conteúdos observados. A primeira e a segunda fases, a despeito das diferenças em relação aos colaboradores e a alguns conteúdos, tinham a educação e a instrução como elementos convergentes. A terceira fase, por sua vez, tinha a diversão e as Histórias em Quadrinhos como carros-chefes das edições, mas sem que se abandonasse a característica anterior. As principais seções dedicadas ao ensino de alguma disciplina escolar, por exemplo, deixam de circular em 1951, como *A Matemática Sorri para Você* (matemática) e *Modos de Falar* (português), sem haver substitutos para tais conteúdos. Do mesmo modo, a partir de 1952, vê-se uma diminuição na inserção do título “professor” nas seções (mesmo que fossem assinadas por um professor), inclusive o desaparecimento da coluna *Escrevem os professores*. Em relação aos suplementos, a *Revista do Clube Juvenil Toddy* deixa de circular em 1956 ao passo que a HQ *Dan Devil* passa a conformar a revista em junho do mesmo ano, também na

¹⁴⁸ A título de exemplo, outras categorias pensadas inicialmente foram “religião” e “higiene”.

condição de suplemento, reforçando a perda do caráter fortemente educativo e instrutivo de *Vida Juvenil* e a entrada, com maior destaque, para HQs, principalmente aquelas com heróis e vilões “menos humanizados”¹⁴⁹. Apesar das significativas mudanças ocorridas ao longo dos 10 anos de circulação, é possível identificar, por exemplo, na edição 184, de fevereiro de 1959, uma página intitulada *Ninoca na África*, na qual uma das atividades lúdicas indicava: “Complete, colocando as letras que faltam para formar 10 palavras iniciadas com a letra G” (*Vida Juvenil*, ed. 184, fev. 1959, parte de dentro da última folha). Torna-se evidente o caráter escolar da seção, mesmo em uma das últimas edições da revista, o que demonstra que esse tipo de teor se deu de maneira transversal ao seu ciclo de vida.

Do mesmo modo, a modulação do “bom caráter” dos jovens leitores também se desenvolveu no decorrer dos 10 anos de *Vida Juvenil*, tendo como principal veiculador de tais ideias as Histórias em Quadrinhos, fosse pela representação de um herói forte, “corajoso e audacioso”, como o *Falcão dos Mares*, fosse, também, a apresentação de determinados sujeitos ou fatos históricos dignos de serem destacados por meio de quadrinhos, como a coluna *Curiosidades do Cinema*. Nela, evidencia-se a história de June Allyson¹⁵⁰:

Aos 9 anos de idade, um pesado galho de um velho carvalho atingido por um raio caiu-lhe em cima, deixando-a inválida durante meses... Recusando-se a ser desenganada pelos médicos que diziam que ela não mais poderia caminhar, procurou fazer exercícios por conta própria. Depois, a conselho médico dedicou-se à natação, e por força de sua coragem, tornou-se campeã aquática, em sua cidade...

A história busca retratar um fato de superação e uma pessoa dotada de coragem, iniciativa, espirituosidade e otimismo, provavelmente como uma forma de transmitir tais valores e introjetá-los nos jovens leitores. Sigam-se, enfim, para algumas das interpretações empreendidas no capítulo.

¹⁴⁹ Utiliza-se este termo em consonância com o discurso de *Vida Juvenil* que caracteriza revistas e HQs com poucos humanos e “falsos heróis das aventuras criminosas” (*Vida Juvenil*, ed. 61, 1º out. 1952, p. 6-7) como ruins e de influência negativa na formação psicológica e de caráter do jovem.

¹⁵⁰ Trata-se do nome artístico de Ella Geisman, atriz estadunidense, nascida em 1917 e falecida em 2006 (Wikipédia).

3.1 Representações de uma juventude estudantil brasileira: educação e instrução em revista

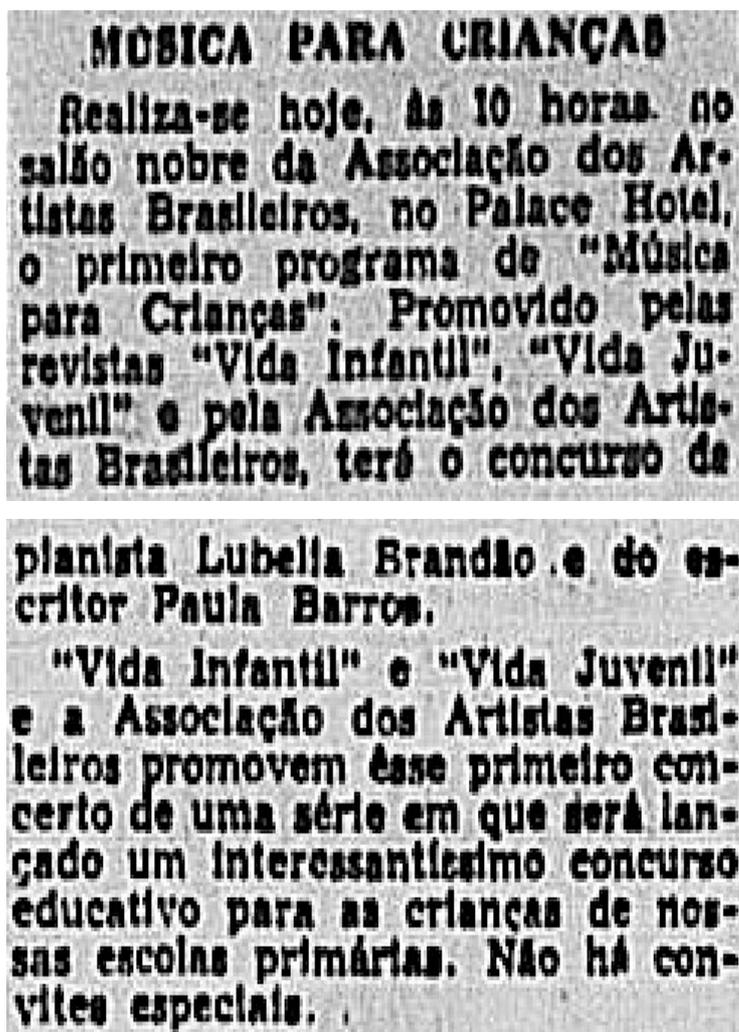
Dois pilares da composição de *Vida Juvenil* são a educação, compreendida de maneira ampla, e a instrução, de maneira estrita. De modo sumário, adota-se, nesta tese, a ideia de que a educação e a instrução se diferenciam em relação aos objetivos e ao modo de se constituir a revista. Se a instrução se associava ao ideário escolar, respeitando seus conteúdos, cultura¹⁵¹ e forma¹⁵², por exemplo, a educação assumia caráter mais amplo, considerando-se uma educação integral do sujeito – “dos sentidos, dos sentimentos e valores, na conformação do corpo e dos gestos, no desenvolvimento das faculdades espirituais” (Faria Filho, 1995, p. 110), sendo possível percebê-la transversal à toda construção de *Vida Juvenil*, tanto em relação à instrução quanto à prática profissional e à constituição de um sujeito ordeiro em contraposição ao desordeiro.

Esses aspectos se tornam evidentes tanto no espaço interno da revista quanto no que circulava fora dela, o que se evidencia em propagandas de jornais diários do período, como no *A Noite* (RJ) e no *Correio da Manhã* (RJ). A título de exemplo, este último noticia um evento promovido por *Vida Juvenil* e *Vida Infantil* voltado para a formação cultural das crianças intitulado *Música para Crianças*:

¹⁵¹ Segundo Julia (2001) e Faria Filho et al (2004), incide sobre um conjunto de normas e práticas realizadas numa unidade de configuração escolar, que respeita determinado tempo e espaço e a finalidade para a qual foi inculcada. Ao se considerar a instituição escolar, é possível pensar nos diversos contextos aos quais tal instituição já foi submetida, e que respeita a demanda da época da qual faz parte, seja para a igreja ou para o estado, seja num contexto de resistência ou de apoio ao sistema em voga, seja como dispositivo de mudanças ou de continuidades.

¹⁵² Conforme apresentado na introdução, Vincent; Lahire; Thin (2001) apontam que a forma escolar recai no estudo da configuração da unidade escolar em determinado tempo e espaço histórico. Os autores defendem que pensar a forma escolar engloba dois aspectos: a forma como se delinea a escola num tempo e espaço específico e a “formação” dessa unidade, a qual apresenta regras únicas e específicas e uma constituição organizada e “amarrada” (p. 10). Ademais, torna-se importante considerar, antes de tudo, que a forma escolar se trata de uma escolha social em torno de um modo de socialização em detrimento de outro(s) modo(s) de socialização (p. 11).

Figura 58 – Exemplo de evento de viés educativo promovido por *Vida Juvenil*



MÚSICA PARA CRIANÇAS

Realiza-se hoje, às 10 horas, no salão nobre da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, o primeiro programa de “Música para Crianças”. Promovido pelas revistas “Vida Infantil”, “Vida Juvenil” e pela Associação dos Artistas Brasileiros, terá o concurso da pianista Lubella Brandão e do escritor Paula Barros. “Vida Infantil” e “Vida Juvenil” e a Associação dos Artistas Brasileiros promovem esse primeiro concerto de uma série em que será lançado um interessantíssimo concurso educativo para as crianças de nossas escolas primárias. Não há convites especiais.

Fonte: Correio da Manhã, ed. 17364, 23 de out. 1949, p. 15. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

A promoção do evento convergia com os objetivos estabelecidos pelos editores de *Vida Juvenil*, pois, além de contar com a participação de um dos colaboradores da revista – o escritor Carlos Marinho de Paula Barros –, que escrevia sobre uma disciplina escolar (História), objetivava promover “um interessantíssimo concurso educativo para as crianças de nossas escolas primárias” (Correio da Manhã, ed. 17364, 23 de out. 1949, p. 15). Uma propaganda publicada no dia 04 de novembro de 1949, na página 17 da edição 17373 do *Correio da Manhã*, acrescenta que “juntamente com músicas de grandes compositores, há textos literários. São pequenas histórias educativas sob o ponto de vista musical e moral. Esses assuntos literários, ilustrados à maneira de cortinas teatrais, têm despertado vivo interesse às crianças”. A formação dos gostos artístico e literário e dos sentidos, com vistas a uma educação estética, fazia parte dos propósitos de *Vida Juvenil*, de modo a extrapolar as páginas da revista e a desfolhar na sociedade. A revista educava para a vida cultural, indo além do estritamente escolar.

O ALMANAQUE DA "VIDA JUVENIL"

Apareceu o almanaque da Vida Juvenil. Magníficas ilustrações a cores em papel "couché".

Com interessantes assuntos, Vida Juvenil realiza em seu Almanaque um conjunto que encanta.

Outro aspecto que deve ser vivamente aplaudido é o moral desses textos. Se há cousa que a nossa juventude necessita são esses formosos ensinamentos que devem alicerçar os belos caracteres brasileiros.

O Almanaque da Vida Juvenil apresenta trabalhos inéditos. (Correio da Manhã, ed. 17395, 1 de dez. 1949, p. 19)

Enfatize-se o terceiro parágrafo do excerto acima. Há, nele, o caráter moralizante e de ensinamento dos textos publicados no Almanaque de 1950 de *Vida Juvenil* – propagandeado em 1º de dezembro de 1949 no jornal *Correio da Manhã* – de maneira convergente aos discursos que eram veiculados na revista regular: “se há cousa que a nossa juventude necessita são esses formosos ensinamentos que devem alicerçar os belos caracteres brasileiros”. Ainda que não faça parte do horizonte da pesquisa analisar os almanaques, importa cotejar tais produções.

Um exemplo interessante de texto de cunho moralizante e edificante de *Vida Juvenil* intitula-se *Coragem em face do perigo!*, presente na edição 43, de 1º de janeiro de 1952. No exemplo, é representado um menino de 11 anos, chamado Eduardo Green, que, corajosamente, salvou seus irmãos da casa que estava pegando fogo. Na imagem inicial, vê-se uma espécie de pergaminho anunciando a história do rapaz, onde é possível ler, com realce, os dizeres “Certa vez... Eduardo Green, de onze anos de idade, estava em casa... dormindo na sala da frente...” e “Honra ao mérito conferida a um garoto que salvou três”, cujo destaque é dado à imagem que “queima” o papel, representando o menino protagonista e a fumaça do incêndio a que sobreviveu. Em formato de HQ, cujo ilustrador não é informado, são narrados os momentos em que Eduardo se dá conta do incêndio e decide quais passos tomar para salvar sua irmã e as outras crianças que estavam na casa. Por seu ato de bravura, é premiado com uma medalha de honra ao mérito, cujo conteúdo é “e por seu feito heroico, a Eduardo Green é oferecida uma medalha de Honra ao Mérito”. O enredo destaca aspectos do caráter da criança, sugerindo que fossem reproduzidos pelos jovens leitores, como a coragem, a solidariedade, a compaixão, o amor para com o próximo, em especial para com os familiares, a agilidade e a iniciativa em salvar os mais indefesos sem hesitar.

A história de Eduardo Green compõe a seção *Heróis da Vida Real*, que visava expor casos em que sujeitos comuns tivessem agido como heróis, na perspectiva do corpo editorial. A seção teve circulação longa, de novembro de 1949 a novembro de 1955, apesar de ter tido lacunas ao longo dos anos, principalmente em 1953, que teve apenas uma publicação, mas

retornando com certo destaque em 1954, ao criarem o *Concurso “Heróis da Vida Real”*. Na propaganda intitulada *Atenção, leitor! Seja VOCÊ um repórter de Vida Juvenil!*, presente na edição 96, de 1º de abril de 1954, o editorial inicia destacando a inserção de *Heróis da Vida Real* pelos seis anos anteriores, enfatizando que “Vida Juvenil tem orgulho de ter sido a primeira revista, em todo o Brasil, a publicar, em quadrinhos, as histórias destes modestos ‘heróis da vida real’”, (...) uma seção especializada em contar os feitos destemerosos em situações difíceis da existência cotidiana”. A revista faz a propaganda, enfim, do concurso:

Um grupo de leitores nos fez diversas sugestões a respeito, pedindo mesmo que lhes fosse permitido enviar histórias verdadeiras para serem adaptadas em quadrinhos. Para permitir que todos possam colaborar, instituímos o CONCURSO HEROIS DA VIDA REAL. *Este concurso tem por objetivo incentivar todos aqueles jovens que têm a vocação para a arte de escrever, através de reportagens e narrativas, preparando-os, pois, para virem a ser grandes escritores ou jornalistas.* Para a seleção das histórias que nos forem enviadas, adotamos o seguinte critério:

1) a narrativa deve ser enviada da melhor forma possível em matéria de a) fidelidade, sem exageros, admitindo-se apenas hipóteses sensatas e ficção discreta. b) quantidade de detalhes (data, nomes, profissões, idades, etc.) c) informações do lugar onde se deu o feito, se possível acompanhadas de desenhos ou fotos. d) dados sobre os principais personagens; na impossibilidade de conseguir fotografias, descrevê-los, dando referência do tipo, altura, trajes, etc. 2) É imprescindível que, além de ser observado o item 1, sejam reme tidos recortes de jornais alusivos ao incidente, assim como o nome da publicação, data e localidade, recortes esses que serão a prova da autenticidade do fato. 3) O leitor que tiver o seu trabalho aproveitado em VIDA JUVENIL terá o seu retrato publicado na primeira página da história adaptada em quadrinhos. 4) Será conferido um prêmio de estímulo de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros) ao autor do trabalho aproveitado. (Vida Juvenil, ed. 96, 1º abr. 1954, p. 16)

Vida Juvenil apostava em mais uma sessão colaborativa que oferecia prêmios – neste caso, em dinheiro (Cr\$100) – e buscava incentivar uma escrita de maior qualidade e de cunho mais “profissional” por parte dos jovens colaboradores, em especial daqueles “jovens que têm a vocação para a arte de escrever, através de reportagens e narrativas”, com vistas a prepará-los “para virem a ser grandes escritores ou jornalistas”. Não era incomum o incentivo a práticas profissionais no âmbito da revista. O corpo editorial aproveitava diversas oportunidades para educar, instruir e incentivar os jovens a trabalharem.

Observe-se o modo como *Vida Juvenil* utilizava histórias que além do caráter moralizante, também apresentassem um cunho tradicional, no sentido de valorizarem “grandes” feitos e sujeitos “heroicos”, conforme o ensino de História previsto no período. Tal característica pode ser localizada em outros espaços da revista, como em *Heróis anônimos do Brasil*, *Quadros Brasileiros*, *Vultos Históricos*, *História de Nossa América* e *Quem Somos?*. À

exceção do primeiro, os outros exemplos evidenciam o investimento em discursos que servissem de inspiração aos jovens consumidores à luz dos “homens do passado”, com vistas a inculcar “ideias, valores e costumes [que] deveriam professar, praticar e cultivar” (Albuquerque Júnior, 2012, p. 25). Bittencourt (2008, p. 149), por sua vez, destaca que a escrita da História tradicional se pautava na apresentação de “muitos fatos memoráveis da história nacional (...) feitos de valor, provas de amor à pátria, rasgos de desinteresse, exemplos de virtudes, atos de piedade (...)”, característica amplamente observável em *Vida Juvenil* ao longo dos seus 10 anos de ciclo de vida.

Outros exemplos sobre a formação educativa e instrutiva dos jovens vislumbrados pelo corpo intelectual se destacam. Um dos primeiros textos de *Vida Juvenil*, publicado na terceira edição, em março de 1949, é *Como se deve estudar*, de autoria do professor Antonio Gomes Penna, colaborador esporádico do periódico. Como se observou no capítulo dois, a presença de professores escrevendo para *Vida Juvenil* era significativa, o que demonstrava o viés educativo e instrutivo da revista. No texto, Penna destaca a importância de se saber estudar, para além de possuir “inteligência elevada e aplicação ao estudo” (*Vida Juvenil*, mar. 1949, p. 73).

No material, há duas imagens, uma na parte superior do texto e outra na parte inferior, que corroboram com as ideias do texto e, ainda, “ensinam”, a partir da técnica visual: mostram como o corpo e a postura também possuem papel importante no ato de estudar, de maneira a incentivar a imitação dos moços retratados nas imagens.

Figura 59 – Representação de jovem estudando 1



Fonte: *Vida Juvenil*, ed. 3, mar. 1949, p. 73. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Figura 60 – Representação de jovem estudando 2



Fonte: *Vida Juvenil*, ed. 3, mar. 1949, p. 73. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

A reflexão a partir do artigo em tela amplia-se ao se considerar os modos de aquisição dos conteúdos levantados por Penna, que indicava, por um lado, levar em consideração o ambiente de estudo; e, por outro, o “próprio indivíduo que vive a experiência do estudo”. As

análises desenvolvidas por Bourdieu (2007) permitem acrescentar outras duas maneiras: a partir do meio familiar e/ ou do meio escolar, embora seja possível ampliar para o meio cultural, como se depreende da revista em análise.

Outro artigo que trata da educação do jovem é *Vestibular na Grécia Antiga*, de maio de 1949, assinado pela professora L. Gustavini. Ele versa sobre um suposto vestibular na Grécia antiga, talvez como incentivo ao ingresso no nível superior de ensino, destacando aspectos morais e físicos do “homem integral” daquele período, como ao salientar o momento da “prece matinal”, do isolamento para “minucioso exame de consciência” e das reuniões dedicadas “à música, aos cânticos, às danças e à ginástica”. A autora continua: “banhos e aspersões lhes restabeleciam o equilíbrio orgânico, perturbado pelo exercício físico, mas necessário à boa conservação corporal. Chegava, enfim, a hora destinada ao estudo, às cogitações sérias, às sábias lições do mestre”. Ao evidenciar as representações dos homens daquela época, como homens sãos, mental e fisicamente, organizados e obedientes, percebe-se uma nítida forma de inculcar tais valores nos leitores, ainda que o processo de apropriação seja extremamente complexo. Nas palavras de Chartier (2002), “os textos (...) não se inscrevem no leitor como o fariam em cera mole”, uma vez que os leitores assumem posição ativa e constroem sentido diante daquilo que leem (p. 25). A professora e autora do texto, L. Gustavini, destaca, afinal, a dificuldade de a mocidade leitora entrar em estabelecimentos de ensino superior, comparando com o ingresso em um “instituto pitagórico”, que, a despeito das diferenças, era, supostamente, bastante difícil, mas que, de acordo com a autora, “com resiliência e inteligência” os moços seriam capazes de realizar e serem admitidos no instituto, assim como os supostos jovens leitores fariam para entrar na faculdade.

Outro artigo interessante sobre representações juvenis veiculadas em *Vida Juvenil* se intitula *Saber esperar*, de junho de 1950, assinado pela professora Virginia S. Dantas, também de colaboração esporádica, que compõe a seção *Lendo e Aprendendo*. O texto chama a atenção não só pela imagem central, que busca representar um sujeito mais velho – um “sábio”, em potencial – que parecia estar dando conselhos aos mais novos, mas também pelo teor moralizante e de educação das mentes, dos corpos e dos gostos. A autora incentiva, com recorrência, os atos de estudar, de buscar “ampliar o horizonte intelectual”, de “conservar” a sensibilidade, o espírito e o coração, sem deixar de mencionar, é claro, o trabalho, de modo que tais elementos concorrerem para uma “verdadeira higiene mental” (*Vida Juvenil*, 1950, p. 75-6). Evidencie-se a importância atribuída ao crescimento intelectual, artístico, espiritual e laboral, de forma a produzir ordenamento, demonstrando a estrutura de poder da qual *Vida Juvenil* fazia parte e buscando manter e ampliar tal estrutura para seus leitores (Chartier, 2002).

No âmbito intelectual, Dantas sinaliza que “o que importa é aprender, estudar, lutar pela ampliação do nosso horizonte intelectual”; já no campo artístico, ressalta a importância de acreditar “nos sentimentos belos”, conservar o “entusiasmo criador”, o que remete ao ideário de uma educação estética no contexto republicano brasileiro (Veiga, 2015). Na esfera espiritual, a autora destaca a necessidade de se manter paciente, prezar pela maturidade, valorizar mais a observação e o estudo, sem precipitações e riscos de desistência diante dos percalços da vida. Advoga, enfim, sobre o “embriagante prazer” de escrever, pintar, estudar e trabalhar, buscando influenciar a conformação de um pensamento positivo em relação a tais atos. Enfatiza a forma como o trabalho “naturalmente” e invariavelmente chegará, bastando ao jovem esperar, já que, segundo Dantas, “teremos a vida inteira para produzir”.

A seção *Quem Somos?*, assinada pelo professor Ney Cidade Palmeiro, é repleta de representações à luz do que Chartier (2002, p. 20-1) defende em relação à ideia de que *a representação é capaz de colocar como concreto algo que se encontra, efetivamente, ausente* (grifos nossos). Charadas são um nítido exemplo dessa operação, pelo fato de, por meio de palavras, de signos, representarem uma imagem, seja um sujeito, um lugar, um período ou um evento histórico.

Um exemplo interessante pode ser encontrado nas páginas 69 e 70 da sexta edição de *Vida Juvenil*. A charada, cuja resposta possível é a palavra “escola”, a partir das representações elencadas¹⁵³, a define da seguinte forma: “desenvolvi-me ao lado da religião e no interior da família”; “sou, hoje, instituição indispensável em todos os povos civilizados”; “consideram-me, frequentemente, como a principal responsável pelo alto ou baixo grau de instrução de um povo, por esses ou aqueles aspectos da educação de uma sociedade”; “minha tarefa específica é incutir, nas crianças e adolescentes, como que ‘uma segunda natureza’, transformá-las em seres sociais, isto é, em personalidades integradas na sociedade (...)”. A representação de escola apontada por Ney Cidade Palmeiro é detalhada e traduz um pensamento da época, sobre o modo como a escola era a principal instituição formadora de sujeitos civilizados e sociáveis, assim como depositária de valores, princípios e conhecimentos dignos de serem perpetuados. Em uma espécie de “propaganda da escola”, o autor apresenta diversas representações deste espaço que, ainda que não cite seu nome, busca induzir os leitores a visualizarem e saberem do que se trata, transformando um objeto ausente em uma imagem presente (Chartier, 2002, p. 21).

Desde finais do século XIX, no período pós-abolição, vinham sendo previstas mudanças de estatuto da sociedade brasileira, de sorte que a escola assumia lugar de destaque nesse

¹⁵³ Apesar da procura, não foi possível localizar as respostas das charadas da seção *Lendo e Aprendendo*, nesta edição, o que significa que a resposta traduz o pensamento da autora.

processo. Em uma sociedade recém-saída do regime escravocrata e que buscava se firmar republicana, realocar os recém-libertos e os imigrantes que chegavam e inseri-los nos contextos político e cultural era tarefa imprescindível e a escola tornava-se o espaço em potencial para o projeto. Nas palavras de Hilsdorf, Warde e Carvalho (2004), “escolarizar a educação e a sociedade brasileiras nos confrontos – e não só nos moldes – da modernidade liberal imperial foi o mote e a obra por excelência dos republicanos entre as décadas de 1870 e 1890” (p. 147). Tal imaginário era recorrente nos anos consecutivos, em que pesem as inúmeras transformações do período, notáveis a partir das diversas reformas educacionais ocorridas entre finais do século XIX e 1945, em especial as empreendidas por Gustavo Capanema¹⁵⁴, Ministro da Educação e Saúde entre 1934 e 1945 (Hilsdorf, Warde e Carvalho, 2004)¹⁵⁵.

Vida Juvenil apostava, ainda, em uma seção de grafologia¹⁵⁶ intitulada *Mire-se na sua própria letra*, mantida por Francisco Leão¹⁵⁷. Iniciada na edição 19, de julho de 1950, a seção salientava o que se lê a seguir:

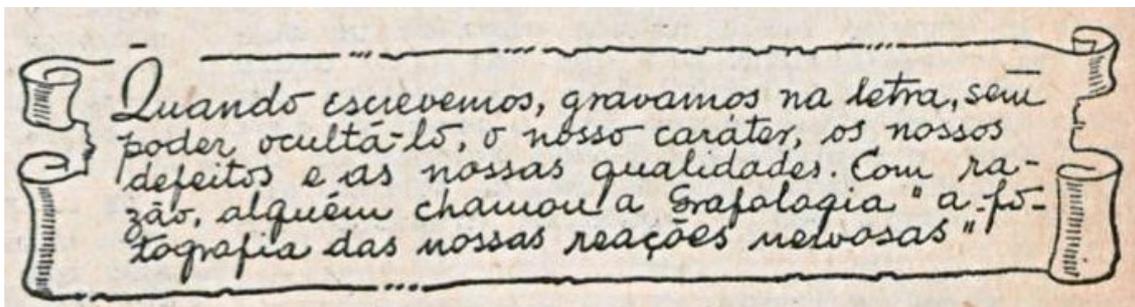
¹⁵⁴ Trata-se de Gustavo Capanema Filho nascido em 10 de agosto de 1900, em Pitangui (MG). Filho de Gustavo Xavier da Silva Capanema e de Marcelina Júlia de Freitas Capanema, foi bacharel em Direito e político atuante. A despeito dos diferentes cargos políticos que ocupou, destaca-se sua atuação como Ministro da Educação e Saúde do governo de Getúlio Vargas (1934-1945), tendo sido o político que por mais tempo ocupou o referido cargo. Faleceu aos 84 anos, em 10 de março de 1985, no Rio de Janeiro, deixando a esposa Maria de Alencastro Massot e dois filhos.

¹⁵⁵ Destaque-se, ainda, que a Constituição de 1946, instaurada após a queda do Estado Novo de Getúlio Vargas, previa a elaboração de um conjunto de diretrizes e normas basilares para a educação em nível nacional. Ao longo de 15 anos, entre 1946 e 1961, diversos foram os debates em torno da celeuma cuja culminância se deu com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 (Hilsdorf, Warde e Carvalho, 2004).

¹⁵⁶ Como esclarecia o próprio organizador da seção em *Vida Juvenil*, Francisco Leão, tratava-se de “útil ciência”, e não de uma “ciência de adivinhação pela qual se pode desvendar o passado, o presente o futuro”. E continua: “um grafólogo não é, em absoluto, um ‘diseur’ de ‘buena dicha’, mago, cigano ou qualquer outra coisa semelhante (...)” (*Vida Juvenil*, ed. 20, ago de 1950, p. 5). Assim, de acordo com a fonte, a grafologia “apenas exterioriza as tendências subconscientes” (*Vida Juvenil*, ed. 44, 15 de jan. de 1952, p. 37), por meio da análise da letra do sujeito, como no exemplo: “O seu grafismo revela controle dos sentimentos afetivos, força de caráter, alguma energia, reserva e discrição (letra vertical: predomínio da razão). (...) Compreensão, bondade, indulgência, impressionabilidade moral, dedicação, amabilidade, paciência e alguma resignação (grafia arredondada: doçura, fraca impulsividade) (...)” (*Vida Juvenil*, ed. 50, 15 de abr. de 1952, p. 37). Importa destacar, ainda, que a grafologia parecia estar em alta no período em tela, haja vista o fato de o tema também estar presente nas revistas *Fon-Fon* e *Jornal das Moças*, por exemplo.

¹⁵⁷ Não foram localizados dados precisos sobre o autor, por haver homônimos e poucas informações que confirmem que se trata do mesmo sujeito. Contudo, a partir de pesquisa realizada na Hemeroteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional, foi localizada, no *Jornal das Moças*, uma seção intitulada *Estudos Grafológicos* (1951-1953), cujo leiaute, modo de escrita e vocábulos utilizados se parecem com aqueles presentes em *Vida Juvenil*. A referida seção, porém, é assinada por D. Lestre – um possível pseudônimo de Francisco Leão, mas cujas informações não foram localizadas. Pondera-se, ainda, que o próprio nome Francisco Leão poderia ser um pseudônimo.

Figura 61 – Epígrafe de apresentação da seção *Mire-se na sua própria letra*



Fonte: Vida Juvenil, ed. 19, jul. 1950, p. 59. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Assim, Francisco Leão objetivava captar e ressaltar aspectos do *caráter* daqueles que tivessem interesse em descobrir o que a letra poderia revelar. De acordo com a orientação dada pelo editorial da revista, o caminho para ter sua grafia analisada consistia no seguinte:

Escreva, com sua caligrafia habitual, usando a pena de costume, um trecho de oito linhas de texto espontâneo, e assine-o com a sua assinatura costumeira. Use papel sem pauta e não utilize de artifícios para alinhamento da escrita. Preencha este cupom e remeta juntamente. Daremos as respostas em VIDA JUVENIL e VIDA JUVENIL AZUL, na ordem do recebimento. (Vida Juvenil, ed. 19, jul. 1950, p. 60)

A estratégia de elaboração das análises do autor facultava representações diversas. Francisco Leão redigia respostas complexas sobre o que supostamente analisava da grafia do jovem, cuja identificação não era revelada por dispor de pseudônimos. Observem-se dois exemplos componentes da mesma edição (36) para se pensar algumas representações interessantes.

No primeiro exemplo, Leão tece comentários elogiosos a um jovem chamado *Alegre*. Nele, destaca características consideradas positivas, como serenidade e bom humor, e que teriam forte relação com a educação recebida pelo sujeito, como “aspiração a coisas elevadas, esperança de sucesso ligada a um pouco de ambição” e, ainda, inteligência e “mentalidade desenvolvida para a pouca idade”, de modo a reafirmar o compromisso de *Vida Juvenil* no processo de incentivo à “boa educação”, formação moral e “consciência escrupulosa”, distinguindo, em certa medida, educação de instrução, uma vez que evidencia traços de caráter e comportamento sem atrelá-los a conteúdos escolares. Ao final, o grafólogo advoga que Alegre tem “consciência escrupulosa e boa formação moral em parte resultado da educação” (Vida

Juvenil, ed. 36, 15 de set. 1951, p. 48). Na mesma edição, Francisco Leão analisa a letra de outro interlocutor, mas, agora, uma mulher.

Na análise, à Maia, a leitora, é recomendado que fosse “uma boa dona de casa”. Leão assinala que ela seria alguém que, provavelmente, receberia propostas de casamento por seu “bom currículo”, que incluía valores de “grande lealdade e honestidade, sinceridade e discrição a par de grande calma”, além de ter “espírito lógico, analítico, positivo e sofista”. A indicação de atuar como “do lar” é colocada em contraposição a uma possível “carreira intelectual como a medicina ou mesmo a advocacia”, haja vista uma “evidente falta de interesse intelectual”, “comodismo e certa preguiça intelectual”, afinal, em Maia, “não existem ideias próprias nem qualquer originalidade, e a personalidade se evidencia despercebida, rotineira e parada” (Vida Juvenil, ed. 36, 15 de set. 1951, p. 48). A jovem analisada era dotada de organização, atenção e paciência, por um lado; por outro, desprovia de “pressa, rapidez de pensamento ou iniciativas imediatas e não previstas”. O recorte de gênero parecia influenciar na análise de Leão, ainda que atribuísse tais indicações à grafologia. Segundo ele, o caráter da leitora, que tinha entre 15 e 18 anos, já estava formado, muito por conta da educação recebida, retomando o valor atribuído à educação no processo de formação de caráter, embora pondere que este não seja o único fator de modulação do caráter. Caberia pensar a escola nesse processo? A família? Outros dispositivos culturais? A própria personalidade? Diversas são as possibilidades, mas tanto Francisco Leão quanto outros intelectuais de *Vida Juvenil* se interessavam em colaborar com a formação moral, educativa e, inclusive, profissional dos jovens leitores. Nesse sentido, os próprios jovens tornavam-se protagonistas. Um texto de um dos supostos sócios e colaboradores da *Revista do Clube Juvenil Toddy* (1953-1956), suplemento de *Vida Juvenil*, demonstra tal aspecto:

IDEALISMO

Sócio Moacyr Silva – Siqueira Campos – Paraná

A vida do estudante é impossível sem idealismo. É esse estímulo, que o encoraja e lhe enrije as fibras para encarar o estudo como uma tarefa nobre e nobilitante, que o dignifica perante o seu conceito como escolar dedicado e estudioso. O estudante não pode prescindir do estudo como o peixe da água, é a alma e sua razão de ser.

É justamente, à juventude, que não poderá faltar o idealismo.

É a juventude estudantil sadia, dotada de fibras inflexíveis, de força e de vontade, que se prepara, hoje, para dar os futuros homens de amanhã, assumir as responsabilidades, que os homens de cãs e impossibilitados de prosseguir nos afãs diários, lhes depositam nas mãos com firme convicção de que saberão continuar com galhardia a obra iniciada pela grandeza do Brasil. É a juventude, que hoje tagarela pelo caminho à escola, e em cujas veias borbulha o sangue fresco e puro, está se preparando com ardor para ser a sociedade ativa, quer física, quer moral, quer espiritualmente. Ela não se encostará

indiferentemente nas amuradas do comodismo ou do desleixo; mas viverá e atuará para zelar e engrandecer o patrimônio intelectual e material, que constitui nossa honra e soberania.

Ela, que hoje se dirige ao foco donde a luz irradia, a luz que aclara os tempos e as nações não se esquecerá da legitimidade e do inconfundível valor de nossos homens do passado, tais como Rui Barbosa, Castro Alves, Olavo Bilac enfim, a plêiade de homens admirados por todos aqueles que se ufanaram de serem filhos da terra do “Cruzeiro do Sul”.

Eles lhes servirão de exemplo, de modelo e de estímulo, e a inspiração, a juventude, sempre mais para aprender, a estimular e, conseqüentemente, salvaguardar o responsório das nossas tradições e a velar pela manutenção e engrandecimento das nossas letras, e a mocidade, enérgica e sobranceira do Clube Juvenil Toddy, deve evitar os vícios deterioradores de seu vigor, possuído do mais nobre idealismo, trilhará pela senda da dignidade e da honra para se mostrar altaneira para maior engrandecimento de nossa associação digna de nosso idealismo. (Revista do Clube Juvenil Toddy, ed. 37, 15 de out. 1954, p. 2)

O texto em tela, atribuído a Moacyr Silva, um jovem associado ao *Clube Juvenil Toddy*, ressalta diversas representações da juventude brasileira, em especial da “mocidade enérgica e sobranceira do Clube Juvenil Toddy”. A esse respeito, os estudos de Parada (2009a; 2009b), cuja ênfase recai no período do Estado Novo (1937-1945), concorrem com a ideia de uma formação de jovens “enérgicos e sobranceiros”, segundo os termos da revista. Nesse sentido, o autor focaliza as “cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo”, conforme subtítulo do livro *Educando corpos e criando a nação*, uma forma de demonstrar como uma agenda cultural vigorosa foi essencial para a manutenção do exercício de poder no regime autoritário de Getúlio Vargas. A reelaboração de um calendário de festas nacionais e a adoção de novas disciplinas escolares, como canto orfeônico e educação física, por exemplo, foram peças-chave na formação de uma população nacional unida e harmônica. Parada (2009) ressalta, ainda, estratégias de construção de uma nova cultura política e econômica que rumasse em direção à modernidade, à soberania, à ordem e aos valores patrióticos. Ainda que se trate de período anterior, no que concerne à propagação de ideias e valores não é possível estabelecer uma origem e um fim exatos, no curso do tempo, em especial ao se considerar que, até agosto de 1954, dois meses antes da publicação do excerto na Revista do *Clube Juvenil Toddy*, Getúlio Vargas era o presidente em exercício¹⁵⁸.

No excerto, há, outrossim, um apelo em relação à importância dos estudos e de uma conduta socialmente considerada sadia, haja vista a ideia de que os jovens seriam o futuro da

¹⁵⁸ Ressaltem-se, contudo, as diferenças em relação ao modo de atuação política de Getúlio Vargas. De maneira breve, o Estado Novo foi o governo ditatorial comandado por Vargas entre 1937 e 1945. Já em 1951, retorna ao poder por meio do voto direto do povo, se mantendo na presidência até agosto de 1954, quando da culminância do seu suicídio (Parada, 2009; Castro, 2013).

nação, aqueles que continuariam o processo de engrandecimento do Brasil iniciado, outrora, por sujeitos de relevo, como Rui Barbosa, Castro Alves e Olavo Bilac. Ao jovem, caberia se dedicar aos estudos e a tudo aquilo que fosse fazê-lo se desenvolver conforme o que era socialmente esperado e aceito, para que, futuramente, chegasse ao mercado de trabalho e realizasse suas atividades “com responsabilidade e coragem”. Com passagens de teor nacionalista, como em “ela [a juventude] (...) não se esquecerá (...) da plêiade de homens admirados por todos aqueles que se ufanaram de serem filhos da terra do ‘Cruzeiro do Sul’”, Moacyr Silva faz uma intensa propaganda do ato de estudar, como em “o estudante não pode prescindir do estudo como o peixe da água, é a alma e a sua razão de ser”, corroborando com grande parte do escopo de ambas as revistas: *Vida Juvenil* e a do *Clube Juvenil Toddy*. O estudo, contudo, não deveria vir sozinho. A educação seria o caminho para formar o jovem para o pleno exercício laboral: “e a juventude, que hoje tagarela pelo caminho à escola, e em cujas veias borbulha o sangue fresco e puro, está se preparando com ardor para ser a sociedade ativa (...)”. Observem-se, assim, representações sobre essa juventude idealmente ativa e pronta para servir à pátria.

3.2 Representações de trabalho e de trabalhador jovem em revista

Seja você um engenheiro, um médico, um advogado,
ou um simples profissional, (...) seja um profissional
no verdadeiro sentido da palavra,
um profissional que ame a carreira que abraçou,
para ser um homem de vontade e caráter
dinâmico que erguerá este Brasil tão pobre em homens de fibra.
Pense bem, jovem; você é a esperança do Brasil.

Revista do Clube Juvenil Toddy, ed. 68, 1º fev. 1956, p. 2

Desde o primeiro olhar em *Vida Juvenil*, é possível perceber a relevância atribuída ao trabalho, em consonância com o estudo, em razão da seção *Escolha sua profissão*, entre a segunda e a vigésima quarta edição da revista (de 1949 a 1950), embora não se atenha a ela. Evidencia-se, na revista, e, em especial nessa seção, a associação entre o trabalho e a moralidade, de sorte a *moralizar o indivíduo pelo trabalho*, conforme ideário que se vinha construindo desde o século XIX (Chalhoub, 2012). Nesse sentido, era cabível a inserção de

seções que tratassem do mundo do trabalho, com vistas a inculcar, paulatinamente, o gosto pela atividade profissional e a aversão à ociosidade.

Um exemplo retirado da seção *Quem Somos?*, de Ney Cidade Palmeiro, é esclarecedor. No fragmento, Palmeiro descreve o “trabalho”, segundo resposta da revista, por meio de diferentes caracterizações positivas, tais como “fonte eterna de alegria, de consolo, de redenção”, “afasto dos vícios, dos pensamentos perturbadores; ajudo os transviados¹⁵⁹ a se reintegrarem no caminho certo; evito as consequências previsíveis do ócio”, comparável, inclusive, “a um suave hino de amor”, em contraposição à imagem que acompanha a descrição.

Figura 62 – Ilustração da charada, cuja resposta é “trabalho”



Fonte: Vida Juvenil, ed. 16, abr. 1950, p. 74. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

A figura anterior traz a lume o período de escravização no Brasil. O autor ressalta que o trabalho escravizado não seria o problema, mas sim, os povos que empregaram esta prática, haja vista que o trabalho jamais poderia ser visto como algo nocivo. Torna-se evidente a busca por se representar o trabalho, e, por extensão, o trabalhador, como um conceito e uma prática digna, importante e benéfica para o indivíduo e para a sociedade, tanto na construção de monumentos e obras-primas quanto na realização de tarefas “humildes”. Nesse sentido, Palmeiro toca em um ponto nevrálgico da História do Brasil: o modo como o ideário de trabalho foi construído tendo como base o modelo escravocrata, de caráter, necessariamente, violento, humilhante e repugnante. Além disso, Chalhoub (2012, p. 59-60) assinala o fato de a História do Trabalho no Brasil ter sido estruturada a partir de conflitos e desavenças entre imigrantes –

¹⁵⁹ Ainda que não seja a ênfase neste momento, o tópico a seguir versará sobre a discussão entre jovens ordeiros e rebeldes, que, no período recortado, isto é, na década de 1950, eram, frequentemente, referenciados como jovens transviados (Santos, 2013). O termo empregado por Palmeiro reflete, portanto, uma questão em pauta no período de circulação da revista, embora não seja recorrente no periódico. A discussão será aprofundada no tópico terceiro do capítulo em curso.

especialmente portugueses – e brasileiros não-brancos, gerando rivalidades nacionais e raciais profundamente introjetadas no imaginário popular.

No nível das mentalidades e atitudes populares, isto significava que muitas vezes a igualdade de situação de classe entre portugueses e brasileiros pobres ficava obscurecida pelo ressentimento mútuo: o imigrante trazia de sua terra natal – e reforçava ainda em terras tropicais – sua concepção de ser racial e culturalmente superior aos brasileiros pobres de cor; e estes, por outro lado, para quem a escravidão era ainda um passado bastante recente, ressentiam-se dos brancos em geral e, mais ainda, dos imigrantes, que vinham chegando ao Rio de Janeiro em grandes levadas desde os últimos anos da Monarquia, abocanhando boa parte da fatia de empregos disponíveis na cidade (Chalhoub, 2012, p. 60-1)

A desigual relação entre a extensa oferta de mão-de-obra e as escassas oportunidades de emprego no período de transição para o modelo capitalista também foi um problema, uma vez que provocava a competição entre os trabalhadores, principalmente entre os recém-libertos e os imigrantes recém-chegados. Tal quadro colaborava para o surgimento e aumento daqueles que se tornavam “ambulantes, vendedores de jogo de bicho, jogadores profissionais, mendigos, biscateiros etc.” (Chalhoub, 2012, p. 62).

A despeito disso, Leticia M. Q. Santos também utiliza uma escrita elogiosa sobre o trabalho, tal como a de Palmeiro. Na coluna assinada por ela, intitulada *Escolha sua Profissão*, compara a história das profissões com contos de fadas, ao defender que

A história do Mundo das Profissões é uma história tão atraente e bela quanto as histórias das fadas e dos mundos encantados, onde a vida é sempre boa, os males não existem e os próprios objetos, sob a magia da varinha de condão, se transformam naquelas realidades maravilhosas, sempre melhores do que as que nós mais desejamos. O Mundo das Profissões, porém, não é [assim]; é uma realidade. A princípio, nos primeiros anos de sua existência, ele estava distanciado e você o veria longe, como o mundo das fadas; aos poucos, veio se aproximando, hoje está diante de si e, por fim, querendo ou não, você terá que decidir qual o rumo a seguir, pois é nele que todos nós temos que caminhar. (Vida Juvenil, ed. 2, fev. 1949, p. 58)

Santos argumenta que, diferentemente dos contos de fadas, o trabalho se trata de uma realidade que, necessariamente, passará a fazer parte da vida do jovem leitor, quem, idealmente, ainda não trabalha e é capaz de apenas se dedicar aos estudos. Além de buscar fazer uma espécie de propaganda da coluna, que ajudaria o leitor a decidir o caminho laboral a seguir, a autora ressaltava a iminência do trabalho, de forma que ninguém deixaria (ou deveria deixar) de

cumpri-lo, convergindo para uma caracterização do leitor idealizado: a de estudante que se convertia, paulatinamente, em trabalhador.

No que concerne à representação idílica do trabalho, tanto por parte de Palmeiro quanto de Santos, há que se problematizar. Chalhoub (2012), ao discutir a emergência das relações capitalistas no Brasil, assinala que o fim da escravidão e o advento da República incorreria em um projeto político e social de construção de uma *nova ideologia do trabalho*, uma vez que urgia a transformação do homem liberto, outrora forçado ao trabalho escravizado, e de imigrantes em trabalhadores assalariados. Como, até então, o único modelo de trabalho conhecido pelo crescente “povo brasileiro” era o escravocrata,

Era necessário que o conceito de trabalho ganhasse uma valoração positiva, articulando-se então com conceitos vizinhos como os de “ordem” e “progresso” para impulsionar o país no sentido do “novo”, da “civilização”, isto é, no sentido da constituição de uma ordem social burguesa. O conceito de trabalho se erige, então, no princípio regulador da sociedade, conceito este que aos poucos se reveste de uma *roupagem dignificadora e civilizadora*, valor supremo de uma sociedade que se queria ver assentada na expropriação absoluta do trabalho direto, agente social este que, assim destituído, deveria *prazerosamente* mercantilizar sua força de trabalho – o único bem que lhe restava, ou que, no caso do liberto, lhe havia sido “concedido” por obra e graça da lei de 13 de maio de 1888. (Chalhoub, 2012, p. 48. Grifos nossos.)

Logo, o esforço dos detentores do capital do último quartel do século XIX visava instituir uma nova roupagem ao ideário de trabalho, com ênfase no de dignificação e civilização do homem e, por conseguinte, da sociedade, além da ideia de ser algo prazeroso, que traria retornos diversos, que não só o financeiro; o trabalho já não se daria mais de modo coercitivo, muito embora aquele que deixasse de fazê-lo sofreria sanções e seria vítima de coerções e controle social – em especial os das camadas menos favorecidas (Popinigis, 2023, p. 5). Não à toa, ainda em meados do século XX, instava a manutenção de discursos que elevassem o trabalho, colocando-o na posição de “princípio supremo” da sociedade, o responsável pelo despertar do sentimento nacionalista, rompendo com a “preguiça e a rotina associadas a uma sociedade colonial” (Chalhoub, 2012, p. 48), com vistas à conversão de uma nação mais aproximada aos costumes “civilizados” advindos do velho continente. Nesse sentido de formação e conformação de um único povo, o trabalho também possuía outro uso e representação. Se os homens livres (os libertos e os imigrantes) deveriam aderir ao trabalho assalariado, aqueles que não se adequassem seriam alvo de “vigilância e repressão contínuas exercidas pelas autoridades policiais e judiciárias” (Chalhoub, 2012, p. 47). Assim, cada indivíduo seria responsável por compor e fazer crescer o país, de modo que o ideário de nação

se conformaria em uma força estratégica na diminuição das diferenças. Ou seja, os homens livres fariam, agora, parte do povo brasileiro, o que os colocaria em pé de igualdade: a partir de um sentimento *imaginado* de nação e coletivo (Anderson, 2006), todos deveriam caminhar em prol do Brasil.

Leticia M. Q. Santos apresenta outra representação que deve ser examinada: a de “vencer na vida” através do trabalho. *Escolha sua Profissão*, assim como outras seções do periódico, contava com a estratégia de correspondência com o leitor. A autora incentivava a troca com seus leitores, com vistas a sanar dúvidas, ampliar conhecimentos e oferecer conselhos. Em uma dessas trocas, Santos aconselhava o seguinte:

Antonio, se você é filho único, dou-lhe um conselho amigo: o trabalho bem escolhido, na sua idade, é das coisas mais benéficas da vida. Se um patrão é intransigente ou arbitrário, outro não o será. Não desanime. Experimente outros trabalhos e há de encontrar finalmente um no qual se adapte. Isto melhorará consideravelmente sua situação, aliviará sua mãe, o fará vencedor (...). (Vida Juvenil, ed. 5, mai. 1949, p. 42)

No excerto, Santos incentivava que o jovem Antonio não deixasse de trabalhar e nem desanimasse em relação ao contexto profissional ao mesmo tempo em que elencava pontos positivos associados ao ato de trabalhar: a melhora da situação de vida, o suporte no espaço doméstico e a sua conversão em um “vencedor na vida”. Importa ponderar do que se trataria ser um “vencedor” pelo fato de trabalhar. Seria um vencedor, pois colaboraria com o progresso da nação? Ou, talvez, pelo fato de não se deixar levar pelo “ócio e pelos vícios”? De toda maneira, a ideia de representar o trabalho como um elemento de triunfo era uma estratégia a mais de persuadir o jovem da importância de tal atividade produtiva ao longo da vida adulta que se aproximava. Este tipo de pensamento traz ressonâncias de discursos e práticas apregoadas desde a Primeira República, quando da necessidade de formação de um corpo trabalhador pós-escravização em um país que se reconstituía como nação, na busca por uma transformação na concepção que se tinha do trabalho, colocando-o como algo bom e positivo (Chalhoub, 2012, p. 48), como se procurou assinalar linhas acima. Ademais, nas palavras de Moura (1994), “a exaltação ao trabalho está presente sobretudo na tentativa de fazer introjetar a atividade produtiva enquanto fator de integração do indivíduo na sociedade, enquanto fonte da cidadania” (p. 240). Decerto, o argumento da colaboradora de *Vida Juvenil* expressa seus pensamentos e seus anseios em relação à juventude que se convertia em trabalhadores; suas palavras denotam um ideário que parecia fazer sentido naquele tempo e espaço pela ordem vigente: o da relevância em trabalhar e prosperar através dele.

A citação de Santos revela, ainda, outro aspecto comumente aventado por *Vida Juvenil*: o da importância de se escolher corretamente uma profissão, com vistas a uma satisfação pessoal e à boa execução futura da prática escolhida. Nesse sentido, o discurso veiculado na primeira edição de *Escolha sua Profissão* aponta que “profissão mal escolhida [incorre em] insatisfação permanente, trabalho mal executado, prejuízos para a sociedade” (Vida Juvenil, ed. 1, jan. 1949, p. 30), o que justificaria, inclusive, a relevância de tal seção e seu consumo por parte dos leitores. Ainda na edição em destaque, a autora alega que

Aquele que bem exerce sua profissão, qualquer que ela seja, fá-lo com prazer, é dignificado e presta serviços inestimáveis à sociedade.
 No vasto campo das atividades humanas há algumas que seremos capazes de executar com perfeição; outras, apenas mediocrementemente; e outras só imperfeitamente.
 – Para mim, quais serão elas?
 É esta a pergunta que todo jovem deverá fazer antes de decidir sobre sua futura profissão. (Vida Juvenil, ed. 1, jan. 1949, p. 30)

Assim, tem-se início a seção *Escolha sua Profissão*, com a defesa de que o trabalho mal executado seria prejudicial ao sujeito e, mais ainda, à sociedade, uma vez que o trabalhador não o faria de maneira exitosa nem eficiente, não trazendo nenhum benefício ao país. Chalhoub (2012, p. 70), ao tratar da elaboração de uma nova ética associada ao trabalho, após a Abolição da Escravatura, já destacava a busca por criar uma ideologia que suscitasse um hábito sinônimo de prazer, de utilidade, de caráter, de devolução àquilo que a sociedade dá “de graça” ao indivíduo (como segurança, direitos, liberdade e honra), de tal sorte que deveria fazê-lo com amor, seriedade e em prol do desenvolvimento e ordenamento social (Chalhoub, 2012, p. 69-71).

Para tanto, as aptidões eram correntemente difundidas como fundamentais para a escolha laboral, ainda que o esforço e o meio do qual o sujeito fizesse parte também fossem importantes quando da “construção” de um “herói profissional” (Vida Juvenil, ed. 16, abr. 1950, p. 26). A questão do heroísmo profissional é apresentada em contraposição ao fracasso. Desse modo, ainda na primeira edição da revista, Santos se dedica a elencar alguns exemplos de profissionais que escolheram mal sua profissão, fracassando nela, e apontando algumas frases moralizantes e que causassem algum efeito no leitor, quais sejam, “Cuidado com a imaginação! Procure ver a realidade para saber o caminho a seguir”, “Não se prenda a decisões e entusiasmos de outros”, “Cuidado para que você não vá abrir os olhos quando já for tarde demais”, “O mundo de nossos avós não é o de nossos dias. Talvez a profissão de seu pai não lhe sirva”, “Não faça de sua vida um jogo de cara e coroa!” e “Procure conhecer-se melhor a

fim de decidir-se conscientemente!” (Vida Juvenil, ed. 1, jan. 1949, p. 31-34). A intelectual responsável pela seção ainda costumava elaborar perguntas, no formato de *quiz*, para que o leitor verificasse se tinha inclinação para determinada área profissional ou não¹⁶⁰. Segundo o teor da coluna, o Brasil precisava de “heróis” nas profissões e não de profissionais fracassados, arrependidos e infelizes, por isso, no texto, sugeria-se que a orientação sobre a escolha da carreira deveria iniciar já na adolescência.

Os discursos apregoados na seção alinhavam-se a outros observáveis na revista, de maneira geral. Era recorrente, por exemplo, o destaque atribuído a “heróis” da profissão, como o engenheiro Robert Fulton (Estados Unidos, 1765-1815), criador do navio a vapor, que tinha “desde a meninice aptidão para a mecânica” (Vida Juvenil, ed. 30, jun. 1951, p. 25) e o pintor brasileiro José Leandro de Carvalho (São João de Itaboraí, RJ, ca.1770 - Campos dos Goytacazes, RJ, 1834).

Conforme visto no tópico anterior, *Vida Juvenil* apostava, também, no exame da grafia dos jovens por meio da seção *Mire-se na sua própria letra*, de Francisco Leão. Ao longo dos quase três anos de circulação (entre julho de 1950 e abril de 1952, de maneira consecutiva, e com uma publicação remanescente em 1º de setembro de 1952¹⁶¹), Leão buscou mostrar as principais características supostamente observáveis nas letras das cartas atribuídas aos jovens leitores. Ao tratar dos elementos evidenciados nos manuscritos, diversas foram as representações construídas, abrangendo desde jovens considerados bondosos, compreensivos, indulgentes, de “impresscionabilidade moral” até os considerados inquietos, indisciplinados, sem autocontrole, egoístas, teimosos, passando pelo contraste entre sujeitos emotivos e racionais; “exagerados” e introspectivos.

Sublinha-se, nos discursos de Francisco Leão, a tentativa de variar as adjetivações, expor suas opiniões, fazer julgamentos de valor e oferecer conselhos, de maneira geral, a partir

¹⁶⁰ Um questionário presente na página 59 da edição 17, de maio de 1950, que trata do trabalho do químico (dentro e fora do magistério), elucida a orientação. Ao final das 20 perguntas, consta a orientação para a contagem dos pontos e aferição do resultado: “Atribua 1 ponto a cada resposta *sim*. ½ ponto a cada resposta *mais ou menos*. E 0 (zero) a cada resposta *não*. (...) *Resultados*: acima de 10 pontos – você poderá ser um bom químico; abaixo de 10 pontos – é preciso que haja ‘força de vontade’ para que você seja um bom químico. Se você não deseja verificar se poderá ser bom *professor* de química, abandone as perguntas 19 e 20 e então: acima de 9 pontos – você poderá ser bom químico; abaixo de 9 pontos – é preciso ‘força de vontade’. NOTA – Cada um dos trabalhos e atividades, em química, exige, no entanto, a predominância desta ou daquela aptidão entre as relacionadas acima.” (Vida Juvenil, ed. 17, mai. 1950, p. 59. Grifos do original).

¹⁶¹ Na edição 164 de *Vida Juvenil*, de 1º de junho de 1957, os editores da revista, na parte de correspondência da seção *Trocando Ideias*, alegam que *Mire-se na sua própria letra* “foi cancelada em virtude do... seu próprio êxito”. Segundo eles, “de uma feita fizemos um balanço nas cartas que estavam para ser atendidas e concluímos que, só a correspondência atrasada, daria para dois anos de publicação (...). Tal seria o atraso que melhor foi cancelar a seção.” (Vida Juvenil, ed. 164, 1º jun. 1957, p. 62). Não se sabe a veracidade de tal declaração, mas não houve mais a inserção da coluna a partir de setembro de 1952.

dos quais vê-se a indicação de possíveis profissões adequadas ao jovem de acordo com os traços grafológicos identificados. Em um exemplo constante no número 23 da revista, de novembro de 1950, Leão, por meio de diferentes elogios, como “boa vitalidade e ambição”, “sinceridade”, “grande prudência”, recomenda três possíveis profissões para um jovem de pseudônimo Dante: a de jornalista, jurista ou professor, ainda que necessitasse, para tanto, “um pouco mais de cultura”. Percebe-se, de tal maneira, a representação dos profissionais elencados: jornalistas, juristas e professores seriam sujeitos cultos, de “grande energia, ordem e método”, de “temperamento apaixonado”, com “forte sensibilidade e grande impressionabilidade” e, ainda, com “capacidade intelectual bastante desenvolvida e energia criadora ou organizadora” (Vida Juvenil, ed. 23, nov. 1950, p. 10). Tais caracterizações evocam um dos pressupostos de Chartier (2002, p. 19):

Pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objeto a compreensão das formas e dos motivos - ou, por outras palavras, das representações do mundo social - que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, *descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse* (grifos nossos).

Os discursos de Francisco Leão – extensíveis àqueles estampados na revista *Vida Juvenil*, de maneira geral – traduzem uma ideia de sociedade forjada no período, em especial ao que concernia aos grupos das camadas média e alta da sociedade, urbana e com acesso ao espaço formal de educação, conforme os modos como a identificavam e a compreendiam ou como ansiavam projetá-la. Assim, jornalistas, juristas e professores apresentavam ou deveriam ter as características elencadas.

O excerto a seguir, extraído de *Mire-se na sua própria letra*, discorre sobre possíveis características do leitor, com a indicação de uma provável área profissional futura. De acordo com Leão,

455 – Nº 18. A sua grafia inclinada para a direita e algumas vezes alevantadas significa luta da vontade (...) contra a sentimentalidade. (...) O fato de, algumas vezes, a sua letra ser corrida significa necessidade anormal de traduzir rapidamente o pensamento em palavras (...). (...) Espírito lógico, francamente intuitivo o que dá aptidão para as ciências exatas a par de faculdades artísticas e habilidades para o desenho. (Vida Juvenil, ed. 36, 15 set. 1951, p. 48)

Decerto, a seção de Leão não tinha como escopo indicar profissões aos leitores, por isso não o fizesse com tanta frequência, mas tais indicações iam ao encontro da ideia de “inclinação

natural” para determinada atividade profissional, uma vez que a grafologia intentava apontar características evidentes do sujeito. Assim, se tornava relativamente fácil apontar profissões ou campos do conhecimento que pudessem ser mais caros aos interlocutores da seção. Nesta tese, assume-se que *Vida Juvenil* pretendia se converter em um “pequeno mundo intelectual” (Gomes, 2004, p. 83), cujas páginas buscariam apresentar discursos convergentes e consensuais. Por isso, talvez importasse a Francisco Leão salientar, além de dados atitudinais, elementos relativos ao mundo do trabalho, reforçando o anseio do periódico em incentivar a prática profissional, principalmente em um período cujos debates em torno do trabalho estavam em alta, pelo menos, desde a instauração da República, mas que o “projeto trabalhista”¹⁶² do Estado Novo de Getúlio Vargas difundiu e implementou efetivamente (Gomes, 2005, p. 178).

O “projeto trabalhista” de Vargas, conceituado como Trabalhismo ou Getulismo (Ferreira, 2005), previa forte aproximação com as classes trabalhadoras, de modo a estreitar laços entre o Estado e os trabalhadores, valorizando as ações do governo em prol desta classe e o novo modelo de homem – cidadão trabalhador –, e a exaltar a figura de Vargas, por exemplo, para incentivar a prática profissional e produzir uma sensação de união e generosidade por parte do governo (Gomes, 2005; Beskow, 2004). A atuação de Alexandre Marcondes Filho¹⁶³ à frente do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (a partir de 1941) e do Ministério da Justiça, de 1942 a 1945, consistiu em importante baliza na construção e consolidação de tal imaginário trabalhista. Destaca-se, por exemplo, sua atuação como responsável por falar com o público brasileiro por meio dos programas radiofônicos *Hora do Brasil* (criado na década de 1930 sob o nome *Programa Nacional* e renomeado em 1938) e *Falando aos Trabalhadores Brasileiros* (1942-45), proferindo elogios ao governo e aos trabalhadores e recriando uma “forte ética do trabalho” em período próximo ao lançamento da revista *Vida Juvenil*¹⁶⁴. Outra estratégia que

¹⁶² Gomes e D’Araujo (1987), no livro *Getulismo e trabalhismo: tensões e dimensões do Partido Trabalhista Brasileiro*, discorrem acerca do conceito de trabalhismo que, diferentemente das ideias de trabalho e/ou “projeto trabalhista”, consistia, de maneira geral, em “uma ideologia política centrada na figura de Vargas, em sua obra social e no tipo de relação – direta e emocional – que ele prop[unha] manter com a classe trabalhadora, [e que] vinha sendo construída dentro do Ministério do Trabalho desde 1942”. Jorge Ferreira colabora com a definição ao advogar que: “O conjunto de leis de proteção ao trabalho, definido pelos assalariados, no início de 1945, de ‘trabalhismo’ ou ‘getulismo’ – nesse momento as expressões eram intercambiáveis –, tinha que ser defendido.” (2005, p. 30)

¹⁶³ Trata-se do paulistano Alexandre Marcondes Machado Filho, nascido em 3 de agosto de 1892, filho de Alexandre Marcondes Machado e Albertina Marcondes Machado, e de extensa carreira política. Bacharel em Direito, pela Faculdade de Direito de São Paulo, iniciou sua vida política em 1926 quando da eleição para a Câmara de Vereadores de São Paulo. Em 1939, teve sua primeira participação no Governo de Vargas, quando, a convite deste, assumiu a vice-presidência do Departamento Administrativo do Estado de São Paulo (DAESP). Em dezembro de 1941, também a convite de Vargas, Marcondes Filho assumiu a chefia do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. Diante de sua projeção no governo, acumulou a pasta do Trabalho com a da Justiça de 1942 a 1945 (Verbete Marcondes Filho, CPDOC/ FGV).

¹⁶⁴ Ressalta-se que há a compreensão de que *Vida Juvenil* não circulou durante o período do Estado Novo (1937-1945). Contudo, importou fazer alguns recuos temporais para se compreender contextos anteriores que, em certa

conformava o Trabalhismo e o Getulismo dizia respeito à criação de datas festivas de caráter cívico, tais como o Aniversário do Presidente Vargas, em 19 de abril, o Aniversário do Estado Novo, em 10 de novembro, e o Dia do Trabalho, celebrado no primeiro dia do mês de maio, desde 1938 (Gomes, 2005; Beskow, 2004; Parada, 2009). Na ocasião do primeiro Dia do Trabalho, Getúlio Vargas anunciou “o regulamento da lei do salário mínimo e assumiu o compromisso de, a partir de então, sempre ‘presentear’ os trabalhadores com uma realização na área da política social” (Gomes, 2005, p. 216). Sublinha-se, portanto, o motivo pelo qual a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) é “dada de presente” aos trabalhadores em 1º de maio de 1943 e colocada em vigor em 10 de novembro do mesmo ano – duas datas de relevo para o governo em voga¹⁶⁵. Não à toa, as estratégias políticas que conformaram o período Vargas o colocaram como o *pai dos pobres* (Gomes, 2005; Beskow, 2004). A esse respeito, Ferreira (2005) traz um excerto do *Diário de Notícias*: “a política trabalhista do ‘Estado Novo’ consistiu essencialmente em duas coisas: em procurar convencer a classe operária de que as leis sociais eram um presente do ditador, e em controlar policialmente as atividades dos sindicatos¹⁶⁶” (Diário de Notícias, 13 de março de 1945, p. 4 *apud* Ferreira, 2005, p. 23).

Como tem-se discutido, *Vida Juvenil* empregava diferentes discursos que dessem conta de três tópicos, em especial: 1) a importância do estudo e do desenvolvimento intelectual; 2) a necessidade e a dignidade do trabalho; 3) a “boa” modulação de caráter. Para tanto, por meio de estratégias diversas, veiculava seções divertidas (com charadas, palavras-cruzadas e piadas), contos, Histórias em Quadrinhos, curiosidades que contribuíssem com o crescimento moral e intelectual, suplementos, colunas de interação com o público e seções de conteúdo escolar, por exemplo. Contudo, observa-se um objetivo em comum, que exerce uma espécie de núcleo: a preocupação com a formação integral do jovem leitor, com vistas ao desenvolvimento de um sujeito cômico de sua responsabilidade perante a sociedade e que fosse contribuir com o engrandecimento do país, que, naquele momento, buscava consolidar a vida republicana. Os jovens, de maneira geral, eram considerados, em grande medida, como o “futuro da nação”, aqueles que fariam a república avançar, principalmente por meio do estudo e do trabalho.

medida, concorrerem para representações e simbolismos observáveis na revista. Foi, ainda, por isso, que houve a necessidade de se retomar o período pós-abolição e instauração da República, por ter sido um marco no que concerniu à forma de relação de trabalho – isto é, a capitalista –, que vigorava no período de circulação de *Vida Juvenil*.

¹⁶⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em 08 de outubro de 2024.

¹⁶⁶ Destaca-se que a questão dos sindicatos e dos associativismos foram considerados uma lacuna no âmbito de *Vida Juvenil*, o que justifica este tema não fazer parte dos limites desta tese. Sobre o assunto, consultar Ferreira (2005), Gomes (2005) e Xavier (2019).

Parada (2009), ao tratar das “cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo” (1937-1945), demonstra o modo como o governo de Getúlio Vargas, em especial no período, caracterizado por uma “disposição totalitária”, contava com “grupos intelectuais (militares, médicos, advogados, pedagogos, literatos etc.)” preocupados com “a recuperação ou regeneração do homem nacional”, por isso “o tema da formação ‘integral do homem brasileiro’ fazia parte do repertório de discussões da época [de modo que] as cerimônias cívicas eram um dos acontecimentos mais intensos para a dramatização e a espetacularização deste projeto de integralidade (...)” (Parada, 2009, p. 155). Com vistas ao objetivo, foram usadas diferentes estratégias discursivas, simbólicas e práticas, como a criação de determinadas datas festivas de caráter cívico, a supressão de outras e a adoção de novas disciplinas escolares, com ênfase nas de Canto Orfeônico e Educação Física.

Nesse sentido, não era de se estranhar que houvesse, ainda, outro discurso forte no periódico em análise: o de repúdio às práticas desordeiras, de vadiagem e libertinagem, e o de incentivo a atitudes de cunho conservador, produtivo, disciplinador e punitivo, principalmente em relação às mentes e aos corpos juvenis (Parada, 2009). Destarte, o último tópico do capítulo recai no apontamento e na análise de discursos presentes em *Vida Juvenil* que expressassem tais discursos, fossem de maneira diretamente opositiva ou que demonstrassem o favorecimento de determinada prática em detrimento de outra, de modo a esclarecer representações e ideários que permeassem a prática cultural de *Vida Juvenil*.

3.3 Educar e divertir; fiscalizar e reprimir: discursos de modulação juvenil

“Meu plano, Rogers,
é punir os malfeitores, os criminosos,
mas proteger as crianças, os jovens...”

Vida Juvenil, ed. 22, out. 1950, p. 34

Uma categoria-chave que se nota em *Vida Juvenil* refere-se à questão atitudinal do jovem, em especial à luz da oposição *rebelde* e *ordeiro*. Indicações de modos de ser e agir são contínuas na revista, de maneira a perpassar grande parte das seções – com destaque para *Modos*

de *Falar*¹⁶⁷; *Heróis da Vida Real*¹⁶⁸; *Heróis anônimos do Brasil*¹⁶⁹; além das máximas que apresentavam e das lições de moral advindas de Histórias em Quadrinhos e contos, como a da epígrafe anterior – e, até, das propagandas – como as de livros e brinquedos considerados “úteis”. A ideia de *utilidade* era frequentemente ressaltada no periódico, fosse no que dissesse respeito ao *sujeito útil* ou ao *conhecimento útil*. Como visto, em *Vida Juvenil*, a educação e o trabalho figuravam como peças fundamentais na constituição de um sujeito ordeiro, que valorizaria seu país, sua história e daria seguimento ao *status quo*, colaborando com a ordem social e o progresso da nação. Nesse sentido, práticas desordeiras, impulsivas e desrespeitosas eram vistas como problemáticas e necessárias de serem inibidas. Não à toa, discursos moduladores em prol de uma prática considerada “boa” e adequada aos jovens de maneira relacional àquelas “ruins” e que deveriam ser evitadas conformavam os enunciados da revista.

Um exemplo extraído da seção *Mire-se na sua própria letra*, de Francisco Leão, de março de 1951, cuja ênfase era o estudo grafológico, expõe elementos constitutivos de um jovem designado como “bem mauzinho”, tais como a impaciência e a impulsividade, o que poderia sugerir modos de ser e de não ser do jovem leitor (*Vida Juvenil*, ed. 27, mar. 1951, p. 11). Chama a atenção, outrossim, o pseudônimo do interlocutor: Mike. De origem na língua inglesa, Mike é a forma abreviada de Michael¹⁷⁰, que, embora este último possa fazer parte do meio social brasileiro, o primeiro é mais raro. Nesse sentido, Napolitano (2023) demonstra a influência dos Estados Unidos na invenção do jovem “rebelde” no período de circulação de *Vida Juvenil*, o que poderia ser visto com desconfiança por parte dos editores e colaboradores da revista. Por isso, questiona-se se o pseudônimo fora dado pelo suposto leitor ou pelo corpo editorial, como forma de associar determinadas características a um nome tipicamente norteamericano em um período de efervescência em relação ao que se considerava rebeldia e transvio.

¹⁶⁷ Seção assinada pela professora Lúcia Alvarenga, que visava ao ensino e ao reforço de língua portuguesa. Mais informações, verificar o capítulo segundo da tese.

¹⁶⁸ Seção contínua entre 1949 e 1957, mas atravessada por algumas lacunas periódicas, cuja ênfase recaía na apresentação, por meio de quadrinhos, de sujeitos que tivessem realizado atitudes de cunho “heroico” e possivelmente dignas de serem reproduzidas. De acordo com o periódico, a seção foi sugerida por um leitor e as histórias deveriam ser enviadas por “todos aqueles jovens que têm a vocação para a arte de escrever, através de reportagens e narrativas, preparando-os, pois, para virem a ser grandes escritores ou jornalistas” (*Vida Juvenil*, ed. 114, 1º jan. 1955, p. 2).

¹⁶⁹ Seção esporádica de circulação entre os anos de 1951 e 1954 e, após, em 1958, cujo teor se aproximava, em muito, de *Heróis da vida real*, mas que destacava pessoas do Brasil.

¹⁷⁰ Uma rápida pesquisa em *Vida Juvenil* revelou a ocorrência de 12 vezes quando inserida a palavra-chave “Michael”, sendo dois relativos a nomes de possíveis leitores e o restante como personagens de histórias. “Mike”, por sua vez, trouxe apenas duas ocorrências, sendo ambos personagens de história em quadrinhos de origem estadunidense.

Segundo Napolitano (2023, p. 15), o acesso aos produtos da indústria cultural é apontado como o principal responsável por comportamentos “rebeldes”. Em suas palavras, “ainda nos anos 1950, a figura do ‘jovem rebelde’, mistura de contestação e angústia existencial, foi rapidamente popularizada pelo cinema e pela música popular nos Estados Unidos, e se espalhou por outras sociedades influenciadas pelo *American Way of Life*”. Diversos foram os esforços em filtrar o que se chegava e era consumido pelos jovens no Brasil. Nesse intento, *Vida Juvenil* utilizava estratégias que pudessem afastar seus jovens leitores dessa “mídia perniciosa”. Na seção *Trocando Ideias*, de 1º de maio de 1954, Mário Hora Júnior, colaborador que assina a coluna, advoga que

Precisamos de ter uma conversa séria com vocês. Palavras de amigo para amigo, sem sombra de intenções, como é a norma de TROCANDO IDEIAS. Vamos ao caso: centenas de vocês vêm escrevendo, crivando-nos de sugestões que têm merecido toda a nossa atenção. Uns querem VIDA JUVENIL de formato maior, outros mais colorida, outros ainda lembram a criação de belas seções. Mas a verdade é que tudo isso representa despesas, gastos incompatíveis com o preço atual de VIDA JUVENIL [Cr\$3,00] (...) Qual a solução [para manter a qualidade da revista com o mesmo preço]? Reduzir o número de páginas de VIDA JUVENIL a 30 e tantas, a quarentas e poucas, como fazem as outras revistas para poderem sobreviver? Desistir definitivamente de fazer VIDA JUVENIL, *revista realmente da Juventude brasileira, não desses rapazes balofos, que tão mal colocam a mocidade atual, mas sim desses outros que estudam, que trabalham e que serão – afirmamo-lo nós – grandes homens amanhã? Tanto o jovem como a moça moderna não quer futilidade, trechos mal escritos, temas de instrução primária*. Com muita injustiça se critica a mocidade atual que corre todavia ao bom cinema, ao bom teatro (ela mesma fazendo um grande teatro brasileiro); mocidade que frequenta os bons concertos musicais (de que ela participa, diretamente, muitas vezes); mocidade que compra e lê os bons livros, que se preocupa com o mundo de amanhã que vem sendo moldado (e quanta vez mal moldado!) pelos homens sisudos que jamais perdoam ao jovem o menor deslize... O nosso dilema é este: ou ficamos nisto que temos, em risco, mesmo, de regredir, ou melhorar e dar algo de novo em matéria de leitura e temas à juventude do nosso Brasil. (...) (*Vida Juvenil*, ed. 98, 1º de mai. 1954, p. 1. Caixa alta do original; grifos nossos)

Além de se reafirmar os objetivos primordiais de *Vida Juvenil*, quais sejam, o de promover conteúdos de cunho escolar, educativo, de modo amplo, moralizante e de formação para o trabalho, faz críticas a produções culturais de qualidade “inferior”, segundo os editores, que divulgam “futilidade, trechos mal escritos, temas de instrução primária”. É possível supor que a futilidade se referisse a histórias (em quadrinhos ou em prosa ou conto) que se preocupavam em apenas entreter e fazer rir, sem prover ensinamentos ou conhecimentos “úteis” e “edificantes”. Infere-se, ainda, que a crítica em destaque se direcionasse a revistas juvenis

coetâneas, como *Gibi* (1939), *Globo Juvenil* (1937) e *O Lobinho* (1939), que focalizassem em HQs de origem estadunidense ou de teor violento, com super-heróis e aventuras “inúteis”.

Ainda sobre o tema da “rebeldia”, a publicação de 15 de abril de 1957 de *Vida Juvenil* inicia um debate sobre o assunto.

ROCK AND ROLL E OUTRAS COISAS MAIS...

Há anos que nos dedicamos aos problemas da juventude. (...)

Observando que **VIDA JUVENIL** não é revista de enorme tiragem como devia ser se a maior parte da nossa juventude estivesse à altura do que lhe oferecemos nesta revista, chegaríamos talvez à conclusão precipitada de que a maior parte dos jovens brasileiros preferem a literatura vulgar, a literatura puramente de quadrinhos. Se as histórias em quadrinhos forem de tema senão construtivo, mas simplesmente inofensivo, e se entre uma e outra história aparecem seções de texto com caráter educativo, a revista, para muitos jovens, passa a ser “enjoada”.

Enjoada por quê?

Não há apenas uma resposta. Existem várias. Mas a principal é a preguiça de ler e a aversão que acompanha o jovem mal formado em relação a tudo que “cheira” a educativo. Quanto a isso nem há dúvida, pois se eles foram educados como se o estudo fosse obrigação... *Rebeldes que somos na juventude*, ávidos de poder fazer tudo por nós mesmos, de mostrar que já somos alguém, não podemos conter um sentimento de aversão ao que nos parecer obrigatório. (...)

A essa altura dirão vocês: e o **rock and roll**, que tem a ver com isso?

Por enquanto nós estamos falando nas “outras coisas mais”. *Deixemos o **rock and roll**, a calça **blue jean** e a camisa vermelha ou de outra cor viva para depois. Não nos precipitemos em combater ou defender o que para nós são apenas símbolos. Mesmo porque nada vemos de corrupção em motonetas, cores berrantes para as roupas masculinas ou calças de brim forte, apesar de não termos aderido a nada disso.*

Esse prólogo, de pensamentos esparsos, servirá apenas para avisar a vocês que durante algum tempo aqui estaremos nesta página tratando desse assunto que movimentou os meios educacionais e principalmente os conservadores e puritanos. (...) (Vida Juvenil, ed. 162, 15 abr. 1957, p. 2. Caixa alta e negritos do original; Itálicos nossos)

No excerto anterior, Mário Hora Júnior, colaborador que assina a seção *Trocando Ideias*, demonstra certa frustração em relação ao consumo de *Vida Juvenil* quando em comparação a revistas contemporâneas que se dedicassem à oferta de uma “literatura vulgar, a literatura puramente de quadrinhos”, sem teor educativo ou construtivo. Ademais, tece breve comentário sobre aspectos característicos do movimento do “transvio”, nascido nos Estados Unidos e forte na década de 1950 (Napolitano, 2023). Torna-se evidente a ideia da vulgaridade, em oposição a um refinamento, quando da adjetivação das HQs, com ênfase naquelas sobre super-heróis, bandidos, crimes e violência. Nesse sentido, em concordância com Bourdieu (2007), esclarece-se que o apontamento do que é supostamente vulgar tenciona salientar uma

distinção entre bens culturais, deslegitimando o popular e realçando o que provém da elite, fomentando as diferenças sociais. Nas palavras do autor,

A negação da fruição inferior, grosseira, vulgar, venal, servil, em poucas palavras, natural, que constitui como tal o sagrado cultural, traz em seu bojo a afirmação da superioridade daqueles que sabem se satisfazer com prazeres sublimados, requintados, desinteressados, gratuitos, distintos, interditados para sempre aos simples *profanos*. (Bourdieu, 2007, p. 14. Grifo do original)

Uma suposta carta recebida por *Vida Juvenil*, direcionada à seção *Trocando Ideias*, expõe algumas noções interessantes.

Esta carta tem por finalidade primordial, congratular-me com o senhor e ao mesmo tempo colaborar. Digo congratular-me, pois acho o fato de o senhor vir debater um assunto que está empolgando nossos dias, ótimo, e mesmo bastante audacioso, pois eu creio que haverá muita coisa para dizer dessa nossa tão falada “transviada” juventude. Colaborar, é o que vai ser o mais difícil, mas como sou jovem, desta mesma geração tão criticada, acho que em uma carta como esta, muito poderá ser proveitoso a favor ou contra a tese. Desejo ainda dizer-lhe que achei a escolha do senhor redator para debater este assunto, ótima, porque sendo o senhor uma pessoa que não se distanciou muito da juventude, não terá os preconceitos dos “velhos” e creio eu, agirá imparcialmente em qualquer tópico da questão.

Bem, vamos diretamente ao que desejo dizer. Um dos principais argumentos que apresentam, para criticar nossa mocidade atual, é a de que somos imitadores dos costumes norte-americanos. Pois bem, realmente copiamos fielmente o modo de vida norte-americano, porque também somos americanos. Como poderíamos imitar o europeu e o asiático, se esses elementos são pessoas taciturnas tristes por índole, reflexo de privações e guerras contínuas? Somos da geração nova, a América é um filho adolescente da Europa. Ela é toda impulsiva como são todos os adolescentes. Como poderíamos copiar uma civilização que não “serve” a nosso espírito alegre? Prova disso está, que os próprios europeus sabem, compreendem nossas atitudes. A gente moça europeia, entende o que somos e entende que eles devem levar uma vida mais séria, pois são frutos já de amadurecimento intelectual e físico. Recebi carta de uma portuguesa, jovem como eu, que me escrevia que o europeu não faz, e algumas vezes, discorda de nossas atitudes mas compreende; para eles somos os filhos menores, somos mesmo representantes da mocidade mundial. Ora, de maneira alguma, poderíamos seguir a maneira europeia ou asiática de encarar as coisas.

Outro exemplo ou mesmo argumento que poderíamos citar, para provar que nada de mal existe em nosso espírito “imitador”, é de que se as pessoas velhas, se os políticos, se quase tudo e todos citam os norte-americanos como uma nação *quase* perfeita, uma nação *modelo*, se eles que são responsáveis, não se cansam de copiar, tomar exemplos dos E. U. A., não acho razão para que nós, os jovens, também não possamos admirar e por essa admiração tentarmos ser iguais. Talvez eu esteja errado, mas creio que assim, caminharemos para uma situação melhor, pois são os E. U. A. agora uma força, uma potência em qualquer sentido, tanto intelectual, como fisicamente (militarmente). Dizer que devemos voltar para nossas coisas, para nossa vida, é um falso

patriotismo. Na atualidade, como poderemos gostar da nossa música popular, se a americana é muito melhor e além disso, existe uma propaganda enorme? O brasileiro com seu falso patriotismo, deseja que voltemos do melhor, para escutar o pior. Deseja não competir, deseja de nós, um sacrifício, deseja que nós deixemos tudo o que é norte-americano. para dedicar-nos ao que é nosso, de baixa categoria e que não subirá se não houver a competição. Por que não competir? Por que não procurar oferecer algo melhor? Ao invés de combater, trabalhar, trabalhar para melhor. Fazer música que nos absorva, lançar modas que digam mais de perto ao nosso espírito alegre e ao nosso clima, e não copiar a vestimenta europeia. Trabalhar para que tudo que se produza no Brasil, seja elevado e melhor do que produtor similares, e aí então haverá que a nossa juventude voltará a gostar de coisas bem brasileiras. (...) (Vida Juvenil, ed. 165, 1º jul. 1957, p. 1. Grifo do original.)

O suposto jovem autor da carta, José Wilson Bueno, de Campinas (SP), apresenta seu ponto de vista acerca da considerada “juventude transviada”, conforme ele mesmo denomina. Nota-se, desde já, que o termo e o tema pareciam estar em alta, dado o extenso texto abordando o assunto¹⁷¹. Ainda que a edição saliente, em parte introdutória, que a revista não concorda nem discorda do conteúdo da carta, o fato de inseri-la na seção *Trocando Ideias* demonstra posicionamento, embora possa ser compreendido como uma forma de chamar a atenção dos leitores e de se mostrarem atualizados ao “assunto do momento”.

José Wilson Bueno defende a cultura dos Estados Unidos, em detrimento da europeia, asiática e do exacerbado patriotismo brasileiro, que, para ele, parecia não fazer sentido, já que as primeiras produções eram feitas por pessoas “tristes”, em decorrência de privações e guerras passadas, e as nacionais eram de “baixa categoria”. A publicação da carta em *Vida Juvenil* chama a atenção pelo fato de depreciar, em alguma medida, o Brasil e o brasileiro, contrapondo-se ao que era comumente expressado no periódico. Contudo, verificou-se em nota de rodapé emitida pelo editorial que “os bons exemplos [dos Estados Unidos] dev[iam] ser imitados e seguidos” (Vida Juvenil, ed. 165, 1º jul. 1957, p. 1). Ou seja, ainda que houvesse produções que pudessem ser consideradas ruins, havia aquelas que eram tidas como boas e, provavelmente pelo fato de os Estados Unidos serem vistos, naquele momento, como uma potência¹⁷², os bons exemplos caberiam de ser acolhidos e reproduzidos.

¹⁷¹ A esse respeito, Lidia Noemia Silva dos Santos, em sua tese, de 2013, apresenta um gráfico (figura 1, página 52), por meio do qual defende que o tema “juventude transviada” estava em alta na mídia – a partir de pesquisa feita no acervo digital do jornal *O Estado de São Paulo*, escolhido por sua projeção no cenário editorial à época – na década de 1950, em especial nos anos de 1957 a 1959, exatamente o ano em que essa discussão se faz presente em *Vida Juvenil*. Santos (2013) explica que tal aumento se justifica pelo lançamento do filme *Juventude Transviada* em novembro de 1956, no Brasil.

¹⁷² Napolitano (2023) explica que a “juventude transviada” no Brasil é importada, em larga medida, pelo processo de apropriação da cultura norte-americana, o que demonstra a relevância atribuída àquele país. Importa destacar, outrossim, que diversos prêmios literários da seção *Trocando Ideias* eram livros que tratavam da história dos Estados Unidos, como *História dos Estados Unidos* (1942), de Firmin Roz, e outro livro com o mesmo título, mas de autoria de André Maurois (1946).

A edição 18 de *Vida Juvenil*, de junho de 1950, estampa, na seção *Histórias Acontecidas*, uma representação de “jovem rebelde”, de natureza problemática, ainda que corajoso e diligente. Nela, é trazida a suposta história de um lendário comerciante e explorador norueguês Erik [Eirik] Raude (Érico, o Vermelho), considerado o primeiro a fundar assentamento na atual Groenlândia¹⁷³, cujas atitudes são vistas como problemáticas. É possível que essa história estivesse em *Vida Juvenil* como uma maneira de assinalar características de um jovem tipicamente rebelde, quais sejam, violento, sanguinário, criminoso, assassino, ladrão, irrequieto, e de algumas das consequências de um jovem agir assim: ser julgado indesejável, digno de ser caçado pelo povo e passar à condição de fugitivo (Vida Juvenil, ed. 18, jun. 1950, p. 46). Tratava-se de um modo de dissuadir os jovens leitores ao salientar o lado negativo da rebeldia e as possíveis consequências negativas para quem assim agisse.

Segundo Pais (1990), cada fase tem suas características mais ou menos definidas à luz de determinado período, de modo que, para ele, histórica e socialmente, a juventude tem sido marcada pela instabilidade emocional dos sujeitos e dos problemas sociais causados pelos seus protagonistas, o que poderia ser considerado um sinal de atenção e alerta. É provável que, por isso, *Vida Juvenil* alternasse entre histórias que representassem “jovens do bem” e jovens com postura reprovável, tentando mostrar o que fazer, o que não fazer e as consequências positivas e negativas de cada ato, afinal, conforme o ideário do periódico, aprende-se através do exemplo, fosse ele bom ou ruim. Nesse sentido, Bourdieu (2007) advoga que

A família e a escola funcionam, inseparavelmente, como espaços em que se constituem, pelo próprio uso, as competências julgadas necessárias em determinado momento, assim como espaços em que se forma o *valor* de tais competências, ou seja, como mercados que, por suas sanções positivas ou negativas, controlam o desempenho, fortalecendo o que é “aceitável”, desincentivando que não o é (...). (Bourdieu, 2007, p. 82. Grifos do original)

Vida Juvenil, visando ocupar um espaço entre a família e a escola, tencionava assumir tais práticas, em especial ao elencar “sanções positivas ou negativas” diante dos exemplos oferecidos, “fortalecendo o que é ‘aceitável’ [e] desincentivando que não o é” (Bourdieu, 2007, p. 82). Ainda no âmbito do que *Vida Juvenil* alegava como reprovável, toma-se como exemplo uma análise grafológica feita por Francisco Leão sobre uma interlocutora provavelmente do sexo feminino, denominada Furacão. Na análise, o grafólogo elenca diversas características observáveis, tais como “tendência à impulsividade mas de fraca duração e com algum domínio

¹⁷³ Informações retiradas e disponíveis em https://no.wikipedia.org/wiki/Eirik_Raude e <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eir%C3%ADkr>. Acesso em: 29 de agosto de 2024.

próprio”; “é meiga e bondosa (...), muito leal e honesta”; “autoritária, bastante combativa (...) e teimosa”; “há falta de humanidade e compreensão (...) e ausência de tolerância e indulgência” – enquanto faz julgamentos de valor e oferece conselhos, como ao defender que “ninguém é infalível” e, portanto, a leitora não deveria ser tão intolerante, buscando ter mais “compreensão pelos problemas dos outros”. Em uma das suas práticas conselheiras, condena atos de orgulho, impulsividade e irreflexão. A questão do autocontrole, domínio próprio e da tomada de consciência é levantada com frequência no âmbito do periódico. Ao final, Leão assevera que “julgar os outros e querer governá-los é uma prova de orgulho tão reprovável e condenável como um ato impulsivo, irrefletido” (Vida Juvenil, ed. 22, out. 1950, p. 43).

Uma das charadas de *Quem somos?*, componente de *Escrevem os Professores*, de 1º de julho de 1951, organizado pelo professor Ney Cidade Palmeiro, aponta para valores aproximados. De alongada e poética caracterização, o autor define, a seu modo, o conceito da palavra “consciência”, muito provavelmente como forma de inculcar tais preceitos nos jovens leitores. O incentivo às “boas práticas” é um dos pilares da charada, estabelecendo uma dualidade entre o certo e o errado, o bom e o mau, o correto e o criminoso. Nesse sentido, o autor advoga que a consciência “[veio] ao mundo com o primeiro homem [e que sua voz] é a que mais amedronta e molesta (...), a que não se cala jamais”; além disso, em suas palavras, “falo de dentro do próprio homem (...). Sou o sentimento interior pelo qual o homem dá testemunho a si mesmo do bem e do mal que praticou”. Palmeiro, então, finaliza:

Sou aquele tremor, quase imperceptível, que sentem as mãos criminosas quando lhes estendem honestas mãos inocentes; sou o olhar esquivo, que se desvia dos olhos leais; sou a lágrima envergonhadas de correr e presa, num supremo esforço da vontade.

(...)

O povo homenageia-me sem o querer. Quando, a um traumatismo violento, tudo emudece numa aparência de morte, e o homem não tem a liberdade de julgar, diz-se logo que foi a mim que ele perdeu. Quem sou? (Vida Juvenil, ed. 31, 1º jul. 1951, p. 57)

As HQs também concorriam para a disseminação de valores com vistas à modulação do caráter do jovem leitor. A HQ estadunidense *C. B. em Surpresa Fatal – História de Charles Biro*, contada na edição 76 do periódico, ao longo de 13 páginas (31-44), narra diversas histórias com diferentes atos considerados maldade, ciúme e, ainda, algumas tragédias. Uma das histórias se ocupa do acidente fatal sofrido pela personagem Ruth Taylor, mãe de Donald Taylor, que houvera sofrido um acidente de cavalo, por maldade do então suposto amigo e futuro marido de Ruth, Harry Ferland, o que o levou a perder os sentidos e a ficar sem falar,

sem ouvir, sem andar e sem a memória, durante vários anos. Quatro anos após o acidente, em 1946, Ruth, na companhia do então marido, bebe álcool em demasia, por influência dele e por ainda sofrer pela situação do filho, que permanecia inerte. Harry “desafia” Ruth a dirigir, de modo que ela volta sozinha para casa dirigindo seu carro. Desafortunadamente, “o inevitável estava prestes a acontecer! Os raciocínios de Ruth foram lentos demais para evitar o choque...” (Vida Juvenil, ed. 76, 1º jun. 1953, p. 39) e ela acaba falecendo devido ao ato de dirigir alcoolizada. Harry consegue, enfim, atingir seu plano: o de ficar com os bens de Ruth, inclusive os de Donald Taylor, recebidos quando do falecimento de seu pai biológico. A partir dali, os personagens começam a desconfiar de Harry e do modo como ele havia feito maldade com o cavalo para que Donald se acidentasse e havia incitado Ruth a voltar para casa dirigindo, mesmo estando bêbada, fazendo-a colidir com um caminhão. Ao final da história, Harry é assassinado, C. B. (Charles Biro) desvenda o caso e, por fim, tudo termina bem, com Donald recuperado do acidente que sofrera 8 anos antes.

Apesar das diversas idas e vindas da história, uma situação de destaque é o ato de beber álcool e dirigir e o risco fatal de tal combinação. Supõe-se que, por meio da apresentação da tragédia, a revista intentasse influenciar o jovem leitor a não cometer essa “falta”, buscando causar certo impacto para ensinar uma lição. Nesse sentido, o próprio editorial defendia esse modo de operação. Quando indagados por um suposto leitor sobre a ausência de mais histórias em quadrinhos cômicas, respondem, na parte destinada à correspondência de *Trocando Ideias*, que já haviam retomado a publicação desse tipo de histórias, mas se defendem ao alegar que até na “América do Norte foi desfechado uma campanha contra as histórias em quadrinhos, ou melhor *contra as de enredos e personagens inadequados à juventude*” (Vida Juvenil, ed. 114, 1º jan. 1955, p. 70. Grifos do original). Em seguida, continuam:

Homicídios, casos sensuais, super-homens, são temas preferidos por aqueles que exploram inescrupulosamente as histórias em quadrinhos. E devia ser feito um expurgo em todos os recantos do mundo, não só em revistas, mas em jornais, filmes e rádio. Quanto a nós, não nos preocupamos: em nenhuma campanha movida contra revistas inadequadas à infância ou à juventude, fomos incluídos na lista negra. Ocorreu exatamente o contrário: VIDA INFANTIL e VIDA JUVENIL foram consideradas as aconselháveis, as que não prejudicavam a mentalidade ou a formação dos seus leitores.

A razão é muito simples: temos as nossas diretrizes, a nossa orientação, que aos olhos dos exploradores, é um “puritanismo tolo”. Não nos consideramos puritanos, mas as nossas publicações gastam uma verba enorme em assuntos educativos ou ao menos inofensivos. Por outro lado, procuramos sempre selecionar nossas histórias em quadrinhos, sem contudo tirar o interesse da leitura.

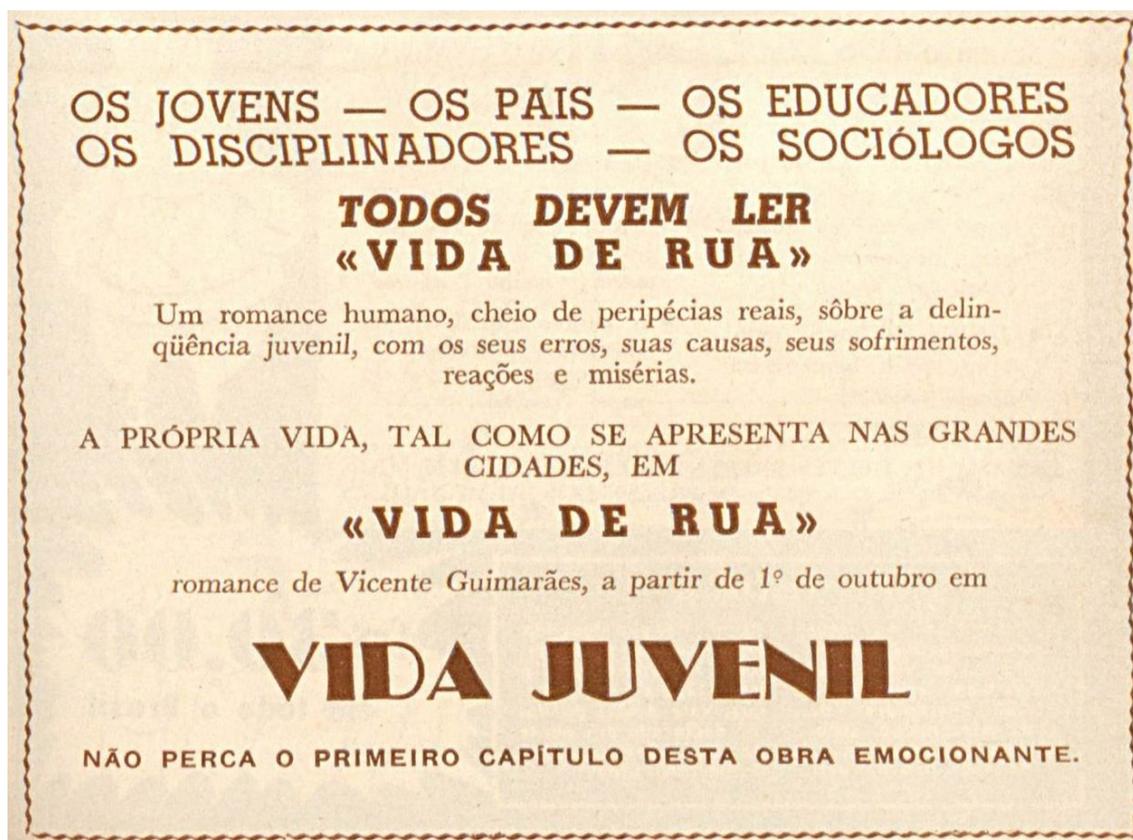
As histórias humanas de *Charles Biro* são inatacáveis não só no Brasil, mas até no lugar de sua origem: os Estados Unidos. *Heróis da Vida Real, Vida*

Juvenil Esportiva, Maravilhas da Natureza, Suplemento Literário com os romances célebres em quadrinhos, Histórias Cômicas, Plácido e Muzo, Histórias completas vêm ao encontro do gosto dos nossos leitores SEM PREJUÍZO DA SUA FORMAÇÃO MORAL, E ATÉ MESMO BENEFICIANDO O PRÓPRIO LEITOR. São histórias adequadas à mocidade, pois que é impossível conceber um jovem sem uma dessas peculiaridades: aventuras, esporte, curiosidade científica, tendências literárias, bom humor, simpatia pela literatura de viagens. Se fossemos separar, ou melhor, se tentássemos separar um jovem dessas características próprias da sua idade, estaríamos *remando contra a maré, combatendo a sua própria personalidade, o seu ego*, em suma dando ao jovem exatamente o que não se encontra dentro do seu plano de interesse, das suas predileções. Sabe o que aconteceria? Perderíamos os nossos leitores. E enquanto isso, outras publicações atrairiam os leitores que fôssemos perdendo, e pelas outras, com exceções, é lógico, não botamos a mão no fogo... (Vida Juvenil, ed. 114, 1º jan. 1955, p. 70. Grifos do original)

Observem-se a escolha e a defesa de histórias que não só não atrapalhassem o processo de formação moral do leitor como também que colaborassem com esse processo e oferecessem benefícios ao jovem. Reforça-se a busca por conteúdos moralizantes, educativos e formativos, que corroborassem com a representação, desde o lançamento, de uma “boa” revista para uma “única” suposta juventude e que se adequasse às necessidades desse público. Para o corpo editorial, fazia parte da constituição do jovem consumir produtos culturais que tratassem de “aventuras, esporte, curiosidade científica, tendências literárias, bom humor, simpatia pela literatura de viagens” (Vida Juvenil, ed. 114, 1º jan. 1955, p. 70), homogeneizando o público-leitor idealizado, como modo de justificar as práticas discursivas veiculadas, afinal,

agentes situados em condições homogêneas de existência, imp[õem] condicionamentos homogêneos e produz[em] sistemas de disposições homogêneas, próprias a engendrar práticas semelhantes, além de possuírem um conjunto de propriedades comuns (...). (Bourdieu, 2007, p. 97)

Já em 1952, *Vida Juvenil* dava início à veiculação de um romance que, à sua medida, ia ao encontro da defesa apostolada na resposta publicada em 1955. A crítica a histórias que focalizassem enredos nocivos à formação intelectual e moral dos jovens, principalmente as que apresentassem “homicídios, casos sensuais, super-homens”, inscreve-se na revista desde o seu lançamento, de diferentes maneiras, fosse por meio de frases de efeito, de diálogo direto com os leitores, fosse de propagandas, de interdição de certas Histórias em Quadrinhos e seus personagens, por exemplo. Na edição 59, de 1º de setembro de 1952, *Vida Juvenil* começa a propagandear seu mais novo romance, *Vida de Rua*:

Figura 63 – Propaganda do romance *Vida de Rua* (1952)

Fonte: *Vida Juvenil*, ed. 59, 1º set. 1952, p. 37. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN)

Chama a atenção a indicação do romance em tela: para “os jovens, os pais, os educadores, os disciplinadores e os sociólogos”. A revista se colocava como um dispositivo cultural cujo público-alvo ia muito além daquele definido no título, ratificando a ideia de que ela buscava se diferenciar e distanciar da prática editorial de outros periódicos direcionados ao mesmo público, além de se colocar como um elemento comum entre família e escola.

Pondere-se, também, o emprego do termo “romance humano”, que realçava a ausência de personagens sobre-humanos como forma de se aproximar da realidade dos leitores e fazê-los se sentir parte do universo da história. A insatisfação em relação a personagens fictícios inumanos, com superpoderes e com formas de ser e agir fora da realidade, era nítida, principalmente no âmbito de uma história que retratava uma situação real: a “delinqüência juvenil”¹⁷⁴.

¹⁷⁴ De acordo com Santos (2013, p. 18), “‘delinqüência juvenil’ remete ao comportamento inadequado ou ilegal (delituoso) de crianças e jovens”. A delinqüência aponta, necessariamente, para comportamentos criminosos, infracional, de desobediência às ordens e às leis, sendo passível, portanto, de condenação pela justiça (Lemos, 2014, p. 32). Nas palavras de Lemos (2014, p. 32), “o significado cultural do termo delinqüência juvenil indica que dado comportamento está em contradição com as normas e os valores da cultura dominante na qual uma dada criança ou adolescente vive (Tomovic, 1979). Nesta linha de pensamento, o conceito de delinqüência juvenil tem

Contada ao longo de quase um ano – de outubro de 1952 a julho de 1953 –, *Vida de Rua* é dividida em 19 capítulos e conta a história dos protagonistas Osvaldo Ferreira e Raimundo Soares. Osvaldo é rico, provavelmente branco, e filho do advogado Dr. Gumersindo Ferreira; já Raimundo é pobre, negro e filho da empregada da casa do advogado, Dona Virgilina. O primeiro capítulo se intitula *A prisão de Raimundo* e explica o motivo de sua prisão. Osvaldo e Raimundo tinham mais ou menos a mesma idade – entre 11 e 15 anos – e nutriam alguma suposta amizade pelo fato de morarem na mesma casa, corroborando com o mito da democracia racial¹⁷⁵. Todos ficam sobressaltados com a prisão de Raimundo, que fora pego fazendo parte de um “bando de malandros”¹⁷⁶ que havia espancado e roubado um pequeno jornalista¹⁷⁷. O menino, em si, não estava roubando, mas estava acompanhando os menores considerados infratores.

Vicente Guimarães, o autor da história, descreve a situação:

Um grupo de seis crianças, de 11 a 15 anos, esperou no Parque Municipal a volta de um pequeno jornalista para roubar-lhe a fêria do dia. Como o pequeno resistisse, deram nele com um pedaço de pneu, até o pobrezinho ficar desacordado. (...) O crime esteve envolto em mistério até que, como sempre, foi tudo descoberto. (...) Osvaldo retirou do bolso um lenço e enxugou os olhos cheios de lágrimas.

– Papai, quanto menino desgraçado! Por que não cuidam deles? Não podem ser tão maus assim.

– É, meu filho, isto é uma lástima, e a cada dia mais se agrava o problema.

na sua origem uma finalidade reguladora, constituindo uma forma de classificar jovens considerados indesejáveis pela sociedade e de separá-los dos seus pares pró-sociais (Cox, 2002)”.

¹⁷⁵ A esse respeito, Abdias do Nascimento (1978, p. 41) explica que “(...) erigiu-se no Brasil o conceito da *democracia racial*; segundo esta, (...) pretos e brancos convivem harmoniosamente, desfrutando iguais oportunidades de existência (...). A existência dessa pretendida igualdade racial constitui (...) o ‘maior motivo de orgulho nacional’ (...)”. O autor ainda cita o teatrólogo Nelson Rodrigues para demonstrar o aspecto velado que subjaz essa suposta harmonia social: “Não caçamos pretos, no meio da rua, a pauladas, como nos Estados Unidos. Mas fazemos o que talvez seja pior. Nós o tratamos com uma cordialidade que é o disfarce pusilânime de um desprezo que fermenta em nós, dia e noite” (Nascimento, 1978, p. 77). Tal disfarce é possível de se observar na relação entre Osvaldo e Raimundo, os protagonistas de *Vida de Rua*, por meio da qual Osvaldo se coloca na posição de salvador de Raimundo, colocando-se em uma hierarquia superior a ele.

¹⁷⁶ Apesar de compartilharem de sentido semântico, sociologicamente, há diferenças entre os coletivos juvenis. Jankowski (1997) esclarece que “bandos” são grupos de indivíduos que atuam circunstancial e momentaneamente para se opor e/ou atacar algo ou alguém. Muito embora possa haver um líder, não conta com uma estrutura organizacional específica (p. 3). “Gangues”, por sua vez, consistem em um coletivo sistematizado e organizado, “que é ao mesmo tempo quase privado (isto é, não totalmente aberto ao público) e quase secreto (isto é, a maior parte das informações sobre suas atividades permanece restrita ao grupo), cujo tamanho e objetivos tornam indispensável que a interação social seja dirigida por uma estrutura de liderança com papéis bem definidos; em que a autoridade ligada a esses papéis é tão legitimada que os códigos sociais regulam tanto o comportamento dos líderes quanto o das bases (...)”. (Sánchez-Jankowski, 1991 *apud* Jankowski, 1997, p. 4). Já Spagnol (2008) advoga que “a quadrilha é um conjunto com pelo menos quatro elementos” com ação parecida à do bando, cujo objetivo é o de enriquecer rapidamente por meio de atividades ilegais.

¹⁷⁷ De acordo com Brunhauser (2020), na primeira metade do século XX, era comum que a inserção de jovens do sexo masculino, entre 12 e 15 anos, no mercado de trabalho, se desse a partir de profissões “braçais”, sem a necessidade de especialização, como as de jornalista e servente, no espaço urbano, e agricultor e lavrador, no âmbito rural.

O bonde parou e os dois apearam.

Na Delegacia, o Dr. Gumersindo teve de assinar termo de responsabilidade, prometendo cuidar do pretinho e não mais o deixar vadiar pelas ruas.

A convite do Delegado, foram ver os presos. *Estavam 11 meninos num cubículo cimentado, frio e sem móvel. Sujos e descabelados, pareciam verdadeiros criminosos. No momento, comiam, com a mão, um pouco de arroz, feijão e angu, servidos em lata de marmelada.*

À chegada das visitas, Raimundo baixou o rosto e escondeu-o com as mãos. Que quadro triste, aquela juventude dentro do cubículo frio! (Vida Juvenil, ed. 61, 1º out. 1952, p. 4. Grifos nossos.)

Dr. Gumersindo retira-o da delegacia e Osvaldo surge com uma ideia: a de se juntar ao grupo de crianças a fim de ensiná-los a lição de que o crime não compensa. Nas palavras de Osvaldo, “preciso mostrar à turma que a vida de vagabundagem e furtos é trabalhosa e cheia de perigos” (Vida Juvenil, ed. 70, 1º mar. 1953, p. 16). A estratégia de Osvaldo era ganhar a confiança dos meninos, fazer, com o apoio da polícia, os planos maldosos darem errado, incentivá-los a estudar e trabalhar para, enfim, convencê-los a abandonar a vida do crime – o que, ao final, se realiza, corroborando com o mito da democracia racial.

A história menciona o espaço da Delegacia, mas é possível ampliar para instituições asilares de proteção e assistência à infância, para onde menores infratores acabavam sendo designados. Rizzini e Rizzini (2004), em estudo no qual focalizam a institucionalização de crianças no Brasil, advogam que “o recolhimento de crianças às instituições de reclusão foi o principal instrumento de assistência à infância no país” (p. 22). Na história de Osvaldo e Raimundo, por exemplo, é dito que Flash Gordon, Baioneta e Agonia, personagens da história, acabam sendo enviados ao reformatório, além das representações feitas do lugar. De acordo com Dr. Gumersindo, pai de Osvaldo, os meninos têm, na medida do possível, conforto e boa alimentação; lá, ganham roupa, calçado e comida sadia. Ainda segundo o personagem, os meninos não ficam lá “porque não querem trabalhar, são vagabundos” (Vida Juvenil, ed. 62, 15 out. 1952, p. 23). Notem-se, assim, questões sociais de relevo, como a criminalidade, a “delinquência juvenil”, os “menores infratores” e o perigo “das ruas”, que devem ser problematizadas no âmbito de um romance juvenil.

Rizzini (2008) defendia, ainda, que desde finais do século XIX, no Brasil, já havia ampla preocupação em relação à criança, em especial, a abandonada, considerada pervertida, filha da pobreza e, portanto, “perigosa”, em potencial. Desde aquele período, pensava-se na necessidade de criação de um

complexo aparato médico-jurídico-assistencial, cujas metas eram definidas pelas funções de *prevenção, educação, recuperação e repressão*. (...)

Estabelecem-se os objetivos para as funções acima: de *prevenção* (vigiar a criança, evitando a sua degradação, que contribuiria para a degeneração da sociedade); de *educação* (educar o pobre, moldando-o ao hábito do trabalho e treinando-o para que observe as regras do “*bem-viver*”); de *recuperação* (reeducar ou reabilitar o menor, percebido como “*vicioso*”, através do trabalho e da instrução, retirando-o das garras da criminalidade e tornando-o útil à sociedade); de *repressão* (conter o *menor delinquente*, impedindo que cause outros danos e visando a sua reabilitação, pelo trabalho). (Rizzini, 2008, p. 9. Grifos do original).

A vigilância, a educação e o trabalho figuraram como protagonistas na ação de assistência e proteção à infância, de maneira convergente ao modo de operação de *Vida Juvenil*, a despeito da distância temporal entre a análise da autora e o período de circulação da revista em exame. A narrativa salienta, também, outras problemáticas comuns no período em tela: o da ociosidade e o da vida na rua, conforme o próprio título – *Vida de Rua* – já destacava. Segundo Chalhoub (2012, p. 75), desde a Primeira República, a ociosidade era um problema a ser combatido, pois “a vadiagem é um ato preparatório do crime”, o que implicava na necessidade de repressão e educação moral. Moura (1999) colabora com a reflexão ao tratar de discussões em torno da rua:

Termos como ociosidade, vício, delinquência, crime transformam-se, de fato, em corolários da palavra rua. São, em certa medida, termos redutores da realidade das ruas, porque aglutinam e ao mesmo tempo excluem, sob seu significado, uma extraordinária gama de personagens que se inserem na sua própria dinâmica de forma diferenciada. A rua é, também, o espaço no qual a pobreza ganha plena visibilidade, mesclando-se à tão questionada marginalidade social, e são tênues os limites que a separam do crime e da delinquência com os quais frequentemente se confunde. (Moura, 1999, s.p. Grifos nossos.)

A representação dos componentes do que se considerava “bando” denota como se viam “criminosos” – ou “aprendizes” destes – e “menores ociosos” do período: todos do sexo masculino, entre 11 e 15 anos, “sujos e descabelados”, que dormiam e comiam em condições precárias. Raimundo, por exemplo, era negro e, em razão de sua condição social, “devia sentir vergonha da situação em que se encontrava”. Os jovens da história eram percebidos como da “classe perigosa”, termo amplamente utilizado em documentos oficiais no período transitório entre a Monarquia e a República e que, ainda segundo Simas (2019a, s/p), se referia à classe urbana menos favorecida composta, por exemplo, de “operários, empregadas domésticas, seguranças, porteiros, soldados, policiais, feirantes, jornaleiros, mecânicos, coveiros, floristas, caçadores de ratos”, além daqueles que,

sobrevivendo, ousaram inventar a vida na fresta (...): capoeiristas, malandros, sambistas, chorões, vendedoras de comida de rua, mães de santo, devotos da Senhora da Penha, centenas de Zés devotos de seu Zé Pelintra, minhotos pobres, alentejanos atrás dos balcões de botequins vagabundos, polacas, marujos, jongueiras, funkeiros, festeiras e quizumbeiros de todos os matizes e lugares. (Simas, 2019a, s/p)

Os apelidos e nomes dos outros protagonistas devem ser destacados: Grã-Fino (Osvaldo Ferreira), Rosquinha/ Brucutu (Raimundo Soares), Flash Gordon¹⁷⁸ (Antônio Lopes), Meia-Noite¹⁷⁹ (Maurício da Silva), Jim Gordon¹⁸⁰ (José Pedro Soares), Agonia¹⁸¹ (Sílvio de Oliveira), Super-Homem¹⁸² (Mário Veloso), Suspiro¹⁸³ (Dionísio Mendes), Baioneta¹⁸⁴ (Nélson Rodrigues), “122” (Moisés Nicola), “545” (José Augusto Ramos) e Morcego Negro¹⁸⁵ (Francisco Borges). Importa esclarecer que a maioria dos meninos escolhiam nomes de super-heróis e/ou personagens de HQs para serem seus “nomes de guerra”. Infere-se que a escolha desses nomes fosse mais uma estratégia do periódico em dissuadir os jovens leitores de consumirem esse tipo de conteúdo haja vista seu teor de “periculosidade” e “má influência”, conforme o diálogo entre Osvaldo e Raimundo:

¹⁷⁸ De acordo com Wikipédia, “Flash Gordon é o herói de uma tira de jornal de aventura e ficção científica (romance planetário) originalmente desenhada por Alex Raymond. Publicada pela primeira vez em 07 de janeiro de 1934, a tira foi criada para competir com outra tira de aventura, Buck Rogers”. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Flash_Gordon.

¹⁷⁹ Trata-se do Dr. Meia-Noite, personagem criado em 1941 pela DC Comics, editora norte-americana especializada em histórias em quadrinhos e mídias relacionadas. Mais informações em: [https://dc.fandom.com/pt-br/wiki/Charles_McNider_\(Nova_Terra\)](https://dc.fandom.com/pt-br/wiki/Charles_McNider_(Nova_Terra)).

¹⁸⁰ O Wikipédia esclarece que “James W. Gordon, mais conhecido como Comissário Gordon ou Jim Gordon, é um personagem fictício, um aliado de Batman, que aparece nas histórias em quadrinhos publicadas pela DC Comics. O personagem apareceu pela primeira vez em Detective Comics #27 (Maio de 1939), e foi criado por Bill Finger e Bob Kane”. Mais informações em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jim_Gordon.

¹⁸¹ Segundo a enciclopédia online Wikipédia, “Agonia (Leslie Gesneria) é um personagem ficcional, uma supervilã do Universo Marvel. É uma das proles do simbionte de Venom, junto com Grito, Baderna, Fago e Retalho e aparece pela primeira vez em Venom: A dor da separação”. Mais informações, conferir: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Agonia_\(Marvel_Comics\)#::~:~:text=Agonia%20\(Leslie%20Gesneria\)%20%C3%A9%20um,Venom%3A%20A%20dor%20da%20separa%C3%A7%C3%A3o](https://pt.wikipedia.org/wiki/Agonia_(Marvel_Comics)#::~:~:text=Agonia%20(Leslie%20Gesneria)%20%C3%A9%20um,Venom%3A%20A%20dor%20da%20separa%C3%A7%C3%A3o).

¹⁸² Um dos personagens mais famosos da DC Comics, “Superman ou Super-Homem é um super-herói de histórias em quadrinhos, mas que desde os anos 1930, já foi adaptado para diversos outros meios, como cinema, rádio, televisão, literatura e videogame. Superman foi criado pela dupla de autores de quadrinhos Joe Shuster e Jerry Siegel. Sua primeira aparição aconteceu no verão de 1938, na revista Action Comics #1. O personagem nasceu no planeta fictício Krypton e tinha o nome de Kal-El”. Outras informações em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Superman>.

¹⁸³ Apesar da busca, não foram localizados dados sobre um super-herói e/ou personagem do início e/ou meados do século XX chamado *Suspiro*.

¹⁸⁴ Diferentemente da maioria, não se trata de um super-herói, efetivamente, mas sim de uma “arma em forma de faca, punhal, espada ou pontiaguda projetada para caber na ponta da boca do cano de um fuzil, mosquete ou arma de fogo semelhante, permitindo que seja usada como uma lança”. Explicação retirada de [https://pt.wikipedia.org/wiki/Baioneta#::~:~:text=Uma%20baioneta%20\(em%20franc%C3%AAs%3A%20ba%C3%A7%C3%A3o,seja%20usada%20como%20uma%20lan%C3%A7a](https://pt.wikipedia.org/wiki/Baioneta#::~:~:text=Uma%20baioneta%20(em%20franc%C3%AAs%3A%20ba%C3%A7%C3%A3o,seja%20usada%20como%20uma%20lan%C3%A7a).

¹⁸⁵ Refere-se ao morcego mais famoso do mundo dos super-heróis, o Batman, lançado em 1939 também pela DC Comics.

(...)

– Diga-me uma coisa, Raimundo: o bando tem chefe?

– Tem. É o Flash Gordon.

– Flash Gordon? Onde ele arranhou este nome?

– Nas revistas. Lá o pessoal todo tem nome de gente de cinema ou de revistas de aventuras.

– Cada um escolhe o nome que quer ou são os outros que apelidam?

– Depende. Eles me chamavam de Rosquinha. Agora, depois que entrei no bando, me deram o nome de Brucutu.

– E os outros, como se chamam?

– Tem o Jim Gordon, o Super-Homem, o Meia-Noite, o Agonia...

– Agonia? Que nome esquisito!

– É um homem da história do Cap. Marvel. Você não conhece?

– Eu não. *Felizmente não leio essas revistas de crime. Foi por causa delas e do mau cinema que você entrou para o bando. Pobres meninos! Ficam entusiasmados com os falsos heróis das aventuras criminosas e se desgraçam! É necessário pôr um paradeiro nisso.*

(...)

(Vida Juvenil, ed. 61, 1º out. 1952, p. 6-7. Grifos nossos.)

Oswaldo atribui às revistinhas de super-heróis a culpa de crianças e adolescentes entrarem no mundo do crime. Insistia-se na ideia de que as produções culturais tinham o poder de influenciar positiva ou negativamente o comportamento do leitor, principalmente quando criança e jovem, justificando, em certa medida, a própria construção de *Vida Juvenil*. Bourdieu (2007), ao tratar do conceito de *distinção*, enriquece a análise do excerto ao provocar a reflexão de que Oswaldo, jovem rico, com gostos e interesses distintos de Raimundo, jovem negro e pobre, deixa claro o repúdio e o não-consumo de “revistas de crime” e de “mau cinema”, ambos de “estética popular”, o que, segundo Bourdieu (2007), os deslegitimaria aos olhos dos “distintos”. “O ‘olho’ é um produto da história reproduzido pela educação”, conforme sublinha Bourdieu (2007, p. 10). Além disso,

As necessidades culturais são o produto da educação: a pesquisa estabelece que todas as práticas culturais (frequência dos museus, concertos, exposições, leituras, etc.) e as preferências em matéria de literatura, pintura ou música, estão estreitamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social. O peso relativo da educação familiar e da educação propriamente escolar (cuja eficácia e duração dependem estreitamente da origem social) varia segundo o grau de reconhecimento e ensino dispensado às diferentes práticas culturais pelo sistema escolar (...). Eis o que predispõe os gostos a funcionar como marcadores privilegiados da “classe”. (Bourdieu, 2007, p. 9)

Assim, o romancista, ao sublinhar a preferência do jovem rico e bem-educado em não consumir revistas de crime e filmes com falsos heróis, sugere práticas e gostos culturais considerados “mais apropriados” aos leitores de *Vida Juvenil*, definindo e legitimando as

diferenças sociais. A defesa de Bourdieu (2007, p. 12-3) de que “os intelectuais acreditam mais na representação – literatura, teatro, pintura – que nas coisas representadas, ao passo que o ‘povo’ exige (...) que as representações (...) lhe permitam acreditar ‘naïvement’ nas coisas representadas” faz sentido ao se observar os discursos de *Vida Juvenil*, dado que, ao jovem “do povo” – representado por Raimundo e por seus amigos tratados como “ociosos e delinquentes” –, havia uma preferência por HQs e filmes que representassem sujeitos e práticas fantasiosas, mas literais, pois compreender a luta física entre super-heróis era mais fácil do que fazer a leitura de uma obra de arte abstrata, por exemplo.

Não por acaso, *Vida Juvenil* veiculava diversas histórias – em quadrinhos ou não – com o objetivo de tratar dos considerados delinquentes e das más companhias. Na história *C.B. em: Protegendo um Delinquente*, Charles Biro ajuda a “reintegrar” um jovem de 19 anos chamado Raul que estava prestes a sair do reformatório, mas precisava de um emprego, à luz do ideário da época acerca da capacidade de “salvação”, integração social e reforma do caráter por meio do trabalho. Ao prestar a ajuda, Charles Biro questiona o motivo pelo qual Raul havia perdido a liberdade. Ele explica: “Uma noite, um rapaz cismou de roubar um bar! Um guarda apareceu e, como eu era o último, prendeu-me! Se eu fosse mais sabido, deixaria de andar com eles muito antes de acontecer isso!” (*Vida Juvenil*, ed. 118, 1º mar. 1955, p. 18). A questão do “bando” e das “más influências” postas em pauta, provavelmente emerge como forma de alertar os jovens para o perigo de andar com as pessoas “erradas” e de como o ambiente influencia, diretamente, nos modos de ser, de agir e de se reconhecer e ser reconhecido no espaço social. Afinal, a estrutura de relação que une os sujeitos é um indicador de valores compartilhados por eles (Bourdieu, 2007, p. 64). Essa ideia é destacada em Chalhoub (2012, p. 50) ao discutir as tentativas de se impor uma ordem social na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX por meio de uma “guerra à rua”, no sentido de vigilância nos espaços públicos contra “vadios”, “promíscuos” ou “desordeiros”, uma vez que, segundo o autor, estes sujeitos poderiam “se ver arremessados, repentinamente, ao xilindró, onde seriam supostamente ‘corrigidos’ (...)”. Em acréscimo, Simas (2019b, p. 56) adverte:

O processo de configuração da cidade burguesa é sempre conflituoso. Se por um lado há uma tentativa de controle social das massas urbanas a partir da disciplina do trabalho e do aparelho de segurança do Estado, por outro há o movimento dessas massas em direção ao processo de construção de sociabilidades cotidianas nas sínopes das estruturas do controle. Esse processo abrange desde táticas diversas de sobrevivência material até a apropriação de espaços de lazer, festa e ludicidade, reconfigurados nas frestas do sistema vigente.

Nesse sentido, a “guerra às ruas” se mostra, também, na apropriação de espaços e modos de diversão popular, como advogado por Simas (2019b, p. 56). Essa lógica, anos depois, é representada na história de Charles Biro ao esclarecer o motivo pelo qual Raul foi preso: o de simplesmente estar em um ambiente considerado de baixo calão, frequentado por “vadios”, “promíscuos” e “desordeiros”.

Ainda no que concerne ao ideário de regeneração dos sujeitos pelo trabalho, Moura (1999) advoga que

Mas, argumentam os contemporâneos, não basta isolar das ruas, confinar simplesmente: é preciso corrigir, disciplinar, educar. *Nesse sentido, o trabalho, a atividade produtiva, emerge como caminho que permitirá redimir todos os males.* Identifica-se no trabalho a dupla função de preservar a criança e o adolescente do contato com o vício, e de recuperar, resgatar do vício. Relativas ao Instituto Disciplinar, criado no início do século com a finalidade de transformar em "homens trabalhadores e úteis à sociedade", os menores abandonados "que se perdiam no vício adquirido na mais sórdida vadiagem", bem como de "afastar dos criminosos comuns os delinquentes de menor idade", as palavras de Altino Arantes em 1916, constituem síntese perfeita desse pensamento: ‘O pequeno delinquente, o pequeno desocupado, removidos que sejam para um meio de trabalho e moralidade, quase sempre se regeneram. Forças perdidas que eram para a sociedade, para ela voltam revigoradas e sãs’. (Moura, 1999, s.p. Grifos nossos.)

Note-se, a partir do excerto de Moura e da citação de Altino Arantes, de 1916, que a concepção do trabalho como fonte fecunda de regeneração, salvação e elemento essencial para o bom funcionamento da pátria ressoa na década de 1950, guardadas as devidas inflexões do período.

Ainda com o objetivo de afastar os jovens leitores de práticas reprováveis, o periódico dispunha, também, de contos. Ao longo de 1951, *Vida Juvenil* publicou a seção *Você é bom detetive? – Contos policiais de Berliet Junior*¹⁸⁶ (*Especiais para a Juventude*), através da qual apresentava contos de teor educativo que traziam policiais, bandidos, delinquentes, assim como apregoava valores como o certo e o errado; o bom e o mau.

¹⁸⁶ Acredita-se se tratar de José Assad, nascido em 07 de fevereiro de 1904, no Rio de Janeiro, e falecido em 08 de março de 1973, na mesma cidade. De origem libanesa, foi marido da síria Janem Ganem Assad (1935-1973) e pai de três filhos: Celso José, Rosa José e José Roberto. Formado em Direito, teve alguma atuação na política, mas fez seu nome nas artes, com especial ênfase no rádio. Foi produtor, diretor, apresentador, locutor, rádio-ator de programas de rádio, além de ator, diretor, produtor e roteirista de cinema e teatro. Berliet Junior também foi escritor, contista e colaborador de *Vida Juvenil*. Mais informações em: <https://www.elencobrasileiro.com/2017/01/berliet-junior.html>. Acesso em: 31 de julho de 2024.

Na sétima edição de *Você é bom detetive?*, de 1º de julho de 1951, Berliet Junior discorre acerca do trabalho da polícia. Sob o título *Uma aula de polícia técnica*, o autor comenta sobre a prática policial e o afastamento da delinquência. Assim ele começa:

Prezados leitores, a tarefa da polícia é realmente notável, quando encarada na ação benéfica de assegurar o ritmo harmônico da vida em comum. O vírus da delinquência age no espaço e no tempo com tal violência e poder negativo, que se não fosse a sua interferência, a sociedade se dissolveria de forma caótica e a própria civilização baquearia, fatalmente. (...) A alma humana tem porões escuros e tenebrosos onde vivem monstros das mais variadas e horripilantes formas. (...) E um desses monstros é o crime. (...) A lei policia o organismo social. Pune, ajusta e reajusta, evita, indica as normas de conduta (...). O crime não compensa. E ninguém tem o direito de eliminar a vida de seu próximo. (...) A polícia moderna está em condições de estender a mão crispada sobre a gola do criminoso (...). Não existe o crime perfeito. (...) (Vida Juvenil, ed. 31, 1º jul. 1951, p. 1)

Nos parágrafos iniciais, o autor se dedica a elogiar a polícia, a existência e o uso das leis e das medidas punitivas, a depreciar o crime e os criminosos, educando e moralizando o jovem leitor. Na sequência, apresenta alguns casos policiais intrigantes, o que justificaria o título da seção *Você é bom detetive?*, embora o título tenha pouca relação com os conteúdos veiculados. A seção, de fato, utiliza discursos moralizantes que visavam “impor uma autoridade e legitimar um projeto reformador” (Chartier, 2002, p. 17).

Ainda nesse sentido, além de os editores de *Vida Juvenil* apresentarem sua forma de pensar e estabelecer um projeto de formação integral dos jovens leitores através dos elementos lúdicos, como pelas HQs, contos e seções temáticas, os diálogos travados por meio das missivas que teoricamente recebiam também demonstravam os valores, as crenças e a missão da revista. Em resposta a um consumidor de Sorocaba (SP), o editorial alega saber “perfeitamente que um sem número de rapazes não lê VIDA JUVENIL por achá-la ‘séria’ e com poucas histórias em quadrinhos” (Vida Juvenil, ed. 130, 1º set. 1955, p. 61. Grifos do original). Contudo, os editores têm uma teoria para a situação:

O que acontece, Néelson, é uma espécie de rebeldia dos jovens, com respeito a “leituras didáticas”. Reagem os adolescentes a qualquer tentativa de ensinamentos, pois nessa idade (quem está lhe respondendo lembra-se bem disso) nós somos os “maiores” e não precisamos de conselhos. No entanto, uma boa formação educacional torna o homem ávido de conhecimentos. Essa a razão por que devotamos um grande respeito aos leitores de VIDA JUVENIL, pois sabemos aonde vai a nossa revista e o quilate dos nossos leitores. (...) (Vida Juvenil, ed. 130, 1º set. 1955, p. 61. Grifo do original).

Novamente, a questão da rebeldia juvenil é posta em discussão, mas, dessa vez, sendo associada aos estudos. A revista, ao defender a prática editorial empreendida por ela, descortina um problema mais amplo: o desinteresse dos jovens, segundo os editores, pelas leituras de cunho escolar e pelos conselhos dos mais velhos.

Em se tratando da relação *educação e rebeldia*, Francisco Leão, responsável pela seção *Mire-se na sua própria letra*, é enfático em seu exame. Ao fazer a análise grafológica de C. H. H., Francisco Leão comenta diversos aspectos que observa, os quais, em sua maioria, são negativos, tais como “você é bastante indisciplinado e rebelde”, “teimoso” e “parece esconder a verdade até de si mesmo”. A última frase, porém, merece destaque: “esperemos que o tempo e a instrução modifiquem essas pouco cômodas tendências...” (Vida Juvenil, ed. 32, 15 jul. 1951, p. 24). O valor da instrução no processo de modulação e transformação do sujeito é notabilizado, o que se alinhava aos preceitos dos colaboradores de *Vida Juvenil*, afinal, as “leituras didáticas” seriam aquelas que promoveriam mudanças profundas e efetivas nos indivíduos, o que justificaria, em larga medida, a própria existência do periódico que visava ser agente de deslocamentos no âmbito social.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ensaiai o encerramento de um estudo é tarefa árdua. É difícil porque, se por um lado, busca-se finalizar uma pesquisa, por outro, sabe-se que ela não se encerra naquele momento. Sabe-se que há lacunas a serem preenchidas, problemas a serem criados, estudos e autores a serem acrescidos e outras fontes a serem cruzadas. A tese que agora ensaia um fim não tem a pretensão de cessar as análises e as provocações suscitadas ao longo de suas páginas, mas, sim, de colocá-las em suspensão. Trata-se, de fato, de considerações finais e não de conclusões.

A tese teve como mote evidenciar a revista *Vida Juvenil*, à luz de diferentes aspectos. Enfatizou-se a sua composição editorial, intelectual, material e de conteúdo, discutindo-se conceitos alinhados aos campos da História Cultural, da Educação, da Juventude e da Sociologia da Juventude, em especial. Ademais, tencionou-se demonstrar que conceitos relativos às fases da vida, como infância, juventude e senectude, são ideias social e historicamente estabelecidas, condicionadas por tendências, tensões e táticas, ainda que o fator biológico também incida sobre elas. Importa observar que a ideia de juventude, contudo, durante séculos não foi sequer notada, uma vez que crianças pobres, que trabalhavam, passavam direto da infância à fase adulta, mudança muitas vezes marcada por ritos de passagem, “como no caso do quicumbi, ritual de circuncisão de afro-brasileiros ou afro-mestiços, herdado de nações africanas”, conforme anunciado por Del Priore (2022, p. 7-8).

O primeiro capítulo recebeu o título de *Aspectos da “vida juvenil brasileira” (Décadas de 1940 e 1950)* com vistas a estabelecer um trocadilho com o nome do periódico e ressaltar a homogeneidade de público prevista pelo seu corpo editorial para, assim, iniciar as discussões acerca do período da vida que se convencionou referir como *juventude*, com destaque para o contexto em que a revista circulou, isto é, o Brasil de meados do século XX. Nele, apresentou-se a revista, de maneira geral, com ênfase em sua materialidade, no tempo de circulação, no preço, nas seções e em um de seus suplementos, a *Revista do Clube Juvenil Toddy*. Inicialmente, foram apresentadas propagandas relativas ao lançamento da revista, com vistas à compreensão do contexto do mercado editorial à época que, em sua medida, favorecia o surgimento da revista que vinha compor o rol de publicações da Sociedade Gráfica Vida Doméstica, já detentora de algum prestígio desde a década de 1920, quando do lançamento da revista *Vida Doméstica*, que perdurou até a década de 1960.

O capítulo também focalizou o suporte de *Vida Juvenil*, isto é, revista, destacando as principais características deste tipo de fonte documental na pesquisa histórica. Discutiu-se, outrossim, a segregação de públicos no âmbito do periodismo, característico desse campo no

início do século XX, conforme defesa de Martins (2003), e prática recorrente da Sociedade Gráfica Vida Doméstica.

Tal fracionamento é identificado ao se observar os periódicos que compunham a rede de publicações da editora, a saber, *Vida Doméstica* (mulheres e moças), *Vida Infantil* (crianças) e *Coletânea* (adultos, em geral), além dos almanaques de *Vida Infantil* e *Vida Juvenil*. Assim, o capítulo tratou da Sociedade Gráfica Vida Doméstica e dos sujeitos que a constituíram. Observou-se o prestígio da editora, notável pela circulação de três periódicos concomitantes entre as décadas de 1940 e 1950; os sujeitos que colaboraram com eles; as homenagens prestadas a Jesus Gonçalves Fidalgo – fundador da editora – quando de seu falecimento, em 1948; e as homenagens pelo 20º aniversário da editora, em 1940, por exemplo.

O capítulo também focalizou revistas contemporâneas à *Vida Juvenil*, realçando as particularidades desta em relação às outras que, em sua maioria, apostavam em Histórias em Quadrinhos (HQs), principalmente as advindas dos Estados Unidos, ao passo que *Vida Juvenil* investia em seções de conteúdos diversos, em especial voltadas à educação, instrução, moralização, entretenimento e conselhos profissionais. A partir das análises, operou-se metodologicamente com a divisão do ciclo de vida do periódico em três fases, quais sejam, a primeira, de 1949 a 1951, cujas seções educativas e instrutivas tinham maior realce; a segunda, de 1952 a 1956, de modo que a educação e a instrução passaram a perder algum espaço para as histórias de entretenimento; e a terceira, de 1957 a 1959, classificada como a de declínio, quando houve a redução na circulação da revista, de quinzenal para mensal, e maior incorporação de Histórias em Quadrinhos.

O segundo capítulo, *Com a palavra, os intelectuais*, por sua vez, se debruçou nos principais intelectuais que estamparam as páginas de *Vida Juvenil*, dentre articulistas, ilustradores e a participação dos jovens que, supostamente, alimentavam um dos suplementos do periódico, intitulado *Revista do Clube Juvenil Toddy* (1953-1956). Intentou-se compor os principais aspectos do itinerário dos sujeitos elencados: os docentes Carlos Marinho de Paula Barros, Júlio César de Mello e Souza (Malba Tahan), Ney Cidade Palmeiro, Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves; os ilustradores José Geraldo e Gil Coimbra; e os jovens colaboradores da *Revista do Clube Juvenil Toddy*, Adinoel Motta Maia, Roberto Salvador e Adalberto Bezerra Mariano.

A tese demonstrou a discrepância que havia entre a quantidade de colaboradores homens e mulheres, o que motivou, ainda mais, a inserção das professoras Lúcia Alvarenga e Maria de Lourdes Alves no capítulo. A pesquisa salientou, outrossim, que essa diferença fez parte do

histórico da revista e esteve presente, inclusive, no expediente dela, que, ao longo dos seus 10 anos de circulação, só contou com homens “no poder”.

Nesse sentido, foi discutida a dificuldade em se elaborar uma possível trajetória das mulheres elencadas, que, embora tenham tido destaque no período em que atuaram, foram invisibilizadas e esquecidas. Lúcia Alvarenga, por exemplo, foi professora do Instituto Lafayette, no Rio de Janeiro, que, como visto, gozava de prestígio à época e era sinônimo de inovação. Além disso, Alvarenga foi autora de diversos manuais escolares de relevo no período, a exemplo de *Terra Querida*, de 1º a 4º anos, que foi recomendado para ser adotado nos estabelecimentos de Ensino Primário do Rio Grande do Norte, de acordo com a Portaria 161, de 20 de dezembro de 1952. Maria de Lourdes Alves, por sua vez, teve ampla atuação no rádio, que, em meados do século XX, era bastante utilizado (Costa, 2012). Foi idealizadora, produtora e apresentadora de diversos programas de rádio, como *Clube Juvenil Toddy*, *Bandeirantes do Ar* e *O Estudante e a Música*, e sua voz ecoou em emissoras de renome, como Mayrink Veiga, Nacional e Roquette-Pinto. Assim, colocou-se em xeque o motivo pelo qual entraram no porão da História, discutindo, a partir da História das Mulheres, os objetivos que incorreram nesse esquecimento compulsório, como se deu em relação a outras mulheres do período.

Foram escolhidos, outrossim, dois ilustradores que colaboraram com *Vida Juvenil*, como forma de privilegiar outro modo de produzir conhecimento: a partir do desenho, mas sem perder de vista elementos educativos, moralizantes e instrutivos. Embora homens, não foi fácil construir um itinerário sobre José Geraldo e Gil Coimbra, o que pode ser justificado pelo fato de não terem sido professores e/ou autores de livro, mas, sim, intelectuais do campo artístico. No caso de Gil Coimbra, há o agravante de não ser brasileiro, e, sim, boliviano, o que, talvez, possa ter contribuído para seu apagamento. José Geraldo, por sua vez, pode ter sua história silenciada por conta de seu envolvimento com a política, em especial, discursos de cunho esquerdista, e as tensões quando do Golpe Militar, de 1964.

Por fim, o capítulo problematizou a presença de jovens que, supostamente, escreviam na *Revista do Clube Juvenil Toddy*, um dos suplementos de *Vida Juvenil* e tinha origem no programa de rádio de mesmo nome, apresentado por Maria de Lourdes Alves. Os jovens participavam do programa veiculado na rádio e, também, da revista. Por isso, discutiu-se a entrada deles no periódico e uma possível classificação como *intelectuais*, ponderando que, apesar de terem os seus nomes estampados no suplemento, é questionável o grau de interferência de Alves e de outros adultos na escrita dos jovens colaboradores. De todo modo, considerou-se importante fazê-los pairar no imaginário dos leitores, uma vez que se compreendeu que se tratou de estratégia para evidenciar os jovens e elevá-los a protagonistas.

O terceiro e último capítulo, intitulado *Entre o estudo, o trabalho e a ordem: representações juvenis em revista*, se articulou aos anteriores e surgiu da necessidade de se realçar as principais representações observáveis em *Vida Juvenil*, ao longo das análises empreendidas. A partir dos estudos de Roger Chartier (1991; 2002), acerca do *mundo como representação*, formado através de palavras e imagens que conformam os discursos, intentou-se observar modos de se forjar ideias, valores e sentidos, assim como tensões provocadas na revista.

Com vistas aos objetivos, foram elencadas três categorias de análise: educação e instrução dos jovens; trabalho e trabalhador jovem; e a relação entre jovem rebelde e o jovem ordeiro. As três categorias selecionadas se justificaram pela relevância atribuídas a elas ao longo do ciclo de vida do periódico, observável pela regularidade que seguiam. Embora a ênfase no aspecto instrutivo, isto é, nas seções e nas atividades que se voltassem ao ensino e/ou ao reforço de uma disciplina curricular, e que contassem com a articulação de um intelectual explicitamente nomeado professor, fosse característico da primeira fase da revista, entre 1949 e 1951, observou-se que até em 1959, último ano de circulação, houve a publicação de exercício de cunho escolar com esse viés instrutivo. Trata-se da atividade intitulada *Ninoca na África*, que trazia a seguinte orientação: “Complete, colocando as letras que faltam para formar 10 palavras iniciadas com a letra G” (*Vida Juvenil*, edição 184, fevereiro de 1959, p. 33).

O primeiro tópico, voltado à compreensão de questões relativas à educação e à instrução, evidenciou discursos, atividades e imagens que propusessem educar e moralizar, de maneira ampla, como à luz da história *Coragem*, cujo protagonista, Eduardo Green, é representado como um herói, ao salvar crianças de um incêndio em casa. Tratava-se de educar pelo exemplo, com vistas à formação integral do sujeito. Afinal, não bastava aprender os conteúdos veiculados na escola; era importante, também, adotar supostas boas maneiras, assumir uma “postura correta” e uma “boa moral”. De maneira consonante, os conteúdos escolares, principalmente aqueles veiculados por professores e professoras, tinham espaço em *Vida Juvenil*. Passaram por suas páginas seções voltadas ao ensino de português, matemática, história geral, da América e do Brasil, geografia, ciências, princípios de física, além de conhecimentos gerais e “úteis”. Este tópico discutiu, ainda, representações de escola, em especial o lugar que ela assumia no período inicial da República, em finais do século XIX, de escolarização de uma sociedade recém-saída do regime escravocrata, com vistas a um reposicionamento dos recém-libertos e dos imigrantes que chegavam nos contextos político e cultural.

No que concerniu ao processo de realocação da população, o trabalho também se mostrou essencial. O segundo tópico, portanto, evidenciou a inserção no mundo do trabalho,

com especial ênfase no período anterior à publicação de *Vida Juvenil*. Foi discutido, pela lente da Sociologia do Trabalho e da História Social, a construção do ideário de trabalho, no Brasil, e o modo como a mais profunda lógica do trabalho se deu sob a base da escravização. Rivalidade, desigualdade e escassez são termos que marcam o “nascimento” do trabalho no Brasil pós-abolição, ao lado da coerção e da punição (Chalhoub, 2012; Popinigis, 2023).

Ressaltou-se, outrossim, a maneira como o trabalho era utilizado como conformador de uma nação, em especial, ordeira e produtiva. A partir de 1930, com a entrada de Getúlio Vargas ao poder, e, com mais ênfase, a partir de 1937, com a instauração do Estado Novo, o trabalhismo ganha novos contornos e definições. O governo passa a estabelecer formas de se aproximar dos trabalhadores com os objetivos de se manterem no poder e incentivarem um novo modelo de homem – cidadão e trabalhador. É nesse período, por exemplo, que são criadas diversas datas comemorativas de caráter cívico e, no início da década de 1940, é implementada a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (Gomes, 2005; Parada, 2009; Ferreira, 2005).

Vida Juvenil não se mostrava neutra frente a essas modificações que vinham ocorrendo desde a virada do século. Por isso, não era fortuita a inserção de seções que fossem ao encontro de tais ideários, quais sejam, de teor patriótico, educativo, de incentivo ao trabalho e aos “bons costumes”. Filha da década de 1940, período de intensas discussões e mudanças políticas, sociais e culturais, *Vida Juvenil* apresentava diversos discursos e representações em prol da formação de um público juvenil alinhado a uma lógica ordeira, produtivista, de amor à nação e ciente do dever perante a sociedade. Para tanto, dispunha de seções como *Escolha sua Profissão*, que incentivava a escolha de uma profissão futura; *Vultos Brasileiros*, que evidenciava sujeitos da História do Brasil que considerassem importantes de serem conhecidos e ressaltados; e *Heróis da Vida Real*, que apresentava histórias de pessoas “comuns”, de atitudes louváveis, dignas de serem reproduzidas.

Ao final do capítulo, foram discutidas questões de cunho atitudinal do jovem, com ênfase nos discursos que prescrevessem modos de ser e agir, visando reprimir ideias e ações consideradas inadequadas e incentivando aquelas alinhadas ao *status quo*. Por meio de contos, Histórias em Quadrinhos, comentários e análises grafológicas, por exemplo, era possível verificar representações diversas, tanto em relação a jovens vistos como “problemáticos” quanto a jovens considerados modelares, além da busca pela conformação de determinados gostos e hábitos *distintos* (Bourdieu, 2007) em detrimento de outros. Nesse sentido, é exemplar o caso das HQs de origem estadunidenses, as quais, na opinião do corpo editorial da *Vida Juvenil*, muitas vezes se mostravam perniciosas e de influência negativa quando da constituição de mentes e corpos juvenis.

Foi problematizado, igualmente, o movimento da rua, os discursos relacionados à vadiagem e à delinquência, principalmente quando referidos às crianças e aos adolescentes. A análise do romance *Vida de Rua* (1952), de Vicente Guimarães, foi a base para o início da discussão em torno do suposto “perigo” em que as ruas se convertiam, afinal “termos como ociosidade, vício, delinquência, crime transforma[va]m-se, de fato, em corolários da palavra rua” (Moura, 1999, s.p.). Observou-se o debate que havia, desde finais do século XIX, em relação ao menor abandonado e que oferecia “riscos à cidade”, traduzido pela ideia de que “a vadiagem é um ato preparatório do crime” (Chalhoub, 2012, p. 75). Por isso, fazia-se necessária a criação e ampliação de mecanismos de controle e punição para a “classe perigosa” que se conjugava, formada por sujeitos das camadas menos favorecidas da sociedade urbana (Simas, 2019a, s.p.). Rizzini (2008), por sua vez, ressalta o investimento feito, na época, em um “complexo aparato médico-jurídico-assistencial, cujas metas eram definidas pelas funções de prevenção, educação, recuperação e repressão [de crianças abandonadas]” (p. 9). Não à toa, no período de circulação de *Vida Juvenil*, o esforço em se formar sujeitos a partir da díade *cidadania-trabalho* ainda se encontrava em voga, observável não só nos discursos da revista, como também nas leis de ensino, que instituía disciplinas como Canto Orfeônico, Educação Moral e Cívica, através do ensino de História e Geografia geral e do Brasil, facultando, ainda, a Educação Religiosa (Parada, 2009; Brasil, 1942). *Vida Juvenil* atuava como um dispositivo mediador entre o seletivo grupo conformado por sujeitos que ditavam valores e regras e o público que deveria ler, introjetar e reproduzir os ideários disseminados nas páginas da revista.

A tese tentou, enfim, demonstrar a atuação formadora e mediadora vislumbrada pelo corpo editorial de *Vida Juvenil* e colaboradores e o modo como ela servia de observatório de diferentes aspectos sociais, culturais e editoriais de meados do século XX, como o mercado editorial do período, os sujeitos considerados de relevo para assinarem suas páginas e discursos, valores e práticas em voga nos anos que antecederam e circunscreveram a publicação do periódico em tela. Espera-se que as discussões empreendidas tenham provocado reflexões e inflexões diversas e tenham suscitado o interesse em se ampliar os estudos acerca da História da Juventude, de maneira relacional à da Infância, à da Educação e à dos Intelectuais, principalmente por se perceber que os problemas e as possibilidades de análises não se encerram aqui.

A pesquisa começou com o interesse em se descobrir o que era pensado para o jovem brasileiro urbano, entre 10 e 18 anos, de ambos os sexos, e finaliza com a certeza de que muitos caminhos de análise ainda são possíveis, ao se considerar *Vida Juvenil* um potente observatório em torno de uma juventude específica, isto é, de indivíduos entre cerca de 12 e 18 anos, de

ambos os sexos, da camada média urbana e que tivessem alguma familiaridade com o espaço formal de educação, cujo corpo editorial e intelectual estava circunscrito a uma realidade que, indubitavelmente, não chegava – e nem visava chegar – a todos os sujeitos daquele contexto histórico, afinal interessava-lhes obter “contato íntimo [apenas] com a elite da juventude brasileira” (*Vida Juvenil*, edição 114, 1º jan. de 1955, p. 1). Nesse sentido, foram observadas lacunas e silenciamentos por parte do periódico, em especial no que concerniu a jovens que se afastassem do que era considerado “normal”, como jovens das camadas menos favorecidas da sociedade, negros, indígenas, jovens inseridos no mercado de trabalho e fora da escola, além de questões relativas aos sindicatos e aos associativismos (Gomes, 2005; Ferreira, 2005; Xavier, 2019), por exemplo, o que se constituem como problematizações e interesses para pesquisas futuras.

Espera-se, enfim, que a tese tenha contribuído com as discussões do campo da História da Educação, haja vista o investimento de *Vida Juvenil* em torno da educação e da instrução de seu público-leitor, por meio de diferentes seções com esse fim. Espera-se, ademais, que se tenha preenchido certas lacunas presentes nos estudos acerca da juventude brasileira, sob uma perspectiva histórica, considerando que a composição da revista, como um todo, serviu de testemunho do que era ofertado a um público juvenil, assim como atuou como produtora de elementos sociais e culturais constituintes daquele período histórico.



REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Biografia: Abgar Renault*. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/abgar-renault/biografia>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2024.
- ALBERTI, Verena. “Um drama em gente: trajetórias e projetos de Pessoa e seus heterônimos”. In: ALBERTI, Verena. *Ouvir contar*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Íntimas Histórias: a amizade como método de trabalho historiográfico”. In.: *História: a arte de inventar o passado*. Ensaios de Teoria da História. Bauru: EDUSC, 2007, p. 211-217.
- ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. “Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?” In: GONÇALVES, Márcia de Almeida [et al] (orgs). *Qual o valor da história hoje?*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012, p. 21-39.
- ALVES, Claudia. “Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação”. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr, 2019.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. Trad. Eduardo L. Suárez. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- ANDRÉS, María del Mar del Pozo. “El movimiento de la Escuela Nueva y la renovación de los sistemas educativos”. In: FERRER, Alejandro Tiana; SAUTER, Gabriela Ossenbach; FERNÁNDEZ, Florentino Sanz (coords.). *Historia de la Educación (Edad Contemporánea)*. Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED), Madrid, 2002, p. 189-215.
- BRANDI, Paulo. *Verbete Gustavo Capanema*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAPANEMA,%20Gustavo.pdf>.
- BRASIL. *Decreto-lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942*. Lei Orgânica do Ensino Secundário. 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4244-9-abril-1942-414155-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 17 de janeiro de 2022.
- BRUNHAUSER, Felipe Farret. “O mundo do trabalho em perspectiva geracional: padrões sociais de crianças e jovens pobres na Primeira República”. *Revista Ars Historica*, ISSN 2178-244X, nº19, vol. 2, jan/jun 2020, p. 30-56.
- BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 16a Ed. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BANCO de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: abril de 2020.
- BARBOSA, Alexandre Valença Alves. *Histórias em quadrinhos sobre a História do Brasil em 1950: a narrativa dos artistas da EBAL e outras editoras*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2006.

BESKOW, Gabriela Carames. “Reflexões sobre o trabalhismo”. *Revista Dia-Logos*, 2004, p. 42-47.

BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Coleção História da Educação. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Jorge Zahar Ed, 2001.

BONTEMPI JÚNIOR, Bruno. “Usos da prosopografia para a história dos intelectuais da educação”. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 57-82, jan./abr, 2019.

BORGES, Rosimere Aparecida Soares; SOUSA, Elania Kelly de Araújo; DUARTE, Aparecida Rodrigues Silva. “Formação de Professores que ensinam Matemática: estudos que abordam a expertise da educadora Irene de Albuquerque”. *ACERVO - Boletim do Centro de Documentação do GHEMAT-SP*. São Paulo, v. 2, n. 2, p. 179–204, 2020. Disponível em: <https://ojs.ghemat-brasil.com.br/index.php/ACERVO/article/view/18>. Acesso em: 08 mai. 2024.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janáina e FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre; CHARTIER, Roger. “A leitura: uma prática cultural – debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier”. In: CHARTIER, Roger (org). *Práticas da Leitura*. 5a Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. A “Vanguarda Brasileira”: a juventude no discurso da Revista Editora do Brasil S/A (1961-1980). Tese (Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

BRAUDEL, Fernand. “Lucien Febvre e a História”. *Revista de História*, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1965.

BRITO, José Domingos de. (org.). *Por que escrevo?*. Coleção Mistérios da Criação Literária. Volume 1, Editora Novera, 2007.

BULST, Neithard. *Sobre o objeto e o método da prosopografia*. Politeia: História e Sociedade, v. 5, n. 1, p. 47-67, 2005.

BURKE, Peter. “A nova história, seu passado e seu futuro”. In: *A escrita da História: novas perspectivas*. Peter Burke (org.); trad. de Magda Lopes - São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.

BURKE, Peter. *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*. São Paulo: Editora UNESP, 2017, 318p.

BURKE, Peter. “Los ego-documentos como fuentes históricas”. In: CHICANGANA-BAYONA, Yobenj Aucardo; PÉREZ, María Cristina Pérez; SIERRA, Ana María Rodríguez (compiladores). *El oficio del historiador: Reflexiones metodológicas en torno a las fuentes*. Bogotá: Universidad de los Andes, Ediciones Uniandes; Universidad del Rosario; Medellín: Universidad Nacional de Colombia, 2019, p. 3-18. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.30778/2019.02>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

CARDOSO, Elizangela Barbosa. “Entre o tradicional e o moderno: os femininos na revista *Vida Doméstica*”. *Revista Gênero – Universidade Federal Fluminense*. Niterói, 2009. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/113300229/17996.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2023.

CARDOSO, Rafael. “O design gráfico e sua história”. *Revista artes visuais, cultura e criação*. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/download/36673647/design_grafico.pdf. Acesso em: 27 de setembro de 2023.

CARDOSO, Rafael. *Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil (1890-1945)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARVALHO, Homero. “La memoria de la selva”. *Periodico La Razón*. Bolívia, 2017.

CASTRO, Clarissa Costa Mainardi Miguel de. *O Governo Democrático de Getúlio Vargas através dos Cinejornais*. Dissertação (Mestrado em História Social). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

CASTRO, César Augusto. “A Expansão do Ensino Secundário – Ginásios e Colégios – no Maranhão nas Décadas de 40 e 60”. *Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação*, Belém, 2019.

CERTEAU, Michel. “A operação histórica”. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. 3ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2012.

CHALHOUB, Sidney; SILVA, Fernando Teixeira da. “Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980”. *Cad. AEL*, v. 14, n. 26, 2009.

CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. *Estudos Avançados*, São Paulo, Brasil, v. 5, n. 11, p. 173–191, 1991. Disponível em: <https://revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 01 abr. 2024.

CHARTIER, Roger. “Figuras do autor”. In: _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Trad: Mary Del Priore. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed, 1998, pp. 33-65.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger (org). *Práticas da Leitura*. 5a Ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHOPPIN, Alain. “O historiador e o livro escolar”. Trad. Maria Helena Camara Bastos. *História da Educação*. ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas (11): 5-24, Abril, 2002.

COSTA, Patrícia Coelho da. *Educadores do rádio: concepção, realização e recepção de programas educacionais radiofônicos (1935-1950)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, Curso de Pós-graduação em Educação. São Paulo, 2012, 272 p.

COSTA, Aline Santos. *A conformação da Literatura Infantil como disciplina no Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1938)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação, 2018, 226 f.

CUNHA, Maria Teresa Santos. “O arquivo pessoal do professor catarinense Elpídio Barbosa (1909-1966): do traçado manual ao registro digital”. *Revista Hist. Educ.* (Online). Porto Alegre, v. 21, n. 51, Jan./abr., 2017, p. 187-206. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/66723>. Acesso em: 07 de maio de 2024.

DALLABRIDA, Norberto et al. “Renovação do Ensino Secundário brasileiro: classes experimentais e ginásios vocacionais (décadas de 1950 e 1960)”. *Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação*, Maringá, 2015.

DARÍO, Rubén. “Canción de otoño en primavera”. *Cantos de vida y esperanza*, 1905. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/cantos-de-vida-y-esperanza-cancion-de-otono/html/04144591-7101-40f4-901d-a114ea3e672b_2.html. Acesso em: 10 de dezembro de 2023.

DI PIERRO, Maria Clara. JOIA, Orlando. RIBEIRO, Vera Masagão. “Visões da educação de jovens e adultos no Brasil”. *Caderno Cedes*. Campinas, SP, n. 55, p. 58-77. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622001000300005>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2024.

EXPOSIÇÃO do livro brasileiro contemporâneo. Lisboa, 1957. Disponível em: https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasgerais/drg930067/drg930067.pdf. Acesso em: 06 de fevereiro de 2024.

FAEDRICH, Anna. *Escritoras silenciadas - Narcisa Amália, Julia Lopes de Almeida, Albertina Bertha e as adversidades da escrita literária de mulheres*. Macabéa Edições: Rio de Janeiro, 2022.

FARIA, Juraci Conceição de. *A prática educativa de Júlio César de Mello e Souza Malba Tahan: um olhar a partir da concepção de interdisciplinaridade de Ivani Fazenda*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Educação e Letras, Curso de Pós-graduação em Educação. São Bernardo do Campo, 2004, 286 p.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. “Educar, Instruir e Civilizar: contribuição à História da Educação Infantil em Minas Gerais”. *Série Documental/Relatos de Pesquisa*, n. 24, abril de 1995.

FARIA FILHO, Luciano Mendes et alli. “A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira”. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.30, n.1, p. 139-159, jan./abr., 2004.

FARIA FILHO, Luciano (org.) *Pensadores sociais e história da educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FÁVERO, Osmar; FREITAS, Marinaide. “A educação de adultos e jovens e adultos: um olhar sobre o passado e o presente”. *Inter-Ação*, 36(02), 365-392, 2011.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. *História & Ensino de História*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

FONTES, Paulo. “História e mundos do trabalho no Brasil: desenvolvimento, paradoxos e desafios”. *Revista Ars Historica*, ISSN 2178-244X, nº19, jul./dez. 2019, p. 01-07.

FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos: Estética - literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 1-44.

FRANCISCO, Julio Cesar; GROppo, Luís Antonio. “Adolescência(s) e juventude(s): considerações a partir de uma coexistência legal (Adolescence and youth: considerations from a legal coexistence)”. *Crítica Educativa*, 2(2), 275-294.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do Cordel (1930- 1950)”. *Educ. Soc.*, Campinas, 2002, v.23, n. 81, p. 115-142.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; SOARES, Leôncio José Gomes. “História da alfabetização de adultos no Brasil”. In: ALBUQUERQUE, E. B.; LEAL, T.F. *A alfabetização de jovens e adultos: em uma perspectiva de letramento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GATTI, Giseli Cristina do Vale. “A Centralidade dos eventos Cívico-Patrióticos na realidade escolar do Ensino Secundário em Uberlândia e Uberaba, em Minas Gerais nas décadas de 1930 a 1960”. *Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação*, Maringá, 2015.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, Angela Maria de Castro; D'ARAÚJO, Maria Celina Soares. *Getulismo e trabalhismo: tensões e dimensões do Partido Trabalhista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987. 73p.

GOMES, Angela Maria de Castro. *Cidadania e direitos do trabalho*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 84p.

GOMES, Angela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 320p.

GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. (Orgs.) *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, 490p.

GOMES, Angela de Castro; FERREIRA, Jorge. “Brasil, 1945-1964: uma democracia representativa em consolidação”. *Locus: revista de história, Juiz de Fora*, v. 24, n. 2, p. 251-275, 2018.

GÓMEZ, Antonio Castillo. “Del signo negado al signo virtual. Cambios y permanencias en la historia social de la cultura escrita”. *Signo. Revista de Historia de la Cultura Escrita*. Vol. 6. Universidad de Alcalá, 1999, pp. 113-143.

GONÇALO JUNIOR. *A Guerra dos Gibis: a formação do mercado editorial brasileiro e a censura aos quadrinhos, 1933-64*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GOULEMOT, Jean Marie. “Da leitura como produção de sentidos”. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1982.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Coleção Enfoques – Sociologia. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, 308p.

GROPPO, Luís Antonio. “Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude”. *Revista Desidades*, número 14, ano 5, mar 2017, p. 9 – 17.

GUIMARÃES, Lucia Maria Paschoal. “Teresa Cristina de Bourbon (1822-1889): a face oculta da imperatriz silenciosa”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, julho 2011.

HELD, Helder Macedo de. “Malba Tahan: homem e personagem”. *Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade*. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo; WARDE, Mirian Jorge; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Apontamentos sobre a história da escola e do sistema escolar no Brasil”. In: GARCÉS, Olga Lucía Zuluaga; SAUTER, Gabriela Ossenbach (compiladoras). *Gênesis y desarrollo de los sistemas educativos iberoamericanos siglo XIX – Tomo I*. Editorial Magistério, 2004, p. 126-202.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. *Anuário estatístico do Brasil*. 1953. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/20/aeb_1953.pdf> Acesso em 14 de dezembro de 2024.

JANKOWSKI, Martín Sánchez. “As gangues e a estrutura da sociedade americana”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 12, n. 34, 1997.

JAROUCHE, Mamede Mustafa. “Malba Tahan, ou como produzir um arabismo para jovens.” In: TAHAN, Malba. *O homem que calculava*. (100ª edição). Prefácio. Rio de Janeiro: Record, 2021, p. 15-26.

JORGE, Noemi da Silveira. *Raízes em Óbidos*. All Print Editora. Nova Iguaçu: Rio de Janeiro, 2015.

JULIA, Dominique. “A cultura escolar como objeto histórico”. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

KOIFMAN, Fábio (org.). *Presidentes do Brasil*. Departamento de Pesquisa da Universidade Estácio de Sá. São Paulo: Cultura, 2002.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEANDRO, Andressa Barbosa de Farias. “‘Despertando as energias cívicas da juventude brasileira’: a mobilização juvenil durante o Estado Novo”. *Anais do 4º Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências (CONAPESC)*, Campina Grande, PB, 2019, p. 960-75.

LE MOS, Ida. “Contextualizar a delinquência juvenil para uma intervenção centrada nos recursos de resiliência”. *Omnia* nº 1, outubro 2014, p. 31-37. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Ida-Lemos/publication/270393544_CONTEXTUALIZAR_A_DELINQUENCIA_JUVENIL_Par_a_uma_intervencao_centrada_nos_recursos_de_resiliencia/links/54a935c40cf257a6360c672b/CONTEXTUALIZAR-A-DELINQUENCIA-JUVENIL-Para-uma-intervencao-centrada-nos-recursos-de-resiliencia.pdf. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude. *Historia de los jóvenes I*. De la Antigüedad a la Edad Moderna. Madrid: Santillana, S.A. Taurus, 1996.

LEYENDECKER, Niely Natalino de Freitas. “Juventude Brasileira: a Educação Secundária na Década de 1940 pela Triáde Patriótica - o Ensino Chega em Casa”. *Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação*, Belém, 2019.

LIMA, Savio Queiroz. “Histórias em quadrinhos e juventude”. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História dos jovens no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2022, 341-371.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, Coleção Prismas, 1999, 319 p.

LUCA, Tânia Regina de. “História dos, nos e por meio de periódicos”. In: PINKSY, Carla Bassanesi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCCI, Marcela. “La mujer como ícono en el periodismo catalán para América: la representación femenina en la plástica de las revistas Mercurio y Ressorgiment. 1910-1938”. *Cuadernos De Historia*, (59), pp. 77-102, 2023. Disponível em: <https://cuadernosdehistoria.uchile.cl/index.php/CDH/article/view/72194>. Acesso em: 13 de outubro de 2023.

MAIA, Manna Nunes. “Anísio Teixeira e o Ensino Secundário”. *Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação*, Maringá, 2015.

MAIA, Manna Nunes. “O Empresariado do Ensino Secundário no Antigo Estado do Rio de Janeiro na Primeira República”. *Anais do IX Congresso Brasileiro de História da Educação*, João Pessoa, 2017.

MARGULIS, Mario (ed.). *La juventud es más que una palabra: Ensayos sobre cultura y juventude*. Buenos Aires: Biblos, Sociedad, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: EDUSP, 2001.

MARTINS, Ana Luiza. “Da fantasia à história: folheando páginas revisteiras”. *História*, São Paulo, 22 (1): 59-79, 2003.

MELO, Juliana Ferreira de. *Um impresso para mulheres e seus modos de apropriação: a revista Grande Hotel e seus (supostos) leitores (Minas Gerais, 1947-1961)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Curso de Pós-graduação em Educação. Belo Horizonte, 2013.

MERLO, Maria Cristina. “O Tico-Tico: um marco nas histórias em quadrinhos no Brasil (1905-1962)”. *Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, GT de História da Mídia Visual*. Florianópolis, 2004.

MICELI, Sergio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MICELI, Sergio. *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.

MINHOTO, Maria Angélica Pedra. *Da progressão do ensino elementar ao ensino secundário (1931-1945): crítica do exame de admissão ao ginásio*. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007, 322f.

MOKARZEL, Marisa de Oliveira. *O Era uma vez na ilustração: linguagem e plasticidade no universo gráfico de Rio de Oliveira*. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Escola de Belas Artes, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1998, 153f.

MONTALVÃO, Sérgio de Sousa. “Gustavo Capanema e o ensino secundário no Brasil: a invenção de um legado”. *Revista História da Educação* (Online), 2021, v. 25: e108349 DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/108349>.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. “Bandeirantes do progresso: imagens do trabalho e do trabalhador na cidade em festa. São Paulo, 25 de janeiro de 1954”. *Revista Brasileira de História – Órgão da Associação Nacional de História (Ex-Associação Nacional dos Professores Universitários de História)* - São Paulo. ANPUH/Marco Zero, vol. 14, nº 28, 1994, pp. 231-246.

MOURA, Esmeralda Blanco Bolsonaro de. “Meninos e meninas na rua: impasse e dissonância na construção da identidade da criança e do adolescente na República Velha”. Dossiê: Infância e Adolescência, *Revista Brasileira de História*. 19 (37), Set 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000100005>. Acesso em: 12 de setembro de 2024.

NASCIMENTO, Abdias do. *O Genocídio do Negro Brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 41 e 77.

NOVAES, Allan. “O jovem na literatura acadêmica: elementos para um estado da arte dos estudos da juventude”. *Fragments de Cultura*, Goiânia, v. 28, n. 2, p. 246-257, abr./jun. 2018.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. “Historiografia da educação e fontes”. In: GONDRA, José Gonçalves (org.). *Pesquisa em história da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

NUNES, Karen Dayanne. *Falando aos trabalhadores brasileiros: a didática do ministro Marcondes Filho*. Dissertação (Mestrado em Educação). Mariana: Universidade Federal de Ouro Preto (MG), 2020.

OLIVEIRA, Sílvio Roberto dos Santos. “Os contos argelinos de Lima Barreto”. *Anais da VIII Semana de Mobilização Científica da Universidade Católica do Salvador*. Salvador, 2005. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/2620/1/Os%20contos%20argelinos%20de%20Lima%20Barreto.pdf>. Acesso em: 23 de julho de 2022.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. “Entre a Escola Nova e a Escola Básica: a modernização curricular para o ensino do português no Ensino Primário Paulista (1949-1968)”. *Rev. Bras. Hist. Educ.*, 22, e232, 2022.

PAIS, José Machado. “A construção sociológica da juventude – alguns contributos”. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1º, 2º), 139-165.

PARADA, Maurício Barreto Alvarez. *Educando Corpos e Criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro, RJ: Apicuri, 2009. 248p.

PARADA, Maurício Barreto Alvarez. “Cultura cívica e memória no Estado Novo brasileiro”. *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 13, n. 2, p. 401-412, 2009.

PENNA, Antonio Gomes. “As idéias filosóficas e pedagógicas de La-Fayette Cortês”. *Revista Fórum Educação*, Rio de Janeiro, 12(4)3-19, out./dez. 1988.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PESSANHA, Eurize Caldas; MOREIRA, Kênia Hilda. “Livros Didáticos para o Ensino Secundário: Fontes para o Estudo da História das Disciplinas Escolares na Década de 1940”. *Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação*, Belém, 2019.

PINTO, Gabrielle Carla Mondêgo Pacheco. *Júlia Lopes de Almeida: escritora, mãe e esposa laureada nas páginas de A Violeta (1920-1934)*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, Curso de Pós-graduação em Educação. Rio de Janeiro, 2023.

POPINIGIS, Fabiane. “A emancipação da quase exclusiva classe trabalhadora do país – a classe escrava”? Disputas por indenização e salários na década da abolição”. *Mundos do Trabalho*, Florianópolis, v. 15, 2023, p. 1-25.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. 5ª ed, 2002.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. *O espelho da nação: a antologia nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. Tese (Doutorado em Teoria Literária) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/199827>. Acesso em: 25 out. 2022.

RAZZINI, Marcia de Paula Gregorio. “História da Disciplina Português na Escola Secundária Brasileira”. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, v. 4, p. 43-58, jan./jun. 2010.

REPÚBLICA dos Estados Unidos do Brasil. *Programas do Curso Ginásial – Ensino Secundário*. Imprensa Nacional: Rio de Janeiro, 1942. Disponível em: http://arquivohistorico.inep.gov.br/uploads/r/instituto-nacional-de-estudos-e-pesquisas-educacionais-anisio-teixeira-t-2/2/d/3/2d3f6c006cfd4997f6cd2c03d96704722bad9c9e04cc2fbbdcc3cff13f7a39f9/CODI-UNIPER_m0466p01_ProgramasDoCursoGinasial_1942.PDF. Acesso em: 08 de fevereiro de 2024.

RIDENTI, Marcelo. “The Journal Cadernos Brasileiros and The Congress For Cultural Freedom, 1959-1970”. *Sociol. antropol.* Rio de Janeiro, v. 08.02: 351 – 373, may.– aug., 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752016v821>. Acesso em: 12 de julho de 2023.

RIZZINI, Irene. RIZZINI, Irma. *A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

RIZZINI, Irene. *O século perdido: raízes histórias das políticas públicas para a infância do Brasil*. 2ª ed. Revista. São Paulo: Cortez, 2008.

ROCHA, Fernando Martins. *As vozes verbais na gramática normativa: aspectos problemáticos*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-15042014-094816/en.php>. Acesso em: 13 de maio de 2024.

RODRIGUES, César Urbino. *A representação do Outro no Estado Novo: o Outro-cidadão português e o Outro-país vizinho nos discursos de Salazar, nos Manuais Escolares e nos Boletins da Mocidade Portuguesa*. Tese (Doutorado em Educação). Valladolid: Universidad de Valladolid (Espanha), 2005.

RODRIGUES, Ruan Paulo Matos; CARDOSO, Denise Porto; LIMA, Fabíola dos Santos. As tiras no livro didático de Português. Anais do VII Colóquio Internacional “Educação e Contemporaneidade”. São Cristóvão, 2014. Disponível em: www.anais.educoense.com.br/2014/as_tiras_no_livro_didatico_de_portugues.pdf

RODRIGUES, Simone Paixão. “Formas e Espaços de Sociabilidade da Juventude Sergipana”. *Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação*, Belém, 2019.

SALVADOR, Roberto. *A era do radioteatro: O registro da história de um gênero que emocionou o Brasil*. Gramma Editora: Rio de Janeiro, 2010.

SANT'ANA, Andréa Márcia. “O Ensino Secundário era um escândalo, e virou manchete de primeira página”. *Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação*, Maringá, 2015.

SANTANA, Márcio Santos de. *Projetos para as novas gerações: juventudes e relações de força na política brasileira (1926-1945)*. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2009.

SANTIAGO, Zélia Maria de Arruda & FIGUEIRÊDO, Maria de Fátima Caldas de. “Conteúdo de Matemática no Exame de Admissão: memórias de professoras aposentadas”. *Ensino Em Revista*, 27(2), 595–611, 2020. <https://doi.org/10.14393/ER-v27n2a2020-9>

SANTOS, Liana Pereira Borba dos. *Mulheres e revistas: a dimensão educativa dos periódicos femininos Jornal das Moças, Querida e Vida Doméstica nos anos 1950*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SANTOS, Liana Pereira Borba dos Santos. *Infância e família em revista: Pais & Filhos (1968-1989)*. 2018. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SANTOS, Lidia Noemia Silva dos. *A invenção da juventude transviada no Brasil (1950-1970)*. Tese (Doutorado em História). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), 2013.

SCHUDEBOOM, Bas. *José Geraldo Barreto (verbete)*. Disponível em: https://www.lambiek.net/artists/g/geraldo_barreto_jose.htm. Acesso em: 24 de fevereiro de 2024.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. “Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais”. *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 04.02: 391-431, outubro, 2014.

SILVA, Márcia Cabral da; SOARES, Josiane de Souza. “Uma análise comparativa entre três edições do livro *Bisa Bia, bisa Bel*, de Ana Maria Machado”. José Antonio de Souza; Milka Helena Carrilho Slavez; Silvane Aparecida Freitas (Orgs.). *Linguagem, educação e cultura: abordagens, pesquisas e ensino*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. 185-201.

SILVA, Márcia Cabral da; SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. “Vida Infantil e o Tico-Tico: Periódicos infantis híbridos (1947)”. In: HERNÁNDEZ DÍAZ, José María. *Prensa pedagógica: mujeres, niños, sectores populares y otros fines educativos*. 1ª ed. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018, p. 311-321.

SILVA, Jane Santos; RODRIGUES, Ariana Targino de Melo. “O Ensino Secundário do Brasil: Reformas de Capanema e Passarinho”. *Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação*, Belém, 2019.

SILVA, Stella Sanches de Oliveira. “‘Tudo Pelo Brasil Imortal!’: Instruções para um Ensino Pré-Militar na Lei Orgânica do Ensino Secundário, 1942”. *Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação*, Belém, 2019.

SILVA, Rogério de Medeiros. “Nas Páginas dos Jornais: o Ensino Secundário Piauiense (1942 – 1971)”. *Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação*, Belém, 2019.

SILVA, Shayenne Schneider. *Em terras alheias: a viagem de João Ribeiro à Alemanha como estratégia de legitimação na educação (1895-1897)*. Tese (Doutorado), Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Educação. Rio de Janeiro, 2022.

SIMAS, Luiz Antonio. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019a.

SIMAS, Luiz Antonio. “O Maracanã, a cidade e o terreiro”. In: SERRA, Elizabeth [et al.] (org); DOMINGUES, João (coord.). *Direitos culturais e direito à cidade: caderno didático*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2019b, p. 56-63.

SIQUEIRA FILHO, Moysés Gonçalves. *Ali Iezid Izz-Edim Ibn Salim Hank Malba Tahan: Episódios do nascimento e manutenção de um autor-personagem*. Tese (Doutorado), Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. Campinas, 2008.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 231-269.

SOARES, Leôncio; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. “Uma história da alfabetização de adultos no Brasil”. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (Orgs.). *Histórias e Memórias da Educação no Brasil – Século XX*. Vol. 3. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. *O feminino, a formação identitária e literária em As Três Marias, de Rachel de Queiroz (1939)*. Editora Novas Edições Acadêmicas, 2016.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. *Divertir, educar e instruir: Vida Infantil (1947-1950)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. “Verbete Júlio César de Mello e Souza/ Malba Tahan”. *Intelectuais, Impresses e História da Educação* (GRUPEEL). Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://grupeeluerj.wordpress.com/julio-cesar-de-mello-e-souza-1895-1974/>. Acesso em: 08 de maio de 2024.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de; ROSA, Victor Soares. “Modos de falar em *Vida Juvenil*: articulação entre imprensa, currículo e ensino secundário (1949)”. *Revista Linha Mestra*. Dossiê 23º Congresso de Leitura do Brasil – COLE Rua. Vol. 18, N. 52, jan./abr., 2024, p. 309-322. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/1980-9026a2024n52p309-322>

SPAGNOL, Antônio Sérgio. *Jovens perdidos. Um estudo sobre jovens delinquentes na cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume; Fapesp: 2008.

SPINDULA, Alice Lopes & MACHADO, Raphael Ribeiro. *Uma apreciação sobre Vida Doméstica: a revista feminina que (in)formou mulheres em todo o Brasil*. Anais do 30º Simpósio Nacional de História (ANPUH). Recife, 2019.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). *Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação ciências sociais e serviço social (1999-2006)*, volumes 1 e 2. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

TAHAN, Malba. *O Homem que calculava*. 100a ed. Rio de Janeiro: Record, 2021. 383p.

TAHAN, Malba. *Acordaram-me de madrugada: recordações do antigo aluno do Colégio Pedro II*. Colégio Pedro II, 1973.

UNIVERSIDADE do Estado do Rio de Janeiro. “Universidade homenageia a professora Dirce Côrtes Riedel”. *UERJ Em Dia: Edição Especial*. Rio de Janeiro, ano XVII, nº 705, 27 abril de 2015. Disponível em: https://www.antigo.uerj.br/publicacoes/uerj_emdia/705/. Acesso em: 09 de maio de 2024.

VASCONCELOS, Maria Celi Chaves; SILVA, Márcia Cabral da; VIEIRA, Cristina Maria Coimbra. “História de mulheres e educação: transgressões, resistências e empoderamentos”. *Revista Teias*, [S. l.], v. 23, n. 70, p. 2–11, 2022. DOI: 10.12957/teias.2022.69625. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/69625>. Acesso em: 09 de maio de 2024.

VEIGA, Cynthia Greive. “Educação estética para o povo”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 5ª ed, 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 399-422.

VELLOSO, Mônica Pimenta. “Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo”. *Revista de Sociologia e Política*, nº 9, 1997. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/download/39298/24117>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

VERBETE Marcondes Filho. CPDOC/ FGV. Disponível em <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MARCONDES%20FILHO.pdf>. Acesso em: 23 de outubro de 2024.

VIANNA, Diogo Henrique. *Ensino de História da América: currículo e livros didáticos na década de 1950*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

VICENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. “Sobre a história e a teoria da forma escolar”. In: *Educação em Revista*, Belo Horizonte, nº 33, jun/2001, p. 7-47. Disponível em: <<http://educa.fcc.org.br/pdf/edur/n33/n33a02.pdf>>. Acesso em: 10 de julho de 2021.

VIDAL, Diana Gonçalves. “Escola Nova e processo educativo”. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. 5ª ed, 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2015, p. 497-517.

VILANOVA, Francisco. “Revista “Voz do Estudante” e a Formação da Juventude Estudiosa no Piauí (1940 – 1943)”. *Anais do X Congresso Brasileiro de História da Educação*, Belém, 2019.

VIRGILIO, Paulo. *Empresas e profissionais liberais de renome instalaram escritórios no Edifício A Noite*. Reportagem da Agência Brasil. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/empresas-e-profissionais-liberais-de-renome-instalaram-escritorios-no-edificio-a-noite/100433401>.

XAVIER, Libânia Nacif. “Profissionalização do magistério no contexto de difusão do ideário da Escola Nova (Rio de Janeiro: 1920-1930)”. *Anais do XXIV Simpósio Nacional de História*, São Leopoldo, 2007.

XAVIER, Libânia Nacif. “Contribuições ao estudo do associativismo docente”. *Pro-Posições*, Campinas, v. 30, 2019, p. 1-23. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2018-0013>. Acesso em: 30 de outubro de 2024.

ZOTTI, Solange Aparecida. “A função social do Ensino Secundário no contexto de formação da sociedade capitalista brasileira”. *Anais do VIII Congresso Brasileiro de História da Educação*, Maringá, 2015.

FONTES DOCUMENTAIS

A NOITE. *Hoje, no Palace Hotel...* Ed. 13005. Rio de Janeiro, 1948.

A NOITE. “*Dicionário Toddy*”. Ed. 12551. Rio de Janeiro, 28 de abril de 1947.

A NOITE. 15 de jan. 1954, ed. 14608, p. 3. Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional (HDB/FBN).

CORREIO DA MANHÃ. *Instituto La-Fayette*: Resultado dos exames do Curso Geral Superior, realizados perante a Junta Examinadora, nomeada pelo sr. diretor. Ed. 10127. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1928.

CORREIO DA MANHÃ. *Música para crianças*. Rio de Janeiro: Ed. 17364, 23 de out. 1949, p. 15.

CORREIO DA MANHÃ. *Nomes & Notícias*. Ed. 20225, 04 de março de 1959.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. *Rádio*: programas para hoje. Ed. 11122, 18 de fevereiro de 1959.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS. *Rádio*: programas para hoje. Ed. 11227, 23 de junho de 1959.

JORNAL A União. *Lenda do Oásis, de Malba Tahan – Civilização Brasileira*. João Pessoa, Paraíba, 13 de setembro de 1933.

JORNAL DO BRASIL. *Em favor da arte brasileira*. Ed. 214, 6 de set. de 1931, p. 12.

JORNAL DO BRASIL. *Governo determina que as histórias em quadrinhos e “charges” sejam nacionais*. Ed. 224, 25 de set. de 1963, p. 9.

OROSCO, German. “A vida e alma indígena vistas por um pintor”. *Diário de Notícias*, ed. 5581, Rio de Janeiro, 1941, p. 13.

VIDA DOMÉSTICA. *Um noivo*. Ed. 383, Rio de Janeiro, fev. 1950, p. 42.

VIDA DOMÉSTICA. *Expediente*. Ed. 452, Rio de Janeiro, out. 1955, p. 24.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 1, janeiro de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 2, fevereiro de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 3, março de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 4, abril de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 5, maio de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 6, junho de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 7, julho de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 8, agosto de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 9, setembro de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 10, outubro de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 11, novembro de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano I, n. 12, dezembro de 1949.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 13, janeiro de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 14, fevereiro de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 15, março de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 16, abril de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 17, maio de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 18, junho de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 19, julho de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 20, agosto de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 21, setembro de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 22, outubro de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 23, novembro de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano II, n. 24, dezembro de 1950.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 25, 1º de janeiro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 26, 1º de fevereiro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 27, 1º de março de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 28, 1º de abril de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 29, 1º de maio de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 30, 1º de junho de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 31, 1º de julho de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 32, 15 de julho de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 33, 1º de agosto de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 34, 15 de agosto de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 35, 1º de setembro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 36, 15 de setembro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 37, 1º de outubro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 38, 15 de outubro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 39, 1º de novembro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 40, 15 de novembro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 41, 1º de dezembro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano III, n. 42, 15 de dezembro de 1951.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 43, 1º de janeiro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 44, 15 de janeiro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 45, 1º de fevereiro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 46, 15 de fevereiro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 47, 1º de março de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 48, 15 de março de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 49, 1º de abril de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 50, 15 de abril de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 51, 1º de maio de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 52, 15 de maio de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 53, 1º de junho de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 54, 15 de junho de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 55, 1º de julho de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 56, 15 de julho de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 57, 1º de agosto de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 58, 15 de agosto de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 59, 1º de setembro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 60, 15 de setembro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 61, 1º de outubro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 62, 15 de outubro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 63, 1º de novembro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 64, 15 de novembro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 65, 1º de dezembro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IV, n. 66, 15 de dezembro de 1952.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 67, 1º de janeiro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 68, 1º de fevereiro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 69, 15 de fevereiro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 70, 1º de março de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 71, 15 de março de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 72, 1º de abril de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 73, 15 de abril de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 74, 1º de maio de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 75, 15 de maio de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 76, 1º de junho de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 77, 15 de junho de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 78, 1º de julho de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 79, 15 de julho de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 80, 1º de agosto de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 81, 15 de agosto de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 82, 1º de setembro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 83, 15 de setembro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 84, 1º de outubro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 85, 15 de outubro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 86, 1º de novembro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 87, 15 de novembro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 88, 1º de dezembro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano V, n. 89, 15 de dezembro de 1953.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 90, 1º de janeiro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 91, 15 de janeiro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 92, 1º de fevereiro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 93, 15 de fevereiro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 94, 1º de março de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 95, 15 de março de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 96, 1º de abril de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 97, 15 de abril de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 98, 1º de maio de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 99, 15 de maio de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 100, 1º de junho de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 101, 15 de junho de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 102, 1º de julho de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 103, 15 de julho de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 104, 1º de agosto de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 105, 15 de agosto de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 106, 1º de setembro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 107, 15 de setembro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 108, 1º de outubro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 109, 15 de outubro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 110, 1º de novembro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 111, 15 de novembro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 112, 1º de dezembro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VI, n. 113, 15 de dezembro de 1954.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 114, 1º de janeiro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 115, 15 de janeiro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 116, 1º de fevereiro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 117, 15 de fevereiro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 118, 1º de março de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 119, 15 de março de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 120, 1º de abril de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 121, 15 de abril de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 122, 1º de maio de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 123, 15 de maio de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 124, 1º de junho de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 125, 15 de junho de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 126, 1º de julho de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 127, 15 de julho de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 128, 1º de agosto de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 129, 15 de agosto de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 130, 1º de setembro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 131, 15 de setembro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 132, 1º de outubro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 133, 15 de outubro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 134, 1º de novembro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 135, 15 de novembro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 136, 1º de dezembro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VII, n. 137, 15 de dezembro de 1955.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 138, 1º de janeiro de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 139, 15 de janeiro de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 140, 1º de fevereiro de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 141, 15 de fevereiro de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 142, 1º de abril de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 143, 15 de abril de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 144, 1º de maio de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 145, 15 de maio de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 146, 1º de junho de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 147, 15 de junho de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 148, 1º de julho de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 149, 15 de julho de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 150, 1º de agosto de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 151, 1º de setembro de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 152, 1º de outubro de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano VIII, n. 154, 1º de dezembro de 1956.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 155, 1º de janeiro de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 156, 15 de janeiro de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 157, 1º de fevereiro de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 158, 15 de fevereiro de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 159, 1º de março de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 160, 15 de março de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 161, 1º de abril de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 162, 15 de abril de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 163, 1º de maio de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 164, 1º de junho de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 165, 1º de julho de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 166, 15 de julho de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 167, 1º de agosto de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 168, 15 de agosto de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 169, 1º de setembro de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 170, outubro de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 171, novembro de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano IX, n. 172, dezembro de 1957.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 173, janeiro de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 174, fevereiro de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 175, março de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 176, abril de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 177, maio de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 178, junho de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 179, julho de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 180, agosto de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 181, setembro e outubro de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 182, novembro de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano X, n. 183, dezembro de 1958.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano XI, n. 184, fevereiro de 1959.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano XI, n. 185, março de 1959.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano XI, n. 186, abril de 1959.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano XI, n. 187, maio de 1959.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano XI, n. 188, junho de 1959.

VIDA JUVENIL. Rio de Janeiro: Sociedade Gráfica Vida Doméstica Ltda, ano XI, n. 189, julho de 1959.

Anexo I – Documento no qual consta a revista *Cadernos Brasileiros* como publicação da Sociedade Gráfica Vida Doméstica

NUMERAÇÃO		INFORME N.º 046/A2/IV COMAR
M Aer	PNI	

1 - "Remetemos subsídios das editoras abaixo relacionadas, que foram citadas em palestras promovidas pelo PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO (PCB), na EDITORA JURUÁ LTDA. Antes, porém, damos o significado etimológico do verbete "JURUÁ" (tupi-guarani): "boca aberta"; e, em sentido figurado, "falador".

a - A EDITORA VITÓRIA E EDITORIAL VITÓRIA LTDA não se encontram inscritas no CADASTRO DE CONTRIBUINTES MOBILIÁRIOS (CCM) e nem na JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO (JUCESSP). Também não foi localizada na Lista Telefônica/Assinantes/1982 de SÃO PAULO/SP e no Cadastro/73, na Imprensa Periódica do Estado de SÃO PAULO.

b - A EDITORA HORIZONTE não se encontra registrada no CCM e na JUCESSP, não constando também na Lista Telefônica/Assinantes/82; a EDITORA HORIZONTE é de MINAS GERAIS, possivelmente em BELO HORIZONTE/MG e tem como sua distribuidora em SÃO PAULO/SP, a EDITORA ALICERCE, situada à rua Conselheiro Saraiva nº 328, tel 298-0516 - SANTANA/SÃO PAULO/SP.

c - A publicação "CADERNOS BRASILEIROS" é editada e impressa pela SOCIEDADE GRÁFICA VIDA DOMÉSTICA LTDA, à rua Riachuelo nº 414 RIO DE JANEIRO/RJ.

d - A EDITORA FULGOR LTDA foi registrada na JUCESSP sob o nº 216.024, sessão de 09 Set 57, com registro de firma nº 249.848 (anexo 01), cancelado em 29 Dez 66 (anexo 01); constituída em 24 Ago 57, com o prazo de duração indeterminado, tinha como objetivo: importação, comércio e edição de livros didáticos e outros, jornais e revistas; tinha como sócios: PEDRO

Segue ...

Depositário: Arquivo Nacional